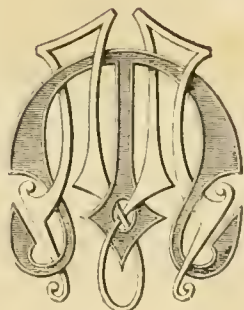
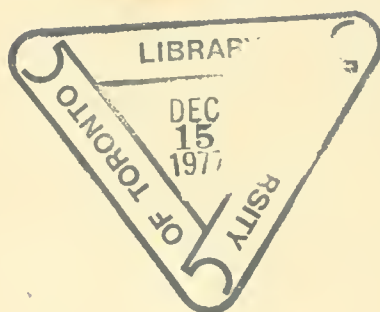
A HOLLANDA

RAMALHO ORTIGÃO

A HOLLANDA

PORTO
Magalhães & Moniz — Editores

EM testemunho de agradecimento e de estima — depois de oito annos de collaboração jornalistica exercida na maxima liberdade de espirito e na mais completa independencia de todo o preconceito de nacionalidade, de seita ou de partido — offereço este livro aos directores da «Gazeta de Noticias» do Rio de Janeiro, Ferreira de Araujo e Elyseo Mendes, os quaes, animando-me a expôr no seu jornal alguns aspectos de paizes estrangeiros, me mostraram comprehender que na sciencia o estudo comparativo das sociedades é o que mais seguramente conduz ao conhecimento das leis do progresso, e que na arte o melhor methodo de educar n'um povo as suas faculdades creativas consiste em o interessar nos espectaculos da natureza descrevendo-os com sinceridade e com sympathia.

Lisboa, agosto de 1885.

RAMALHO ORTIGÃO

SUMMARIO

I

AS ORIGENS

II

PRIMEIROS ASPECTOS

III

CAMPOS E ALDEIAS

IV

AS CIDADES

V

AS CASAS E OS INDIVIDUOS

VI

AS COLONIAS

VII

A ARTE

VIII

A CULTURA INTELLECTUAL

I

AS ORIGENS

A Hollanda tomou na historia o nome de nação quando Portugal, tendo já quatro seculos de existencia, acabara de definir o seu vasto papel glorioso no drama da Renascença.

Até o seculo XVI ella era para nós o pantano tenebroso, a região amphibia, ora agua, ora terra firme; um pouco de lodo envolto em nevoa, periodicamente revolvido pelas tempestades do Mar do Norte, habitado por uma raça mysteriosa e maldita dos Deuses, para a qual os soldados de Cezar olharam attonitos levando para Roma a noticia d'esse povo sinistro e lamentavel, condemnado a lutar incessantemente contra a colera do céu e contra a inclemencia do oceano sobre alguns mouchões de terra movediça e fluctuante.

Foi preciso que Filippe II, herdando de Carlos V o condado adstricto á casa de Baviera, pretendesse impor-lhe o catholicismo para que a Hollanda entrasse na vida historica dando á humanidade um novo direito—todo um novo mundo moral—o direito de cada um á liberdade inviolavel da consciencia.

Na correspondencia de Filippe II, colligida e publicada na Belgica pelo director dos archivos nacionaes Gachard, encontra-se o seguinte trecho de carta dirigida pelo rei de Hispanha ao seu embaixador em Roma:

«Assegurareis a sua santidade que eu procurarei regular as cousas da egreja nos Paizes Baixos, sendo possivel sem recorrer á força, porque este meio traria comsigo a total destruição do paiz; mas estou determinado a empregal-a todavia, se não poder de outro modo regular tudo como desejo, e n'este caso quero ser eu mesmo o executor

das minhas intenções, sem que, nem o perigo que eu possa correr, nem a ruina d'essas provincias, nem a dos demais estados que me ficam, possa obstar a que eu cumpra o que um principe christão, temente a Deus, deve fazer pelo seu santo serviço e pela manutenção da fé catholica.»

D. João III, annunciando para Roma ao negociador frei Balthazar de Faria a recepção da bulla *meditatio cordis*, a qual confirmava difinitivamente em Portugal o dominio da santa inquisição, restringe o seu applauso, com relação a alguns diplomas menos crueis para com os christãos novos, na seguinte phrase:

«Antes quiz deixar de repricar n'aquillo de que sua santidade ha de dar contas a Deus, por carregar sómente sobre elle, que dilatar o serviço que a nosso Senhor se faz com a inquisição.»

Eis ahi, ao lado um do outro, os dois homens destinados a enunciar o problema a cuja solução se achava vinculado o futuro de dois pequenos povos, collocados geographicamente em pontos tão oppostos da Europa e reunidos na historia a um mesmo momento pela catastrophe commum, — a dominação de dois despotas, inexoraveis como duas machinas de guerra fabricadas pelo proprio concilio de Trento para horror dos hereges, firmes e convictos na sua fé como antigos sacerdotes de Tyro ou de Carthago offerecendo aos deuses aplacados o sacrificio expiatorio da rez humana; ambos sombrios e ambos grandiosos como os portadores da verdade absoluta, que elles suppunham haver recebido da Divindade juntamente com o sceptro do governo e com a espada da justiça.

Para oppôr á vontade esmagadora do soberano hispanhol a Hollanda anarchica, pobre e obscura, teve a Liga dos Maltrapilhos. Portugal monarchico, glorioso e rico, Portugal, que poucos annos antes deslumbrava a Europa com a epopeia das suas navegações e se preparava para dominar o mundo pela herança do imperio de Carlos V, não teve resistencia que oppôr ao arbitrio de um tyranno.

Tinha estalado no nosso machinismo nacional a mola real da força. Então se viu que a sacristia portugueza nos envolvera em exhala-

ções mais pestilentes e mais mortiferas do que os vapores paludosos dos charcos da Batavia.

Em frente da ameaça de aniquilamento lançada pelo despotismo catholico, em Portugal não apparece um homem. Na mesquinha Hollanda, que no mappa-mundi apenas representa um terço da superficie que Portugal occupa no continente europeu, levanta-se uma legião, *la ligue des pauvres gueux*, e á frente d'ella dois verdadeiros heroes: um que é o braço da revolta, Guilherme d'Orange o Taciturno; o outro que é a cabeça da revolução, Marnix de Sainte-Aldegonde.

Os historiadores abusam em geral de uma formula consagrada ao referirem-se aos movimentos espontaneos do povo para a acquisição das suas liberdades. Os factos demonstram pelo contrario, me parece, que não ha cousa mais dormente, mais crassa e mais passiva do que essa formidavel mole de interesses correlacionados e de egoismos solidarios a cuja cohesão geographica se chama um povo.

Para determinar um movimento revolucionario na massa de uma nação é preciso, em primeiro logar, que haja uma idéa; é preciso depois que essa idéa se traduza n'uma formula artistica, que produza a emoção; é preciso, por ultimo, que uma espada dê o exemplo.

Não ha revolução que vingue quando n'ella não concorrem esses tres agentes destinados a pôr de accordo, para um mesmo fim, a força, o sentimento e a razão.

A bandeira de batalha, o hymno de guerra e o bastão de commando não são mais que os attributos symbolicos d'essas tres phases da determinação—a idéa, a convicção, o acto.

Todo o povo que se subleva e se bate pela independencia e pela liberdade, tem em si, mais ou menos em evidencia, um pensador, um artista e um soldado.

Em Portugal, o regimen ecclesiastico, envenenando lentamente as fontes da philosophia, as fontes da arte, as fontes da honra civil e da coragem militar, havia-nos manietado de antemão para a resistencia á servidão politica e á dominação estrangeira.

O paiz resava.

Os philosophos tinham-se convertido em casuistas, dirigiam a consciencia publica de dentro dos confessionarios, cultivando nos espiritos a analyse optica do peccado com o mesmo carinho de micrographos com que o povo cultivava os parasitas da pelle á portaria dos conventos.

Os homens de guerra tinham-se feito salteadores.

A arte havia morrido com Luiz de Camões de muletas, sentado ao sol entre os frades, no pateo de S. Domingos.

A liga dos maltrapilhos era formada por individuos da primeira nobreza da Hollanda, apesar do nome que adoptaram e que lhes dera o conde de Barlaymont ao tranquillisar a governadora Margarida na occasião em que iam pedir-lhe a abolição do tribunal do Santo Officio:—*Madame, ce ne sont que des gueux.*

Nove fidalgos, moços, saidos quasi todos da escola de Genebra, reunem-se no dia 5 de abril de 1566 no castello do principe de Orange, em Breda, para o fim de accordar na declaração dos direitos que deviam ser impostos como condição á monarchia hispanhola. Eis as conclusões d'essa declaração redigida por Marnix e destinada a ser o prospecto da guerra:

«Tendo bem e devidamente considerado todas as coisas, entendemos que é de nosso dever obstar, afim de não sermos presa d'aquelles que, sob côr de religião ou de inquisição, querem enriquecer á custa do nosso sangue e da nossa fazenda. Pelo que, deliberamos fazer uma bôa, firme e estavel alliança e confederação, obrigando-nos e promettendo uns aos outros, por juramento solemne, impedir que a dita inquisição se receba e sustente, sob qualquer pretexto que seja. Promettemos e juramos manter esta alliança santamente e inviolavelmente para todo sempre emquanto vivos formos. Tomamos a Deus por testemunha, e pela eterna salvação das nossas almas nos promettemos reciprocamente toda a assistencia de corpo e bens, como irmãos e fieis companheiros, de mãos dadas. E, se algum dos nossos confrades for perseguido pela dita inquisição, ou por ter adherido a esta confedera-

ção, ou por outro qualquer motivo, nós promettemos em face de Deus assistir-lhe e não lhe recusar, por qualquer motivo que seja, todo o soccorro que lhe possamos dar. Para annullar as obrigações que hoje contrahimos será inutil objectar que a preseguição se exerça em qualquer de nós por supposto crime de rebellião, pois declaramos que não é de rebellião que se trata, e que tão sómente nos determina um santo zelo pela gloria de Deus, pela magestade do rei, pela tranquillidade publica e pela defensão dos nossos bens, das nossas vidas, das nossas mulheres e dos nossos filhos, ao que Deus nos obriga e nos obriga a natureza.»

Quando uma idéa chega a encarnar em fórma de uma eloquencia tão simples, tão honrada, tão profundamente convicta, o verbo d'essa idéa torna-se um monumento litterario e fica eterno assignalando na marcha do espirito humano um estadio glorioso.

Os que subscreveram essa declaração, vinculando-se ás obrigações que n'ella se registram, podem vacillar no cumprimento da palavra dada, podem perjurar, podem desapparecer.

Scripta manent.

O documento litterario fica, e é immortal, porque é a obra artistica, dirigindo-se pelo sentimento de um á commoção de todos, e tendo por funcção despertar continuamente atravez dos seculos e atravez do espaço as adhesões eternas da sympathia humana.

Attingindo a verdade da expressão a palavra commoverá a todos, acordando um éco novo e inesperado no coração de cada um, á semelhança d'estas poderosas telas de Rembrandt ou de Franz Hals, em que o olhar do retratado, á força de se haver embebido no do artista, parece, em frente da multidão, cravar-se até o fundo no pensamento dos que o contemplam, seguindo a cada um de per si em qualquer direcção que elle tome.

A declaração dos *gueux*, redigida por Marnix de Sainte-Aldegonde foi mais que o programma, foi o pharol da guerra na Hollanda.

Lido de castello em castello e de cabana em cabana, atravez das

lagrimas da admiração e do reconhecimento nacional, esse compromisso de honra contrahido por alguns homens assumiu o prestigio de uma lei moral, a consagração de um dever, o grito supremo da patria chamando os dispersos, reunindo os solitarios, guiando os errantes, fazendo vibrar a mesma fibra em todos os corações e creando um conjunto geral de todos os impulsos para um fim commum, especie de corrente magnetica que arrojava tudo conglobadamente para a frente, prendendo o destino dos tibios á sorte dos audazes.

Em Portugal a vida de côrte corrompera e arruinara a nobreza.

A obra de Francisco I em Versailles e em Chambord foi a obra de D. Manuel, de D. João III e de D. Sebastião, em Lisboa. As emulações e as intrigas de palacio tinham absorvido as nobres aspirações e os graves interesses da vida. A fidalguia, arrebanhada em volta do rei, abdicara da sua importancia e da sua influencia nos solares abandonados. Os feitores e os rendeiros predilectos do morgado largavam a direcção das lavouras para acompanharem seu amo á ociosidade luxuosa da côrte, subindo em categoria servil da obscuridade de trabalhadores á graduação agaloada de escudeiros e de lacaios. Os estimulos cavalleirosos da força, da lealdade e da justiça extinguiam-se na tradição. As honras tinham cessado de ir ao merito e ao valor pessoal, servindo unicamente para estipendiar a lisonja cortezã e o servilismo palaciano. O luxo tornára-se grotesco á força de ser desenfreado. O vicio do jogo era tão geral nos palacios como a prostituição nos conventos. A mocidade aristocratica chegara ao derradeiro grau da decadencia viril. O escriptor a quem devemos os quadros mais vivos dos costumes da época, D. Francisco Manuel de Mello, pinta-nos os jovens fidalgos da côrte de D. Sebastião caminhando amparados nos braços de dois escudeiros, arrastando os pés, derreados, bocejantes; e eram precisos quatro lacaios a cada cavallo para lhes calçar as luvas, para os estribar, para os collocar na sella, para lhes metter a redea na mão. Os criados de pé acompanhavam o cavalleiro, ladeando-o, dois aos estribos, dois ás cambas do freio. Era a affectação da elegancia, a exageração da moda, levada até á imbecilidade, até ao cretinismo. Homens

d'estes são incapazes de finca-pé para qualquer resistencia, e o seu destino moral é obedecerem passivamente á corrente das coisas, como as podridões da rua obedecem á passagem do enxurro que as leva ao sumidouro.

Assim, perante o estabelecimento da inquisição em Portugal, os cortezãos e os aulicos fizeram-se officiaes do santo officio, espiões do tribunal da Fé, esbirros do divino, pondo a honra de ser mandados no privilegio augusto de dobrar mais uma vez no serviço da magestade divina o pobre espinhaço desarticulado nas deslocações da dignidade ao serviço da magestade humana.

No povo, que é a derradeira camada em que penetram as infiltrações da corrupção social, havia em Portugal como na Hollanda a estofa de que se fazem as invenciveis guerrilhas.

Quando o sapateiro Martim Fernandes e o oleiro Antonio Pires foram ao convento do Carmo, onde se reunia o braço da nobreza, protestar pelo braço popular em favor da independencia, o cardeal D. Henrique tremeu de terror pela revolução em Lisboa, e, se junto d'elle se achasse n'esse momento um amavel e contemporisador Barlaymont, elle poderia dizer-lhe com mais verdade do que á duqueza de Parma: —*Ce ne sont que des gueux.*

Esses dois mesteiraes eram com effeito os nossos *gueux.*

Para dirigir, porém, o movimento do povo na reivindicação dos seus direitos, faltou-nos então a cabeça de um Marnix, cujo logar a figura tão discutida de Phebus Moniz está longe de poder preencher nos destinos da revolução portugueza.

Precisavamos do genio de um homem que representasse por si o genio de um povo, precisava-se de uma intelligencia dominadora como era a de Sainte-Aldegonde, como foi a de João das Regras.

Phebus Moniz, ainda quando collocado pela historia a toda a altura da sua lenda, não é ainda assim mais do que um simples coração de patriota diminuido por uma pusillanimidade de beato.

E não é sobre as vagas ainda que generosas aspirações do sentimento que se firma o equilibrio de uma nacionalidade, mas sim sobre

um systema simples e solido de algumas idéas fundamentaes, logicamente deduzidas, solidamente concatenadas.

O patriotismo, só, é apenas uma disposição receptiva. É forçoso que um agente intellectual influa n'essa disposição para que ella se converta n'uma actividade.

Sob a ameaça da usurpação de Filippe II o celebre procurador de Lisboa, em vez de se dirigir ao povo para organisar a resistencia, dirige-se ao cardeal-rei para contemporisar pelo parlamentarismo.

Existe, para ser confrontada com a declaração dos *gueux*, formulada por Marnix, a allegação feita por Phebus.

Diz o documento portuguez, que eu fielmente copio de uma transcripção do manuscripto feita por Oliveira Martins:

«Se el-rei D. Filippe é christão, não quererá mover uma guerra entre christãos, por causa duvidosa, contra a justa successão; porque, sendo assim, não terá bom successo, e Deus não será em seu favor; e quando o quizesse fazer, faremos o que sempre fizemos; bem sabemos perder a vida pela liberdade, e, posto que sejamos poucos e desarmados, e elle poderoso e apercebido, esperanças tenho em Nosso Senhor, que ajudará a effectuar uma sentença dada por um rei tão catholico e tão santo e que não permittirá sermos vencidos, pois levamos a verdade e a razão por guia. Attonito estou de vêr que, sendo a justiça egual, e estando ainda o parecer de Vossa Alteza tão duvidoso, se incline para Castella! Como poderá Vossa Alteza extinguir uma nação, que os reis seus antecessores trabalharam tanto por ennobrecer? um reino que elles ganharam aos inimigos da nossa santa fé? Não sei como Vossa Alteza poderá acabar aquellas cinco chagas, que Jesus Christo Nosso Senhor deu por armas no Campo de Ourique a este reino; poder-se-hão ellas, sem receio ou temor, metter entre os leões de Castella? Este negocio é maior do que todos os do mundo, por arduos que sejam! Que falta é esta de amigos, que pobreza de vassallos reaes? Por que não tenho por amigos do vosso serviço, nem por criados leaes, quem tal coisa vos aconselha. Por que quereis que vos estale o reino nas mãos? Não vê Vossa Alteza a nodoa que põe em seu nome? Aonde

se dirá que se entregou este reino a Castella, por temor de se defender do seu poder? Pelas lagrimas dos orphãos, que vivem das esmolas do reino e de seu rei natural; pelo remedio dos fidalgos, que ides entregar a um rei estranho; pelas necessidades das viuvas; pelas miserias dos pobres, peço-vos, senhor, que conserveis este reino na liberdade em que os reis vossos antepassados o puzeram! representai ante vossos olhos, que todos comigo dão vozes: a quem nos deixais senhor? por que nos captivais?! aonde nos levais?! clama o povo, clama a nossa consciencia, clama a justiça e a razão, e os nossos clamores hão de chegar ao ceo! Dai-nos liberdade, e, se vos parecer que a não merecemos, tirai-nos a vida, para que com ella se acabe o nosso captiveiro: que antes queremos, os verdadeiros portuguezes, entregar de boa vontade a vida, do que perder a liberdade.»

É fundamental a differença entre a attitude de Marnix e a de Phebus. O confronto dos dois documentos em que essa differença se baseia basta para nos dar a chave dos destinos politicos de Portugal e da Hollanda depois do grande conflicto religioso da Renascença.

As palavras de Marnix são um protesto resoluto e firme, um juramento solemne e sagrado, de desembainhar immediatamente a espada da revolta e de dar até a ultima gotta de sangue para obstar e impedir que a politica de Filippe II, representada pelo estabelecimento da inquisição nos Paizes Baixos, seja ahi recebida e supportada. E esta deliberação assenta na simples força que dá ao homem a conquista intellectual de um direito, a acquisição de uma verdade, a posse de uma convicção.

As palavras de Phebus Moniz têem a debilidade da supplica, lastimavelmente formulada em nome de todas as fraquezas com que a corrupção havia depauperado o vigor e envenenado a seiva de uma sociedade.

Procurador do povo e interprete d'elle, Phebus allega em favor da liberdade todas as superstições e todas as miserias que justificam a servidão.

Ignorando que são os povos que dão a independencia aos reinos,

e não os reis qué dão a autonomia aos povos, elle inclina-se, como se estivesse em frente do sacrario nacional, deante de um throno carcomido de sevandijas, no alto do qual um velho padre amedrontado, livido, enrolado nas purpuras do cardeal e do rei, treme confrangido de senilidade e de pavor, escutando a vaga tempestuosa que surge em torno d'elle, e sobre a qual lhe parece sentir já descoser-se e desconjuntar-se a jangada oscillante em que tem os pés.

É esse homem que Phebus Moniz implora.

Em nome de qúe principio? Em virtude de que direito?

Em nome das *cinco chagas de Christo, dadas pessoalmente ao reino pelo mesmo Christo no campo d'Ourique!*

Pelos orphãos, *que vivem das esmolas do rei!*

Pelo *remedio dos fidalgos*, os quaes parece viverem de eguaes esmolas!

Pelas *necessidades das viuvas!*

Pelas *miserias dos pobres!*

A exposição de Phebus Moniz é já o epitaphio da nação.

Essa voz generosa e sincera tem na historia a repercussão tragica e lugubre de um *memento.*

Porque, evidentemente, não é já uma nação que vive por traz do vulto sympathico do procurador do povo de Lisboa nas cortes d'Almeirim. É uma sociedade condemnada; é um miseravel ajuntamento de fanaticos e de mendigos; é um povo sem trabalho; é uma nobreza sem honra; é um clero sem caridade; e é um rei ao mesmo tempo ungido e tonsurado, ente hybrido e neutro, duplamente mutilado pelo Estado para a Egreja, e pela Egreja para o Estado, varão sem virilidade, sacrista sem devoção, principe sem espada.

Marnix dirige-se directamente ao povo, e guiado pelo axioma *Ubi veritas ibi patria*, levanta a alma nacional da Hollanda, impondo-lhe a convicção profunda e indestructivel de uma simples idéa justa.

Esta idéa pode-se formular nos seguintes termos:

Todo aquelle que attenta, por qualquer modo que seja, contra a liberdade inviolavel e sagrada da consciencia humana, é um inimigo

que a natureza nos impelle a combater, e que Deus nos impõe o dever de exterminar.

Toda a obra de Marnix na impulsão da Hollanda para a guerra e para a victoria da sua independencia se resume na definição e na propaganda d'essa idéa, a que elle deu successivamente todas as fórmas que póde tomar uma verdade passando atravez do genio de um homem.

D'essa idéa manejada por elle sae constituida e armada uma nacionalidade completa, assim como sae a formação de um mundo da fecundidade de uma cellula.

D'esse principio estabelecido tirou Marnix de Sainte-Aldegonde tudo quanto é preciso para a existencia autonoma de um povo, isto é: uma religião, uma philosophia, uma politica, um direito, uma moral e uma arte.

Essa voz privilegiada, de consumado litterato e de fino artista, põe luz emquanto ennuncia.

Não é o tribuno popular das côrtes de Almeirim, de cuja lingua apaixonada mas pueril sorririam de litterario desdem os cultos theologos e os palacianos poetas do partido castelhano em Portugal.

O chefe espiritual da revolução na Hollanda é um batalhador armado de todos os instrumentos do raciocinio e de todos os poderes da palavra, dotado de uma cultura encyclopedica e de uma agilidade de argumentação inexcedivel, contra a qual toda a casuistica dos padres-mestres do Concilio de Trento e dos conselhos privados do Escurial esbarra afocinhada, como o touro hispanhol ao marrar no ar, vencido pela destreza do capinha. Vinha da grande escola de Genebra, esse *seminario heroico*, do qual escreveu Michelet: «A todo o povo em perigo Sparta como exercito mandava um spartano. Assim succedeu com Genebra. Á Inglaterra ella deu Pedro Martyr, Knox á Escocia, Marnix aos Paizes-Baixos; tres homens e tres revoluções.»

Ás classes superiores, elle falla a lingua erudita e sabia do classicismo litterario da Renascença; ao povo falla na lingua simples de um bom senso persuasivo e convincente.

Não ha fórma alguma do pensamento communicado e da commoção transmittida, em que elle não introduza a idéa da revolução, convertendo-a n'uma especie de atmosphera moral, destinada a envolver os espiritos por todos os lados. Põe-a em prosa, em verso, em musica, desenvolvendo-a na direcção de todas as expansões da energia humana, na esphera especulativa, na esphera affectiva, na esphera da acção.

Para elucidar o problema politico dos Paizes-Baixos, escreve o livro intitulado *A Belgica libertada do dominio hispanhol* (Belgicae liberandae ab Hispanis, etc.) a *Instituição do principe*, a *Advertencia aos reis e aos povos*, a *Salvação da republica.*

Para esclarecer o problema religioso, arrancando a palavra de Deus a todo o revestimento de falsas interpretações cavilosas de seita ou de partido, traduz os Evangelhos em lingua hollandeza, e entrega desvendado á hermeneutica de cada um o texto das revelacões divinas. Publica o livro famoso intitulado *Quadro das desavenças da religião*, do qual o historiador De Thou dizia: *Mr. de Sainte Aldegonde a mis la réligion en rabelaiserie*, e Bayle affirmava que Marnix havia arrancado mais espiritos á egreja romana do que Calvino.

Para dissipar as irresoluções ou as duvidas dos grupos perplexos, cobre a Hollanda de pequenos opusculos, em que se debatem e resolvem todas as questiunculas, tão embaraçosas, emergentes dos grandes debates. Elle mesmo o diz em uma das suas cartas publicadas na collecção de Bertio: *Nos litteris et libellis quantum possumus eorum animos ad libertatis studium accendimus.*

O livro das *Desavenças da religião*, no qual as columnas do templo papista são destroncadas com uma força de Sansão, só foi impresso depois da morte de Marnix; mas o portentoso sopro revolucionario que anima essa obra de destruição palpita com um fragor de tempestade em todos os escriptos dispersos com que o auctor preparou emquanto vivo o advento da independencia hollandeza.

Á mentalidade nacional assim constituida pelo talento, pelo trabalho e pelo saber de um homem repartido com uma fecundidade mara-

vilhosa na mais vasta obra de controversia, de critica e de propaganda politica e philosophica, faltava ainda um elemento; faltava a força que dá a decisiva alegria para a posse de nós mesmos; faltava o poder terrivel que exerce a ironia na guerra contra as superstições e contra as tyrannias; faltava a gargalhada que extermina e aniquila pela explosão do escarneo os despotas, os hypocritas e os pedantes.

Marnix deu ainda ao povo esse poder.

O pamphleto intitulado *A colmeia romana* é um rabo-leva pregado intemeratamente na purpura do pontificado.

Sacudida até a medulla dos ossos por uma tão inesperada e tão dominativa virulencia comica toda a fleugmatica Hollanda riu durante 50 annos, de um riso enorme, que fez tremer descancellada nos gonzos toda a vidraçaria gothica do templo colossal da Idade Média.

O implacavel, o invencivel, o triumphante despotismo clerical, depois de apparecer refutado, apparecia grotesco. Suprema victoria da razão do vencido sobre a força brutal do vencedor! Em cima da propria fogueira do auto de Fé, a satyra de Marnix dá-nos o triumpho sublime da victima, arrancando do seu proprio supplicio uma acha a arder e incendiando com ella o balandrau do farricoco. Do mesmo fogolento destinado a consumir a heresia vê-se o herege extrahir o tição com que chamusca o dogma.

Os que liam o pamphleto de Marnix zombavam das condemnações da egreja no proprio estrado do patibulo.

Para obviar a esta irreverencia heretica, que destruia o bom exemplo do terror pela impenitencia da mofa, o duque d'Alba, com o fim de manter nos autos de fé nos Paizes-Baixos a compuncção apropriada á gravidade do acto, teve que tomar, em contraposição aos sarcasmos de Marnix, algumas disposições secretas especiaes, que consistiam em queimar a ferro em braza, antes da ceremonia da execução, a lingua dos condemnados.

Aberta pela noção do ridiculo a veia da jovialidade nacional, Marnix procura manter e desenvolver pela cultura a virtude fecunda da alegria, e compõe sobre motivos de inspiração popular uma série de

canções nacionaes, as quaes segundo Bayle, contribuiram mais para a formação da Republica do que muitos livros doutrinarios de grande tomo.

Marnix completa finalmente a sua missão, dando ao povo o seu hymno nacional, *Wilhelmus Lied*, o cantico sagrado dos simples e dos humildes, dos perseguidos, dos desterrados, dos *gueux de terre* e dos *gueux de mer*, a immortal canção patriotica, a *Marseillaise* da Hollanda.

Foi com esse grito de guerra que as frotas hollandezas bateram no seculo XVI os navios hispanhoes até o mar das Indias. Foi com elle que os soldados da Republica destroçaram o exercito invasor de Luiz XIV, do qual se disse então: *Stetit sol.* Foi com elle, emfim, que o heroico almirante Tromp atacou a armada ingleza, perseguindo até o Tamisa os seus derradeiros navios desmantelados pela artilheria, voltando elle mesmo triumphante á Hollanda, com a vassoura de bordo arrogantemente arvorada no tope do mastro grande, por cima do victorioso pavilhão neerlandez, em testemunho solemne de estar varrida a superficie dos mares, e restituido ao commercio pacifico da Hollanda o occeano liberto—*mare liberum.*

Assim concluida a obra de Marnix de Sainte-Aldegonde, achava-se a revolução consumada pelo philosopho e pelo artista na ordem das idéas e na ordem dos sentimentos.

Chamo-lhe philosopho e chamo-lhe artista. Evito escrupulosamente dar-lhe o nome vulgar e grosseiro de *agitador*. Porque a influencia enorme d'este revolucionario está na força contraria á dos que tomam por officio accender as paixões do povo pela incontinencia tumultuosa das phrases de luta.

Elle produziu um movimento immenso precisamente pela sua serenidade profunda, pela posse e pela concentração de si mesmo, pelo recolhimento imperturbavel no trabalho, não se preoccupando senão de pensar com justiça e de escrever com arte.

Esse poderoso manobrador de espiritos nunca se esforçou em ser outra cousa mais do que um escriptor perfeito. O editor do livro *Des-*

avenças da religião (Leyde 1605) diz n'uma advertencia ao leitor o seguinte:

«Aquelles que, como eu, tiveram a honra de conhecer familiarmente não só a pessoa mas os estudos d'este homem, notariam a singular curiosidade que elle punha em não deixar sahir á luz obra sua que se não achasse perfeitamente polida com a maxima exactidão e com a maxima nitidez.»

Restava confirmar a revolução por actos, convertendo em facto o principio fecundo que, por uma rapida gestação psychologica, chegara ao periodo da viabilidade pratica, tendo-se convertido successivamente de idéa em sentimento, de sentimento em aspiração e de aspiração em necessidade.

É n'esta derradeira phase da revolução da Hollanda—a phase da guerra—que Guilherme d'Orange entra finalmente em scena cumprindo a missão que lhe estava destinada como completador da obra de Marnix.

Orange é o soldado por excellencia, profundamente religioso, tendo pela vida o desprezo dos martyres, convicto, simples, resoluto.

Nada mais perigoso para o exito de uma causa entregue á sorte das armas do que a loquacidade dos generaes que discursam sobre a politica ou sobre a diplomacia da questão que defendem. O prior do Crato, em vez da merecida reputação de um ambicioso enredador e cynico, teria talvez na historia um logar sympathico se houvesse sabido bater-se calado. Guilherme de Orange, que não precisava do silencio para mascara da sua alma de uma lealdade immaculada, adoptara-o todavia como complemento do arnez no homem de guerra.

O nome de *Taciturno* quadra bem a essa austera figura, um tanto espectral, verdadeira imagem do dever militar, que a imaginação nos representa vestido de aço, de viseira descida, guantes calçados e lança em punho, como um d'esses paladinos de ponto em branco, em que a figura do homem se occulta completamente na armadura do guerreiro, não offerecendo á vista, de alto a baixo, senão uma fria superficie de impenetrabilidade e de resistencia.

Tendo recebido a educação litteraria de um perfeito humanista e fallando cinco linguas, esse homem de uma tão doce expansibilidade na familia e na amisade, torna-se cautelosamente quasi mudo, torna-se monosyllabico na direcção practica da republica. *Res non verba.*

Uma vez proclamado nas sete provincias o principio da soberania popular e do suffragio universal, a reacção das provincias catholicas, empregando a tactica sempre usada em circumstancias analogas, tratou de fazer cahir a liberdade sob a acção reflexa da sua propria força.

Dá-se o primeiro ataque parlamentar na conferencia dos representantes dos estados catholicos com os representantes dos estados reformados em 1577.

Os chefes do partido hispanhol principiam por expôr e desenvolver eruditamente a theoria do suffragio, que os seus adversarios estabeleceram, que elles proprios tolerantemente estão — dizem — deliberados a acceitar. Em seguida, como o partido hispanhol conta com a maioria das dez provincias catholicas sobre as sete provincias reformadas, os oradores, tendo em vista preparar o debate para que a questão da liberdade de consciencia se resolva pela votação dos estados, terminam pelos seguintes termos:

—Prometteis, pois, como nós, submetter-vos á decisão dos Estados Geraes?

O Taciturno reflecte um momento e responde:

—Não sei.

—Recusais então obediencia ás leis?

—Não disse que desobedecia. Qual é a coisa sobre que se vae legislar?

—Supponhamos, por exemplo, que os Estados se occupam do exercicio da religião...

O Taciturno interrompe logo:

—N'esse caso, recuso.

E, um momento depois, arrebatado contra o costume no desenvolvimento da sua idéa, amplia:

—Porque não quero que nos espoliem.

—Não é essa a intenção de ninguem!—julgou dever observar o duque de Arschot.

—É—concluiu Guilherme.

Os doutores catholicos resolvem em seguida proseguir a discussão em latim para o fim de pôr um termo grave aos monosyllabos antiparlamentares do Taciturno, e o dr. Gail expõe juridicamente, n'uma grave allegação, que toda a lei é revogavel pelas disposições subsequentes de outra lei. Mas o principe de Orange fecha abruptamente o debate com uma proposição terminante:

—A liberdade de consciencia, diz elle, não é para nós materia de lei discutivel. É um voto sagrado, que juramos manter. Revoga-se uma lei, não se revoga um juramento.

A taciturnidade do chefe temporal da revolução hollandeza foi assim a barreira opposta no mundo moral á inundação assoladora do parlamentarismo democratico, assim como no mundo physico foi o dique fronteiro ao oceano que deu á Hollanda a conquista do solo em que ella assenta.

Guilherme d'Orange nem se desmentiu, nem tergiversou, nem vacilou jámais.

Elle era o braço escolhido para ter uma espada fita ao coração do adversario. Esse braço não fraquejou um só momento.

Tres tentativas de assassinato maquinadas pelos agentes do partido catholico se frustraram antes que o Taciturno entrasse na posteridade pelo portico glorioso do martyrio.

Fillippe II tinha-lhe posto preço á cabeça, promettendo por lei uma recompensa de vinte e cinco mil escudos de oiro e um titulo de nobreza áquelle que matasse o principe.

Este edito fez surgir centenares de assassinos. O primeiro que levantou a mão foi um joven biscainho, catholico fanatico, a quem um frade dominicano havia assegurado em nome de Deus a bemaventurança e a gloria dos martyres em troca d'esse homicidio. O penitente purificou-se para o assalto pelo jejum e pela oração, ouviu missa, commungou, cobriu-se de reliquias, introduziu-se como requerente no pa-

lacio de Orange, arrastou-se até elle humilhado e supplicativo, e, á queima roupa, disparou-lhe um tiro de pistola. A bala atravessou a maxilla do principe, mas o ferimento não foi mortal. Guilherme curou-se e o assassino foi esquartejado, pregando-se-lhe os membros a uma das portas de Anvers, d'onde os jesuitas os recolheram na occasião da tomada da cidade pelo duque de Parma, para os expor em relicarios de ouro á veneração dos fieis.

Outras tentativas, egualmente frustradas, se seguiram a esta, até que o principe foi morto, finalmente, no dia 10 de julho de 1581, na propria casa em que habitava com sua familia, no convento de Santa Agatha, em Delft.

Balthazar Gérard, esperando-o á saida da casa de jantar, no segundo degrau da escada que conduz do rez do chão aos andares superiores, desfechou-lhe no peito uma pistola carregada com tres balas.

Ao estrondo do tiro a familia do principe, ainda reunida á mesa, acodiu a tempo de o vêr expirar.

Morreu entre sua irmã Catharina de Schwartzbourg, e sua mulher Luiza de Coligny, a qual na noite de S. Bartholomeu, em Pariz, havia já visto expirar, assassinados junto d'ella, o almirante seu pae, e o sr. de Téligny seu primeiro marido.

O Taciturno, cahido na escada, amparado por um escudeiro, disse em francez:

—Estou ferido. Meu Deus, tende misericordia de mim e do meu pobre povo!

Catharina perguntou-lhe:

—Encommendas a Jesus Christo Nosso Senhor a tua alma?

Elle respondeu:

—Sim.

E desmaiou.

Ergueram-o em braços; cingiram-se-lhe estreitamente ao coração e aos labios; cobriram-o de lagrimas. Estava morto.

O sangue do vencedor do duque d'Alba, de João d'Austria, de Requesens, de Alexandre Farneso, do Concilio de Trento, da Inqui-

sição, da intriga palaciana e da intriga clerical de todas as côrtes e de todas as egrejas da Europa, esse generoso sangue, golfado de um coração sem macula, n'uma época em que a traição e o crime assignalavam sinistramente na historia todas as cabeças coroadas pela realeza ou pela tonsura, cobria da mais gloriosa mortalha o triumphador magnanimo, que libertara a patria, fundando pela primeira vez uma republica nas bases da sciencia e da virtude, sobre a mais perfeita convicção democratica da liberdade civil e do dever pessoal.

Perante o novo, estranho e imprevisto poder implantado quasi repentinamente no concerto europeu pela espada que pendeu á cinta d'este grande homem, a politica do Escurial baquêa minada pelos alicerces; Filippe II, herdeiro do grande imperio de Carlos Magno e de Carlos V, recúa surpreso e attonito, e o monarchismo catholico da soberba e aguerrida Hispanha, senhora de meia Europa e de quasi todo o mar, principia a rolar n'esse immenso abysmo de decadencia, do qual nunca mais se tornou a erguer.

Prisioneiro, em refens, de Carlos IX, desde que tem noticia em França de que a inquisição vae ser estabelecida por Filippe II nos Paizes Baixos, Guilherme de Orange concebe o designio de libertar a Hollanda, e, desde esse momento até o do seu ultimo suspiro, toda a sua vida é a consagração épica da força indestructivel que tem a vontade quando toma convictamente a defesa de uma verdade em conflicto com uma superstição.

A virtude caracteristica dos grandes lutadores d'esta natureza é a bondade, a limpida bondade, que para honra da nossa especie illumina quanto é verdadeiro, assim como a sombria tristeza entenebrece — lugubre excepcão á natureza — quanto é no mundo erroneo e falso.

Este homem, implacavel e terrivel para todos aquelles que combatiá, era da doçura mais jovial, mais carinhosa e mais terna para todos aquelles que governava.

Marido e pae estremoso na familia, jovial companheiro na amizade, magnificente na hospitalidade principesca da sua casa, elle passeava só, desarmado, sem chapeo, como um bom vizinho, nas ruas da

cidade, intervindo paternalmente nas pequenas discordias domesticas, fraternisando com os marinheiros e com os operarios, convidado ás festas de familia, bebendo no mesmo copo com toda a gente honrada, tendo o seu logar marcado a todas as mesas de jantar, em todas as casas, ao canto aconchegado de todas as cosinhas, das adoraveis cosinhas da Hollanda, verdadeiro fóco da vida familiar neerlandeza, forradas de carvalho envernizado, de um asseio sagrado, proprio de culto, com o fogo de turba na marmita de cobre, a larga chaminé reluzente de faianças,—altar inviolavel e asylo sacrosanto da casta alegria domestica de toda uma raça de navegadores que chegam do longo curso, e de ternas mulheres amantes que os esperam cada dia no tepido e aromatico conforto de uma festa d'arte.

Cerrado para o extrangeiro como um indecifravel e temeroso mysterio, sendo o *taciturno* por excellencia para o proprio Escurial, a taciturnidade mesma, elle era para o seu povo, para a familia hollandeza, para o interior das cabanas que abriam a meia porta para o deixar entrar, para as mulheres que lhe estendiam a mão, para as creanças que lh'a beijavam, para os homens que repartiam com elle o vinho dos seus copos de estanho,—para toda a Hollanda emfim—o *pae Guilherme*, o bom homem simples da rua, o solido e fiel amigo de cada casa.

Taes são os dois caracteres dominantes, que o impulso das circumstancias tornou dominadores, e cuja influencia vae determinar toda a orientação de uma nacionalidade que de repente surge, gerada n'uma idéa, como no Genesis biblico surge a luz evocada n'uma palavra divina.

Na historia do cerco de Leyde, recontro supremo que firmou a independencia da Republica das Provincias Unidas contra as armas hispanholas, apparecem os symptomas vivos da acção de Guilherme e de Marnix na formação da alma hollandeza.

Dir-se-hia que o escriptor e o soldado haviam repartido o seu coração e o seu espirito por cada um dos sitiados.

As linhas de Leyde fecharam-se repentinamente e inesperadamente, sem que a cidade tivesse tido tempo de se abastecer de provisões.

Guilherme de Orange, que procurava organisar reforços e inten-

tar a guerra por mar, dirigira aos de Leyde uma carta lembrando-lhes que não era por elles sós que iam bater-se, mas sim pelo paiz inteiro, pelas gerações futuras, pelo destino da humanidade dependente d'esta guerra. Que resistissem por tres mezes, e ao cabo d'esse tempo elle lhes promettia vir soccorrel-os e libertal-os.

Leyde respondeu que resistiria, e desde esse momento começou lentamente a agonisar.

Dentro de poucos dias tinha acabado na cidade a carne e tinha acabado o pão. Para o fim de difficultar a situação do exercito hispanhol commandado por Valdez, e de permittir a approximação da esquadrilha preparada por Orange, os habitantes dos campos e das aldeias adjacentes consentiram em se deixar inundar.

Abriram-se os diques, e o mar golfou por cima das povoações, que iam successivamente desapparecendo, e chegou até as trincheiras de Leyde.

A fome produzira uma epidemia, de que morreram cerca de sete mil habitantes, sobre dezeseis mil.

Tinham comido os gatos, tinham comido os cães. Referviam-se gorduras immundas, e comiam-se cozidas as folhas das arvores e as hervas das ruas.

O general hispanhol fez uma proposta de rendição e de paz. João van der Doës respondeu, com fina ironia de erudito, por um simples verso extrahido dos Disticos de Catão:

> Fistula dulce canit volucrem decipit auceps.

O espirito litterario da revolução, sagrada herança da velha civilisação occidental, transparece em muitos outros documentos. Cunharam-se novas moedas dentro do cerco. Uma d'ellas tem por divisa o leão neerlandez armado de uma espada, com esta legenda: *Pugno pro patria*. Outra diz: *Haec libertatis ergo*. E uma outra: *Deus servet Leydam*.

Ia expirar o praso dado pelo principe d'Orange. Os sitiados, que se correspondiam com elle por meio de pombos correios, subiam em cada manhã á torre da cathedral, e debalde alongavam os olhos pela

vasta tristeza da agua morta, debaixo da qual jaziam sepultados os casaes de tantas aldeias, voluntariamente sacrificadas ao mar, para que esse eterno inimigo e eterno protector da Hollanda soccorresse Leyde, a arca santa da liberdade nacional. A flotilha de Orange avistava-se ao longe, mas não podia approximar-se, por falta de volume d'agua proporcionado á lotação dos navios.

O cerco fechara-se no fim de junho, e era preciso que viessem as marés vivas de setembro para que podessem calar até Leyde as embarcações da Zelandia, tripuladas por esses invenciveis lobos do mar fataes á Hispanha e ás baleias, armados de machados e trazendo no chapeo a famosa divisa—*Antes turcos que papistas.*

Mas os dias succediam-se, succediam-sé as covas dos que iam morrendo á fome, e a esquadrilha não chegava.

Houve uma revolta.

Não! uma cidade inteira não podia acabar assim estrangulando-se a si mesma. Os de Hispanha offereciam uma provisão de viveres para negociar as treguas. Era preciso acceitar. Uma onda de povo encarregou-se de o ir dizer ao burgomestre de Leyde, Pieter Adriaanszoon van der Werff.

O magistrado respondeu:

—Jurei defender Leyde até o ultimo momento da minha vida. Não me renderei nunca. É-me porém indifferente morrer amanhã ou morrer hoje. Faço presente de minha vida aos fracos, e dou a carne do meu corpo aos famintos. Podeis repartil-a entre vós matando-me no dever.

E, arrancando a espada da bainha, atirou-a á multidão.

Houve um momento de recúo, um instante de silencio, e logo depois um grito unisono de enthusiasmo pathetico.

O povo, de joelhos, restituiu ao burgomestre essa espada, que na mão d'elle não era sómente a expressão de uma honra militar, mas uma gloria humana.

Muitos populares, ebrios de valor communicado, subiram ao alto das trincheiras e gritaram aos soldados hispanhoes os mais provocadores e os mais infamantes insultos.

Muitos castelhanos escutavam. Houve um silencio, e uma voz da trincheira de Leyde, interpretando o sentimento de todos os sitiados, disse:

—Quando para nos alimentarmos faltar a herva nas ruas e faltar a casca nas arvores, havemos de cortar o braço esquerdo e comel-o. Fica-nos ainda o braço direito para defender as nossas mulheres, a nossa religião e a nossa liberdade. E nunca nos vencereis—sabeio-o! Porque, quando não podermos mais para resistir, deitaremos fogo á nossa cidadella de Leyde, e dentro d'ella morreremos todos, sem excepção,—homens, mulheres e creanças.

Chegou finalmente a lua cheia de setembro. O vento rodou ao sudoeste. Uma tempestade medonha, que parecia subverter a terra, desencadeou-se na costa. Os hispanhoes, tomados de um terror panico perante a furia nunca vista do Mar do Norte, fugiram desordenadamente, lançando á agua a artilheria, e abandonando o campo ao oceano que crescia para elles.

O mesmo mar que destroçava o exercito castelhano trazia aos canaes Leyde a frota da Zelandia.

Houve um breve combate, rapido mas horrivel, entre os hispanhoes retardados na fuga e os primeiros zelandezes desembarcados a nado para os perseguir. Os soldados de Filippe II eram agarrados pelos rins, já mettidos na agua, já trepados ás arvores, mortos a machado pela nuca, ou apunhalados na garganta como feras.

Os de Leyde, extenuados de fome, recebiam nos caes o pão que lhes era lançado de bordo pelos marujos.

Algumas pessoas morreram suffocadas a comer.

Depois, tudo quanto restava ainda da população de Leyde foi á cathedral.

Entoou-se o hymno de Luthero; mas, aos primeiros compassos, o côro parou emmudecido pela commoção, e durante alguns minutos não se ouviu no interior da basilica senão o soluço do povo que chorava.

O principe d'Orange, em testemunho solemne da gratidão da Hol-

landa á cidade de Leyde, perguntou qual das duas cousas ella preferia: — a abolição de todos os tributos, ou a creação de uma universidade. Os habitantes, consultados, optaram pela universidade, em que Marnix foi professor, e que mais tarde se tornou tão célebre como um dos grandes focos da cultura intellectual e da erudição na Europa.

Diz-se que foi uma creança que, attentando no grande silencio estranho do acampamento hispanhol, atravessára as linhas e voltára a Leyde com a noticia de que estava levantado o cerco, trazendo uma marmita de sopa de legumes, que encontrara no campo.

Leyde celebra ainda hoje o anniversario d'esse acontecimento, distribuindo aos pobres uma sopa egual á da marmita do acampamento castelhano.

Umà das coisas que me trouxe á Hollanda foi o desejo de molhar n'este caldo de independencia uma codea da minha brôa natal, foi a curiosidade de aprender no exemplo de um pequeno povo heroico a retemperar em mim proprio contra as nevroses da minha raça o respeito das virtudes obscuras e o amor das coisas simples.

Ao escrever as primeiras folhas d'este livro n'um pequeno quarto de viajante pobre, a um florim por dia, na hospitaleira terra hollandeza, que tantos portuguezes ajudaram a fundar como um refugio do pensamento perseguido e do trabalho ultrajado na sua pobre patria, eu não tenho mais ambiciosa aspiração que a de repartir com aquelles que amo a minha sincera e doce commoção.

Não me occuparei da possibilidade que tem um paiz pequeno, desgovernado e fraco, de se fortalecer no exemplo e no contacto de um paiz mais pequeno ainda, seu parente pelas affinidades da educação e da tradição maritima, com eguaes destinos no commercio e na navegação do mundo, e fortemente equilibrado no trabalho, no progresso, na prosperidade, na civilisação.

Vim á Hollanda sem theoria alguma preconcebida sobre semelhante assumpto. Acho-me aqui, não como philosopho nem como politico, mas simplesmente como artista e como estudante.

Repetir que a Hollanda é uma nação muito mais sabiamente diri-

gida do que Portugal, parece-me inutil. Uma razão, entre outras, basta para explicar esta differença e para nos dispensar do trabalho de procurar as demais.

Essa razão é o dique.

Diz um adagio popular: — *Deus fez o mundo, e o hollandez a Hollanda.* Esta phrase, de uma apparencia tão meridionalmente arrogante, é a expressão litteral de um simples facto geologico.

Todos os demais povos modernos da Europa tomaram a anteriores occupadores o territorio que possuem. A Hollanda creou o solo que tem. E com o solo creou o clima. No tempo de Strabão dizia-se que toda a Hollanda podia ser percorrida saltando d'arvore para arvore sem pôr pé no chão. Os rios trasbordavam periodicamente e inundavam inteiramente a Batavia uma vez por anno. A temperatura era tão aspera como a da Noruega. A chuva continua e os cerrados nevoeiros encobriam a luz do dia, que não durava mais de quatro horas. Chamava-se á Flandres a *floresta sem fim e sem misericordia.* E ainda no seculo XIV as alcateias de lobos e as soltas manadas de cavallos selvagens erravam no solo paludoso e movediço da velha Hollanda, a que só tinham podido adherir como representantes da especie humana os mais arrojados pescadores nomadas das tribus germanicas, vestidos de pelles de phoca, habitando em pequenos barcos de couro.

Do interior de Amsterdam partem, alongando-se ao mar, na distancia de dois mil metros um do outro, dois diques curvos em meia lua, fazendo a bacia do porto, dividido em dois compartimentos para mil navios de qualquer bordo.

Um proloquio hollandez diz que Amsterdam está edificada sobre espinhas de arenque. A cidade inteira repousa effectivamente sobre um leito de mar recentemente esgotado. Só para consolidar as bases do palacio real, foram precisas treze mil estacas. No seculo XIII ainda a praça do Dam, que é hoje o centro da cidade (*Dam* significa *Dique*), era apenas um pequeno porto artificial, construido por alguns marinheiros da Frisa. Depois, successivamente, de seculo em seculo, de dique em dique, o pequeno burgo espraiou para o mar, a onda de gente

cobriu a da agua, e fez-se a vasta cidade que é hoje a capital da Hollanda.

O dique do Helder sobre o Mar do Norte, com cerca de dez kilometros de extensão, representa de per si só uma epopéa. É feito com enormes calháos e com solidas estacas de madeira, n'um paiz que não tem pedreiras nem florestas. O granito e a pedra calcarea d'este dique veiu da Noruega e veiu da Belgica. Os pinheiros vieram da Suecia e da Dinamarca. O talude, de uma inclinação de 40 graus, desce á profundidade de 60 metros no mar. N'uma larga estrada cruzam-se as carruagens sobre esta grande barreira, reforçada ainda por outros diques mais pequenos, feitos de estacas em palissada, de traves, de fachinas, de terra, de argamassa.

O pintor Van Ostade dizia das primeiras edificações da bella cidade de Harlem: «N'este logar, onde hoje vêdes elevar-se uma aldeia, navegavam — ha apenas 20 annos — navios de alto bordo.»

Os campos de Harlem estendem-se n'uma superficie de onze leguas de circumferencia, dezoito mil hectares de terra fertilissima, a qual ainda em 1836 era um mar interior, esgotado por uma das obras mais maravilhosas da engenharia hydraulica n'este seculo.

Finalmente, desde o principio do seculo XVI até hoje, não menos de tresentos e sessenta mil metros de terra foram conquistados pela Hollanda sobre o oceano, por meio do dique.

Brevemente começará uma obra colossal, mais portentosa ainda que a do esgotamento do lago de Harlem: — o esgotamento de todo o golfo do Zuiderzée!

Os caudalosos rios que desembocam nas planices hollandezas exigem do habitante tantas precauções e tantos resguardos como o proprio mar.

E, apezar de tudo, as inundações teem sido pavorosas. Em 1230, cem mil homens morreram afogados, quasi unicamente na Frisa. Em 1287 o Zuiderzée, tomando a fórma que hoje tem, engoliu oitenta mil vidas. Em 1470 morreram victimas da inundação vinte mil homens. Trinta mil, um seculo depois. Em 1570 o mar cobriu com sete pés

d'agua os pontos mais elevados de Groninga, devorando nove mil homens e sessenta mil cabeças de gado. Em 1686, passou o mar oito pés acima dos diques, derribou 600 casas, e inundou completamente a Frisa. Em Groninga, em 1717, succumbiram doze mil homens, seis mil cavallos e oitenta mil rezes.

Constantemente roídos na base pelo mar, muitos d'estes diques são egualmente mordidos do lado opposto pelos rios. Um systema de comportas, sempre em movimento, abre-se aos rios na maré vasante, fecha-se ao mar na maré enchente.

Se o dique não existisse, seria impossivel á mais arrojada imaginação oratoria conceber um tropo tão exorbitantemente phantastico como o dique para caracterisar pelo hyperbaton a tenacidade incomparavel e o arrojo unico da raça hollandeza.

É preciso estar aqui, no *paiz concavo*, concavo de tres metros abaixo do nivel do mar, e ir passear por meia hora junto do dique, de noite, no silencio profundo d'esta região do silencio, e ouvir rugir a vaga, do outro lado, a quatro metros acima da altura da nossa cabeça, para comprehender de repente, n'um só calafrio intraduzivel por palavras, quanto pode a audacia.

Do lado de lá, a massa enorme do mar temeroso, bate ás marradas no muro, e bate certo como bate o machado no lenho, dilacerando-lhe uma fibra a cada golpe. Está calculado que todo o dique precisa de ser renovado de quatro em quatro annos. Do lado de cá, um povo inteiro confia na sua obra, e confia n'aquelles em quem delegou o cuidado de velar por ella.

Calcula-se em cerca de 14 mil contos de réis a importancia das obras de defesa feitas entre o Escalda e o Dollart. As obras presentemente em construcção e em projecto são tão consideraveis como as obras já concluidas e acham-se orçadas em muitos milhões, que a população hollandeza pagará á força de trabalho e de economia. O exame e o estudo d'estes trabalhos constitue o melhor curso de engenharia hydraulica que existe no mundo. O que principalmente caracterisa as obras dos engenheiros hollandezes é o assombroso arrojo na concepção

dos projectos, a prudencia, a precaução, o escrupulo mais meticuloso na execução e no acabamento dos trabalhos.

O serviço das aguas, o *Waterstaat*, é o ponto culminante da administração da Hollanda, aquelle a que tudo se subordina.

Em toda a parte, o povo, a um momento, dorme. A Hollanda nunca adormece de todo. Reveza-se no dique. Só fecha um dos olhos. E, ao menor signal de alarma, levanta-se tudo.

A primeira influencia do dique é o desenvolvimento do espirito de associação, baseado na noção da solidariedade. A solidariedade do dique é para todos os habitantes da Hollanda, como a solidariedade da corda para os viajantes que fazem juntos, amarrados uns aos outros, a ascenção das escarpas resvaladiças do gelo, sobre os abysmos do Monte Branco. .

A segunda influencia do dique é a gravidade imposta ao acto politico da delegação do poder.

Para assumir a responsabilidade de governar a Hollanda é preciso, primeiro que tudo ter uma instrucção technica, ter uma educação scientifica. É preciso, em segundo logar, ter um caracter comprovado, que affiance bem garantidamente toda a dedicação de uma intelligencia ao desempenho de um cargo.

Os triumphos — tão faceis n'outros paizes — da mediocridade palavrosa sobre o merito verdadeiro na intriga parlamentar são impossiveis na Hollanda. As questões de administração local são questões de vida ou de morte. A fórma politica do governo é uma questão secundaria, sem interesse na opinião. O que é preciso, é que quem administra — venha de que partido vier — tenha o saber technico e tenha a honestidade civil.

É n'este ponto de vista que o povo elege os que o representam.

Ante-hontem, houve em Amsterdam uma reunião de eleitores, perante os quaes um ex-membro do conselho municipal veiu levantar uma suspeita de irregularidade, que pesava sobre os seus actos, como vereador da cidade e como director de uma companhia de tramways. Não se trata de saber, se este homem é um republicano ou um monarchi-

co, um liberal ou um conservador. Quem se importaria com isso? Do que se trata, é de saber se elle é um cidadão honesto. O *Algemeen Handelsblad*, o grande jornal de Amsterdam, que tira dous numeros por dia e que faz duas edições de cada numero, consagra hontem ao caso a que me refiro, ao *compte-rendu* do comicio, cinco columnas. O facto era de interesse geral. Não se discutia, como nos nossos comicios, uma questão de partido, discutia-se a honra de um cidadão.

Perante os interesses do publico hollandez, toda a questão de governo se baseia n'este unico facto: a capacidade da intelligencia e a capacidade do caracter; n'uma palavra—a competencia.

Todo o parolamento é perdido para demover o eleitor hollandez d'esta preoccupação unica. Os politicos sabem-o. Assim, nas camaras não ha tribuna e não ha oradores. Ninguem faz o que se chama—*o discurso*. Diz cada um do seu logar o que tem que dizer, simplesmente, precisamente, rapidamente. Muitas vezes se procede apenas por perguntas e respostas. O paiz tira as conclusões.

Todo o eleito do povo que se lembrasse de tratar dos interesses da nação, pondo-se em pé no parlamento, collocando uma das mãos sobre o coração, levantando os olhos ao ceo e exclamando: *Sr. presidente, sob estas abobadas, a minha debil voz, etc.*, seria, sem perda de tempo, amarrado e submettido pela assistencia publica a um tratamento de demente.

E o dique basta para produzir todos estes effeitos salutares. O dique é para o hollandez a contingencia eterna de ter juizo, ou de morrer inundado.

Os maus governos são uma especialidade dos povos felizes, se é ser feliz não ter cuidados!

II

PRIMEIROS ASPECTOS

De nenhum outro paiz se tem dito, como da Hollanda, tanto bem e tanto mal. As relações dos viajantes são as mais radicalmente contradictorias. Quarenta e oito horas depois de me achar em Amsterdam, eu tinha comprehendido que a Hollanda merece tudo quanto d'ella se tem escripto para mal e para bem, e eu mesmo estive absolutamente de accordo com a primeira d'essas opiniões, e bem assim com a segunda.

Chego n'um domingo de agosto de 1883 á uma hora da tarde, vindo de Allemanha, e tendo passado a noite em caminho de ferro. Atravesso de madrugada, na humida frescura, os longos campos de Arnhem, o paraiso botanico da Hollanda. Em todas as *gares* hollandezas, desde a fronteira até os polders que alagam de verdura os suburbios de Amsterdam, familias, em grandes cachos de homens, de mulheres e de creanças, assaltam o trem, aproveitando o feriado para ir á exposição da capital.

N'uma certa região entre Arnhem e Utrecht todas as senhoras trazem comsigo grandes ramos de flores, entre as quaes procuro ávidamente as tulipas. Não estamos no tempo das tulipas, e os ramalhetes, apparatosamente engravatados em papel recortado, são principalmente compostos de rosas e de resedas.

Os homens do campo, na ociosidade do domingo, barbeados de fresco, nos seus grandes collarinhos de linho grosso, casacos dominicalmente escovados, o cachimbo na bocca, as mãos nos bolsos triangulares das calças de alçapão, o bonnet novo, de ceremonia, aprumado

no alto da cabeça, olham tranquillamente, á beira das sebes verdes ou das cancellas de madeira pintada.

A multidão em *toilette* agglomerada em magotes de familia ás portinholas dos wagons dá ao dia e á paizagem um risonho ar de festa burgueza. Desappareceram inteiramente os uniformes militares do pessoal das linhas prussianas. O empregado das estações distingue-se apenas por um bonnet de galão, que elle se apressa a tirar apenas terminadas as suas funcções officiaes. Emquanto os empregados do comboio accommodam nas carruagens os novos passageiros, os empregados da estação, á porta das salas vasias, substituem o bonnet de serviço pelo ponderoso chapéu de copa alta, previamente anediado sob o canhão da sobrecasaca.

As carruagens, unindo-se inteiramente á plataforma, debaixo da qual escondem as rodas, de modo que se pode entrar ou sahir sem subir nem descer, n'um só nivel, parecem por este facto mais baixas, mais modestas, mais engraçadamente campestres.

Os passageiros hollandezes que se encasam no meu compartimento introduzem n'elle uma sensação refrigerante de aceio, um vago cheiro de sabão e de banho, envolto na impressão olphatica das flores, mas recebido pelos olhos.

Sinto-me humilhadamente mais sujo do que me julgava entre os meus companheiros da noite, mais embarbado, mais poeirento e com mais calor.

A minha provisão de roupa branca—ai de mim!—esgotou-se na viagem do Rheno. Entro na fresca Hollanda vergonhosamente, com um sacco de roupa suja na mão. Sorri-me, porém, a lembrança da minha mala grande que expedi ha quinze dias de Paris directamente na grande velocidade para Amsterdam, e que encontrarei na estação, ao chegar. E vou seguindo mentalmente o meu projecto: Ponho a mala n'um fiacre, e, antes de qualquer outra cousa, no mais largo trote, ao consulado do Brazil, onde me esperam as cartas da minha familia, da qual, errante ao acaso, de terra em terra, não tenho noticias ha tres semanas. Depois, ao Amstel-Hotel: grande *toilette* completa, um

bom banho morno primeiro com uma barra de sabão, uma *douche* em seguida; um almoço leve, um caldo frio, dois ovos quentes, uma chavena de chá preto, um charuto; e em seguida—a paizagem! Tal era o meu ridente projecto.

Vamos á dura realidade.

A minha mala não está na estação do Rheno; acha-se provavelmente na estação central. Vou de carruagem á estação central, e encontro fechados os armazens, porque os armazens da estação central nos domingos fecham ao meio dia. Maldição!

Sigo para o consulado do Brazil: consulado fechado! Á chancelaria do consulado: a chancelaria fechada! Pretendo saber se tenho cartas n'uma ou n'outra parte, e entro em explicações por meio de gestos com a criada do consul e com a do chanceler. Impossivel chegar a fazermo-nos comprehender o que quer que seja. Insisto por algum tempo n'um jogo de physionomia feroz, n'um braceejamento insensato, n'um dedilhamento aereo, nervoso, enfurecido. As criadas berram, o cocheiro berra, eu berro. Não ha meio.

Absolutamente perdida a esperança de ter alguma noticia, por mais vaga, das cartas que me hajam sido dirigidas para Amsterdam, resolvo-me a entrar no hotel, porque emfim, por mais pressa que eu tenha da minha correspondencia e da minha roupa branca, a dura verdade é que não posso ficar durante vinte e quatro horas na rua á espera que um domingo passe para que se abram a fim de me tranquillisar os escriptorios dos consulados extrangeiros e dos caminhos de ferro em Amsterdam!

Em *Amstel-Hotel* não ha quarto algum devoluto. Dirijo-me a *Brack's Doelen Hotel:* tambem não ha quarto. Vou successivamente ao *Krasnapolski*, ao *Hotel Suisso*, ao *Hotel du café français*, ao *Hotel de Munt*. Não ha quarto em hotel nenhum, e eu vagueio depois de tres horas nas ruas de Amsterdam, dentro de um coupé, conduzido por um cocheiro que me parece de tão mau humor como eu, e que cubro, de espaço a espaço, de improperios medonhos, envoltos nas mais monstruosas pragas de que dispõe a lingua patria.

Elle pela sua parte diz-me tambem palavras hollandezas em que entra a palavra *menér*.

Acho-o inconveniente e malcreado.

Do ceo electrico cae-me sobre a cabeça um calor suffocante, calor do norte, um calor cinzento, de chumbo, mil vezes mais intoleravel do que os nossos calores azues e diaphanos do sul.

Um badalar atroador, de sinos que tangem todas as horas e todos os quartos de hora em compassos de menuete, enche-me os ouvidos e o cerebro de uma zoeira horrivel.

O meu coupé, a passo por entre uma multidão compacta principalmente composta de labregos de chapeu alto e de brinco na orelha pelo braço uns dos outros, percorre lentamente em todas as direcções uma cidade absolutamente inextricavel e incomprehensivel.

Nas demais terras que tenho visto, ou não ha rio nenhum, o que evita muita desgraça e poupa muito desgosto de gente que se afoga, ou ha um rio só, que cinge, ladeia a cidade, ou a atravessa por meio de um curso d'agua que, servindo de ponto de relação para as direcções e para as distancias, ajuda a orientar quem não conhece as ruas. Mas imaginem que em Amsterdam tem a gente a impressão de haver trinta rios, e esses cortados por outros trinta que os atravessam em angulo recto, cortados estes por outros, que os atravessam obliquamente, e que são ainda cortados por seu turno, etc! Amsterdam, emfim, compõe-se de setenta canaes e de noventa ilhas, as quaes communicam entre si por trezentas pontes! Não ha que dizer mais nada. É um labyrintho aquatico; é uma teia de aranha enorme em que os fios são d'agua; uma rêde de pesca monstruosa com malhas feitas de ruas, amarrada a quatro estacas e estendida sobre a superficie do mar. Quê!... um horror!

De quando em quando vejo pelo meu postigo e quasi ao meu postigo gente que olha para mim sentada em bancos que se movem em silencio e seguem a mesma direcção que eu sigo. É um vapor que vae no mesmo caminho, e, o que é mais, *no mesmo nivel* da minha carruagem. Porque esta particularidade inverosimil é que principalmente

caracterisa Amsterdam. Em outras partes tambem ha canaes, ha-os em Veneza, havia-os em Anvers ainda o anno passado, ha-os por muitos sitios. Mas em toda outra parte o canal é um sulco, a rua tem paredão e faz caes, a gente desce umas escadas com mais ou menos degraus para embarcar. Mas em Amsterdam, nada d'isso. Se n'uma praça taparem os olhos a um homem e o fizerem seguir n'uma direcção dada, d'ahi a pouco elle cuida ainda que vae por uma rua fóra, e por onde elle vae é por um navio dentro.

Ao longo de um canal, que mais tarde soube chamar-se o Rokin, vejo esta coisa impossivel: Um grande barco largo, chato como um enorme linguado morto, atravessa a agua movido á vara por um homem. Quasi á roda da carruagem em que eu vou, o homem agacha-se e desapparece com a embarcação por baixo do macadam em que eu continúo a rolar, com o meu trem á hora, com o meu saco de roupa suja, com a minha barba por fazer, e com a minha poeira das estradas da Prussia.

A cada novo hotel a que paramos para ouvir uma nova recusa, uma onda do oceano de povo que coalha as ruas, pára a contemplar o caso; os homens de brinco e de chapeu canudo, com lenços de seda preta enrolados em duas voltas ao pescoço, caras côr de queijo, apontam-me ao dedo com dedos como fueiros, e as raparigas riem.

Não me posso ter que os não descomponha em portuguez:

—Não terão vossês mais nada que fazer senão occuparem-se da minha vida, corja de estupidos!? Ora queira Deus que eu ainda hoje me não aquartele sem ter dado quatro puchões de brincos a um! Apanhasse-vos nos meus sitios da serra da Falperra que eu vos diria quem apontava com trancas para o nariz das pessoas, se eram vossês a mim ou se era eu a vossês, seus lacticineos!

Nas ruas estreitas em que embocamos, os predios altos, esguios, pretos, terminando em *pignon,* parecem-me todos em estado de temulencia, cahindo de ebrios.

E só elles me fariam rir no mau humor repisado e moido em que eu vou!

Uns tropeçam para deante como se fossem afocinhar.

Outros empinam-se retesos para traz, de birra.

Ha-os curvos, parecendo que se vão sentar para o lado de lá no quintal.

Tambem os ha aos dois, de braço dado, arrimados ao hombro um do outro, no acto de se prepararem para dormir assim, em pé.

Ha-os ainda na acção de cahir de um lado para o lado fronteiro da rua, como nos antigos finaes de acto em D. Maria, quando o Tasso suffocado de reticencias exclamava:

—Vós... sois então... sois...

E o Theodorico, gargarejado, n'um longo tremolo plangente, respondia:

—T-e-u p-a-e!

N'alguns sitios, a ponte em que vou entrar, mysteriosamente movida por mãos invisiveis, ergue-se de repente, como se a dessoldassem dos pegões, levanta-se perpendicularmente ao solo e faz me barreira, emquanto na minha frente atravessa um vapor. Em meio minuto a ponte tem-se levantado e tem recahido tão silenciosamente como se tudo isto fosse de algodão em rama. A minha carruagem prosegue; o vapor volta a um lado e enfia por outra rua, meia agua, meia macadam, ladeada de tilias e desembocando n'um monumento ao fundo.

Em muitos predios o passeio da rua faz patamar a dois lanços de escada um dos quaes sobe em tres ou quatro degraus ao primeiro pavimento, o outro desce a um andar subterraneo, com a porta e as janellas fazendo frente ao côrte de um fosso cavado entre a casa e a rua. E n'esta segunda cidade de sargeta, sotoposta á cidade de flor de terra e de flor d'agua, vive, mexe-se, respira para cima em baforadas quentes e ruidosas, toda uma população toupeira.

De quando em quando, n'uma clareira entre as chaminés e os *pignons* das casas apparecem-me torres de egreja de fórmas tão divergentes entre si, que não ha meio de julgar por este symptoma architectonico qual a religião que predomina na cidade a que essas torres pertencem. Umas são de architectura jesuitica e lembram a Torre dos

Clerigos no Porto. Outras são no estylo ogival dos modernos templos protestantes e da fachada da fabrica do gaz em Lisboa. Mas entre estes dois typos conhecidos ha uma variedade consideravel de torres verdadeiramente phantasticas, um pouco cathedral, um pouco cabana, um pouco castello, um pouco minarete, lembrando o feudalismo, lembrando a India, lembrando a Tartaria, lembrando os mirantes das quintas minhotas, e não lembrando deus nenhum, pelo menos do numero dos tresentos ou quatrocentos de que eu mais ou menos imperfeitamente tenho noticia.

Toda esta accumulação de coisas excentricas, inesperadas, nunca vistas, passando rapidamente e tumultuosamente aos meus olhos, no rodar de uma carruagem, em relance, em redemoinho, em turbilhão, me dá a sensação penosa, pesada, opprimente, dolorida, de um longo pesadelo. E se alguma porção de desejo me sobrasse para mais alguma coisa do que ter um quarto e um banho, eu desejaria ainda—acordar.

A minha carruagem pára ainda uma vez—outro hotel provavelmente; mas eu é que já não tenho alento para me debruçar á portinhola a perguntar por quartos a mais um porteiro. Foi preciso que chamassem tres vezes por mim: *Menér! menér! menér!* e que me puxassem por um braço para me resolver a apear.

Menér! sempre *Menér!* Oh! Deus do ceu! como elle me ataca os nervos, o rasteiro, o ordinario, o odioso vocabulo *Menér!*

Todos os nomes tem uma expressão phonica, que corresponde a uma certa côr e a uma certa fórma. *Saudade*, por exemplo, é uma palavra azul; *rancor* é uma palavra vermelha; *Menér* é côr de nodoa, côr de uma nodoa azeda e torpe. Ha nomes que andam, nomes que rastejam, nomes que voam. Quando bem se attenta em um nome, elle não só adquire uma fórma, mas attinge uma especie de vida, é um ser. *Menér* dá-me idéa de um bicho pequeno, da fórma do percevejo, encascado porém como o grillo, feissimo, com tres rabinhos e tres olhos, segregando mau cheiro como o percevejo, mas caminhando ligeiro, insidioso e fugaz como a carocha.

Menér!... nojento.

Apeio-me, finalmente, contrariado, quasi á força. Preferiria já agora ficar na carruagem, de revindicta, amuado, torvo, intratavel, como Diogenes no seu tonel, com o bordão nodoso a um lado, duas lanternas em vez de uma—as duas lanternas do trem—sempre accesas, uma resma de papel e um garrafão de tinta ás ordens; e escachar de meio a meio este paiz de barbaros septentrionaes, a golpes de fina e erudita satyra romana, á ponta de corruptos, de depravados, de encantadores folhetins latinos.

Um paiz com hoteis de quartos cheios! um paiz com consulados fechados! um paiz com as malas da gente retidas até o outro dia! um paiz com verão, emfim! e com domingos! Ah! boas varas de Juvenal! Ah! boas correias de Aristophanes!

Ajusto trabalhosamente as minhas contas com o cocheiro: quatro florins por quatro horas de serviço, oito francos, dezeseis tostões, mil e seiscentos réis, mais duzentos réis de gorgeta, tudo para a mão ganchosa e mercenaria d'este judeu, descendente talvez dos que D. Manuel expulsou das judiarias de Lisboa, irmão dos de pau que ficaram no Senhor do Monte a arreganhar para as conegas de Braga os seus terriveis dentes de carnivoros excommungados, amarellos e grandes como teclas de manicordios velhos!

É, pelos modos, no *Hotel Roudeel* que me acho.

Um criado guia-me, precedendo-me com o meu sacco e com o meu *plaid*, a um quarto do terceiro andar, de cama por fazer, pontas de phosphoros e pontas de cigarros espalhadas no chão, janellas fechadas, santuario ainda morno da assistencia de um nobre viajante hispanhol, grande de primeira classe na prosapia do sangue e na magnificencia dos phosphoros de pau.

Esta é que é então essa nitida Hollanda, cuja reputação de frescura enche o mundo como um delicado e penetrante perfume de lirios azues, aljofrados de orvalho?!...

Ora, seja pelo amor de Deus! Mas é simplesmente a Hispanha ou a Italia isto! Isto é nem mais nem menos do que Sevilha, a transpirada, do que Toledo, o pegajoso, do que Napoles, o verminado!

Faço uma ablução de puro ceremonial, de ponta de nariz dentro de uma bacia do tamanho de um pires, porque no hotel não ha casa de banhos, e desço para jantar *à table d'hôte* ás cinco horas e meia.

Cento e sessenta pessoas á mesa. O hotel, como todos os de Amsterdam, está completamente cheio.

Fico sentado entre uma franceza e seu marido.

Elle tem a pelle das mãos e a da cara em um estado de vermelhidão lastimavel, e parece preoccupar-se com isto, humedecendo em gelo a ponta do guardanapo e tocando ao de leve os pontos mais afogueados.

Ella é uma d'essas simples burguezas de Paris, formiga rabiga, videira e esperta, habituada a lidar com os freguezes de seu esposo e a *pousser la roue*, como lá se diz, para lhe fazer andar para diante o commercio; amavel de resto como todas as da sua especie, falladora, um tanto gulosa, e de nariz arrebitado como de rigor.

Ao primeiro pretexto entabolámos conversa. Foi logo depois da sopa:

— *Voudriez-vous me permettre, Madame, de verser sur votre poisson un peu plus de sauce, dite hollandaise dans nos pays?... Là!*

—*Je vous remercie infiniment, Monsieur, vous êtes bien aimable.*

E por ahi adiante fomos continuando sempre. Ao pato com ameixas confidenciou-me ella que o hotel era um covil de sicarios.

— Faça idéa — explicou — que nós, meu marido e eu, viajamos com *coupons Lubin*. Não é vergonha nenhuma viajar com *coupons Lubin*, pois não é assim? Fica mais barato, e viaja-se da mesma maneira. Mas nos hoteis tratam um pouco por cima do hombro os portadores de *coupons Lubin*. Bem entendido, que isso me é inteiramente indifferente, a mim! Comprehende bem que não é para que ali o *maître d'hotel* me tome pela baroneza de Rotschild, que eu vim á Hollanda. Mas imagine que, ao pedir a conta esta manhã, elles nos queriam empalmar uma refeição, obrigando-nos a pagar o dia por inteiro, sem nos dar de jantar. Mas isso é que não! Tome-me por quem quizer o *maître d'hotel* que pouco se me dá, mas por tola não. Que fiz eu? Fui reclamar

perante o consulado de França. O Sr. de Saint-Foix veiu então aqui pessoalmente e intimou-os a que me dessem de jantar pelo preço do dia. Pois quê! O Sr. de Saint-Foix deu-me mil vezes razão, agradeceu-me a confiança que depuzera n'elle como delegado da Republica, e accrescentou que, se todas as mulheres fossem o que eu sou, ha muito que teria acabado no mundo a raça dos estalajadeiros prevaricadores. Creio-o bem!

— Aqui para este senhor,—observei indicando o marido—é que me parece que os jantares d'hotel, com os seus môlhos incendiarios, não serão o melhor regimen indicado para o caso da molestia de pelle que o afflige...

— Molestia de pelle!—exclamou susceptibilisado o meu visinho. Eu não tenho molestia nenhuma; a unica coisa que eu tive foram mosquitos a noite passada. Bem se vê que v. ainda agora chegou a Amsterdam, e que ainda cá não dormiu! Esta porcaria dos canaes é um viveiro de mosquedo pavoroso. Ao accender das luzes enchem-se os quartos de toda a variedade de mosquitos imaginaveis. Entre elles ha uns altos de pernas, pousando como aranhiços de tres andares, com um rabecão em cada andar. Emquanto á acção de taes insectos sobre o corpo social, aqui a tem manifesta em seus abominaveis effeitos!...

E mostrava as mãos e os pulsos, tumidos de empolas rubras e acerbas, como as de grandes frieiras.

Bonito! Faltava-lhe mais este attractivo á Hollanda! Os hoteis arrancam-nos a pelle, os mosquitos bebem-nos o sangue. Cá tomo nota!

Depois de jantar, examinando o programma dos espectaculos da noite, delibero fazer esperar um pouco os mosquitos pela ceia que sou destinado a fornecer-lhes, e vou a dois concertos, um no Amstelsraat, logo ao pé da porta, outro no fim do canal do Rokin, no Nes.

Primeiro concerto:

Pequena sala de theatro com uma ordem de camarotes, bufete com balcão aberto sobre a platéa, casa cheia, calor suffocante, ar de se talhar á faca, espesso de fumo e de vapores de cerveja azedada no fundo das *chopes*. Os violinos da orchestra furifuram uma especie de

acompanhamento emquanto, ao meio do palco, de mãos nas ilhargas, dandinada, canalha, em gestos de *voyou*, mostrando já as ligas, já os sovacos nus, uma cantora caracteristica, *quatrième dessous des Folies Bergères*, canta o *Nicolas*. É uma canção d'homem, o que pouco importa. A platéa em peso reforça o ritornello, e toda a sala entôa: *Le voilà, Nicolas! ah! ah! ah!* A cantora cessou mesmo de vocalisar, ella, o *refrain;* deixa dizer a orchestra, e exclama apenas: *A la mesure, là bas! Un! deux!... Allez!* E o edificio todo vibra com trovões de applausos, com as mãos em palmas, com as bengalas não chão, com os copos uns nos outros.

Segundo concerto:

Sala cheia como no precedente. Não ha camarotes. Simples bancadas de estreita prateleira corrida para os copos da bebida. Entrada gratuita. Sete damas, em *toilette* de circumstancia, pomposamente sentadas nos seus *fauteuils* dispostos em meio *abat-jour*, sob o clarão duro e mordente do gaz.

Uma d'essas mulheres, a segunda á esquerda, é particularmente pavorosa. Vestido curto de merino branco, imitação abastardada e suja de um velho figurino de Grévin; botas vermelhas, atacadas e recortadas no alto do cano em pinta de copas; duas pernas plethoricas em *maillot* de algodão, pendendo entre os pés da cadeira; duas outras pernas nuas sahindo-lhe dos hombros; as duas mãos no regaço; os dois pés no chão, ao lado um do outro, de bicos para dentro. Uma grossa e espessa sanefa de cabello amarello, duro e aspero, de bode, cobre-lhe a testa reboluda e cae-lhe nos olhos, pesada como uma viseira de chumbo. Ella olha de soslaio, embezerrada, em mergulho no gordo de si mesma, como um bicho cacheiro de sêbo ornado de um topete de esparto.

Do lado opposto, á direita, destaca-se do grupo vulgar dos demais typos de comparsas, uma mulher de perfil altivo, poderoso, olympico. Veste, em opposição ás outras, um vestido de setim preto cingido ao busto, e de longa cauda caindo-lhe aos pés em regra, n'uma ondulação espojada de serpente. Corôa-a um simples penteado em ban-

dós curtos, louros, de um louro de sol, levemente frisados e finos como seda.

A mais distincta e aristrocatica figura de mulher que eu tenho visto, era a de Madeleine Brohan em papeis de *grande dame* no palco da Comedia Francesa; esta creatura agora com ninguem se parece tanto, a não ser um pouco na expressão physionomica com a imperatriz Eugenia, como com a Brohan.

Ao piano um tisico confirmado, tisico em ultimo grau, de albornoz e cache-nez, o pescoço esguio, o nariz afilado, as orelhas descarnadas do craneo, cabello já secco e morto, açoita com os seus grandes dedos lividos, de grossas phalanges, o marfim das teclas, fazendo cantar no proscenio uma aria allemã, lugubre como um gottejar de tocha sobre um caixão de defuncto, por uma mulher vestida de cigana de carnaval, arfante, de olhos em alvo, a mão estendida no vago, com estrellas de cartão dourado cozidas ao duraque das botinas, e o cabello preto em pennacho de capacete, até á cinta.

Torno a olhar para a divina mulher loura vestida de setim preto, e vejo-a mover o nariz, movel-o constantemente, n'um movimento continuo e convulso de coelho! E ahi está desvendado o mysterio! Esta creatura não está n'um throno, e está n'um tablado de botequim feirense, porque o deus do reles a marcou n'uma unhada com esse signal de fabrica, um geito, um tic, uma preguinha movediça, uma pequena curva vibratil, um só ponto de bico de alfinete ali na extremidade de uma venta, um indizivel, um quasi nada, e todo um abysmo. Emquanto se não canta, e o publico desfructa o seu dinheiro contemplando apenas as linhas do quadro vivo, ella contém quieto o nariz, por um esforço heroico. Emquanto as outras mulheres cantando concentram em si a attenção dos espectadores, ella descança o nariz... mexendo-o! E assim ganha esta peregrina formusura a sua vida, cultivando a estranha e dura profissão de não bolir com o nariz deante de gente duas horas por noite.

Vou-me deitar aterrado.

O meu quarto no *Rondeel* foi satisfactoriamente clarificado. O ta-

pete verde de listas encarnadas acha-se batido e escovado a primor. Nos moveis não pousa um grão de poeira.

A cama aberta, as minhas chinelas juntas uma da outra aos pés do *fauteuil*, as peças do meu serviço de *toilette*, o estojo de barba, o binoculo, a charuteira, estão collocados sobre a chaminé, com um certo cuidado carinhoso, de familia, e dão á minha habitação um novo aspecto consolador, reconfortante. As duas janellas, abertas a toda a largura da parede, deixam entrar a frescura calmante da noite, e descobrem a linha do canal, em cuja agua lisa se reflectem como sobre um espelho negro as janellas de algumas casas ainda illuminadas, e as luzes verdes e vermelhas, fugitivas, das lanternas dos omnibus.

Examino a cama: approximadamente a cama allemã, um pouco mais curta apenas, um *sommier élastique*, um travesseiro em fórma de cunha appenso ao colchão e fazendo base ás almofadas. Deitado, n'um bom aconchego morno, com a ponta do nariz apenas fóra da roupa para offerecer a menor superficie possivel ao assalto dos mosquitos, apago a vela e assisto immovel ao repassar pela minha memoria de todas as successivas scenas d'este dia antipathico e estupido. Uma impressão de meia hostilidade local faz reverter a outros logares mais propicios o meu pensamento borboleteante, que pousa por fim em Lisboa. Vejo-a por detalhes em escorços que lhe engrossam certas feições e lhe deprimem outras em caricatura monstruosa como as imagens reflectidas n'um espelho convexo. E adormeço, resignado.

No dia seguinte ponho-me a pé ás cinco horas, e abro as largas janellas do meu quarto sobre o canal.

A luz fresca e azul da manhã, envolta no vapor aquoso da cidade, banha suavemente as coisas, mitigando as durezas dos contornos, e esfumando-os em anil.

O tijolo preto da frontaria das casas, brunido pelo tempo, toma, sob a luz obliqua, reflexos scintillantes de velha prata lavrada.

Não bole folha nas arvores, o que dá ás tilias, em dois renques ao longo do canal, uma immobilidade de tela.

Um silencio profundo, de navio ancorado em calmaria n'um lago, cobre a cidade e parece cahir sobre a agua morta da ponta dos braços das roldanas sobresaindo do alto do *pignon* de cada predio, como um dedo que aponta no ar para o predio fronteiro.

Ao peitoril de mais de metade das janellas, das janellas quasi todas que tenho em frente de mim, uma fieira de vasos de flores esmalta as fachadas com relevos de verdura salpicada de pintas escarlates.

Do lado de lá dos vidros, de quando em quando um store branco franze e sobe lentamente. Depois a vidraça, correndo para cima como as das antigas casas de Lisboa, abre-se, recortando como fundo ás flores um quadrado escuro na guarnição branca dos caixilhos.

Junto de uma d'essas janellas abertas uma rapariga loira, de touca branca, engomma. A outra janella uma velha de grande avental, (examino-a por um oculo) esfia, aparando á plaina, um repolho de choucroute.

Creio que ainda não disse... Com certeza, não o disse ainda, e é importante isto para a comprehensão do que se vae ler... achei no meu saco, enrolada n'um papel, uma camisa lavada, uma camisa nova, que comprara em Paris, ao partir, e de que me esquecera hontem. É de flanella, mas que importa? A Hollanda, ás 6 horas da manhã, póde bem permittir este agasalho; além do que, sahirei em mangas de camisa. E, defronte quasi do hotel Rondeel, avistei uma casa de banhos, construida em *cottage* pintado de branco, sobre estacas, no canal.

Eis ahi como um novo estado psychologico, quero dizer, uma nova disposição de nervos se fez em mim ao rever Amsterdam de manhã cedo, lubrificado de animo por um pouco de sabão e por um resto de roupa lavada.

—Ó metaphysicos! por que não haveis de permittir vós que a gente metta a barrela, a barrela ao menos, entre as faculdades da alma?!... —perguntava eu ao sahir da casa de banhos e deixando-me ir de mãos nos bolsos e nariz ao fresco, ao acaso encantador de um primeiro passeio atravez de uma cidade desconhecida.

Tomo á esquerda, primeiro, e vou indo pela beira do canal na direcção do Amstel, segundo a planta da cidade annexa ao Guia de Amsterdam que tenho no bolso. A casaria rarêa, vão desapparecendo as taboletas, entreveem-se verduras de prados, macissos de choupos ao longe, um moinho de vento, um terraço de café-concerto n'uma ilhota no meio do rio.

Volto para traz e venho ter em linha recta á praça do Dam, que é o centro commercial da cidade,— *Vide* Baedeker *(Passim)*.

Ao longo de todo este caminho, para lá e para cá, desdobra-se, acompanhado de um crescendo orchestral, o espectaculo da cidade que desperta, bocejando primeiro, espreguiçando-se depois, pondo-se em pé, começando a gyrar.

Algumas barcas largas, barrigudas, de fundo chato, ladeadas de duas grandes palhetas unidas ao costado por bombordo e estibordo, lembrando na fórma enormes patos sem cabeça,—algumas barcas hollandezas emfim—deslisam silenciosamente na agua, impellidas á vara, lentas, cheias, pesadas de carga.

Um homem vestido de grosso linho branco, com um capacete de sola na cabeça, tange uma matraca e vae de porta em porta puxando as campainhas dos predios fechados, para que desçam á rua as caixas do lixo.

As mulheres apparecem primeiro do que os homens, e madrugam a lavar.

No canal lavam as embarcações. Na rua lavam as casas.

Baldeação geral.

Por estes primeiros gastos de *toilette* calculo que só o canal do Rokin, pouco mais extenso do que a rua Augusta, consome mais agua, desde as seis até ás sete horas da manhã, do que toda a cidade baixa de Lisboa em quinze dias.

Lava-se a embarcação toda á escova, taboa por taboa; lava-se o passeio da rua a grandes baldes d'agua, a vassoura e a rodilha; lava-se a frontaria da casa com uma bomba de jardim em esguicho, ou com chapadas d'agua atiradas ao alto de dentro de uma celha com

uma grande colher de pau; lavam-se por fóra as vidraças com um grosso pincel encabado; lavam-se a fricção de escova os peitoris das janellas, as portas, as padieiras.

Depois enxuga-se tudo a panno, o predio, o passeio da rua e o barco. Onde não chega o braço leva-se o panno n'uma especie de tenaz, pega de madeira larga e chata, segura por uma mola e encabada n'um pau.

Principia em seguida a *toilette* da casa por dentro.

As criadas vem para a rua com os tapetes grandes dos soalhos e com os tapetes pequenos das mesas.

Nas ruas de menos passagem que o Rokin, trazem tambem as botas para engraxar, trazem o fato para bater, trazem as gaiolas, trazem os tachos, trazem as caçarolas, trazem a bateria toda da cosinha para esfregar, para polir e para repolir até a tornar brilhante como joias de oiro.

Para sacudir o tapete, a criada de cada casa pede o auxilio da criada da casa visinha, e é assim, duas a duas, que ellas se desempenham d'essa tarefa. Uma segura de lá, a outra de cá, uma ponta em cada mão. Depois, por um forte impulso simultaneo, abrem-se os braços fazendo estalar o estofo como estala uma bandeira desfraldada ao tufão. E isto uma vez, duas vezes, dez, vinte, cem vezes, até que do tapete sacudido não caia um atomo de pó. Então juntam-se as duas mãos. Um! dois! tres! E está dobrado o tapete d'esta.

Passa-se ao tapete da outra.

Emquanto essa operação dura, quem passa na rua desvia-se ou pára e espera. Diz-se em Portugal que a *rua é do Rei*, o que me parace bastante hypothetico. Na Hollanda se poderia dizer com mais exactidão que a rua é das criadas.

Ás 6 horas principiam a rodar as carretas de mão dos fornecedores: a carreta da turba, a carreta da fruta, a carreta das flores, a carreta do pão, a carreta do peixe, a carreta do leite, etc.

Tudo isto se negocia no meio da rua, sem ceremonia, á boa paz, como n'uma reunião familiar e campestre.

As criadas aproximam-se em grupo, com o cesto no braço, o prato na mão, o *porte-monnaie* na algibeira do avental. Estes senhores calçam a carreta, expõem a mercadoria e fazem os seus cumprimentos: —Jufvrow Mietje! Jufvrow Suse!—mademoiselle esta! mademoiselle aquella!—Barretada d'aqui. Mesura d'acolá.

Não ha pregão propriamente dito, não ha pelo menos o pregão canoro, o pregão musical, tão caracteristico das cidades do meio dia. O vendedor faz antes uma breve allocução em voz bastante alta para que o oiça todo o quarteirão da rua, de uma esquina á outra. Não entendo, naturalmente, o que elle diz, mas representam-se-me vozes de impulso e de animação ás criadas; não de modo algum—*Quem compra a mão de nabos!*—mas antes alguma coisa no genero do que dizia o actor Pola, não me lembro já em que notavel drama:—*Vamos! vamos, minhas senhoras! vamos á conquista do Santo Sepulchro!*

E procura-se, offerece-se, ajusta-se, marralha-se.

Elle, de bonnet á banda, grosso charuto nos beiços, a mão aberta, estendida, com a palma para cima, n'um largo gesto cavalheiresco, á Franz Hals, como quem dissera:—*Compenetre-se-me d'esse repolho, madama!*

E ella, de dentro dos folhos da touca, entendida, experiente, tendo visto sessenta novidades de repolhos em sua vida, n'um gesto de inexcedivel desdem, cerrando os olhos, descendo até debaixo dos braços os cantos da bocca sem dentes, exprime:—*Ignominia de couve!*

Por fim contemporisa-se. Ella abre um olho, fechando porém com muito mais força o outro, tira a bolsa da algibeira, e, já com o repolho debaixo do braço, adianta nos dedos um soldo como quem offerece uma esmola mal merecida a um brejeiro. Mas o hortaliceiro dá para traz um salto estrondoso nos seus volumosos tamancos caiados de branco. Seus olhos não podem supportar a vista de uma tão pequena somma offerecida por uma tão bella couve. Elle é forçado pelas circumstancias a ser descortez, e volta costas, de braços cruzados, carrancudo, com a viseira do bonnet puxada até ao nariz. E a scena termina, emfim, por mais um soldo que apparece, entrando o repolho jo-

vialmente em casa, debaixo do braço da velha dama servente, e a velha dama servente debaixo do braço do regatão galante, que lhe faz diplomaticamente as honras da rua, reconduzindo-a com mimo até á porta do predio.

O peixe vem em agua dentro de uma piscina na carreta e compra-se vivo, depois do que, é ali mesmo amanhado com pericia, rapidamente, pelo vendedor.

O pão vem em caixas fechadas envernisadas de verde, de amarello ou de castanho; os harenques de salmoeira em celhas; o camarão em gigas; as flores em pequenos vasos de barro; o leite em grandes potes de almude de cobre polido e reluzente; a fructa ordinaria em cestos descobertos; a fructa escolhida, as uvas despegadas do cacho como as cerejas, e os pecegos bem sasonados—em cabazinhos fechados como os que se expedem de Nice para os Potel ou para os Chevet em Paris; as couves e os legumes em cuculo arredondado, como grandes *bouquets* de mosaico, em que se combinassem artisticamente, para o mais alto effeito decorativo, o rôxo intenso e vinoso dos repolhos vermelhos, o branco creme da couve-flor, o verde tenro das alfaces, o carmim e o branco vivo dos molhos dos rabanetes e o amarello poderoso e rico dos feixes portentosos das cenouras da Hollanda.

Além do leite vendido em carretas pelas grandes companhias ha o leite vendido em cangalhas pelos pequenos mercadores, e leiteirinhas amsterdamenses de 14 a 16 annos, passam, de avental branco, chapeo de senhora atado por uma fita de seda por baixo da barba, a cangasinha de carvalho polido nos hombros, os dois potes de leite em equilibrio, suspensos de uma corda pela asa e pendentes a cada lado da canga.

Os predios teem todos um estreito passeio em frente, especie de pequeno terraço que lhes pertence e que os proprietarios fecham com uma grade de ferro, ás vezes com uma corrente, outras vezes com um varão chumbado a dois piões de pedra, e fundido em tres gumes como os floretes de esgrima. Este aspecto hostil é reforçado ainda com uma saliencia de puas guarnecendo o gume superior da barra de ferro.

No terraço ha frequentemente, em quasi todos os canaes, uma escada exterior de cinco ou seis degraus da largura do passeio, e em dois lanços convergentes, com corrimão de ferro. O patamar commum a duas habitações dá entrada para duas pequenas portas contiguas e é separado ao meio por uma barra que prolonga o corrimão.

Os que vão para o numero 57, tomam a escada da esquerda, os que se dirigem ao numero 59, sobem pela escada da direita.

Muitas vezes o quadrado do terraço no fundo da pequena escada faz patamar a outro lanço, que desce do nivel da rua para o subsolo. E por esse buraco vê-se em baixo a frontaria de um outro andar subterraneo, no fosso, com a sua portinha envernisada, as suas duas janellas sempre de cortina aberta em A, sempre com vasos de flores no peitoril.

A copa do arvoredo, contraposto ao sol nascente defronte de cada predio, cobre de sombra a tijolaria da fachada, salpicada de pequenos pontos de luz em que se reflecte latejante o bolir das folhas. E as paredes negras teem assim uma estranha alegria viva e cantante de claro escuro, como se adejassem sobre ellas, moldadas pela luz atravez dos rasgões da folhagem, miriades de grandes borboletas luminosas e palpitantes.

Nas proximidades do Amstel, algumas janellas abertas ao rez da rua. O quebra-luz de fina rede de arame côr de fumo posto ao centro do peitoril, deixa-me vêr em angulo pela fresta recantos de interior.

A cada uma das duas janellas um grande *fauteuil*; defronte do *fauteuil* uma pequena banca. Sentada na poltrona da janella de cá uma senhora bórda, tendo sobre a mesa a tesoura e uma jarra com um mólho de resedas. Na poltrona da outra janella o homem, em mangas de camisa, ainda sem gravata, barbeado de fresco, fuma lentamente, refrigerando-se do calor da vespera em frente de uma chavena de café. Ao meio do cortinado de lã bordado de verde, n'uma gaiola da China, canta um canario.

Um dos carrilhões que na vespera tanto me estrugiram a cabeça e tanto me irritaram os nervos ouço-o outra vez. Tilinta ao longe um

compasso de velha gavota, n'uma grande pureza metallica, doce e alegre, como um improviso festival dedilhado em qualquer parte, no ar, sobre um piano de prata.

E esta maneira de marcar o tempo por meio de uma especie de sorriso melodico, entreaberto na frescura matinal do espaço, diluido fugitivamente no azul do ceo, parece-me agora a mais propria para contar as horas de vida da loura, da serena, da amigavel raça do povo que me cerca. Adoravel gente pacifica, antiquada, exotica, modesta, ratôna, humoristica, trazendo-me á lembrança a candida estampagem diffusa de uma velha chita desbotada e alegre, uma infantil aquarella em tons evaporados de Kate Greenaway, ou a abertura ridente de um capitulo galhofeiro de Dickens appetitosamente perfumado de aromas de festa, repicado das pachorrentas jovialidades germanicas de uma boa merenda na relva!

Nas mais antigas ruas de Amsterdam, nos bairros primitivos do seculo XIV, nas redondezas do Dam, entre o Nieuwe Dyk e o Nieuwe Zyde, o pittoresco do espectaculo toma a intensidade da collecção artistica, e produz a impressão de todo um museu cujas telas restituidas á natureza houvessem crescido até ás proporções do vivo e começassem de repente a respirar e a bolir.

Copio de uma esquina o nome de uma d'essas ruas—Saint-Nicolasstraat. Tres metros de largura. Predios de tres e de quatro andares, em tijolo preto, de um preto côr de sombra, ou vermelho tostado. D'este bello fundo de *atelier* numerosas saliencias se projectam e riem para o meio da rua. As pranchas dos vasos de geraniuns, de fuchsias, de cedros e de pequenas roseiras. As varas pintadas de verde dos enxugadouros, de que pendem aqui e acolá alegres riscados brancos, azues e vermelhos. Centenares de taboletas sobresaindo por cima das portas, como bandeiras suspensas de braços de ferro, alguns d'estes primorosamente trabalhados a martello e procedentes das famosas serralharias flamengas do seculo XVI. A taboleta branca do pequeno armazem de viveres, fazendo angulo com o vertice para a frente e tendo em cima, em relevo de madeira, um grande gallo branco de crista en-

carnada. As bacias de barba e a grande navalha dos barbeiros. O pão de assucar, da tenda. A enorme chave, de broca para o ar, do serralheiro. Os tres queijos sobrepostos, um branco, um dourado, e um preto. Muitos outros symbolos monumentaes de mercadorias em fabricação ou á venda: uma lanterna, um barril, um tamanco, um moinho de vento. Finalmente, a quasi todas as janellas, o espelho emmoldurado n'um caixilho de ferro quadrado, o famoso espelho *espião* destinado a mostrar a quem olha de dentro de casa a gente que passa na rua.

No chão, sobre os tijolos varridos, ao longo de toda a rua, uma multidão de coisas estão arrumadas á parede, como n'um fundo recolhido de abegoaria ou a um canto de pateo em antigas estalagens de muda de caleças ou de estação de diligencias: a grande vassoura; a carreta de mão; os baldes; os gigos; as celhas; o pincel das lavagens, encabado na longa vara; os tamancos de andar na rua, que o morador deixou á porta, como faria com os tamancos de andar no quintal; uma roda desembuchada do eixo; uma lança de carro; uma gaiola de frangos ou de coelhos; e uma casota, pouco maior que a de um cão de quinta, dentro da qual um sapateiro velho, armado de uns grandes oculos, trabalha aninhado sobre a tripeça, com o tecto em cima do seu bonnet de lontra.

A meia distancia entre as duas embocaduras, estas ruas transversaes fazem cotovello. Na curva os pignons dos predios de um lado confundir-se-hiam enlaçados com os do lado opposto, se os não separasse, no momento em que olho para elles, uma bella faxa de luz doirada e azul, polvilhada de sol.

Em muitos logares, estes pignons, como o resto da fachada, como todo o predio, são ainda os mesmos de ha trezentos ou de ha duzentos annos.

No celebre quadro de Van der Helst representando o banquete dos arcabuzeiros commandados pelo capitão Cornelius Witsen, por occasião da paz de Munster, em 1648, veem-se ao fundo, por uma janella aberta da sala do banquete, na antiga casa da camara de Ams-

terdam, tres predios. Esses predios existem hoje como no tempo de Vander Helst. Apenas dois carneiros brancos que os encimavam no seculo XVII, talvez como taboleta de um açougue, desappareceram; e ninguem differença das demais essas tres casas.

Nas velhas ruas a que me estou referindo, o cotovello de que fallo faz fundo e *repoussoir* ao quadro vivo. Não ha a luz diffusa do pleno campo e das ruas largas e de predios baixos, banhando por todos os lados os objectos. Aqui a luz, de uma transparencia incomparavel, vem unicamente de um lado e cae de cima, como nos *ateliers* dispostos para dar ás figuras a maxima nitidez de linhas e o maximo effeito de claro escuro. E d'ahi, a extranha impressão vivissima que produzem aqui as fórmas exaltadas de relevo pelos effeitos de luz, como nas vistas ao stereoscopo.

Oito horas. Mercado, no Nieuwe Markt, perto de um curioso edificio, especie de castello com cinco torres redondas, do seculo XV, em que esteve em tempo o Peso da cidade com o nome interessante de Peso de Santo Antonio.

Chusma de criadas á compra de peixe.

Decididamente as criadas de Amsterdam teem um papel dos mais importantes no aspecto geral da população. Ha tambem os orphãos da cidade, vestidos de casaquinhas de botões de cobre polido, bipartidas verticalmente, como os bonnets, metade em preto e metade em escarlate. Ha as orphãs, vestidas egualmente de vermelho e preto, com toucas brancas encantadoras, um pouco de monjas, um pouco de castellãs feudaes, sempre de luvas até os cotovellos e fichu de cassa branco encruzado no seio, á Maria Antoinette. Ha ainda os bombeiros, de capacete, calção largo e bota ao joelho. Ha os agentes de policia de uniformes eguaes aos dos *policemen* de Londres. E ha os empregados de pompas funebres, de casaca de côrte, tricorne á Bonaparte, e grande faxa de crepe pendente do chapeu e enrolada no braço. São outras tantas especialidades da população.

Mas a criada domina tudo, reina por toda a parte, puxa pelos olhos, attrahe toda a primeira attenção de quem chega. Tem uma especie de

uniforme: o grande avental branco, pequena touca branca, redonda, orlada de um folho encanudado, presa á barba; vestido liso, curto, prendendo para traz por um alfinete ou por um botão e enfolando em *pouf*. Todos os vestidos são do mesmo padrão claro, de fundo branco ás riscas azues, côr de rosa ou côr de lilaz, e os sapatos de entrada abaixo, apertando em laço e descobrindo as meias listradas como o vestido.

Tão frescamente vestidas, de cabellos côr de milho, escrupulosamente penteados em bandó e enrolados alto sobre a nuca, reunidas em Nieuwe Markt, com os seus cabazes no braço, ligeiras, engraçadas, tocadas inexprimivelmente por um não sei que de grave, ellas fazemme, na feira, o effeito de um *rendez-vous* de meninas n'um baile de jardim, escolhendo pares para a valsa n'um *cotillon* matinal.

As ruas começam a encher.

Carruagens dos *tramways*, atulhadas.

Na onda da multidão adulta conflue repentinamente uma onda menor, de creanças. São estudantes de um e de outro sexo que vão para a escola, destacados ou em grupo entre si, mas nem um unico acompanhado de pessoa crescida.

Alguns rapazes, com a apparencia dos meninos mais bem educados, jaleca preta, collarinho de prato, calção curto, fumam arrojadamente fortes charutos.

As meninas de doze ou quatorze annos, esveltas, altas, bem vestidas, vão sós como os rapazes, com o chapeu de chuva debaixo do braço, os livros suspensos de uma correia.

No Singen faz-se a feira das flôres.

As barcas que chegam, carregadas, parecem grandes massiços de jardim fluctuando na agua. Atracam ao caes, descarregam e esperam ahi que o mercado termine, a fim de guardarem as flôres que sobram n'esse dia para a venda do dia immediato.

As floristas pernoitam a bordo com a mercadoria.

Toda a barca hollandeza tem á pôpa uma casinholasinha, que serve de camara ao habitante, e que abre para fóra n'uma pequena porta

pintada de verde, de dois batentes guarnecidos de um vidro. Em uma das barcas cheia de flôres, de begonias, de resedas, de dahlias, de roseiras, de fuchsias, os dois vidros da porta entreaberta teem uma cortinasinha de cassa branca. Vejo dentro, no exiguo beliche, uma cama branca, das dimensões de um berço. Ao pé da cama, um espelho de um palmo e uma touca pendente. Fóra da porta, no espaço de menos de meio metro, entre o beliche e o costado da ré, um tição de turba arde na marmita hollandeza de tres pés, e ao fogo chia uma chaleira de cobre polido, com a pega de porcellana. Ao lado, um sobre o outro, para aproveitar o espaço, repousam dois *sabots* de rapariga, pintados de branco. É a casa, a cozinha, o armazem e o escriptorio da florista.

Vou a correr, buscar a minha mala á estação do Rheno, e volto ao Dam ao meio dia.

Entro no Palacio Real e visito-o rapidamente.

Este edificio, construido pelo engenheiro Jacobson van Campen, no seculo XVII, para servir de palacio do conselho municipal, assenta no solo sobre 13:659 *estacas*. Inspirado no stylo magnificente da Italia, corrigido pelo espirito regular do hollandez, é uma grande e imponente massa de 80 metros de fachada, ornada de um frontão e de um zimborio. Pesado, monotono, carrancudo como a Ajuda em Lisboa.

O interior, mobilado pelo rei francez Luiz Napoleão, conserva ainda todos os moveis e toda a decoração pretenciosa e dura do tempo da caserna triumphal do primeiro imperio. São as mesmas cadeiras á grega, os mesmos leitos, as mesmas commodas, os mesmos armarios e os mesmos tremós, ornados em bronze com lyras, esphinges, pyras ardentes, capacetes e estandartes de guerra. Apenas os tapetes de Gobelins foram substituidos por modernos tapetes hollandezes, magnificos, tão bellos como os de Smyrna ou da Persia.

Um troço de viajantes, com os chapeus na cabeça e o guia Baedeker de capa encarnada debaixo do braço, percorrem a passo dobrado os aposentos, conduzidos pelo cicerone local, o qual, n'um espirituoso improviso, tão antigo como o proprio monumento, nos explica as ra-

zões psycologicas porque tão perto da estatua de Venus se acha a estatua de Marte. «Uns dizem: porque as victorias da guerra levam ás conquistas do amor; dizem outros: porque as illusões do amor levam aos desenganos da guerra.»

Para dizer com o genero architectonico do edificio, o discurso é ainda, como a casa, um mau trocadilho italiano saboreado por uma boa ingenuidade amsterdamense.

Tres coisas me ficaram de memoria depois d'esta veloz corrida, com corda de rhetorica para meia hora, atravez dos reaes paços da cidade de Amsterdam.

Em primeiro logar, as *grisailles* de De Whitt, que decoram a fresco os muros de algumas salas e principalmente as sobreportas da casa de jantar. Não se pode levar mais longe o effeito do claro-escuro. A par de um baixo-relevo em marmore, vigorosamente illuminado pela obliquidade do dia, a *grisaille* de De Whitt, representando outra esculptura semelhante, sómente se distingue um quasi nada da esculptura verdadeira pela circumstancia de parecer mais marmore do que a propria pedra.

Em segundo logar, me lembra o ter visto alguns marmores cobertos e deshonrados por uma espessa camada de tinta de oleo. Uma das vereações, que habitavam o palacio quando elle era casa da camara, *fecit*.

Terceira e ultima coisa de que me recordo: Entre as bandeiras que fazem trophéu na enorme sala de baile, ha uma bandeira portugueza tomada a um dos nossos regimentos na guerra do Brazil com a Hollanda. Isto unicamente me teria de certo esquecido, se não se desse a mais que essa bandeira é ornada, como emblema de guerra — não imaginam com que?—com um Santo Antonio! Não o commento. Digo apenas uma coisa: Elle está aqui muito socegado com os de Hollanda, tendo ainda um resto de menino ao collo, complacente e feito com elles, a vêr dar á perna o rei inimigo em noites de baile na capital hollandeza. A gente, lá em Lisboa, continua a arruinar-se em contas de fogueteiro e em carregamentos de funcho e outros verdes, de cinco

leguas em redondo, para festejar no seu santo e milagroso dia este respeitavel sujeito. Ah! bom pôço! que é onde na minha terra o ensinavam, suspendendo-o n'um barbante pelo pescoço, a fugir assim á devoção dos fieis e a ir fazer os milagres ao inimigo!... Mas não commentarei, repito-o.

Ao sair do Palacio Real fui á Bolsa, que fica ao pé na mesma praça, e representa por fóra uma especie de templo grego, no gosto divertido das noites de trovões e da egreja da Madalena em Pariz.

Um aviso á porta faz-me saber que se paga 25 centesimos de florim para entrar e que se não fuma. Deito fóra o meu charuto e o meu tostão, e penetro no santuario.

Vasto casarão, cheio de gente e cheio de bulha.

Em torno de mim, dezenas de figuras vagamente conhecidas, sujeitos que eu deveria ter visto no Porto em pequeno, ha trinta annos.

Eram com effeito approximadamente assim, na minha meninice, os bons burguezes portuenses. Os ultimos que restavam d'esse feitio acabaram. Uns morreram, outros apelintraram-se na politica conservadora, pacifica, intrigante e chilra d'estes ultimos vinte annos. Não a politica revolucionaria que fazia o Passos José, conspirando na sua casa de Viella da Neta, ou agitando as massas no largo dos Loyos, de grande sobrecasaca desabotoada, a abanar, o chapeu alto deitado para traz na cabeça, as calças curtas de alçapão na bocca do estomago, batendo no hombro aos logistas e chamando *patriota eximio* a todo o mundo. Não essa politica de jacobinismo burguez, um tanto fanfarrona, mas boa creatura no fundo, tendo que perder, e não fazendo senão isso—perder—para ter o gosto de pôr o capacho da escada á janella quando passava o Costa Cabral, o *favorito da corôa*, como fizeram na rua das Flores de uma vez que elle lá foi como presidente do conselho de ministros, em estadão. Cascavam-lhes para baixo nas decimas, e apanhavam tambem a sua cacetada, por essas e por outras que taes. Mas elles vingavam-se de quando em quando, pondo por seu turno em estillas ou deixando arrasado para toda a vida um caceteiro.

Quando liam á noite no *Periodico dos Pobres* ou no *Braz Tisana* as ladroeiras do governo em Lisboa, gritavam «Morra!» em familia; e, terriveis, coziam ás facadas a pescada cosida com batatas do Douro e com cebolas de Campanhã que tinham para a ceia.

Ao fundo tetrico das suas lojas, por traz do balcão, defronte da carteira de pau d'oleo com o tinteiro de latão amarello comprado na Banharia, tres pennas de pato nos buracos, ao cheiro acido dos baetões novos, de chapeu alto na cabeça, capote bandado de veludo aos hombros, pés n'uns socos, nunca elles deixaram de ranger os dentes ao passar na rua algum dos quatro ou cinco unicos fidalgos que então havia na cidade: o da Torre da Marca, o de Santo Ovidio, o da Bandeirinha, o da Fabrica ou o do Pôço das Patas.

Agora são fidalgos todos, e algum que o não seja ainda, vae sel-o breve, para as proximas eleições, ou para a proxima visita de sua real magestade á cidade da Virgem.

É fidalgo o antigo José dos queijos, é fidalgo o Antonio dos pannos crus, é fidalgo o Manuel das drogas, á Porta de Carros! Seja pelas cinco chagas de Christo...

E teem clubs politicos—nos limites da carta e dentro da ordem, já se vê—onde vão ás noites—por que horas!—discursar, decidindo por suas cabeças se o governo da nação se acha nos casos. Porque, não se achando nos casos, lá estão elles, e botam-o a terra. Para isso se carteiam com um Luciano de Castro, com um Thomaz Ribeiro, e alguns até—affirmam-o elles pelo menos—com o proprio sr. Fontes!

A ultima vez que lá estive ia todo o pessoal d'essa burguezia de cambulhada para o *Paço*... (Assim chamam—por troça, cuido—á antiga Casa dos Carrancas). Recebia el-rei os de sua côrte n'esse dia, e ninguem via senão casacas pelos Clerigos acima, e gente de lingua de fóra a molhar os dedos para enfiar as luvas brancas pela Cordoaria adeante, sem contar os que iam puxados a muares, no Americano, por meio tostão.

Tinham-me acabado com toda a raça dos antigos, assim como me tinham acabado com as «tortas» da rua de Santo Antonio, com a rua

das Congostas, com a tão pittoresca Porta Nobre, com a velha e bemquista Banharia, com a honrada rua dos Mercadores, com a flamenga rua da Reboleira, com as merendas a Quebrantões, com os jantares «pelo rio acima», com tudo emfim quanto fazia a tradição, a gloria e o encanto historico e artistico do meu burgo natal.

Pois foi na Bolsa de Amsterdam que, bem inesperadamente, tornei a ver os typos meus conhecidos da infancia.

São as mesmas caras sem bigode, de boccas descobertas, vigorosamente contornadas, fechando com a firmeza caracteristica dos homens fortes e tenazes. São as mesmas sobrecasacas abertas; os mesmos grandes chapeos; os mesmos colletes de trespasse; as mesmas gravatas altas de setim preto; as mesmas calças curtas e estreitas; as mesmas botas de cano, inteiras, de duas solas, escrupulosamente engraxadas.

Respiram todos saude, e campeiam amplamente e solidamente no chão como a gente bem equilibrada na vida. Teem o arredondado massiço e pesado do bom milhão e do bom penso. Sente-se-lhes no bolso da sobrecasaca a carteira bem recheiada, e sob o collete o estomago bem mantido esmoendo um almoço caro.

Encontro um hollandez de Harlem, meu conhecido da sala de jantar do hotel, o qual me aponta alguns ricaços. São em geral physionomias expressivas, mas duras, perspicazes e asperas, de gente capaz de pensar coisas profundas ou coisas brutaes, rebelde porém á banalidade, incompativel com a toleima.

A essa categoria pertencem alguns judeus de origem allemã e russa.

Os judeus portuguezes e hispanhoes são menos poderosos, e fazem parte, quasi todos, da geração do bigode. Distinguem-se bem pela barba castanha e fina, pelo cabello annelado, pela saliencia dos beiços, pelo perfil acarneirado, pelo olho de ovelha.

Muitos homens á moda, alguns novos, de vinte a trinta annos, vestidos á ingleza, gravatas claras, *jaquetes* abotoados, chapeos baixos.

Ao sahir da Bolsa, ás tres horas, ou n'um intervallo de negocios

todo o negociante de Amsterdam passa por casa de Focking, e toma um calix de curaçáo e um biscoito.

A venda de Focking fica perto do Dam ao fundo da passagem Damstraat, n'uma velha rua estreita e escura.

Por cima da porta, n'uma pequena taboleta destingida, quasi apagada, o famoso *homem selvagem*, timbre do estabelecimento. A loja conserva religiosamente a mesma guarnição que tinha ao fundar-se, ha duzentos annos. As paredes são revestidas de prateleiras de pinho, occupadas por garrafões barrigudos ou garrafas d'alto gargalo, de vidro preto. Á esquerda da pequena porta de entrada fica um recànto envidraçado onde se recolhem as duas mulheres que vendem, de avental e touca. N'este gabinete a mobilia consta de uma estreita carteira, dois mochos de pau santo cobertos de veludo preto de Utrecht, um espelho da mesma madeira, no stylo jesuitico dos chamados espelhos de sacristia, e a lata verde dos biscoitos. Ás quatro horas da tarde, em setembro, a escuridão do local obriga a accender luz: dois candieiros de azeite em placas de lata pendurados no muro, e uma vela de cebo n'um antigo castiçal de cobre ao lado da espevitadeira respectiva. Sobre o balcão de pinho, desgastado pela escova, meia duzia de copinhos de pé, emborcados, e uma celha de madeira, em que corre sempre agua fresca de uma bica e onde se lavam os copos á medida que servem. Do lado opposto á celha, no outro canto do balcão, um tachinho de barro vidrado verde e amarello, com a brasa de turba para accender os cachimbos — e — detalhe ainda mais tocante e mais caracteristico, uma pequenina cuia de pau com uma colherada de gomma fresca, renovada todas as manhãs á hora da Bolsa, e destinada a fechar as cartas na falta de obreia no tempo em que se não usavam ainda os *enveloppes* premunidos de cola.

Em casa de Lucas Bols, o outro distillador egualmente celebre, a tradição respeita-se com egual intensidade de culto, mas sob outras fórmas liturgicas.

Na venda de Bols, em Kalverstraat, a loja representa uma sala hollandeza do seculo XVI. A mobilia é antiga, mas a installação recente.

Cadeiras de carvalho cobertas de veludo verde pregado com pregos de cobre polido, larga chaminé ornada com uma guarnição de pratos e potes de antigo Delft, paredes forradas de couro, tapete vermelho, lustre suspenso, placas applicadas á parede, em cobre, no stylo da Renascença, e ampla illuminação a velas de cera.

Os frascos do aniz e do curaçáo vermelho são de faiança azul e branca de Delft, marcados com a data da fundação da casa, 1575.

Quiz ter meia duzia d'estes frascos cheios de curaçáo branco e verde. Impossivel satisfazer, por qualquer preço que fosse, esta encommenda. Nos frascos de faiança *não é costume* engarrafar senão curaçáo vermelho. O curaçáo verde e o branco vendem-se em garrafas de vidro preto ou em botijas de barro. Nem por todo o oiro d'este mundo, quanto menos pelo meu, se transgrediria o *costume*, lei inviolavel na Hollanda.

Á noite, por conselho de um hollandez com quem me tinha encontrado pela manhã ao almoço á mesma mesa no Café da Bolsa, vou jantar ao restaurante *Karseboom* em Kalverstraat.

Karseboom, cujo titulo significa *Cerejeiro*, tem mais de cem annos de existencia, e é um dos mais antigos restaurantes de Amsterdam. O seu aspecto é modesto, recolhido, pacato. Duas janellas veladas por um *store* de arame azul sobre a rua, um pequeno letreiro por cima da porta, a entrada pelo corredor, ao fundo, á esquerda. É principalmente frequentado pela classe commercial, pelos guarda-livros e pelos caixeiros celibatarios. Alguns ricos negociantes, que no verão residem no campo ou nas praias, o proprio sr. burgomestre, quando a familia de s. ex. se acha a banhos em Schewenigue, vão jantar ao *Karseboom*, sempre que negocios os obrigam a ficar á noite em Amsterdam.

No Panopticum ou no Bignon o jantar de café tomaria para estes personagens um ar incorrecto, quasi patusco. O *Karseboom* é uma especie de succursal das casas de jantar de familia.

—É n'este restaurante—tinha-me dito o meu amavel *cicerone*—que v. encontrará ainda, em toda a sua ingenuidade e em toda a sua pureza classica, a velha cozinha nacional da Hollanda: a cerveja do paiz,

muito mais leve e muito mais fresca do que as cervejas da Inglaterra, da Allemanha, da Austria ou da Noruega; o historico *hutspot,* espessa *purée* de legumes; a *bouillie*, a *roomtaart*, o *dik melk*, excellente requeijão brando que se come com canella, assucar e um biscoito esfarelado.

No café, duas salas contiguas, communicando uma com a outra por meio de uma escada de quatro degraus. Cerca de vinte e cinco mesas, a cada uma das quaes abancam duas a quatro pessoas.

Falla-se geralmente hollandez. A duas ou tres mesas apenas, o allemão. Conversa-se pouco e em voz baixa. Os frequentadores tomam assento, lançam uma vista de olhos á lista, encommendam o jantar, atam o guardanapo ao pescoço, estendem na toalha os papeis que trazem na algibeira, e, emquanto os não servem, ajustam as suas contas ou coordenam os seus apontamentos n'um livro de lembranças.

A maior parte das pessoas pedem uma sopa, um prato de carne e um prato de legumes. Misturam a carne e os legumes no mesmo prato, alargam os cotovellos, trincham de uma vez em pequenos bocados, cobrem o cuculo com o mòlho que ficou na travessa, e devoram tudo em seguida, a grandes garfadas, com uma voracidade machinal, tão cheia de zelo quanto destituida de sensualidade.

Raros comem pão, mais raros pedem sobremesa, mais raros ainda bebem o que quer que seja.

Esvasiado o prato, pagam á pressa, accendem um charuto ao bico de gaz posto na humbreira da porta, e vão beber cerveja para outra parte, ao club, lendo ao mesmo tempo uma revista, ou a um café de porta de rua, vendo passar a multidão que circula á noite em Kalverstraat.

Aos sabbados toda a cidade de Amsterdam é revirada com o de dentro para fóra. O sabbado é o dia especialmente consagrado ao asseio. Nas casas de habitação, nos armazens, nas lojas, nos escriptorios, é tudo remexido, espanado, sacudido, escovado com um zelo, com uma furia, com um fanatismo que toca as raias do delirio.

Comprei uma collecção dos utensilios de limpeza empregados pe-

las criadas de Amsterdam no serviço da casa. A minha collecção, aliás incompleta, consta de trinta e seis peças differentes, e constitue o mais curioso documento ethnologico.

Ha espanadores de todas as fórmas imaginaveis, para os tectos, para as paredes, para os cantos da casa, para os cortinados de lã, para os cortinados de veludo, para os cortinados de chita. Escovas e pinceis para as mobilias, para os moveis polidos, para os moveis de talha, para os moveis estofados, para os moveis capitonados. Teem as dimensões e as fórmas mais variadas, mais diversas, mais perfeitamente adequadas ao fim a que se destinam. Umas são redondas ou arredondadas, com uma aza para segurar a mão; outras quadradas ou quadrilongas, outras triangulares, com cabo; outras cilindricas, terminando em bico, para as concavidades dos embastamentos nos moveis acolchoados; outras esguias, em gume, para as pregas dos estofos; outras curvas, em meia lua, para as prateleiras dos armarios. Ha-as de esparto, de junco, de cabello, de corda, de piassaba, de lã; umas empregam-se para lavar a faiança, outras para esfregar as caçarolas, outras para engraxar os fogões de cozinha, outras para polir os objectos de bronze, de aço, de cobre ou de estanho, outras para ensaboar a roupa. As de lã applicam-se na lavagem e na limpeza das banheiras, dos baldes, dos conductores de lavatorio, e de outros objectos de zinco pintado. As escovas destinadas aos parquets e aos soalhos tem variadas configurações, segundo se empregam nas pranchas lisas, nas frinchas, nos angulos dos muros, por traz ou por baixo dos moveis. Entre os pinceis ha uns de junco, em lascas, para humedecer a roupa de gomma borrifando-a com agua, outros de pello longo, para encabar, mais asperos ou mais macios, para lavar os tijolos da frontaria das casas e para lavar as vidraças. Nas rodilhas, toda uma categoria perfeitamente definida, desde a rodilha mais fina, de camurça, para limpar o cristal e o vidro, até a rodilha mais grossa, de estopa, para lavar o marmore. Uma engenhosa péga, tenaz quadrada, de zinco ou de cobre, articulada em todas as direcções, fixada por parafusos, tem por fim prolongar o comprimento do braço a todas as alturas da casa, fazendo

chegar a qualquer sitio um panno de limpar, tão dextramente empunhado n'esse instrumento como na propria mão. Acrescentem ainda ancinhos, pás, chibatas, lixas, esfregões, esponjas, rapadores, escarafunchadores, e mil ingredientes, como soda, potassa, benzina, saponaria, ammoniaco, branco de Hispanha para os vidros, esmeril para o ferro, pó de carvão para o cobre, etc., etc.

Concluido o arduo e meticulosissimo trabalho da *toilette* do ménage, a criada de Amsterdam procede nos sabbados, ao fim da tarde, á sua propria *toilette*. Veste-se toda de fresco, vestido ás listas azues claras ou côr de rosa, avental branco, cabello nitidamente anediado e enrolado sobre a nuca na pequena touca de cambraia engommada. Concedem-se-lhe em seguida tres ou quatro horas de liberdade, e as criadas de Amsterdam vão passear.

Os tripolantes de todos os navios surtos no Y veem á cidade a essa hora. As lapidarías fecham ao sabbado, como todos os estabelecimentos israelitas. Os officiaes de officio despegam mais cedo. Uma multidão enorme, que parece sair de baixo da terra, pullula e fervilha nas ruas estreitas e tortuosas dos antigos bairros centraes, ao accender do gaz. As carruagens não podem circular senão a passo e n'uma só direcção das ruas mais concorridas. Os cafés enormes, cheios de fumo e de vapores de cerveja, transbordam de gente sobre os passeios. Uma multidão mais densa que a da *City* em Londres ás duas horas da tarde, perpassa, cerrada hombro com hombro, despejando-se ás golfadas, das ruas confluentes, no Dam, em Sophiaplein, em Sophiapark, em Heerengracht. Fallam-se todas as linguas: o hollandez, o flamengo, o sueco, o russo, o inglez, o chim; e, por entre os sons aspirados e guturaes dos idiomas do norte, canta de espaço a espaço no ar o timbre atenorado da lingua franceza e da lingua italiana.

Esta multidão tem um caracter *sui generis*, sem analogia alguma com a do Boulevard, tão especialmente artistica, nem com a de Regent-Street ou de Pall Mall, tão particularmente correcta. Em Londres e em Pariz, assim como em Bruxellas, em Madrid e em Lisboa, a população de cada bairro apresenta uma physionomia particular, raramente

se mistura, nunca se confunde com a população de outro bairro. A gente da Avenida da Opera e a gente do Faubourg Saint-Antoine, bem como a gente do Chiado e a gente de Alcantara, são gentes diversas, são quasi povos distinctos. Em Amsterdam desconhecem-se inteiramente estas *nuances*. Aqui o povo é um unico, compacto, inteiro, indivisivel. D'elle se poderia dizer com Rabelais; «Qualquer que seja a diversidade de hervas que se juntem, o todo é salada.»

Como está longe, isto, d'esse publico escolhido que até agora eu tinha visto nos centros das grandes cidades: publico engravatado, publico burguez, incarecteristico e banal, composto de funccionarios e de capitalistas, de janotas, de actores e de pedicuros, de senhoras e de *cocottes;* publico de mãos sujas ou de mãos lavadas, mas sempre de mãos brancas; publico de chapeus altos e de cuias, arrastando lamentavelmente a moda dos ultimos quatro ou cinco annos, n'uma média de figurino, requintado ou esmorecido de individuo para individuo, desde o que a *toilette* tem de mais pomposo até o que ella tem de mais pobre!

Nas demais cidades a população acha-se dividida por categorias, como nos theatros, segundo o preço dos logares; ha entradas e saidas especiaes para os da galeria, para os da platéa, para os camarotes, para a superior; e o espectador de um logar de libra não se encontra nunca com o de um logar de tostão. Amsterdam é como a sala geral, com um preço unico para toda a gente. Pelo aspecto vivo da cidade, á noite, dir-se-hia que a população inteira foi mettida dentro de um saco, como as bolas de um loto, sacudida, misturada e despejada de repente á rua.

Na grande onda que passa vem englobado tudo. Em qualquer pedaço d'esta multidão, talhado ao acaso, nas duas embocaduras de uma rua, ou sobre uma ponte, se encontraria representado o paiz inteiro: o burguez rico, o lojista de Amsterdam, o commerciante da India, o empregado publico, o proprietario rural, o patricio, o magistrado, o operario, o marinheiro, o vaqueiro, o artista.

Acotovelando-se com os burguezes e com os viajantes no apertão

de Kalverstraat e do Ness, passam os soldados, loiros, imberbes—porque o serviço militar começa na Hollanda aos dezesete annos—tenras figuras de adolescentes vestidos de azul escuro, com um ar sympathico de caloirinhos, cheirando muito mais a feno e a sol do que a polvora e a quartel; os padres catholicos, de sobrecasaca comprida, calção e meia preta, chapeu de castor sem lustro e charuto nos beiços; os maritimos, de jaquetão curto de panno piloto, camisa de flanella cinzenta, barbicha ruiva em tufo no queixo, e brinco de oiro em argola na orelha; os operarios dos estaleiros, das distilarias e das docas, de camisola de lã e bonnet; os homens do campo e os operarios da provincia, vindos em turmas das suas terras para visitar a exposição, vestidos de panno preto, chapeu alto ou bonnet de viseira, lenço de seda preta enrolado em duas voltas ao pescoço, sem collarinho, laço de fita de côres na casa para não se perderem uns dos outros, quatro a quatro ou seis a seis de braço dado, cantando em côro a todo o volume da voz uma aria nacional ou uma canção do Tyrol.

E cada um d'estes homens, quasi todos fortes, espadaúdos, bem mantidos, de cabeça alta, de olhar sobranceiro, tem o aprumo de quem passeia sem ceremonia n'uma casa de que é dono.

Os typos physionomicos accusam bem as tres principaes raças que constituem a população hollandeza; a raça franca, a raça saxonia e a raça frisòa.

Uns seccos, nervosos, de perfil aquilino e agudo, como o do sargento de chapeu de pennacho e fraise encanudada que está de alabarda ao hombro á direita do tambor, na *Ronda* de Rembrandt.

Outros, gordos, espessos, fleugmaticos, louros, como os beberrões nas boas merendas e nas fartas ceias de Steen ou de Van Ostade.

A raça frisòa, segundo as lendas d'essa poetica provincia, é oriunda da India, veiu das margens do Ganges, de uma antiga região sagrada, governada, seculos antes de Jesus, por Adel, descendente de Sem, filho de Noé. O aspecto d'este nobre povo parece a confirmação da poetica lenda que envolve a historia da sua genealogia. Os homens são robustos, bem feitos, e teem na expressão delicada da physionomia,

no fundo do olhar azul, não sei que de mysteriosamente energico e firme, um relampejar de intima altivez, a vibração de um nativo orgulho de casta immaculada, o que quer que seja que exprime, a quem os olha de frente e de perto, que nenhum d'elles poderá ser jámais um adulador ou um intrigante, um cortezão ou um servo.

As mulheres da Frisa são de um encanto estranho. Muito altas, direitas, serias, caminham todas—as mais humildes, as mais obscuras—com uma magestade simples, de princezas, e teem nas maneiras uma graça altiva, casta, ondulante e fria, que lembra a origem aquatica que se lhes attribue como filhas de antigas sereias do Mar do Norte. Os pés estreitos, as mãos longas e afiladas, o pescoço alto, o busto vigoroso, o vestido preto que todas usam, liso, cingido ao corpo, comprido, de mangas justas e curtas, completam a expressão eminentemente aristocratica d'estas figuras sacerdotaes, de uma belleza quasi sagrada, como a dos marmores classicos da esculptura antiga. O toucado frisão, de uma retrospectividade bysantina, envolvendo-lhes a cabeça em renda e em placas de oiro polido, imprime-lhes uma feição cultual, uma vaga analogia de sacrario e de altar. O tradicional capacete, casco de oiro em duas peças, semelhantes na fórma a uma dupla cobertura destinada aos dois hemispherios do cerebro, cobre-lhes inteiramente o craneo, escondendo o cabello com uma austeridade guerreira, deixando apenas desvestido o espaço da fronte e o alto da cabeça envolto em renda branca.

Algumas d'estas physionomias de donzella são inteiramente insexuaes, de grandes olhos suaves, o rosto do mais correcto oval, o nariz longo e fino, a bocca cortada n'um traço recto, innocente e calmo, sem vestigio algum do movimento de qualquer musculo em que vibrasse a malicia, o appetite ou o desdem, bellezas de uma serenidade gothica, não contaminada pela nevrose dos seculos de analyse, errantes n'uma especie de somnambulismo nostalgico e anachronico entre as paixões modernas, taes como os poetas contemporaneos poderiam apenas imaginal-as, brancas e frias, coroadas de boninas, com um lirio na mão, esculpidas em alabastro e deitadas sobre um tumulo feudal, ou de es-

capulario de monja, com a cabeça aureolada por um disco de luz, n'uma vidraçaria de cathedral entre as companheiras de Santa Ursula.

As da Hollanda meridional ornam as fontes com joias de oiro salientes em espiral, da fórma das molas de aço nos moveis estofados.

As da Norte Hollanda, com a fronte cingida de um diadema de oiro, muitas vezes cravejado de pedras preciosas, e abrindo em duas laminas quadradas nas fontes, teem alguma coisa das cabeças de esphinge, com cuja expressão mysteriosa se coaduna bem a fórma especial dos seus olhos, profundos, côr de mar, levemente obliquos, com o vertice do angulo exterior um pouco mais alto que o outro.

O aspecto da mulher da ilha de Marken contrasta singularmente com a elegancia da frisôa e da norte-hollandeza. A de Marken é de fórmas espessas, pesadas, de uma musculatura de acrobata, mais baixa que alta, de largas ancas, seios grossos, artelhos pachidermicos, pés enormes. Mulher de carga ou de tiro, solida como uma egua *percheronne* ou como um boi barrosão. Usam ainda, quando veem a Amsterdam, como na pequena ilha do Zuyderzée, o traje da sua tribu no seculo XIV. Uma saia grossa de duas côres, a parte superior cinzenta ou azul ás riscas pretas, a parte inferior côr de pinhão, e um corpo de mangas curtas, inteiro e liso como couraça, de panno escarlate recamado dos mais trabalhosos bordados a lã e a seda; touca branca de linho engommado, alta como uma mitra, atada por baixo da barba, deixando pender de cada lado sobre o seio dois rolos do cabello em sanefa sobre os olhos e cobrindo a testa com uma grossa viseira de reflexos arruivados, dura e aspera como esparto curado e brunido ao sol; meias de lã e sapatos de couro grosso de duas solas, quasi redondos, apertados em laço como os das mulheres gallegas.

Os homens de Marken vestem um calção larguissimo de panno grosso franzido e afivelado por baixo do joelho; meias de lã pondo em evidencia os musculos da barriga da perna; solidos sapatos de caça cingidos ao tornozello por atacadores de couro; jaqueta cinzenta, justa, lisa, entrando no calção, presa ao coz por grossos botões de prata em torno da cintura, e abotoada no peito por duas ordens de moedas ou

de medalhas de oiro, de prata ou de cobre. Gravata de lã e gorro de pelles. Bellissimo costume, ao mesmo tempo elegante e austero, marcial e commodo, o mais proprio para a caça e para a guerra, para a marcha, para a luta, para o trabalho.

Os da Zelandia usam tambem ainda o calção largo, o collete vermelho cingido por um cinturão de couro, jaleca curta, chapeu desabado de feltro alvadio.

O chapeu da zelandeza é de palha tubular, como na Flandres belga; um cilindro semelhante ao cano de uma bota de montar entrando na cabeça pelo lado da cava.

Attrahida pela exposição, toda a gente do campo vem n'este momento a Amsterdam, e os typos das differentes provincias neerlandezas desfilam assim em revista, todas as noites, diante dos viajantes commodamente sentados á porta dos cafés.

Nos sabbados, porém, uma ponta de febre, um ameaço de delirio parece subir á cabeça d'esta multidão tão espessa, tão pittorescamente matizada, tão sinceramente feliz por se achar á solta, com trinta e seis horas de descanso diante de si para se espojar na liberdade, grandiosamente.

Toda a gente falla uma com a outra sem formalidades, como se todos se conhecessem. Não ha noção alguma d'aquillo a que se chama o respeito nos paizes em que cada um se julga um pouco mais ou um pouco menos do que o individuo que lhe fica á direita ou que lhe fica á esquerda na fila.

Em todas as cidades da Europa existe uma média de cultura que dá ás classes mais educadas uma norma commum de existencia, habitos, maneiras e usos analogos. Ponho fóra da minha analyse, com relação a Amsterdam, esta porção de individuos que são em toda a parte os depositarios do cosmopolitismo que as communicações de civilisação impoem em diminuição do caracter nacional a todas as sociedades modernas. É do povo propriamente que estou fallando e é o povo que predomina no aspecto geral da população amsterdamense, imprimindo-lhe uma physionomia especial, unica no mundo, sobre a

qual ha sempre uma vaga palpitação de kermesse que vae começar, que vibra mysteriosamente e ameaçadoramente no ar.

A municipalidade de Amsterdam prohibiu recentemente a kermesse, a famosa kermesse da cidade, no mez de setembro. Não se conseguiu realisar esta suppressão sem grandes precauções attenuantes. Começou-se, para não arremetter de repente com o uso de muitos seculos, por fixar de longe um praso d'annos, ao cabo do qual, a kermesse, successivamente attenuada pela intervenção policial, cessaria emfim de todo. Esse praso expirou este anno, e a kermesse de Amsterdam acabou. Todas as pessoas cultas e graves se congratularam vivamente por esse facto e applaudiram com ardor a abolição d'esse costume selvagem, improprio de um seculo em que as luzes do espirito, etc.

A argumentação contra a kermesse era em Amsterdam a mesma que em Lisboa se produz contra as touradas. José Prudhomme falla em toda a parte a mesma lingua e por toda parte conquista eguaes triumphos. Que o conselheiro Arrobas não desanime! Ha de lhe chegar tambem o seu dia. As pégas acabaram já, e o resto da tourada egualmente desapparecerá em breve. O espirito do seculo, ou o dos nobres conselheiros que dirigem o seculo—o que vem a ser a mesma coisa—condemnou a tourada, ella acabará dentro em pouco como acabou a kermesse.

E todavia...

Está-me lembrando que uma noite jantava eu n'um restaurante em Londres, com o meu querido amigo Eça de Queiroz. A corpulencia athletica de dois criados que nos serviam á mesa fez-nos impressão. Eram dois colossos de casaca preta e de gravata branca. Serios, perfilados, com a gravidade feudal do criado inglez, flôr d'arte, producto servil de quatro seculos de decencia, os dois homens que se inclinavam reverentemente sobre o nosso hombro para receberem ao ouvido as devidas instrucções ácerca do *menu*, inspiravam-nos a ambos esse respeito sympatico que todo o artista bem creado consagra a um bello animal de raça, puro e perfeito. A pequena distancia, o *maître d'hotel*, visto de costas, com o seu guardanapo em rolo debaixo do braço, o

cabello loiro separado ao longo da nuca por uma risca nitida e rosada, tinha a magestade enorme de um idolo mongolico e uma solidez d'espaduas propria para segurar o peso de um mundo. Portentoso!

Queiroz, sentado defronte de mim, monocolisava d'esguelha a assistencia e desvestido do seu *pardessus*, em casaca justa, elle, tão grande sempre aos meus olhos como amigo e como camarada, estava-me fazendo como vertebrado o effeito mediocre de uma simples enguia preta, de peito branco, com um vidro n'um olho. Eu proprio me sentia reduzido ás proporções de uma pobre mosca desfallecida em cima do guardanapo que tinha nos joelhos.

—Não somos nada! disse-me Queiroz advinhando o meu pensamento. São estes sujeitinhos os que nos levaram Tanger e Bombaim e nos deram o tratado de Westminster e o de Methuen... Que demonio ha de fazer a nossa pobre raça enfesada em concorrencia com esta! Onde estão em Lisboa tres homens que estes tres brutos não enrolassem e não mettessem debaixo do braço como mettem aqui os guardanapos, desde que para esse fim se lembrassem de ir lá celebrar com elles mais um tratado?...

Eu estava opprimido e vexado representando-me em espirito a passagem triumphante pelo Chiado d'esses tres subditos britanicos monumentosos, cathedralescos, gazometraes, apanhando os nossos janotas pelos passeios, ás pitadas, e mettendo-os para dentro dos chapeus como grillos.

De repente porém acudiram-me á lembrança os nomes, que principiei a citar, de varios toureiros curiosos meus antigos amigos que eu vira por muitas vezes no campo de Sant'Anna, em Villa Franca de Xira, em Salvaterra de Magos, baterem intrepidamente as palmas e atirarem-se á cabeça de bois bravos, não maiores do que os tres londrinos que tinhamos presentes, mas de carrapitos talvez mais duros ao canto do olho, e, sobretudo, de muito menos domesticidade em vir de orelha baixa fariscar á mão o cheiro da gorgeta.

Concluimos emfim que Portugal, sem governos para organisar a moderna educação physica do povo, sem os jogos athleticos da In-

glaterra, sem o *cricket*, o *lawn-tennis* ou o *foot-ball*, sem as regatas tradicionaes de Cambridge e de Oxford, sem as grandes escolas gymnasticas da Hollanda, da Allemanha e da Suecia, sem as associações para as corridas de patinagem da Frisa e da Zelandia, possue ainda assim, herdada dos antepassados, uma bella e profiqua escola nacional do denodo e da força.—a tourada. E, reconfortados no pundonor patriotico, saudamos reconhecidos os manes do marquez de Marialva e cahimos intrepidos e jubilosos sobre o rabo de boi que tinhamos nos pratos,—na fórma de sopa, bem entendido!

Quando em paizes estrangeiros me perguntam quaes são os exercicios physicos na educução portugueza, eu respondo descrevendo uma péga dos touros. Não sei onde é que então se mette o espirito da civilisação, não sei para onde se encolhe o horror da gente civilisada aos espectaculos brutaes. O que sei, e d'isso dou testemunho solemne, é que nunca em paiz culto do mundo, não sómente na Hollanda, mas em França, na Inglaterra, na Allemanha, eu tive occasião de contar o que é em Lisboa, n'uma *tourada de fidalgos*, uma péga de touros, sem que toda a gente exclamasse:—Magnifico! magnifico!

Contrabalanço o valor d'esta observação, descrevendo em seguida as magnificencias espirituaes do Gremio, do botequim do Martinho, da casa Havaneza, dos circulos politicos em cujas sédes tão dissertamente se discreteia sobre os destinos do estado e — pesa-me esfolhar gratas illusões, revelando-o!—noto que o enthusiasmo do estrangeiro é consideravelmente menos fogoso perante esses brilhantes testemunhos da nossa mentalidade civil do que perante o mero e reprehensivel denodo com que pegamos um boi á unha.

Eu bem lhes prego, em defesa da sabia direcção dada pelos poderes publicos á educação da mocidade no meu paiz, que temos espinhelas-cahidas de primeira força, verdadeiramente damnados como piadistas na cavaqueira de luva branca!

Mas que querem? estes infelizes povos septentrionaes, teem a esse respeito velhas idéas arraigadas e não testemunham senão despreso pelos maricas.

Para respeitarem um povo querem-o, primeiro que tudo, feito de homens, e preferem, como cidadãos de um estado livre, os selvagens que dão facadas, aos philosophos e aos letrados que lambem os tabefes que lhes applicam.

Emquanto á kermesse, o meu grande, o meu até agora unico desgosto de artista na Hollanda, é o de não me ser dado assistir a esse tão grande e tão caracteristico espectaculo.

— Era a grosseria mais indecorosa, mais indecente, mais repulsiva! — dizem-me todas as pessoas do meu conhecimento.

Imaginem um enorme entrudo de oito dias, sem caraças. Cobrir a cara e pôr um rabo de macaco, ou vestir uma pelle de urso, para fazer loucuras e para dizer tolices á redea solta, é ainda um resto de pudor, é um disfarçe, é um fingimento, é uma hypocrisia.

Abaixo a mascara! Aqui está o urso! O macaco sou eu!... E d'ahi?!... Appetece-me ser bêsta uma vez por anno: que teem os senhores com isso?... Não o são os senhores mesmos, todos, uma vez por dia, uma vez por semana, uma vez por mez, durante uma hora, ou durante vinte minutos, de noite, escondidos, ás escuras?!... Vamos a vêr agora o que isso é ás escancaras, no meio da rua, ao olho do sol...

— Kermesse! Kermesse!

A este grito de liberdade absoluta, o povo todo desencabrestava, arrombava o touril de uma marrada e sahia a praça, victorioso e bravo, bello e soberbo como um boi fugido ao jugo e solto no campo.

O que é que quer o nobre animal?

O que elle quer, uma vez desencurralado, uma vez desatrellado do trambolho que se pode chamar a charrua, que se pode chamar a disciplina, que se pode chamar o trabalho, é, em primeiro logar, desentorpecer os membros sacrificados á canga, sacudir os nervos, distender os musculos, dilatar o pulmão, desengorgitar o baço, escancarar a bocca ao grande ar livre, cantar, roncar, berrar, urrar, bramir, dançar, cambalhotar na areia molle, rebolar na herva macia.

Depois, que ha de elle querer ainda?...

Quer comer, é claro, quer beber, quer amar, quer dormir, para tornar a comer, para tornar a amar, para tornar a beber.

A kermesse era o espaço livre, o tempo livre, e na relva fofa, a mesa posta, a pipa aberta, a cama prompta.

Theatros de feira, titeres, acrobatas, funambulos, arlequins, cães sabios, mulheres gordas, bezerros aleijados, carrosseis, orchestras, bailes campestres, constituiam a parte artistica da festa.

Tudo mais era carne, carne faminta, carne sequiosa, carne lubrica, carne satisfeita, impudicamente accumulada, como n'uma apotheose enorme da sensualidade, concebida n'um pesadelo vermelho de Rubens ou de Jordaens.

Essa formidavel coisa é simplesmente a liberdade no seu estado normal, no estado physiologico.

Diz-se que ha tambem uma liberdade nos nossos paizes, nos nossos theatros, nas nossas festas nacionaes, nos nossos espectaculos publicos. Haverá, mas é uma liberdade desformada por espartilhos orthopedicos, enfraquecida por aperfeiçoamentos de sangrias e purgas, em tratamento debilitante, com dieta, desvirginada, anemica, pathologica emfim.

Liberdade de pensamento, liberdade de palavra, liberdade de acção — dizem. Sómente estão ali tres sujeitos representando a ordem, representando a opinião, representando a policia. Esses tres olheiros vigiam-nos e não dão licença que pensemos senão exactamente aquillo que elles tambem pensam. O que elles cogitam está escripto n'um livro chamado codigo, de que são elles proprios os depositarios e os guardas. Essa escriptura constitue a lei. Quem a transgride vae preso.

Metade das palavras do vocabulario da lingua, precisamente as mais expressivas e as mais energicas, são prohibidas, porque umas são irreverentes, outras são injuriosas, outras são anarchicas, outras são hereticas, outras são obscenas.

Os actos, desde que cessem de ser puramente automaticos, desde que se enobreçam tomando caracter animal, desde que exprimam a satisfação de uma necessidade organica, de um appetite, de um desejo,

são defesos, todos, ou em nome da policia, ou em nome da opinião. Comer em publico é indecente. Beber é indecente. É indecente não tirar o chapeu, e mais indecente ainda do que não tirar o chapeu é tirar as botas. É indecente apalpar, é indecente cheirar, é indecente gostar.

Já agora, digamos tudo de uma vez: é indecente viver! Esta é que é a asquerosa verdade.

Liberdade incontestavel, liberdade seguramente e solidamente garantida ao povo nos codigos policiaes, não ha senão uma,—a liberdade de estar calado e de estar quieto. Examinem, leiam o codigo, e desenganar-se-hão de que não ha mais nenhuma.

Para mim é pouco.

Por isso amo e venero a kermesse, que é a liberdade integral, completa, absoluta. E não me consolarei jámais de não poder, uma vez pelo menos em minha vida, dar-me o prazer de vêr em festa um povo inteiro, não como a policia o obriga a ser á força nos actos publicos, mas tal como elle realmente e entranhadamente é, na maxima pureza da sua origem, sob as exclusivas influencias naturaes do clima e da raça, pelo temperamento, pelo sangue.

Nas noites dos sabbados em Amsterdam, em Kalverstraat, no Ness, em Nieuwe-Markt principalmente, a kermesse, se não se vê, adivinha-se todavia.

A força nativa da raça, o seu temperamento, a sua educação, essa especie de heliotropia physiologica que atravéz de todos os obstaculos obriga necessariamente este povo a bracejar para a liberdade em virtude da mesma lei que fórça as plantas a crescerem para o lado da luz, manifesta-se a todo o momento; e esta gente, tão mansa quando entregue a si mesma, escabuja formidavelmente sob a coerção policial como um leão nas malhas de uma rede.

Cara a cara com o mais grave, o mais rico, o mais magestatico burguez o infimo operario arregala os olhos, escancara a bocca como a de uma peça de artilheria, e de pernas abertas, barriga empinada, bonnet atravessado na cabeça, entôa n'um vozeirão anarchico e terrivel uma canção de officina. A grizette que elle leva pelo braço olha

recto como de potencia a potencia para as senhoras patricias com quem se acotovella.

O meu desgraçado aspecto hispanhol particularmente antipathico á Hollanda, assim como a barba negra e a tez bronzeada de um rumano de Bucarest meu bom companheiro, parece darem na vista ás raparigas, que nos motejam apontando-nos ao dedo sem o minimo rebuço, fitando-nos com a mais encantadora impertinencia, simulando no gesto de quem torce um gancho a fórma que teriam no seu beiço os nossos bigodes.

Um sujeito caritativo, que vinha passando, julga opportuno dirigir-me a palavra para me dizer explicativamente em francez:

—Meu caro senhor, esta canalha de Amsterdam é a mais atrevida e insolente de todo o mundo.

E eu penso com satisfação na grande differença que dentro da mesma raça germanica distingue o cidadão hollandez do cidadão prussiano. Nas cidades allemãs vi por varias vezes este espectaculo de submissão e de altivez hierarchica, unico talvez na Europa: dois individuos da mesma edade, com a apparencia de uma educação identica, fallarem na rua conservando um d'elles o charuto nos beiços e o chapeu na cabeça, respondendo o outro immovel, perfilado, de chapeo na mão e charuto escondido atraz das costas.

A irreverencia egualitaria da *canalha de Amsterdam* refrigera-me suavemente dos frenesis que me deu em Coblentz e em Francfort a gravidade arregimentada dos individuos de quem dizia o seu compatriota Henrique Heine: que a disciplina da recruta fazia engulir a cada um a bengala que o desancara.

Em Niewe Markt, de costas para mim, um operario moço, vinte annos, grande, athletico, dando o braço a uma especie de baccante, começa a pular com ella, gritando como na kermesse:—*Hossen! Hossen!* De repente surge ao meu lado uma velha alta, de touca zelandeza, um pequeno chale de malha de lã preta em tres pontas cruzado no peito e preso no avental, longos braços nus, musculosos, ossudos, a qual chama o rapaz sacudindo-o por um hombro. Elle volta-se, e a

mulher a quem me refiro, sua mãe evidentemente, espalma-lhe em plena cara uma bofetada estrondosa. Pallido, os beiços tremulos, dando um passo para traz, atordoado, enfiando as mãos nos bolsos das calças, o pobre moço procura em vão articular uma palavra: espirram-lhe as lagrimas dos olhos; e a mãe, agarrando-o por um pulso, leva-o comsigo submisso e docil como um borrego.

N'esta breve scena pareceu-me entrever de repente o fundo de toda a sociedade hollandeza. O povo é como esse homem, para o qual essa mulher é a patria.

III

CAMPOS E ALDEIAS

O caçador de perdizes mais habituado ao campo na minha terra, o mais experiente do monte, o mais perito em reter de memoria a physionomia dos logares, e em marcar os sitios n'um relance d'olhos, por um leve accidente do terreno, pela configuração de uma arvore, de uma pedra, pela côr do solo, quasi pelo cheiro do ar, não conseguiria de modo algum orientar-se, sem instrumentos geodesicos, no campo hollandez.

O solo é inteiramente plano, chato, de uma horisontalidade uniforme, vasto e liso, arredondando-se ás extremas distancias, como o oceano. N'este mez de setembro as terras apresentam o aspecto de um immenso lago de relva curta, macia, de um verde intenso de esmeralda.

Os canaes, de tres a seis e a doze metros de largura, pautam esta superficie com longas fitas d'agua espelhada á flôr de terra, dormente, quasi immovel.

Grandes vaccas brancas, malhadas de preto ou de amarello, de um pello nedio, fino, lustroso como setim, mastigam lentamente, sentadas; olham repletas e pasmadas no vago, reflectindo a enorme planicie verde nas pupilas mansas e luminosas; ou se miram estaticas na agua, em pé — as longas tetas pendidas e pesadas de leite — babando se em longos fios prateados suspensos do focinho humido e tenro, côr de carne, rajado de pintas azuladas como bolor.

No ceu, levemente velado de uma neblina branca, fresca, diaphana, paira um silencio de limbo, quebrado apenas pelo tic-tac do moinho que braceja por conta da viração á beira da agua, no ar aviventado

pelo arripio rasteiro de uma levada de faisões, ou pelo vôo alto e pardacento de algumas cegonhas retardatarias que emigram n'um esfumado traço, lento e saudoso, fugidio no espaço.

O grande pintor moderno Israel soube, como nenhum outro depois de Ruysdael, fixar a expressão moral d'esta natureza, de um encanto tão simples, tão vago, tão indefinivel, e ao mesmo tempo tão penetrante.

Em um quadro exposto no salão d'arte do sr. Francesco Buffa, em Kalverstraat, no primeiro plano de um d'estes longos prados sem limites, em que o verde da vegetação se dilue no horisonte até se fundir no azul, dois adolescentes passam pela borda da agua á beira de um canal: um rapaz e uma rapariga do campo, entre os quatorze e os dezeseis annos, caminhando vagarosamente, calados, ao lado um do outro.

N'essas duas unicas figuras, destacadas da vasta solidão, loiras, scismadoras, tenras e graves, sente se palpitar harmonicamente com a paizagem, como commentario do mysterio da alma ao mysterio da natureza, a psychose da puberdade alvorecendo para a paixão na innocencia de um sorriso casto, a vaga tristeza nostalgica que pronuncia o amor, e a felicidade suprema de ir indo assim triste, para todo sempre, por um caminho fóra.

De espaço a espaço, ao longe, uma ponta esguia de campanario sobresae de uma espessura de choupos e de amieiros e annuncia a aldeia, a villa ou a cidade mais proxima, encoberta, umas vezes pela antiga duna cujo mar desappareceu e que a vegetação cobriu, outras vezes pelo relevo dos diques, que formam na planura geral uma tumidez como a das veias na pelle, e por cima das quaes corre a velha estrada rodada pelos vehiculos campesinos, pelos *breaks* de toldo, pelas carroças de pinho esculpido, doirado, envernisado de vermelho e de azul, atreladas a um cavallo da Frisa, e pelas pequenas carretas flamengas, das leiteiras, das peixeiras e das horteloas, puxadas por uma ou duas parelhas de cães trotadores.

A vaporação do solo pingue enovela-se intermittentemente e as-

cende em flocos nevoentos, que umas vezes a brisa dissolve n'um véu de humidade, em que os longinquos contornos das coisas esmaecem como n'um banho e parece diluirem-se no ether esbatidos na polvilhação aquosa; que outras vezes se condensam e recaem n'essas fachas transversaes de chuva com que os paizagistas hollandezes tão frequentemente riscam os longes das suas télas.

Tal é o campo hollandez, no coração do paiz, de Alkmaar a Roterdam, entre Harlem e Amsterdam, entre a Haya e Utrecht.

A facha de terra que liga a Haya a Amsterdam chama-se o Westland, e é todo um jardim celebre, jardim escola de todas as nações da Europa, onde a floricultura e a horticultura tem realisado as mais decantadas maravilhas. Da linha ferrea esfia na direcção das dunas um ramal provisorio em que se veem rodar as wagonetas carregadas de terra arenosa. É o proprietario de uma duna plantada de mato, onde se saciou de caçar o coelho, que rebaixa de dois ou tres metros a sua fazenda procurando terra para semear tulipas e vendendo o solo arenoso a outro que precisa d'elle para temperar o lodo na sua região e transformar o paúl em terra de semear. Esta operação, apparentemente tão arrojada e tão dispendiosa, faz-se, graças á planura do solo e á contiguidade das numerosas vias ferreas, com uma simplicidade pasmosa. Um pequeno partido de operarios avança para a duna da estação mais proxima, com uma pequena locomotiva e uma recova de carretas levando os rails, e alinhava rapida e succintamente o fio de estrada por onde tem de ir, como as aranhas. Na duna o comprador abre o chapeu de sol e accende um charuto, em quanto a empreitada, a alvião e a pá, abate a collina para dentro dos carros. Terminada a tarefa o proprietario com a sua gente volta para a estação, redobando para dentro do comboyo o caminho que desdobou no solo; e, engatando o seu carregamento ao comboyo da grande via, restitue a estrada que alugou, e leva para casa a quinta que adquiriu.

Para o sul, na provincia da Zelandia, que tem por armas um leão a nado e por divisa *Luctor et emergo*, as aguas do mar, do Escalda, do Mosa, penetram mais no solo, e a planicie desaggrega-se e fracciona-se

n'um archipelago de pequenas ilhas, a Noord-Beveland, a Zind-Beveland, a ilha de Schouwen, a ilha de Tolen, a de Walcheren, de Middelbourg, de Saint-Philipsland, d'Overlakkee—fertilissimos terrenos de alluvião, encobrindo uns dos outros pelo biombo dos diques as vastas cearas do linho famoso da Hollanda, os densos trigaes, os talhões da garança, da ruiva e da colza.

Na Gueldra, a leste, as plantações de tabaco, parecidas de longe com o milho, dão á paizagem um certo ar de valle minhoto. Nas pequenas aldeias dos suburbios de Tiel esta semelhança accentua-se pelo aspecto das casas cobertas de telha encarnada; pela fórma das médas; pelos renques de feijão em estaca enquadrando as hortas plantadas de repolho ao lado do pomar; pelas pilhas de estrume fermentando nos quinteiros, onde os gallos brancos cacarejam espanejando-se ao sol.

Mais para leste ainda, de Arnhem para lá, o solo arqueia-se levemente como um dorso de serpente que caminha, começando a annunciar de longe o systema das collinas de Westphlia.

Na elevação intitulada a *Mesa de Pedra*, na mata de Arnhem, que lembra uma quinta das mais planas em Cintra, ha já o que chamamos uma *vista*.

Á direita descubro as bellas vivendas de Arnhem, cercadas de jardins e de parques de luxo. Mais para lá, Nimegue, a das sete collinas, na margem do Waal, com as ruinas feudaes do velho castello de Valkenhof outr'ora habitado por Carlos Magno e rodeadas agora de um jardim inglez. Á esquerda, varios agrupamentos de pequenas aldeias até ás collinas de Clèves. Em frente, ao longe, as montanhas da Prussia com as linhas de contorno esbatidas na transparencia do ceu. Em baixo, alguns tufos de floresta em rasgões na planicie, alguns cones de estrume empilhado nos campos sachados de fresco; uma colheita de batatas em torno de carroças que esperam; e, ao centro, serperteando docemente n'uma linha flexuosa, desapparecendo aqui e além para tornar a reluzir ao sol mais longe, a fita do Rheno, alongando-se, diprimindo-se, esfiando-se ainda, até se perder no horisonte.

Para o norte de Arnhem, no Over-Yssel, na Frisa e na Groninga, modifica-se a physionomia do solo pela intervenção dos lagos piscosos e das turbeiras, que cobrem uma grande parte da região, deixando o resto aos vastos pastios, onde crescem em manadas os corpulentos cavallos frisões e os rebanhos de gado manso, que abastecem de manteiga e de queijos o mundo, sob revoadas enormes de tordos, de gralhas, de pavoncinhos e de cegonhas que em cada primavera veem pôr os ninhos auspiciosos no alto dos telhados, em cima das chaminés, no vertice dos fenos enfeixados em grandes medas.

No Over-Yssel, fóra da estação das pastagens em que os gados engordam nos pingues hervedos das ilhas fluctuantes como em curraes undivagos, crescem nos lodos as plantas paludosas convertidas mais tarde em adubos da terra, e ondulam sibilando ao vento do inverno os pennachos dos canaviaes e os bicos dos juncos.

No paiz verde da Frisa a fertilidade dos prados desenvolve-se pela exploração rural dos *trepen*, monticulos de cinco ou seis metros de altura compostos de argilla e estrume e dessiminados a espaços deseguaes pela beira-mar, onde o homem prehistorico os construiu como refugio para os rebanhos na occasião das altas marés.

Na Groninga predomina como na Zelandia a cultura cerealifera, e é esta a região privilegiada do *becklem-regt*, fórma de arrendamento especial da Hollanda e usado desde a Idade Média. O *becklem-regt* garante o direito de occupar indefinidamente uma propriedade rural mediante a renda annual uma vez estabelecida e não mais susceptivel de se alterar. É uma especie de foro hereditario e indivisivel. Esta fórma da detenção da terra peculiar á Groninga como a *marka* saxonia é peculiar á Drenthe, como a parceria é peculiar á Zelandia e ao Limburgo, tem dado ao occupador foreiro uma prosperidade incomparavel. Ao longo das estradas alinham-se ininterruptamente as granjas magnificas e quasi uniformes. Á frente o jardim sumptuoso recortado de macissos de plantas exoticas. Depois o vasto cottage do rendeiro mostrando pelas janellas abertas e engrinaldadas de flores o interior dos aposentos nobres, a livraria adornada de quadros, de es-

culpturas e de louças artisticas, e a sala de musica com o seu grande piano de concerto. Ao lado, o jardim pomareiro. Ao fundo, por traz das casas de habitação, os estabulos, as cavallariças e os celleiros em dimensões monumentaes, armazenando a cevada, a aveia e a fava da ultima colheita, abrigando as rezes d'engorda, os rebanhos de carneiros, cincoenta vaccas leiteiras e vinte possantes cavallos de tiro ou de sella.

Na provincia de Drenthe, encravada para o lado do Hanover entre a Groninga e o Over-Yssel, a verdura hollandeza emurchece, a população rareia. A exploração das turbeiras, o aspecto bravio das landes, os longos pousios de vinte e cinco annos em que é uso retemperar a productividade da terra, e as grandes queimadas com que se procura refazer no solo a crusta aravel dão á paizagem e ao ceu um tom pardacento e uma vaga expressão luctuosa e desolada. Perto de Assen encontram-se varios dolmens a que chamam os «tumulos dos gigantes». A corporação dos lavradores, os *boers* de Drenthe reunem-se debaixo das carvalheiras seculares para resolverem em que época se deve lavrar, semear e ceifar. Depois da colheita as terras pertencem ao dominio publico e abrem-se á pastagem commum como na Germania Barbara entre os frisios de Tacito. A pequena distancia de Steenwijk acham-se estabelecidas as celebres colonias de desvalidos de Van den Bosch e nos suburbios de Assen e de Meppel, as colonias de correcção e de refugio dos mendigos e dos orphãos. Onde a fertilidade da terra diminue a piedade social augmenta como n'um proposito compensador. No meio da tristeza das landes, as cabanas dos pobres, os pequenos jardins arroteados por 2000 desvalidos a cada um dos quaes uma sociedade de beneficencia deu além de casa, uma vacca, um porco, alguns carneiros e dois a tres hectares de terra, são como a doce flor do pensamento humano entreabrindo um sorriso compadecido na hostilidade da natureza.

Além d'isso as espaçadas aldeias do Drenthe, afastadas da linha ferrea e que um pobre viajante como eu só pode visitar atravessando a pé a charneca, de sapatos ferrados, bordão e mochila ás costas, são

verdadeiros oasis de pittoresco, com as suas cabanas de enormes tectos de colmo arrastando no chão, á sombra dos velhos carvalhos. Duas ou tres ruas tortuosas; uma ponta de campanario de lousa surgindo da verdura do cemiterio no alto da collina; a encrusilhada faiscante de sol; o chão debicado por gallinhas á solta; uma dobadoura que gira a uma porta d'alpendre; o porco russo espairecendo em passeio; um interior enfumaçado de loja de ferreiro com a forja ao fundo; um enorme cavallo á argola, a pata alçada no joelho de um ferrador de calção curto e avental de couro; e, no ar luminoso e tepido, o repique vibrante de uma ferradura caprichosamente batida no banco de pinchar. Quando um postigo de cabana se abre por baixo do angulo do grande beiral do telhado saliente e denegrido, e uma ingenua cabecinha de presepio, loura e de touca branca, sorri para a rua, olha a gente para traz admirando-se de não ver algures, acabando de chegar, desafivelando a mochila ou plantando o cavallete a uma boa sombra, o pintor Hobbema, Wouwermans, o scismador Ruisdaël ou o desenfadado Pieter Laer, por alcunha o Bambocha.

Em todo o campo da Hollanda a antiga, a honrada, a larga barca nacional, perpassa ao pé ou ao longe, impellida pela vela ou tirada á sirga, lenta, silenciosa e calma, como o phantasma benigno da patria, a aquatica alma errante do paiz, modesta e livre, obscura e satisfeita, sem vertigem, sem allucinação, sem impetuosidade, sem ancia,—feliz em ir boiando sempre, terra a terra, onda a onda, ao cheiro salino da vaga que escachôa á proa no alto mar, ao perfume tepido dos junquilhos na agua doce dos canaes pelo interior das terras.

Vista assim, de momento a momento, por entre o lameiro verdejante, a vela palpitando contra o mastro parece o aceno de uma velha mão amiga abençoando as cearas; e o amplo bojo alcatroado, rompendo vagarosamente avante como um ventre cheio, dá uma sensação pantagruelica de fartura, papo abarrotado de arenque ao chegar, papo abarrotado de queijo ao partir.

Riem d'ella os tolos—diz o eloquente Michelet—e que admira, se tão pouca gente entende no mundo o que é a felicidade! Nem por isso

ella deixa de ir completa, a grossa barca — o marido, a mulher, as creanças, o cão, o gato, os passaros. Vae lenta e vae pacifica por sobre as aguas mais perigosas, pequeno mundo harmonico, tão completo em si mesmo, que pouco se lhe dá de chegar!

O *trekschuit* é a barca tradicional de passageiros, como a antiga falua da carreira de Santarem ou da Alhandra, com a differença de que, em logar de navegar um rio, o *trekschuit* percorre pelos canaes o paiz inteiro.

Eu tive sempre uma sympathia saudosa e terna por esses velhos transportes fluviaes da minha terra, no Tejo e no Douro, entre o Porto e a Regoa, entre Lisboa e o Carregado.

Nada mais pittoresco, nada mais vernaculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente portuguez do que essas simples e modestas navegações d'agua doce!

Embarcava a gente á hora das marés, umas vezes de madrugada, outras vezes ainda com a noite. Vinha-se de gabão de briche para todo o tempo, e trazia-se o farnel para o caminho, n'um cesto merendeiro — uma duzia de ovos cosidos, um salpicão, a borracha com vinho, um grande pão coberto de farinha, uma navalha e uma mancheia de nozes.

A bordo accommodava-se cada um o melhor que podia por entre a carga, no meio de dois saccos de trigo, ou de dois jigos de uvas, n'um feixe de centeio, barriga para o ceu, os dois braços por baixo da cabeça, as pernas em cruz, o cachimbo nos dentes.

O arraes risava a vela, prendia a escota com o pé nú, a canna do leme debaixo do braço, aninhado á ré, e voga para avante, de prôa ou á bolina consoante o vento!

Então vinham á collecção na corversa commum as bellas historias piccarescas, salgadas, de um picante gosto a bravio, cheirando á maresia ou á charneca, narradas n'uma lingua unica, que desappareceu da circulação com os arraes, com os arrieiros e com os almocreves. Não a reles, a safada lingua culta, entisicada por nós nas sensualidades solitarias da rhetorica, nos tratos vergonhosos da escripta contra a natureza, mas a rija, a plebleia, a forte e expressiva lingua do povo, so-

nora de toque como a prata de lei, aspera nas sarrilhas, como a moeda nova, saida fresca e virginal do cunho.

Quando se chegava? Quando Deus era servido.

Ferrada a vela, ao abicar, o arraes tirava o barrete, e dizia:

—Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!

E a gente respondia:

—Para sempre seja louvado.

A ultima vez que embarquei n'uma falua foi ha sete annos, no mez de janeiro de 1877 para vir de Santarem para Villa Franca, quando a ultima grande inundação do Tejo alagou os campos de Vallada e de Almeirim e interceptou a passagem de um comboio em que eu vinha de passar o natal com minha mãe.

Disso me lembrei—e com que saudade—vindo no *trekschuit,* ha poucos dias, de Delft para a Haia. O *trekschuit* compõe-se de uma camara corrida, como a caixa de um grande omnibus, elevando-se a meio metro acima da borda da embarcação, para a qual se entra por uma das duas portas abertas á prôa ou á pôpa. A camara do *trekschuit* é exteriormente pintada de verde-gaio com cortinas de cassa branca a cada postigo; por dentro é guarnecida de bancadas e dividida em dois compartimentos de primeira e segunda classe. Ao centro, uma grande mesa envernisada. A cada canto um pequeno armario. N'este, a biblia e alguns outros livros. N'aquelle o serviço de chá, com as pequenas chicaras suspensas da prateleira por ganchos de metal amarello. Sobre a mesa dois cinzeiros. No chão, o escarrador e o brazeiro, de cobre polido, reluzentes como patenas.

Um velho cavallo escancelado e lanzudo, montado por um pequeno de dez annos, chouta lentamente e automaticamente por um carreiro estreito e péguinhado como o de uma nora, riscado em linha recta ao longo do canal, junto de uma fita de choupos. Esse cavallo puxa a sirga da embarcação, que voga silenciosamente sobre a agua tranquilla.

Uma senhora de cabello branco, enrugada, o dorso magro e curvo, toucada n'um chapeu de renda preta amarellecida, embrulhada n'um antigo cachemire, cabeceia de somno a um canto, com as duas mãos

longas e ossudas, agazalhadas em luvas pretas de meio dedo e apoiadas uma sobre a outra no castão de uma bengala em muleta.

Além d'esta senhora o unico passageiro sou eu.

O arraes, sentado ao leme, masca, immovel, com o olhar apathico de um boi que rumina.

Decididamente a falua é mais alegre.

Sómente, a ultima vez que naveguei em falua descendo o Ribatejo sobre as aguas da inundação, de dentro da alegria peninsular do nosso barco á vela de todo o seu panno latino, iamos olhando as pontas das oliveiras e as chaminés dos casaes que surgiam, dispersas como cabeças de naufragos acima da espuma amarella da agua revolta e barrenta, carreando na torrente os destroços lamentaveis do desastre rural, madeiramentos de parreiraes, estacas de quinteiros, a palha desenfeixada das paveias, o gigo vindimo, o pobre cadaver entouriçado do cão de quinta.

Ao longo do canal hollandez, n'uma e na outra margem, de Delft á Haya, succedem-se as quintas de recreio. As fachadas luxuosas das casas de campo entrevêem-se a espaços por entre os macissos verdejantes dos parques, ao fundo dos alegretes floridos, n'uma doce monotonia de conforto sabio, de abundancia recolhida, de luxo discreto, de paz imperturbavel.

E todavia aqui, em toda a Hollanda, os rios trasbordam tambem, não de longe a longe como o Tejo, mas todos os annos, regularmente, por occasião das tempestades periodicas do noroeste.

Para o fim de determinar a posição do solo com relação ao nivel das aguas, ha uma linha imaginaria chamada o *nivel de Amsterdam*, a qual representa na escala hydraulica o ponto de partida que o zero exprime na escala thermometrica. Segundo os calculos feitos sobre esta base, a maré sobe perto de Katoyk a 3^{m},40, a Mosa, junto de Rotterdam, eleva-se a 3^{m},20 e o Leeck, proximo de Vianen, a 5^{m},80 acima do nivel de Amsterdam.

Como se vê d'este simples enunciado do problema fluvial da Hollanda, o perigo é em todo o paiz mil vezes mais temeroso do que nos campos marginaes de Tejo.

O hollandez converte esse phenomeno calamitoso n'um agente benefico de fertilidade, no auxiliar mais poderoso da cultura. Para o conseguir dividiu todo o campo em taboleiros de colmatagem, abriu valas de esgoto e de irrigação, levantou diques, construiu comportas, estabeleceu bombas e pôz a trabalhar ao vento milhares de moinhos encarregados de manter na circulação da agua um regimen semelhante áquelle a que preside o coração na circulação do sangue.

A passageira dormitava sempre. O patrão do *trekschuit* mascava; de quando em quando com a mesma regularidade com que metteria carvão n'uma fornalha de machina de vapor, tirava da algibeira uma caixa de lata, fazia nos dedos uma nova almondega de tabaco em fio, introduzia-a na bocca e recomeçava a remoer.

Abri um postigo e puz-me a olhar para fóra.

Vinha caindo a tarde n'um céu chuvoso, nevoento, de uma tinta uniforme e bassa, côr de estanho sujo. Não corria a mais leve brisa no ar humido.

Pelas clareiras das quintas arborisadas descobria-se ao longe a eterna campina verde, orvalhada pelo aguaceiro, de uma tonalidade aveludada e mole, de fórma semi-circular, lembrando o fundo de um vasto *croquis* para panno de leque, esboçado a pastel, feito de chic por um collorista amavel do seculo XVIII, e destinado a receber a fachada arcadica de um templo de Flora, um rebanhinho de cordeiros brancos frisados a papellotes, e pastores azues e côr de rosa ajoelhados no ar aos pés de pastorinhas egualmente aereas, empoadas e de saia em bambolins, á Pompadour. Uma doçura ideal, vaga, artificial, inverosimil!

E este fim de dia neutro, sem chuva e sem sol, sem nuvens e sem vento, sem pó e sem lama, só o posso comparar, na minha imaginação, ao trespasse de uma d'essas velhas virgens, exoticas flores de convento, desenvolvidas dentro de um parenthesis mystico entre o nascimento e a morte, as quaes, ao cabo de noventa annos de pureza claustral, rendem a Deus sem um murmurio a sua alma em folha, como um livro branco onde não caiu nunca nem uma lagrima, nem um borrão, nem uma idéa!

Triste, saltei para terra no primeiro logar em que parou o *trekschuit*, preferindo continuar a pé.

Tinhamos gastado um quarto de hora em percorrer meio quarto de legua.

Zaandam é a metropole dos moinhos. Ha-os por toda a Hollanda, mas em nenhuma outra parte reunidos em tão enorme quantidade como aqui.

Abrangem-se cerca de mil n'uma só vista de olhos do golfo do Y ou do alto do dique a que se abriga a povoação.

Não teem como os moinhos portuguezes, quasi todos abandonados e em ruinas, o aspecto archeologico de antigos vestigios da vida pastoral.

Construidos de madeira e repintados em cada anno, parecem todos novos.

Vistos de longe, prendendo ao solo sómente pela base central, para o fim de pôr o primeiro pavimento, mais largo que a base, acima das inundações, apresentam o aspecto de extravagantes navios em secco especados nos prados. São em geral pintados de preto até o eixo da vela, a cupula verde avivada de branco, ou branca avivada de verde, e o umbigo do eixo escarlate, azul ou doirado.

Assim reunidos e bracejantes a toda a extensão da campina que aviventam de uma animação phantastica, parece que cada um d'elles vive de uma palpitação especial, de uma vida propria. Uns movem-se lentamente como quem se espreguiça n'um boccejo. Outros giram com mais rapidez, certos, bem compassados, como trabalhadores diligentes e methodicos. Ha-os que parece estremecerem de quando em quando n'um tic nervoso, ou suspenderem-se em spasmos soluçantes. Alguns redemoinham vertiginosos, freneticos, em furia, como doidos, e supponho que não devem ter grande coisa dentro estes, manobrando no vacuo ou remoendo-se a si mesmos e esfarinhando o seu resto de miolo como os rhetoricos ou os metaphysicos. Outros jazem lugubremente immoveis como defuntos amortalhados no véo transparente da neblina, com os dois braços brancos em cruz sobre o burel negro.

Teem, como digo, uma especie de expressão individual, uma physionomia. Ao pé dos grandes moinhos enormes, colossaes, ha moinhos mais pequenos, de todos os tamanhos—ia a dizer de todas as edades—alguns tão pequenos que não trabalham, brincam apenas, uns tão aconchegados ao moinho grande que parece irem pela mão, outros pousando-lhe em cima como se estivessem ao collo.

Empregam-se em toda a especie de misteres. Estes são simples moleiros, na accepção primitiva da palavra, moem milho ou mondam cevada. Aquelles são lagareiros, e espremem as plantas oleaginosas de que se extraem os oleos industriaes e os oleos comestiveis dos Paizes-Baixos. Ha-os carpinteiros, ha-os droguistas, ha-os cordoeiros; serram pranchas, racham lenha, cardam linho, torcem cordas, moem tintas. Ha-os tambem fabricantes: fabricam massas, fabricam gomma, fabricam papel, fazem cimentos de construcção e fazem mostarda. Ha finalmente os moinhos de qualificação scientifica, os moinhos de profissão liberal, os moinhos engenheiros, personagens technicos, funccionarios officiaes, incumbidos da administração hydraulica do paiz, enxugando as terras paludosas, regando as terras seccas, dissecando os pantanos, limpando os canaes, mantendo regularmente no solo o nivel geral das aguas.

Para se desempenhar da sua complicada missão, o moinho hydraulico tem um tubo aspirante, junto de uma comporta, mettido no fosso do campo sarjado em taboleiro. Quando o fosso se enche da agua transpirada do campo, o moinho suga-a pelo tubo e despeja-a n'um canal com que communica a comporta e cujo leito, construido entre dois diques, é mais elevado que o solo do campo enxuto.

N'este primeiro canal ha outra comporta, e junto d'ella um outro moinho. Quando ahi sobeja das regas a agua transmittida do fosso, o segundo moinho chupa-a de um lado e despeja-a do outro n'um segundo canal mais elevado que o primeiro.

E assim, de esgoto em esgoto, de rega em rega, de dique em dique, de moinho em moinho, as sobras da agua vão-se successivamente elevando até um derradeiro canal de nivel superior ao do mar. Ahi,

quando a agua ainda sobeja, quando decididamente ninguem mais a quer, nem para lhe trazer o *trekschuit* á porta, nem para lhe dar de beber ás vaccas ou ás tulipas, nem para lhe regar o alfobre, nem para lhe fazer nadar os patos, nem para cantar em levada no pomar, nem para marulhar em fio doce ás tardes calmosas na cascata do jardim *de tomar chá*; quando positivamente niguem mais quer agua na Hollanda para coisa nenhuma — necessidade, prazer ou capricho — e que o ultimo canal, o canal collector, está cheio, o ultimo dos moinhos da fila em serviço abre a comporta que lhe está entregue e despeja a inundação no oceano — com a mesma simplicidade com que á beira da fonte deita fóra a agua de um copo quem não tem mais sede.

Zaandam dá bem o typo especial da povoação hollandeza.

A agua dos canaes e do rio surprehende a cada passo o viajante e embarga-lhe o caminho, como n'um labyrintho aquatico, ao desembocar de quasi todas as ruas calçadas de tijolo, lisas, lavadas como o pavimento interior da mais asseiada casa de campo.

Pequenos botes envernizados de verde, presos a uma estaca envernizada de verde e branco, estacionam quasi a cada porta, em cada margem do canal ou do rio, para dar passagem para a margem opposta.

Junto do bote, acima da agua, duas forquetas, em que gira um travessão de pau movido por meio de uma cruzeta. É o apparelho rudimentar destinado a fazer subir e descer, como o balde nos poços, uma caixa de madeira gradeada, em que o habitante guarda vivo o peixe da sua provisão. É o que poderiamos chamar a *capoeira* dos linguados. Á hora de comer dá-se quatro voltas á cruzeta, iça-se a piscina, tira-se a ração d'esse dia, e torna-se a arriar para dentro d'agua o viveiro, em que os peixes, por um momento surprehendidos ao sol, pullulam convulsamente, batendo de chapa uns nos outros.

Ao adiantar o pé para embarcar n'um d'estes botes, sente-se a impressão de que o simples peso do nosso corpo vae fazer transbordar o canal, a tal ponto é visivel a elevação d'elle sobre o nivel do solo, a tal ponto enche inteiramente as ribanceiras a agua luminosa, rutilante

de sol, apparentemente immovel, arripiada apenas de espaço a espaço pelo velejar dos patos!

Casas na maxima parte de madeira, em pranchas sobrepostas, pintadas de verde ou de amarello claro, n'um só andar, cobertas de telha esmaltada, com os beiraes rendilhados, risonhas, festivaes, piqueninas, —*piqueninas* com *i* depois *p*, como Garrett queria que se orthographasse para as coisas que são diminutas com mimo feminil, com graça ingenua, com exiguidade menineira. São decoradas de flores, por dentro e por fóra, e de cortinas brancas em bambinellas por traz dos vidros scintillantes como crystaes de sobremesa.

Entre os salgueiros e os chorões, fronteiros aos pequenos predios, cobrindo de luz verde as fachadas, reflectindo-se em mais verde na agua do canal, no espelho da vidraçaria e no dos *espiões*, correm pequenos jardins comedidos em largura pela frontaria das casas, e tendo no centro uma outra casa reduzida, algumas vezes tambem envidraçada, e servindo da gallinheiro. São parquesinhos microscopicos, de bonecas, em que se condensam por abreviatura todas as phantasias dos jardineiros paizagistas: o oiteirinho onde campeia sobre o talude verde um moinhosinho de dois palmos de altura; o caramachão, para dentro do qual só se poderá entrar de gatas, com a sua competente cupula em flecha, terminando por um pequeno globo de espelho; o mastro embandeirado do tamanho de uma bengala; a flexuosa avenida ensombrada por dois renques de repolhos, e na qual os pés do castellão só cabem um adiante do outro; o alecrim talhado em obelisco, cobrindo protectoramente a platafórma central como o velho cedro gigantesco do sitio; o lago onde ás vezes vogam duas embarcações de lata ou de cortiça, mas onde os parrecos só entram revezadamente, por não caberem d'outro modo, um a um; e, finalmente, o pagode indiano ou o kiosco chinez, das dimensões de uma gaiola de canario, em cubos decrescentes de baixo para cima, desde o tamanho da rasa até o tamanho do meio salamim, com os angulos recurvos e um chocalho pendente de cada angulo.

Ao fundo dos jardins passa, em linha recta, como sempre, a

fita do canal. Depois a outra fileira de jardins e os predios da outra banda.

Nos canaes mais estreitos, onde seria impossivel fazer manobrar uma bateira, o habitante serve-se, para atravessar a rua por cima de agua, de uma taboa que faz ponte, e que elle rejeita para a margem de que saiu, depois de ter passado para a margem opposta.

De treze a quatorze mil habitantes que tem Zaandam, alguns são riquissimos, fizeram fortunas consideraveis ou navegando ou construindo navios, e teem seis ou oito moinhos ao vento, a moer para elles e a pingar-lhes incessantemente dinheiro nas arcas. E não ha um unico pobre—particularidade caracteristica de todas as aldeias hollandezas. Não ha um só pobre, e se ninguem vê um palacio em pompa, ninguem tambem vê uma cabana em ruinas.

Todo o homem, do primeiro ao ultimo, tem o jaquetão bem forrado, a camisola sem uma malha caida, as meias de lã confortaveis, os tamancos altos, por desgastar, a camisa limpa, a barba feita. E com isto, um lar quente, uma choupana alegre, um jardim festivo.

Tres egrejas levantam apenas os cumes dos seus campanarios cinzentos acima do nivel geral da modesta casaria de telhados vermelhos, agudos e reluzentes. Duas d'essas egrejas são protestantes e uma catholica; as almas, porém, que as frequentam, vivem em tão boa paz entre si, como os pombos, que, sem distincção de seita, arrulham ao sol imparcialmente e com egual dóse de amor uns pelos outros, sobre o coruchеu de Luthero ou sobre o de Santo Ignacio.

O unico documento da rapida passagem de uma sombra de superioridade jerarchica n'este doce valle de confraternisação egualitaria é a famosa cabana de Pedro, imperador da Russia, mau operario, desertor de carpinteiro, conhecido na historia sob o cognome desagradavel de *Grande*.

Ha um compendio de historia, em que eu li uma vez estas palavras memoraveis: *Não é bem certo que Clodião o cabelludo, houvesse jámais existido; como quer que seja, seu filho Meroveu*... Egualmente se pode pois dizer,—estabelecido o precedente a que me reporto e

em que me apoio — que é duvidoso o ter Pedro da Russia pernoitado, ainda que de passagem, e em qualquer tempo que fosse, em Zaandam. *Como quer que seja,* a casa habitada durante um anno por esse antipathico heroe feliz, feroz e fòna, exercendo o officio de carpinteiro no estaleiro da localidade, acha-se aqui patente á veneração dos viajantes, e constitue um fito de embasbacadas romagens, como o antigo e prodigioso lagarto da nossa egreja da Penha.

A essa casa chamava Napoleão I — *o mais bello monumento da Hollanda,* e todas as testas coroadas que passam pelos Paizes Baixos veem aqui recolher-se por um momento, monologar em frente de um mediocre retrato do czar vestido de carpinteiro, e inscrever os respectivos nomes no livro dos romeiros.

Eu fiz como essas testas, e foi com a maior commoção de que pude dispor, que me puz a olhar para os quatro muros dos dois quartos em que se divide a habitação, mobiliada de alguns escabellos rusticos, uma grande mesa grosseira e uma cama de armario, em beliche, á velha moda hollandeza.

Foi talvez n'aquella tosca tripeça, ponderei eu, que elle se não sentou, ao despegar do trabalho, meditando no manejo da enxó e nas vantagens que á sciencia politica poderiam provir, da applicação d'esse engenhoso utensilio ao aperfeiçoamento dos povos! Foi talvez sobre essa rude mesa que elle não contou aos sabbados com mão callosa e adunca o preço da feria, que, junta em achego supplementar aos reditos da sua lista civil, lhe permittiria talvez não pagar, como effectivamente não pagou, o lindo modelo de uma casa hollandeza do principio do seculo XVIII, encommendada ao cidadão Brandt, de Amsterdam, o qual mais tarde offertou esse lindo *bibelot* ao museu da Haya, em testemunho solemne da caloteação imperial! Foi finalmente talvez n'esse duro catre, que elle se não deitou jámais para repousar os membros lassos do labor quotidiano do formão com que governou os homens e do sceptro com que fez navios!

E é inexprimivel o sentimento de estranho e formidavel respeito que acommette o viajante ao cogitar em tantas coisas diversas, e con-

siderando em tão augusto logar, que foi aquelle mesmo homem, além debuxado em painel, o mesmo que nenhuma d'essas coisas se acha demonstrado que fizesse! Porque a verdade historica é que os talentos mechanicos de Pedro o Grande só garantidamente se acham comprovados pela prenda de mãos com que carpinteirou o seu proprio povo, escavacando com a pericia da especialidade as cabeças dos Strelitz que conspiraram contra a seu governo.

Sob o retrato do monarcha, offerecido pelo principe Demidoff, leem-se n'uma inscripção as diversas profissões que accumulou na terra o retratado: *Academico, heróe, maritimo e carpinteiro.*

Coisa singular: d'estes diversos titulos, o que mais captiva a imaginação dos principes que teem vindo escrever n'estas paredes é o titulo de carpinteiro! N'este phenomeno se patenteia bem a nobilitação que a singela pratica do trabalho mais obscuro imprime nos caracteres ainda os mais antipathicos.

Um rei afortunado, de qualidades pessoaes pouco attrahentes, consegue fazer acreditar que por algum tempo se empregou como official de officio nas obras de um estaleiro, e isto basta para que a sympathia humana rodeie a sua memoria. O vestigio, posto que apocrypho, do seu estabelecimento no gremio de uma corporação operaria, torna-se o objecto de uma romagem e de um culto; a casa onde se diz que elle viveu adquire na Hollanda uma celebridade que nunca teve nem a taberninha de Steen e de van Goyen, nem o moinho em que nasceu Rembrandt. Finalmente, a geographia, sciencia de ordinario isenta de paixões cortezãs, e na apparencia incompativel com as lisonjas, que tantas vezes deslustram a imparcialidade da historia, — a mesma geographia faz para este caso uma excepção aos seus habitos e corrompe a denominação de *Zaandam* em *Sardam (Czardam)* associando assim, pelo mais estranho dos barbarismos, a fama do homem ao nome do logar.

Os habitantes indigenas continuam, porém, a pronunciar e a escrever Zaandam, o que não obsta a que tirem affavelmente o chapéu e digam bons dias aos viajantes, e uns aos outros, quer se conheçam,

quer não, com tanta amabilidade e tão profunda veneração, como se principes, heroes, maritimos, academicos e forasteiros fossemos todos —carpinteiros.

Monnickendam, outra aldeia celebre pelo seu commercio de enxovas pescadas no Zuiderzeé, e pelo tumulo do pastor Nieuwenhuizen, fundador da famosa sociedade de utilidade publica (*Tot nut van't algemeen*). cujo fim é augmentar a instrucção do povo publicando livros uteis, mobilando escolas, fundando bibliothecas, estabelecendo cursos publicos, sociedades de leitura, caixas de soccoros, etc.

Ao lado de cada casa, o pequeno quintal dividido em pomar e jardim. Por cima da sebe viva veem-se primeiro as pereiras e as macieiras carregadas de fructo. Ao fundo, n'uma separação feita por uma grade de madeira pintada de verde, os geraniums, as fuchsias e as dahlias em flôr, em alegretes cingidos de um bordo feito de turba. O pequeno poço quadrado com a tampa pintada de verde. E, junto ao muro de tijolo quadrilhado de branco e ornado de uma trepadeira, a fila dos sachos, dos tamancos e dos baldes de zinco envernisado de verde e de encarnado, ao pé da porta envidraçada, debaixo da janellinha luzidia, de cortinas abertas e parapeito florido.

Na padieira de um antigo predio, datado em grandes algarismos, de 1610, depara-se-me um baixo relevo representando uma caravella, e por baixo este letreiro: *In de Lisbons varder* (No barco que vae para Lisboa).

De Monnikendam já se não embarca para Lisboa, mas embarca-se para as ilhas de Marken e d'Urk, cujas manchas na agua do golfo lembram dois viveiros de castores, ou duas cidades lacustres.

Marken é uma estreita facha de terra, que no seculo XIII se despregou do continente e ficou sobrenadando em pleno mar, como uma jangada que botasse raizes e se immobilisasse nas ondas.

Urk é egualmente um desmembramento da ilha de Schokland, e tão pequena que as phocas, julgando-a talvez deshabitada como Scho-

kland, escolheram-a para travesseiro, e veem todas as noites resonar na estreita praia que a circunda, á babugem da maré, com o focinho na areia fofa.

Nada mais risonho, todavia, n'um dia de sol, do que esse torrãosinho, tão lavado de ar e de luz, o qual a gente percorre todo no breve espaço de tempo de digerir dois arenques e de fumar um cachimbo.

Na enseadasinha do porto baloiça-se ancorada a esquadrilha dos pequenos botes de pesca. O molhe, em traves de pinheiro, adianta-se pittorescamente no marulho da agua.

Ao fundo, o breve caes, em verde, tapetado de relva, e a collina suave da povoação, engraçado grupo de telhados vermelhos, afofados na ramaria de algumas arvores, mettidos em valor de tinta alegre pela pinceliada branca, vertical, da torre airosa do farol, rompendo acima das casas e banhando-se no azul.

Marken, maior do que Urk, não assenta, como esta, n'uma só collina, mas n'uma serie de outeiros.

Em sete d'estes colles artificiaes estão construidas em madeira as casas dos habitantes. No oitavo acha-se o cemiterio.

Durante o inverno, a agua enche os espaços que cercam os outeiros, como os fossos de uma fortaleza.

É embarcado que então se transita de bairro para bairro.

Ás vezes, de um dos bairros vivos dirige-se para o bairro dos mortos uma embarcação mais triste que as outras. Ao meio da bateira vae collocado o feretro coberto pelo panno funebre. Dois pescadores amigos do morto, silenciosos e graves, empunham os remos; ao leme senta-se uma mulher abatida que enxuga as lagrimas para descortinar o horizonte atravez da dupla nevoa do seu coração e do mar, governando o bote que pela derradeira vez conduz aquelle que foi seu marido, seu filho ou seu pae, despenado emfim da lucta de cada dia, com as mãos asperas arrefecidas, immoveis para sempre, cruzadas no peito.

Toda a população da ilha é da religião reformada. Não ha n'es-

tes enterros o cantar dos chantres, nem o resar dos clerigos, nem o dobrar dos sinos a finados. Por unica pompa funebre, o simples canto-chão do oceano, o luto do céo, a tristeza glauca da agua, e esse barco negro que deslisa com a sua mudez de bordo entrecortada apenas por algum soluço e pela pancada secca e rhytmica do remo nos toletes.

Vejo passar na rua um casamento.

Os amigos da familia acompanham á bôda os consortes. Os noivos caminham pela mão um do outro, n'uma ternura ingenua: ella, de olhos baixos, sorrindo sob a sua grande touca branca do seculo XV alta como uma mitra; elle, forte, concentrado e serio.

O trajo de um e outro, que descrevi em Amsterdam, é particularmente rico, coberto de bordados preciosos, representando annos de lavor á agulha. Este luxo, porém, não revela a riqueza dos conjuges. Todos os noivos em Marken se casam com os mesmos vestidos, os quaes, depois da festa, são restituidos e arrecadados no thesouro municipal da ilha. Foram feitos ha trezentos annos, teem casado vinte gerações. São uma especie de novas tunicas de Nesso, não saturadas do veneno do centauro, mas docemente embebidas na emanação tradicional do amor e do lar, e transmittidas pela piedade, de Dejanira em Dejanira e de Hercules em Hercules, como um talisman da familia.

A aldeia de Broek (pronuncia-se *Bruk*) é para o aceio o extracto de carne concentrado de que Hollanda é o boi.

A virtude nacional da limpeza toma aqui o caracter de doença ethnologica, de idéa fixa, de vesania geral. Esta gente é possessa do demonio da esfrega. São os epilepticos da vassoura, os convulsionarios da escova, limposos até á furia do esmeril, até o phrenesi do polidor, até o delirio do vasculho.

Está contado nos livros tudo quanto ha que contar sobre este curioso caso pathologico... Os escarradores á porta das casas, para que se não salive nem se sacudam os cachimbos na rua. A prohibição de

atravessarem a aldeia animaes incontinentes ou verminados que a conspurquem ou sevandigem. Os gaiatos retribuidos para soprarem o pó das fendas das calçadas, para apanharem do chão e lançarem ao canal a uma por uma as folhas seccas que se despeguem das arvores. O estabelecimento em todas as avenidas de raspadores para as solas das botas e de capachos acompanhados da recommendação aos transeuntes de limparem os pés antes de entrarem na povoação. Os troncos das arvores pintados de branco. As casas azues, côr de açafrão, côr de lilaz e côr de rosa. As ruas em mosaicos polychromos. Os arbustos desformados á tesoura e representando bonecos, patos, navios, moinhos, cabanas e pavões. O habito de andar em meias pelas casas, para não riscar nem polluir os soalhos. A praxe de levar em braços os estrangeiros de sapatos sujos. O caso de Napoleão Bonaparte, que desejando visitar uma herdade de Broek teve que descalçar as esporas e de vestir umas piugas de lã por cima das suas botas gloriosas de Marengo e d'Austerlitz, para que o dono da casa em que elle esteve lhe permittisse a honra de lhe pôr os pés da porta para dentro. O acontecido tambem ao bom imperador José II, o qual, sem uma carta de apresentação que o recommendasse, pretendia que para entrar em qualquer casa da aldeia bastava apenas que sua mãe lhe não houvesse prohibido visitar a gente de Broek, como lhe prohibira visitar Voltaire; mas a cada porta a que o seu official ás ordens batia para que abrissem ao monarcha, o morador, vendo de dentro um chapeo de bicos agoirentos no espelho do espião, vinha á janella e respondia que só recebia visitas da sua amisade ou do seu conhecimento.—«Mas notae, ó rustico, que é sua imperial magestade, o mais poderoso monarcha da Allemanha, que além espera!»—«Que fosse o proprio Sr. burgomestre de Amsterdam que esperasse, era para mim a mesma coisa; se muito o governam governem ahi na rua, em minha casa governo eu.» Finalmente, a historia de uma revolta contra dois forasteiros que uma vez infamaram a aldeia depositando—evidentemente como provocação aos habitantes—um caroço de cereja sobre a via publica.

Mas tudo que se tem referido e tudo que se tem inventado ácerca

do aceio da rua, não pode senão dar uma idéa do que realmente é em Broek o aceio da casa.

Com excepção de um pequeno numero de negociantes e de maritimos enriquecidos, que comem ociosamente do ganhado n'este retiro bucolico, os 1500 habitantes da aldeia empregam-se todos na industria local—a fabricação dos famosos queijos de Edam.

Assim, para cada habitação um curral e uma queijeira.

As casas são de ordinario n'um só andar, de tijolo, com um revestimento exterior de madeira envernisada, que as preserva inteiramente da humidade atmospherica. A porta polida, é guarnecida de ferragens de cobre scintillante. Um corredor coberto por um tapete de oleado de desenhos pretos em fundo côr de perola atravessa a casa em que eu penetro. As paredes são pintadas a oleo em cinzento claro.

Á esquerda, o salão, com o classico tapete de todas as casas modestas da Hollanda em listas ou quadrados de encarnado e verde. Stores brancos corridos a todas as janellas. Um armario, um sofá, alguns fauteuils. Um barometro, um thermometro e um lactometro, pendentes da parede. Faianças de Delft sobre o armario. Um relogio cuco, da Friza, a um canto. Uma mesa redonda ao meio da casa com alguns bibelots e uma taça contendo bilhetes de visita, em que leio os nomes de alguns viajantes americanos e inglezes, de George Renaud, director da *Rèvue Géographique Internationale;* de Gabriel Chaligny, *ingenieur des arts et manufactures;* de Henry Mosler, pintor, rue de Navarin, Paris; do conde d'Avricourt; de Trouillebert, pintor; de Georges Duval, do *Èvénement;* do marquez Bianchi, e de varios outros estrangeiros, suecos, dinamarquezes, russos. Nenhum portuguez.

Á direita, os quartos de dormir.

Ao fundo do corredor, a vaccaria e a queijeira. O tapete prolonga-se no curral até á porta que sae para o jardim. Na mesma casa, vasta, alegre, risonhamente illuminada, para a direita os apartamentos descobertos das vaccas, para a esquerda os utensilios e os productos da queijaria.

De um lado ordenha-se, do outro lado queija-se.

E toda a fabrica tem um ar fresco de nova, reluzente, immaculada, intacta, em grande apparato de ceremonia inaugural, como se tivessem acabado de a instituir e me houvessem chamado, como em Portugal se chama o bispo, para a benzer.

No compartimento de cada vacca o estrado, em plano levemente inclinado, é de pinho branco, enxadrezado a formão e tapetado por uma camada de areia ou de serradura de madeira fresca e aromatica em arabescos semelhantes na còr e na fórma aos que se imprimem na manteiga em fôrmas.

Ao longo do muro alinham-se as mangedouras de pinho lixado, de uma nitidez de arminho. Acima de cada mangedoura uma janellinha envidraçada, ornada de uma cortina de cassa branca suspensa a cada lado por um tope de seda azul, permitte ás vaccas ruminar alegremente olhando a paizagem. Aos pés dos animaes corre um escoadouro perennemente clarificado. Cordas pendentes do tecto teem por fim suspender as caudas para que as vaccas se não enrabeirem de estrume. Abundam as esponjas, e são-me fornecidos esclarecimentos comprovativos de que não ha habito de *toilette* que seja mysterio para o gado vaccum nos curraes de Broek.

O ambiente da vaccaria é tão puro, tão delicado e tão fino como o de um salão de mulher, levemente perfumado a feno, no boulevard Malesherbes ou no parque Monceau.

Á esquerda acham-se as prateleiras forradas de linho alvejante, sobre as quaes se ostentam os queijos ainda frescos, retirados das formas, coroados de sal e semelhantes a grandes balas de nata acabadas de fundir n'um arsenal de manteiga.

Por baixo das prateleiras de deposito, os instrumentos e os utensilios de fabricação: as grandes bilhas de almude em cobre resplandecente como patenas de oiro saidas n'uma pega de camurça da mão do brunidor; as vasilhas da nata e as do requeijão; as batedeiras; as cirandas; os pilões; as pás; as prensas; os trinchos de estender a massa; os cinchos de espremer o soro e de enformar o coalho.

E tudo quanto não parece oiro refulgente, é junco luzidio ou ma-

deira envernisada de branco sem uma só arranhadura, sem a mais tenua mancha.

Ao lado do curral ficam as casas de arrecadação agricola. Por cima, o palheiro. Finalmente, no extremo do edificio opposto á vaccaria, a cosinha.

Em toda a Hollanda, no Norte, na Zelandia, na Frisa, a cosinha rural tem o mesmo aspecto e o mesmo typo consagrado, tradicional, muitas vezes reproduzido nos adoraveis quadros de interior da pintura hollandeza, nas aconchegadas scenas de familia, nas alegres festas do Natal, dos Reis e de S. Nicolau, descriptas nas pequenas telas incomparaveis de Jan Steen, de Van Ostade, de Gerardo Dov.

A vasta chaminé guarnecida de madeira de carvalho é forrada interiormente de faiança de Delft azul e branca, tendo ao centro como fundo á fogueira uma chapa de ferro forjada, polida a esmeril e contendo quasi sempre um baixo relevo. O fogo para cosinhar faz-se n'um grande tacho de ferro com tres pés, sobre o qual está suspensa a marmita ou a chaleira de cobre, e que ao mesmo tempo serve de fogão e de borralheira, onde a turba se conserva em brasa de um dia para o outro. A trempe, os cães, o atiçador, as tenazes, são de bronze lavrado ou de cobre polido. Em cima, no bordo de madeira, contra o panno do muro, poisa perpendicularmente uma fieira de pratos de estanho ou de loiça, sobre a qual se penduram symetricamente, em tropheu, outros pratos mais pequenos, diversos de côr e de fórma.

N'uma cantoneira, os vidros e a baixella de mesa.

Em estantes descobertas, a loiça de cosinhar, as prateiras, os passadores, as canecas de estanho e de grez.

Outras prateleiras mais pequenas são destinadas a varios fins. N'umas enfileiram-se os boiõesinhos brancos das especies com os respectivos letreiros impressos na porcelana; de outras pendem os cachimbos de gesso; n'uma outra estão por conta os ovos, ás duzias, separados uns dos outros e cada qual em sua cava; n'aquella arrecada-se o sabão; n'aquell'outra os phosphoros; n'esta suspende-se em panoplia a collecção das colheres da cosinha e da despensa, umas lixadas, outras

polidas, envernisadas de vermelho ou de amarello com desenhos em preto.

Adornam ainda a parede outros utensilios do *ménage:* o grande esquentador de cobre lavrado, com cabo de pau santo; o folle de bico de bronze; o espanador; a antiga bacia de barba, de Delft ou do Japão; a candeia; a lanterna de cobre; o pequeno relogio de pesos.

Muitas vezes a mobilia e a alfaia são antigas, de caracter artistico, no mais puro stylo do seculo XVI e do seculo XVII; e frequentemente se admira, pela elegancia da fórma e pela delicadeza do lavòr, o escabello, o bufete, o armario, a arca, a prensa da roupa e a do queijo, a estante das colheres, o berço, a dobadoira, a roda de fiar, a ferragem do lar, o bronze dos cães da chaminé, o cobre do esquentador, o grez do pichel, o estanho do pote de tabaco.

Dois ou tres armarios encravados no muro servem de leito e de alcova.

Á janella, entre o cortinado branco, canta um canario n'uma gaiola de junco japoneza, e por cima das flôres que adornam o parapeito vê-se para fóra em moldura sorridente, atravez do tom doirado e tepido do conforto interior, o quadrado verde do longo prado, uma aldeia entre arvores ao fundo, uma revoada de grandes gaivotas sobre um espelhamento d'agua, e, sobresaindo da relva n'um risco perpendicular alvejante ao sol, o osso de baleia cravado em poste no chão para servir de coçadoiro ás vaccas.

Toda a casa rustica obedece, mais ou menos fielmente, ao plano d'aquella que acabo de descrever. De Amsterdam ao Helder o typo é o mesmo. Nos casaes mais pobres a telha esmaltada é substituida pelos juncos da ilha de Marken. Nas mais ricas ha, além da sala de receber, uma especie de sala de honra onde se guardam as preciosidades da familia, as joias, as lembranças dos antepassados, o enxoval destinado ao filho que houver de nascer. É n'esta sala que se veste a noiva no dia de nupcias, que se expõe o esquife com o defunto no dia da morte, e que ainda hoje existe a *porta doirada*, que dá para o ca-

minho e se não abre senão para as grandes solemnidades da familia, o casamento, o baptisado ou o mortorio.

Nas casas abastadas ha egualmente duas cosinhas, uma para a estação calmosa outra para o tempo da neve: a de verão, á sombra das arvores, fresca, bem arejada; a de inverno, abrigada do vento, recolhida como um braseiro no interior da habitação.

As proprietarias opulentas teem ainda uma casa de lavor, bem quente, bem florida, onde passam os dias sedentarios do longo inverno hollandez, trabalhando rodeadas das suas filhas e das suas criadas.

Na Frisa, na *abençoada Frisa*, como na Hollanda se diz, é manteiga e não queijo que se fabrica nas herdades. O aspecto do curral é porém semelhante ao da Norte Hollanda. Um cavallo move a batedeira. As bilhas do leite são de cobre luzidio. As vaccas no redil teem as caudas presas ao tecto, e nas janellas do curral ha tambem cortinas de renda, como nas vaccarias e nos moinhos de Broek.

Não obstante o gosto do frisão pelos prazeres ao ar livre: no verão pelas pequenas viagens por mar, pelas kermesses, pelas corridas, pelos passeios em carruagem descoberta ao mais accelerado trote que podem attingir os musculos e os pulmões de um cavallo; de inverno pela patinagem nos canaes e nos lagos, a pé ou em trenós, o amor do conforto é o mesmo nas aldeias frisôas que na outra margem do golfo.

Muitos casaes são pequenos museus pelas suas collecções ceramicas, pelos moveis da Renascença, em talha de carvalho e ebano ou em madeira pintada de côres, sobresaindo o vermelho, o doirado e o azul, em desenhos caprichosos e complicados, como os da flora decorativa dos chales e dos tapetes persas.

Em muitos logares a casa é edificada sobre um quadrado de terra cingido por todos os lados de um fosso cheio de agua. É esse o ideal hollandez: a boa casa não sómente fechada, mas insulada, defendida, fortificada contra a curiosidade, contra a impertinencia ou contra a galhofa dos estranhos: verdadeiro baluarte da familia e da amisade, quente e escondido como um ninho, inexpugnavel como uma cidadella.

Para lá do fosso que embarga o passo aos viajantes, por cima da

cancella, o nome ingenuo da vivenda em forte contraste com a difficuldade hostil do accesso: *Amisade e sociedade, Alegria e paz, Meu prazer e minha vida!*

Nunca lá dentro houve uma recepção de apparato, uma *soirée*, um baile, ou qualquer outra d'essas festas que n'outras paragens os periodicos registram e de que os numerosos convidados se retiram penhorados pelas obsequiosas maneiras com que os donos da casa alimentaram oitenta personagens de um e de outro sexo, servindo-lhes vinte chicaras de agua morna, tres arrateis de bolos sortidos, uma aria, dois almudes de limonada, ôlho de namoro de quatro meninas de cuia e de espinhela caida, tres contradanças de lanceiros e uma poesia recitada ao piano por um famelico.

O amphytrião hollandez sómente recebe um amigo — o seu; lança-lhe a ponte por cima do fosso, recolhe-o em casa, fecha as janellas, tranca as portas. Espera-os a fogueira accesa, a mesa posta, a poltrona ao pé do lar, o cachimbo cheio, a garrafa aberta.

A mulher e a filha servem patriarchalmente a ceia ou o jantar ao hospede. Sobe a cerveja fresca, trasbordando em espuma côr de topazio das grandes canecas de estanho. Fumega na travessa o *huispot*, rescendendo ao cheiro picante dos legumes, ás cenouras, aos nabos, ás cebolas amassadas em batata, em feijão e manteiga polvilhada de pimenta. Loureja no môlho a larga fatia de vitella assada, e impa de chorume um paio nacional acamado em verdura. Ha uma torta de nata para a sobremesa; e, emquanto se desencerram do armario monumental os frascos veneraveis das compotas e dos licores que hão de coroar o repasto, mão experiente tempera de azeite e vinagre e salpica de pimenta de Caena a sabia salada tradicional de arenques, de enguias da Frisa ou de salmão de fumeiro, entre rodelas de ovos cosidos, de beterrabas e de pepinos de conserva, subtilmente esfiados á plaina.

Quando, já enxuto da neve o casacão e o gorro de pelles suspenso do cabide, desabotoados os colletes para rir á larga, escovada a toalha para se lhe porem em cima os cotovellos e os copinhos doirados da Bohemia destinados ao trago final da famosa genebra de Schiedam,

se atenaza da lareira uma brasa para accender o cachimbo de gesso de Gouda — o calumet familial da paz hollandeza, — constata-se que cada um d'esses dois batavos ingeriu mais azote, mais carbone e mais phosphoro do que todo aquelle que, por occasião da procissão do Senhor dos Passos da Graça, circula para alimentação e recreio de quarenta pares dançantes nos salões da Baixa em Lisboa, sobre as bandejas montadas em andor pelo tão bemquisto quanto parcimonioso Ferrari.

Por toda a parte, o mesmo recolhimento discreto e claustral, o mesmo aceio meticuloso, o mesmo espirito fanatico de ordem symetrica, rectilinea, mathematica, inilludivel.

Nos mesmos logares hoje decaidos de um esplendor antigo, em Enkuisen por exemplo, que no seculo XVI era um grande porto de mar, enviando ás grandes pescas 140 embarcações escoltadas por 20 navios de guerra, e não é presentemente mais que um obscuro burgo de 500 almas, as ruinas dos antigos monumentos nada teem do aspecto desordenado e triste das povoações abatidas e condemnadas. As casas ermas acham-se tão limpas como as casas habitadas. A alvenaria e os tijolos despegados da frontaria dos predios acamam-se em lotes geometricos, sacudidos da caliça, varridos, espanados, ao lado de cada porta. A parte que ainda resta da egreja desmoronada está escrupulosamente caiada de branco, e as interessantes esculpturas architectonicas, em madeira ou em pedra, no estylo da Renascença rhenana, conservam-se na povoação expirante tão cuidadosamente como no mais bem dirigido e mais tratado museu archeologico.

Em todas as aldeias vivas, florescentes, em movimento de progresso, a natureza, servilmente domada ao gosto do habitante, offerece a mesma invariavel physionomia artificial, lisa, aplanada, esquadriada, arrebicada, pintada, penteada, embonecada, como um grande brinquedo, uma *creação universal* ou uma granja de Nuremberg, novamente colorida, saida da boceta, fresca, cheirando ao verniz, armada sobre um tapete de velludo verde claro, na grande mesa da exposição dos presentes a que se juntam os *babys* no dia de S. Nicolau ou do Anno Bom.

Quatro dias depois de ter estado em Broek fui ao Helder, subi ao alto do grande dique e olhei para o mar.

Desencadeava-se no espaço a primeira tempestade da serie periodica do outono. Soprava rijamente o noroeste. No céo côr de lousa, atormentado e revolto, riscado de travez pelos aguaceiros, corriam em turbilhão as nuvens sobrepostas, espessas e pesadas como enormes avalanchas de cebo enegrecido, amalgamadas, disgregadas, enoveladas, esfarrapadas no ar. O inclemente, o terrivel, o tenebroso, o tragico mar do Norte, encapellado em ondas alterosas como montanhas, esbarrava na estreita ponta septentrional da Hollanda a sua furia recrudescente desde o polo, á qual o temerario dique do Helder contrapõe impavido o primeiro obstaculo do caminho.

Um rombo na muralha, que o mar embravecido desfaz e que a Hollanda tenaz e paciente refaz minuto a minuto, e — comprehende-se bem e nunca mais o esquece quem uma vez assistiu a essa luta tremenda entre o dique e o mar — o paiz inteiro, concavo como uma bacia, seria varrido de um cabo ao outro n'uma lugubre baldeação aniquiladora.

Então perdi a vontade de sorrir do que tinha visto em Broek.

Um povo, que, para manter a occupação do solo em que vive, sustenta em cada dia esse combate eterno e formidavel com o oceano, tem sobre a terra direitos discricionarios e pode tratal-a como muito bem quizer a seu unico sabor e capricho. A puerilidade dos seus gostos captiva o meu respeito enternecido. Todo o grande valor portentoso e descommunal é assim, por natureza ingenuo e simplesmente infantil. Os ociosos, enervados no luxo apathico das civilisações tranquillas, divertem-se a caçar o javali e o tigre. O marinheiro destemido, que regressa das pescas da baleia ou das expedições do polo, entretem-se bordando ao bastidor ou fazendo meia encruzado no chão, sobre o convéz da embarcação victoriosa, suavemente baloiçada em azul no porto manso e solheiro.

Além d'isso, ha no aspecto architectonico das aldeias e na decoração da paizagem na Hollanda a expressão de uma felicidade tão ca-

seira, uma intimidade tão meiga, um tal ar de candura, tanta bondade chãmente distribuida, tanta familiaridade communicada sem restricção e sem reserva, que chega a gente a experimentar uma sensação mais doce que a simples curiosidade: uns longes inesperados de ternura; o reconhecimento da hospitalidade das coisas, a qual, ainda no meio da rua, parece guardar o quer que seja do calor do lar; uma especie de amisade a boa tia velha, que nos mostra a sua alcova antiga e virginal; finalmente um leve humedecimento de vaga saudade, saudade de remotos dias castos, innocentes, alegres, esvahidos na penumbra côr de rosa das confusas recordações da infancia.

A puerilidade no excesso do asseio é, segundo todos os viajantes que me precederam, o grande ridiculo nacional da Hollanda. Eu assim o confirmo, declarando porém, para descargo da minha consciencia, que a mais verde creancice de limpesa me repugna menos do que uma robusta hombriedade de porcaria. Horror por horror, prefiro uma arvore pintada a um pente sujo, e antes quero que nos meus pesadellos me appareça uma vacca em cima de um tapete, do que uma escova de dentes cahida no lixo atraz de uma commoda.

A impressão geral que deixou no meu espirito a paizagem hollandeza assemelha-se, em resumo, á recordação de um d'esses vívidos e pintalgados albuns japonezes, em que as tres mil ilhas do imperio do Nascer do Sol, banhadas na humida vaporisação côr da aurora, se nos deixam vêr ou advinhar de um relance, ridentes, fagueiras, envoltas nos meandros azues da agua, cheias de estranhos espelhamentos de sol, e encerrando uma vida exotica, calma de todas as revoltas dos nervos e de todos os estos do sangue, docemente penetrada até ás origens pela mansidão contemplativa, scismadora, magnetica dos brancos luares profundos e dos vastos lagos crystalinos e immoveis. Fecho os olhos e revejo angulos luminosos de um archipelago verdejante: minusculas ilhas da variegada côr mimosa e tenra das flôres dos jacinthos, um encruzilhamento confuso de pontes rusticas, de uma das quaes atravessada em arco entre chorões, se ri para mim com a sua enorme bocca sem dentes uma velha phantastica, encantadora e alegre coma-

dre, de touca branca e monumental como um obelisco, tamancos immensos e recurvos, mãos nas ilhargas, pernas abertas, bicos dos pés mettidos para dentro; uma fita de canal em que voga lentamente ao sol posto uma barca, puxada á cirga por uma rapariguinha de doze annos e levando dentro, sentado á pôpa, um velho adormecido; uma estrada plana, recta, calçada de tijolo, ao longo da qual trota um cavallo preto da Friza ou da Zelandia, de longas clinas ao vento, sacudindo um argentino carrilhão e levando á kermesse, na carreta rural engrinaldada de rosas, uma familia em festa, que me parece estar vendo ainda, voltando-se para traz, familiarmente, n'um gesto amigo, para me dizer adeus!

IV

AS CIDADES

AMSTERDAM

As cidades hollandezas podem facilmente classificar-se, reduzindo-as a cinco typos principaes: cidades de commercio, cidades de industria, cidades litterarias, cidades de luxo, cidades mortas.

Amsterdam, capital, é um dos dois grandes fócos do commercio neerlandez.

Tendo nos ultimos tempos declinado em Rotterdam uma consideravel parte da sua actividade no trafico das mercadorias, Amsterdam conserva-se o grande centro da negociação de fundos, das transacções de bolsa, e é o grande escriptorio central, assim como Rotterdam é o grande balcão maritimo da Hollanda.

Basta lançar os olhos á cidade do alto do zimborio do Palacio Real no Dam ou examinar a bella carta topographica historica de J. ter Gouw, para comprehender, nos successivos desenvolvimentos da população desde o anno de 1342 até o de 1882, a força de plano, o espirito previdente, a continuidade de methodo que tem presidido ao alargamento das edificações.

Imagine-se um semi-circulo cuja corda é formada pelas aguas do porto: tal é o aspecto da povoação, desdobrada como um enorme leque aberto sobre o Y. Esta disposição, concebida desde o seculo XVI, é a mais propria para o movimento de uma cidade commercial, e nunca mais se alterou desde as suas primitivas bases até o momento presente. Os bairros novos cingem-se em curvas parallelas e em linhas

concentricas aos bairros velhos, sem que jámais a população se distraia do seu foco, dispersando-se fugidiamente em bairros excentricos, puxando n'uma só direcção, como succede em outras cidades, com detrimento do conjuncto regular e harmonico. Cada nova zona de construcção põe no delineamento do todo o vestigio de uma nova camada de habitantes trazendo comsigo o gosto architectonico de cada seculo. Nas velhas ruas as reedificações constroem-se no antigo estylo da localidade, segundo os modelos que ficaram do seculo XVI, do seculo XVII e do seculo XVIII. Nas ruas novas a moderna architectura hollandeza campeia em plena liberdade de innovação. Esta particularidade basta para dar uma idéa da grande variedade e do grande interesse pittoresco das casas de Amsterdam.

Junto ao mais profundo respeito da tradição nos costumes e nos edificios, admira-se o movimento mais forte de renovação e de progresso.

Emquanto por um lado as casas que cahem no bairro central do Dam e no bairro dos judeus se reedificam absolutamente segundo as plantas primitivas, nos bairros novos levantam-se edificações luxuosas de primeira ordem, como o *Palacio de Crystal*, o *Novo Museu*, as *galerias*, grande edificio monumental no genero do *Palais Royal* em Paris, o *Hotel Americano*, e o *Amstel-hotel*, excellente modelo do genero, comparavel aos melhores de Londres, de Paris, de Vienna, de Genova ou de Nice, comprehendendo cento e vinte quartos, grande vestibulo, *halls*, serviço de bagagens e de criados inteiramente separado do serviço dos hospedes, sala de mesa redonda, sala de jantares e de almoços, restaurante, salão de leitura, salão de conversação, salões particulares, banhos e canalisação para cada quarto, de agua, de gaz e de ar, o qual ao sahir do reservatorio atravessa uma pulverisação de vapor, permittindo dar-lhe por meio do movimento de uma torneira o grau de hygrometria que se deseja.

Emquanto as vendas de licores de Lucas Bols e de Focking conservam a mesma installação, tão pittoresca, que tinham no seculo XVI e no seculo XVII, cafés inteiramente modernos offerecem ao habitante

de Amsterdam o maximo conforto que estabelecimentos d'essa ordem proporcionam ás mais ricas capitaes da Europa.

O café *Krasnapolsky*, por exemplo, tem vinte bilhares, um jardim de verão, um jardim d'inverno, logares para duas mil pessoas, illuminação a luz electrica e grande orchestra ás horas do jantar, das seis e ás oito da noite. Outro tanto no café do *Panopticum*, onde, além dos jardins, da orchestra, da grande sala, da luz electrica, ha ainda o attractivo supplementar de um salão de jantar, mobilado artisticamente no estylo hollandez do seculo XVII e revestido de grandes faianças de Delft.

Entre quarenta outros cafés e restaurantes de diversas categorias cumpre ainda especificar cinco cafés-concertos, o *Café Riche*, que é uma succursal do Bignon, o grande *Café Suisso*, o *Café Francez*, e os famosos *Salões d'ostras* em Kalverstraat e em Reguliersbreêstraat, onde com tanta arte se preparam os classicos almoços de marisco: as ostras servidas nos grandes pratos de madeira com assumptos de pesca pintados a oleo, as montanhas de camarões, as saladas de arenque com beterrabas, cebolas e pepinos de conserva, e as *sandwichs* de pão torrado com enguia e salmão de fumeiro.

Os jardins amsterdamenses rivalisam com os melhores do mundo. Além dos jardins publicos, especialmente consagrados á recreação das creanças, e do grande parque Vondel, para *rendez-vous* de carruagens, occupando uma superficie de 2300 hectares, com um café, uma vaccaria e uma estatua ao grande poeta hollandez Justus van den Vondel, ha o *Horto Botanico*, com as suas magnificas estufas, as suas palmeiras do Cabo da Boa-Esperança, a sua famosa *Victoria Regia*, e o seu agigantado cypreste das margens do Mississipe, que se diz ter sido plantado pelo proprio Linneu; ha os *Viveiros de Groenewegen*, cujas estufas occupam um circuito de cerca de meia legua, bastando para dar uma idéa do supremo grau de perfeição a que chegou a horticultura na Hollanda; ha ainda o *Horto de Linneu*, magnifica escola publica de botanica, e ha, finalmente, o *Jardim Zoologico*.

Este estabelecimento é classificado entre os primeiros da Europa

e immediatamente depois dos jardins zoologicos de Londres e de Francfort. Além da sua vastissima collecção d'animaes, dos seus aviarios magnificos, das suas galerias de carnivoros e de pachidermes, da sua gaiola de macacos, das suas piscinas de palmipedes, de phocas, de lontras, de castores, de tigres marinhos, do seu enorme aquarium, dos seus amplos parques de veados, de zebras, de hippopotamos, de bufalos, de antilopes, de girafas, de gamos, de dromedarios, d'antas, de animaes cornigeros, etc., o jardim zoologico d'Amsterdam tem, como complemento de sua collecção viva, um museu completo d'esqueletos e de animaes empalhados, uma bibliotheca, uma exposição de piscicultura e de chocagem artificial, um importante viveiro de flôres e de plantas exoticas, um jardim d'inverno, um museu ethnographico abundando principalmente em armas, artefactos e modelos de edificações das Indias Orientaes e Occidentaes, uma collecção de craneos, uma collecção de conchas, uma collecção de cornos, uma collecção de insectos, um vastissimo restaurante finalmente, e um pavilhão de musica.

Este importantissimo instituto, fundado, ha quarenta e cinco annos, por uma sociedade particular, é ainda hoje dirigido pelo seu primitivo director, o sr. Westerman. Sobre o portico da entrada lê-se a divisa da sociedade, definindo da maneira mais peculiar a Hollanda o principal titulo da obra da natureza ao amor, ao respeito e ao estudo do homem: *Natura artis magistra*. A terra de Rembrandt, de Van der Welde e de Karel du Jardin não poderia com divisa mais tocante exprimir pela creação de um jardim monumental a comprehensão da gloria que lhe cabe como berço da pintura moderna.

Para que se não diga que os habitos recolhidos e caseiros do habitante são antes uma necessidade do que uma virtude, Amsterdam tem n'este momento abertas ao publico quinze casas de espectaculos ou de concertos musicaes. Entre ellas deve-se especialisar o Theatro do Parque, construido, ha apenas dois annos, pela somma de 280 contos de réis. É um vasto edificio decorado luxuosamente em estylo indiano, e semelhante ao *Eden Théâtre*, da rua Auber, em Paris. Como o Eden

de Paris, o de Londres ou o de Bruxellas, é illuminado a luz electrica, rodeado de amplos *promenoirs* e de um espaçoso jardim d'inverno. A sala tem logares para dois mil espectadores.

Como construcção moderna é notavel este edificio pelo modo como n'elle se resolve completamente o problema do soccorro n'um perigo de incendio. Para este fim acha-se o edificio dividido em tres grandes secções separadas umas das outras por espessos muros de pedra; tres portas de ferro communicam a scena com a sala; um panno de bocca feito de um tecido de metal isola instantaneamente o palco da platéa; um systema de canalisação e reservatorios, postos em acção por uma machina de vapor, permitte desdobrar um lençol d'agua sobre o panno metallico que fecha a bocca da scena, impedindo assim de penetrar na sala o fumo de um incendio no palco. Além d'isso, uma grossa columna d'agua e vinte e seis torneiras d'alta pressão põem em communicação com as diversas partes do edificio o aqueducto geral da cidade; a sala com a maxima enchente pode ser evacuada em menos de tres minutos; para evitar quanto possivel os atropelamentos, os conductos de saida alargam de mais em mais desde o interior da casa até o ar livre. Todo o scenario, finalmente, é embebido nos liquidos descobertos pela chimica moderna para o fim de pôr os tecidos á prova de fogo.

Amsterdam orgulha-se com justificado fundamento das excellentes escolas que possue: 343 escolas de instrucção primaria; 2 escolas para formar professores de instrucção primaria; 1 gymnasio; 1 universidade; 4 seminarios de differentes religiões; 3 escolas superiores publicas com cursos de tres a cinco annos; 1 escola superior catholica; 1 escola superior particular para raparigas; 1 escola de commercio com curso de tres annos; 3 escolas para formar operarios; 2 escolas de marinha; 1 escola de industria para raparigas; 1 escola de theatro; 7 escolas de musica; 8 escolas de gymnastica; 1 escola de natação; 1 escola de bellas artes, *academia das artes plasticas;* varios jardins de infancia, etc.

Não é esta a occasião de fallar na organisação do ensino n'estes

estabelecimentos. Na installação material de quasi todas as escolas é commovente a decoração, intelligentemente concebida no intuito de excitar nos alumnos pelas suggestões da arte os sentimentos de abnegação e de gloria, o respeito da tradição, o espirito de classe e o amor da patria.

Na escola de marinha, por exemplo, fundada em 1785 pelas sobras de uma subscripção patriotica destinada a soccorrer os marinheiros mutilados, assim como as viuvas e os orphãos dos marinheiros mortos na batalha de Doggersbank em 5 de agosto de 1781, ha todo um gabinete de recordações historicas: entre outras, magnificos retratos dos almirantes de Ruyter, Piet Hein, Tromp pae e Tromp filho, Heemskerk, Evertsen e Zoutman; o retrato de João de Witte, o glorioso martyr da opposição republicana á casa de Orange; a medalha de oiro cunhada em memoria de Kinsbergen depois da batalha naval de Doggersbank; a espada de honra de Zoutman; as insignias da ordem de S. Miguel com que o proprio Luiz XIV condecorou de Ruyter, o terror dos mares, *immensi tremor oceani,* como diz o seu epitaphio da Nieuwe Kerk, a medalha de honra que lhe votaram os Estados Geraes, o copo de champagne pelo qual elle bebeu o vinho da ultima saude á gloria da sua patria, e, finalmente, a mesma bala que o matou, ferindo-o como a Achilles n'um pé, por occasião do seu derradeiro recontro com Duquesne na campanha da Sicilia, no golfo de Catania, em 1676.

Mas a grande, a verdadeiramente indiscutivel, a suprema gloria da cidade está nas suas fundações de benificencia e nas suas collecções d'arte.

Não pude examinar bastante attentamente todos os estabelecimentos pios, e cito apenas os nomes de alguns, colhidos de passagem e ao acaso. O asylo dos necessitados, o hospicio dos velhos lutheranos, o asylo dos velhos, o hospital dos doentes e dos alienados isrealitas, o asylo dos cegos, as officinas dos cegos necessitados, o orphelinato dos rapazes e das raparigas da religião reformada, a casa dos marinheiros, o hospicio dos velhos da congregação neerlandeza, o hos-

picio catholico das velhas e das religiosas, o hospicio reformado dos velhos, o orphelinato communal, o orphelinato catholico, o orphelinato lutherano, etc.

Alguns d'estes institutos occupam casas sumptuosas, verdadeiros palacios de luxo.

Os orphãos asylados pela cidade e pelas congregações teem a carne alegre da saude e da abundancia. Não saem nunca em fila servil, tristemente arrebanhados como pobres animaes captivos. Andam á solta nas ruas como cidadãos livres, passeiando dois a dois ou inteiramente desgregados uns dos outros, um por um. Distingue-os o uniforme, que dá na vista, os assignala e os fórça a assumir em toda parte a responsabilidade que lhes cabe como membros da corporação a que pertencem. As orphãs teem uma elegancia grave, um pouco scismadora, fazendo pensar na lenda de Margarida e na paixão do Fausto. A frescura e a correcção das suas *toilettes* é inexcedivel. A cidade julgar-se-ia maculada de uma vergonha publica, se alguma das suas orphãs fosse vista com um sapato desformado, com uma touca da vespera, com uma nodoa no vestido, com um surro nas luvas.

Em Amsterdam, assim como em Rotterdam, assim como na Haya e nos outros grandes centros da população hollandeza, os orphãos dos cidadãos são os verdadeiros filhos da cidade, e os cuidados de carinhosa protecção que os rodeiam teem mais o cunho de um terno desvanecimento maternal que o de um secco dever de benificencia.

O asylo dos cegos de Amsterdam, fundado em 1823, é um instituto modelo para todos os d'esse genero. O curso de ensino para os asylados é de doze annos. Além das linguas franceza e allemã, ensinadas praticamente, além da leitura e da escripta em relevo de pauta, semelhante ao do apparelho telegraphico de Morse segundo o conhecido methodo de Braille, os cegos do instituto amsterdamense, instruidos nos processos francezes e dinamarquezes, de Foucaud e de Guldberg, escrevem com penna e papel agilissimamente, em letra corrida, perfeitamente intelligivel para todos os que teem vista. Juntamente com a geographia, com a historia, com a musica vocal e instrumental,

os cegos, de cujo o gremio saem os organistas para muitas egrejas da Hollanda, exercitam-se em um grande numero de trabalhos mecanicos, em que adquirem uma destreza prodigiosa. Enastram cestos, chapéus, assentos de cadeiras e varias outras obras de palha, de vime e de junco; tecem admiraveis redes de pesca e de caça, e são inexcediveis em certas obras de malha e de missanga, fabricando as bolsas de retroz em pequeno alforge para o dinheiro, geralmente usadas em toda a Hollanda.

Além do grande asylo a que me refiro, e que se acha situado no Heerengracht, ha mais em Amsterdam tres hospicios para as pessoas privadas da vista.

O instituto denominado *Casa dos Marinheiros* (*Zeemanshuis*) merece egualmente menção. Situada quasi em frente da escola de Marinha, esta casa, fundada em 1856, tem por fim testemunhar a sympathia especial de Amsterdan pela classe dos navegadores que fizeram a gloria commercial e a riqueza da cidade, facultando aos homens do mar desembarcados n'este porto a mais facil e a mais commoda vida durante a sua residencia em terra. Não é um hospital, nem um asylo, nem um albergue, na accepção estreita que tem esta palavra, na relação de bemfeitor para desvalido. É simplesmente uma hospedaria montada com perda do hospedeiro, no intuito do maximo bem-estar do hospede. Este grande hotel é posto pela cidade á disposição de todo o marinheiro, mediante os seguintes preços: 500 réis por dia, para alojamento e alimentação de todo o piloto ou facultativo naval; 400 réis por alojamento e habitação de todo contramestre, carpinteiro, marujo ou grumete. Por tão modica somma a *Casa dos marinheiros* proporciona aos seus hospedes boa cama e excellente mesa, vastos salões de conversação e de recreio, casa de banhos, gabinete de leitura, sala de bilhar, uma bibliotheca especial e uma grande variedade de jogos de salão e de jardim.

Para as honras da hospitalidade aos commandantes de navio e outros marinheiros de graduação superior tem ainda a cidade o club de luxo intitulado *Esperança do marinheiro (Zeemanshoop)* situado no

Dam, á esquina de Kalverstraat. Os membros d'esta sociedade, installada com elegante conforto, tem o direito de arvorar no mastro grande das suas embarcações uma pequena bandeira encarnada, pela qual se reconhecem no alto mar, e possuem um fundo pecuniario de soccorro destinado ás viuvas e aos orphãos dos navegantes.

A Amsterdam cabe a honra de ser a séde principal da grande sociedade intitulada *«de utilidade publica»* creada em Dam em 1784 e transferida para Amsterdam em 1787. Esta corporação, cujos associados pagam uma quota annual de 2$100 réis, formando um rendimento de cerca de 35 contos annuaes porque o numero dos socios passa de 15,000, tem por fim melhorar as condições sociaes, vulgarisando a instrucção por meio da creação de escolas, de bibliothecas e de museus populares, de sociedades de leitura, de cursos technicos e de caixas economicas, pela publicação de livros uteis, e pela distribuição de recompensas ao valor e á virtude. Esta associação conta 300 succursaes disseminadas pela Hollanda.

As galerias d'arte da cidade de Amsterdam bastariam para enriquecer e nobilitar uma nação. Além de muitas collecções particulares consideravelmente ricas, e das quaes as mais conhecidas são as de Six, de Van Loon, de Vos e do barão Hofft von Woudenberg, ha o grande museu Trippenhuis, o museu Van der Hopp, o museu Fodor, o museu da Academia Nacional, o da Casa da Camara, a galeria *Arti et amititiæ*, o gabinete da Sociedade Real de Archeologia, o da Sociedade de architectura, o da Sociedade *Felix meritis*, o do Palacio da Industria, o museu de Broek (*Broeker huis*).

O *Trippenhuis* encerra mais de quinhentos quadros, sendo cerca de 450 das escolas hollandeza e flamenga, e os demais de mestres italianos, hispanhoes, francezes ou desconhecidas. Esta galeria magnifica, a primeira da Hollanda, foi consideravelmente enriquecida em 1879 e em 1880 por acquisições importantes. entre as quaes a da *Mulher que lê a Biblia*, de Metsu, e pelo legado do cidadão Van de Poll, comprehendendo 50 quadros de primeira ordem, e entre elles uma perola inestimavel o *Retrato de uma senhora idosa*, de Rembrandt.

O museu Van der Hoop conta 222 telas, das quaes 157 de antigos mestres hollandezes.

No museu Fodor ha 121 quadros a oleo, hollandezes ou flamengos, 41 francezes e allemães, 900 desenhos e 300 gravuras.

A collecção da Casa da Camara, mal installada em consequencia da estreitesa do edificio, consta, segundo se diz, de mais de 300 quadros, dos quaes sómente se acham expostos os mais notaveis, grandes telas de Franz Hals, de Van der Helst, de Flinck e de Keiser, documentos interessantissimos da pintura civica da Hollanda, a menos conhecida no estrangeiro, representada nas collecções nacionaes pelos bellos retratos das corporações burguezas dos seculos XVI e XVII, reuniões d'arcabuzeiros, de syndicos, de regentes, de chefes de *doelen* e de *gildes*. Além da sua collecção de quadros, o palacio da municipalidade possue um gabinete interessantissimo de modelos de diques, de pontes, de construcções hydraulicas; uma sala d'armas; um museu de curiosidades, contando grande numero de valiosos documentos artisticos da historia da cidade, obras primas de ourivesaria e de serralharia dos seculos XVI e XVII, insignias de bedeis e de chefes de corporações, taças historicas, medalhas, faianças e bronzes.

A sociedade *Arti et amititiæ* possue, installada em dois magnificos salões uma galeria historica contendo mais de 200 quadros relativos ao passado da Hollanda. Para se ajuizar da importancia d'esta collecção basta referir os assumptos d'algumas d'essas representações.

Um *panneau* contém o *Estado prehistorico da Neerlandia*. Outros comprehendem successivamente: Monticulos e cabanas germanicas; Tumili; Altares de sacrificios germanicos; Visita de Carlos Magno á escola de S. Martinho de Utrecht em 709; Palacio e castello de Valkenhoff, em Nimègue, no tempo de Carlos Magno; a feira de Utrecht, em 1120; Bibliotheca da abbadia de Egmont em 1200; o conde Guilherme II funda um palacio-castello na Haya em 1249; O conde Guilherme II matriculando-se no registro dos cidadãos de Utrecht em 1249; o conde Florencio II manda construir diques e canaes em 1240; O conde João II outorga o primeiro privilegio á cidade de Amsterdam

em 1300; Exploração das turbeiras pelos monges de Giethoorn, em 1334; Construcção dos primeiros pharoes nas dunas da Zelandia em 1351; Os primeiros moinhos hydraulicos na Norte Hollanda em 1400; Thomaz de Aquino escrevendo a Imitação de Christo em 1460; Invenção da imprensa por Lourenço Koster, de Harlem; A casa da camara de Amsterdam em 1650; Erasmo lendo a Thomaz Morus e aos seus amigos o *Elogio da loucura* em 1509; Lucas de Leyde terminando uma gravura no seu leito de moribundo em 1533; Carlos V visitando o tumulo de Guilherme Beuckelsen, em Biervliet, no anno de 1550; O cerco de Alkemar em 1573; A União de Utrecht, em 1579; Heemskerke projectando com Barents uma segunda viagem ao Mar Glacial em 1596; A embaixada commercial do Czar a Mauricio de Nassau, em 1614: A fundação da Batavia em 1689; O gremio litterario de Muiden em 1642; Martinho Tromp na vespera da batalha naval das Dunas, contra os hispanhoes, em 1630; O poeta Justus van den Vondel em 1643; Piet Hein conduzindo a armada de prata, em 1617; Audiencia dos burgomestres de Amsterdam em 1653; A paz de Westphalia em 1648; A batalha naval dos tres dias dada aos inglezes pelo almirante Ruyter em 1666; A visita do bailio aos archeiros de Amsterdam em 1650; Rembrandt meditando a *lição de anatomia* em 1632; João de Witt em 1660; O medico Boerhave, natural de Leyde, o fundador do ensino clinico, o mesmo a quem no seculo XVIII escreviam da China a carta, que lhe chegou ás mãos, assim sobrescriptada: *Ao doutor Boerhave na Europa;* João van der Heyden, o inventor das mangueiras applicadas ás bombas de incendio; Grotius; Justus van Effen; o poeta Cornelio Poot; todas as grandes glorias da Hollanda, emfim, na guerra, na politica, na sciencia, na litteratura, na arte.

Esta galeria, fundada pela iniciativa de alguns burguezes de Amsterdam, é de per si só um pantheon nacional, e pode servir de modelo ao plano da decoração artistica dos palacios municipaes em qualquer cidade do mundo.

A sociedade *Arti et amititiae* promove frequentes exposições de pintura moderna, e foi n'uma das suas salas, admiravelmente allumia-

da, que eu vi agora, exposto com um respeito verdadeiramente cultual, o grande quadro de Munckazi—*Christo na presença de Pilatos.*

Na Academia Nacional das Artes Plasticas existe uma serie de gravuras, varias reproducções em gesso de marmores classicos, e a celebre collecção de quadros pertencentes á corporação dos cirurgiões de Amsterdam, da qual fazia parte a *Lição de anatomia*, de Rembrandt, presentemente no museu da Haya. O mesmo assumpto d'essa composição foi tratado mais vezes para a corporação dos cirurgiões pelo proprio Rembrandt e por outros pintores do seculo XVII.

A sociedade *Felix meritis* possue, além de uma collecção de gessos, varios quadros de valor, um gabinete de physica, um observatorio, uma bibliotheca e uma sala de concertos.

A Sociedade d'archeologia tem uma excellente collecção de antiguidades, moveis, vidros, loiças, vestimentas, joias e alguns quadros. Este museu divide-se em nove secções, constituidas da maneira seguinte: 1.ª ritual e ornamentos ecclesiasticos; 2.ª exterior de casas, ruas e jardins; 3.ª interiores domesticos; 4.ª a arte; 5.ª vidraria e ceramica; 6.ª armas, caça e navegação; 7.ª corporações de officios; 8.ª ensino; 9.ª recordações de pessoas e localidades. Fundada em 1858, a sociedade d'archeologia tem por fim augmentar os conhecimentos historicos, formar e educar o gosto dos artistas e do publico.

O palacio da Industria, construido de crystal e ferro no stylo bysantino, além de uma sala de concertos e de bailados, com uma estensa galeria destinada a exposições temporarias ou permanentes de bellas-artes, de artes industriaes e de artes decorativas, de materias primas da industria indigena, e de machinas e instrumentos de fabricação.

BroekerHuis (a casa de Broek) é um gracioso pavilhão rustico, no estylo do seculo XVI, recentemente construido junto de um jardinsinho em labyrintho imitado de Hampton Court, e de um pequeno parque á semelhança dos de Lenôtre, destinado a recolher do modo mais pittoresco e mais artistico a antiga collecção de Broek, conhecida de todos os *touristes* e propriedade da velha e celebre Mlle Frégè-

res. Por morte d'esta dama, uma companhia comprou a casa e transportou-a ao logar em que presentemente se acha, em frente de Vondel park.

Esta collecção é muito interessante como amostra dos ricos interiores domesticos da Norte Hollanda no seculo XVII. Na mobilia ha peças preciosas de marcenaria, de marcheteria e de serralharia; prensa de queijo, prensa de roupa branca, fundos de chaminé, taboas chamadas de engommar e destinadas a fazer as vezes do ferro no alisamento da roupa, antigo leito e armarios de carvalho e ebano, bancos marchetados de tartaruga e marfim, duas cosinhas com todos os seus utensilios; lustres e candelabros de cobre, relogios, espelhos, alguns quadros, faianças de Delft, porcellanas da China e do Japão, algumas vestimentas, varias peças de filagrana de prata, um modelo em miniatura quasi microscopico de uma casa rustica da Hollanda do Norte no seculo XVIII, etc. Nas prateleiras e nos gavetões dos grandes armarios conservam-se todas as curiosidades religiosamente colligidas por Mlle Frégères e pelos seus antepassados: as suas velhas biblias em lingua hollandeza, cachimbos, potes de tabaco, ligas de noiva com as suas antigas e ingenuas divisas, taças, talheres, cofres, utensilios de costura, etc.

Era-me indispensavel tomar por algum tempo o papel de *cicerone*, e incorrer n'esta enumeração longa e fastidiosa para dar uma idéa, ainda que superficialmente documentada, do grande interesse que a uma cidade de trabalhadores e de negociantes podem merecer os mais delicados problemas da caridade, da educação publica, da esthetica e da arte.

A acção do governo no impulso do progresso é aqui nulla. A iniciativa do municipio e a dos cidadãos resolve todas as questões locaes com o mais alto criterio administrativo, dentro da mais logica systematisação de idéas. Burguezes, negociantes, mercadores, os homens das classes dirigentes de Amsterdam, solidamente educados na maxima parte, muitos d'elles superiormente instruidos, comprehenderam perfeitamente que é um problema scientifico o problema da riqueza; que o desenvolvimento do commercio se baseia principalmente para as

sociedades modernas no desenvolvimento do saber; que as grandes transacções do negocio procedem presentemente e por toda a parte dos grandes progressos das industrias creadoras; e que a sorte das industrias em toda a Europa depende hoje directamente do grau de desenvolvimento artistico de cada povo, do nivel da sua instrucção, do bem estar das classes trabalhadoras, da sua elevação intellectual, do progresso da critica, do aperfeiçoamento geral do gosto publico.

D'ahi vem que o grande commercio de Amsterdam, em vez de se desgastar unicamente a si mesmo pelo processo autopophagico das regulamentações aduaneiras e das accumulações de apparelhos bancarios, pensa em augmentar a sua prosperidade, e julga sabiamente servir o seu futuro, creando escolas, fomentando exposições artisticas, fundando galerias de arte, enriquecendo e multiplicando os museus, semeando os grandes jardins de recreio, plantando os grandes parques de luxo,—perfeitamente convictos d'esta grande verdade economica e social:—que para o enriquecimento dos povos no regimen do trabalho moderno a noção do *bello* é de todas a mais *util* e a mais *necessaria*.

Rotterdam

É a cidade maritima por excellencia; é um Amsterdan salgado, e cheira a algas e a marisco, assim como Amsterdam cheira a fundo de poço, ao bom lodo fertilisante, a herva e a turbeira.

Nos canaes rotterdamezes—onde corre o Mosa, que tem aqui uma grande profundidade—não penetram sómente as barcas de fundo chato da navegação interior da Hollanda; entram egualmente os navios de alto bordo, e nada mais phantastico do que encontrar a cada canto de rua os canos das machinas de vapor e a mastreação dos *steamers* transatlanticos que percorrem a cidade por entre os predios, e vão descarregar familiarmente, como simples carretas de mão, á porta dos consignatarios.

De noite, as luzes dos pharoes de bordo, entremeiadas com as dos candeeiros das ruas, produzem uma confusão phantastica, uma inextricavel polvilhação luminosa nas trevas humidas, lembrando um enorme enxame de grandes pyrilampos trepidantes na profundidade escura do céu.

De dia, nada mais alegre, nada mais rutilantemente festival do que o aspecto do porto, com meia legua de largura, atravessado por uma ponte de caminho de ferro, ladeado, nas duas margens, de caes arborisados, entresachados de depositos de fardos e de jardins de re creio, de armazens de negocio e de palacios de luxo, cursados por uma pittoresca multidão de carregadores e commerciantes, de estrangeiros e de indigenas, de carroças. de carruagens, de embarcações.

As locomotivas silvam a cada passo desenfrechadas pela ponte, riscando impetuosamente atravez do rio e atravez da cidade a baforada arquejante das caldeiras, cuspinhando o azul do céu de successivos borrões de fumo rolando fugidios por cima dos campanarios das torres, dos telhados vermelhos da casaria e das azas gigantescas e ruivas dos moinhos moinhando ao sol.

Em torno de toda a vasta bacia do porto, a armação dos grandes navios, ancorados rente dos caes, faz uma especie de arvoredo sem folhas, florido junto do tope dos mastros de bandeiras, de galhardetes e de flamulas, que cantam, vibrantes na transparencia atmospherica, toda a symphonia polychroma de uma enorme palleta aeria.

Cheguei a Rotterdam n'um domingo, e não creio que jámais esqueça a impressão que me ficou d'essa primeira noite passada na cidade gloriosa d'Erasmo e de Cornelio Tromp. O hotel onde me apeei achava-se em preparativos de festa particular, privativa da familia proprietaria do estabelecimento. A casa de jantar, ao fundo do corredor de entrada, fôra defesa aos hospedes. Um criado de casaca e gravata branca, n'um *vestiaire* improvisado, recebia os agasalhos das senhoras e os *pardessus* dos convidados.

De dentro vinham clarões de lustres accesos, estalos de Champagne desrolhado, ruidos de vozes e de talheres em movimento, compas-

sos de valsa evolados de um piano onde mãos dithyrambicas dedilhavam com ardor os *Mosqueteiros da rainha.*

Ás 7 horas jantei na sala dos almoços e do serviço á lista, frente a frente com um hollandez alto, gordo, de uma robustez caracteristicamente flamenga, ingenua e inconsciente, dando-lhe o aspecto de um enorme menino posto á mesa vestido de homem e adornado de umas suissas. Um criado unico servia-nos á pressa, evidentemente no intuito zeloso de ir ainda d'ali ajudar ao festim dos seus amos, cujo écco no meio da tristeza do nosso silencioso repasto nos chegava exaltado de contraste, n'uma sonoridade de saturnal.

Na sala proxima começara-se a entoar uma canção bacchica quando o meu companheiro, espectorando um suspiro fundo, e depois de me haver perguntado se eu era francez, descarregou subitamente no meu peito esta confidencia inesperada:—D'ali a tres dias cessariam inteiramente para elle as alegrias e os prazeres mundanaes. Este domingo seria o ultimo em que elle participaria dos profanos regosijos do seculo. Na terça-feira seguinte estaria para todo sempre vinculado á egreja... E, ao dizel-o, tremia-lhe a voz n'uma commoção que elle procurava de balde reprimir; e os seus grandes olhos azues, fitos nos meus, arrazavam-se-lhe de lagrimas crystalinas e luminosas.

—Por que não se fez antes padre catholico em Portugal ou em Hispanha?

—Oh! oh! exclamou elle com horror.

—É que entre nós os vinculos do sacerdocio não excluem o ecclesiastico de nenhuma das convivencias temporaes. N'um domingo, como hoje, por exemplo—expliquei eu—um clerigo em Lisboa, depois de dita a sua missa matinal, tem cumprido o preceito, e acabaram para elle até á missa do outro dia todos os compromissos canonicos. N'um bailarico de familia, como este aqui do lado, esteja certo que em Lisboa entre vinte convivas haveria pelo menos um padre galhofeiro e adamado, que entreteria discretamente as senhoras dizendo bobices ao jantar, que é o que lá chamam o *honesto convivio*, ou tangendo-lhes ao piano uns *lanceiros*, em stylo repicado de moteto, para as

danças. Os proprios parochos, os mesmos curas d'almas vão aos theatros nos domingos como nos dias da semana, teem os seus logares certos na platéa barata da opera, entre ranchinhos de damas amantes da devoção e da musica lyrica; e quem olha dos camarotes vê-lhes em baixo, entre os enfeites ornithologicos dos chapeus das meninas adjacentes, as coròas rapadas de fresco em discos reluzentes como bebedoiros de carne nua...

—E as responsabilidades da consciencia perante a transgressão do dever moral?—observou o meu companheiro. E o rebaixamento da personalidade christã ungida e sagrada por Deus? Aquillo a que chamamos *peccado*, emfim?!

Maravilhado de que, apezar dos solidos estudos da universidade de Leyde, a Hollanda pudesse produzir um theologo que como este parecia não conhecer da egreja romana mais que os austeros principios professados pelos jansenistas d'Utrecht, expliquei-lhe o melhor que pude algumas das grandes bellezas do catholicismo, tal como nós outros latinos o havemos interpretado para o fim de pôr o Evangelho ao alcance dos membros da nossa aristocracia e das nossas classes medias, para cujos interesses elle evidentemente não fôra destinado de principio. Mostrei-lhe como entre essas bellezas figurava a pouca importancia que teem os actos ordinarios e habituaes da vida no problema da remissão e da graça. Mostrei-lhe como todo um povo, bafejado por uma natureza tepida, risonha, um pouco enervante, eminentemente favoravel á sensualidade, podia em nossos climas aliar os mais fervidos sentimentos religiosos com uma ausencia absoluta de philosophia, com um descaso completo da responsabilidade, adormecendo em cada dia sobre o colchão fofo e macio da culpa, embalado na esperança convicta de que uma boa morte resalva tudo ao cabo da peior das vidas, sendo muito mais particularmente agradavel a Deus uma boa e decisiva reconciliação *in extremis* com os dictames da sua lei do que uma longa existencia monotona de bôas obras regulares e insipidas. Dadas taes crenças no seio de uma sociedade, o meu companheiro de mesa comprehenderia facilmente quanto vinha a ser suave

e compativel não só com todas as alegrias mas com todas as fraquezas do mundo, a missão de um clero nos paizes catholicos meridionaes.

Elle parecia escutar-me com interesse, o cotovello na toalha, o queixo nos nós dos dedos, e, como commentario ás minhas palavras, exclamava apenas repetidamente, com um sorriso meio ironico meio sincero, como um éco machinal e vago do seu pensamento:

— Oh! o hispanhol! o hispanhol!...

E dizia-o ás vezes com uma especie de respeito curioso pela raça de Santa Thereza e de Santo Ignacio, dos quaes elle tinha o ar de me considerar como um primo co-irmão, um sobrinho carnal, um d'estes parentes proximos, estroinas, que ainda nos desgostos que dão á familia se parecem com ella.

E, todavia, lisongeio-me pensando que, se convivesse intimamente durante um anno com este hereje, eu o arrancaria talvez pela persuação ás garras da hypocrisia lutherana, não digo para o entregar como neophito ao papado, porque para ahi não creio que elle se resolvesse nunca a ir pelo seu pé, mas para o restituir como arrependido mamifero á sabia natureza!

Despedimo-nos um do outro á porta da rua. Elle collocou a mão no meu hombro com um gesto de paternal violencia, como querendo indicar que o meu caminho era opposto ao seu, e disse-me:

—Adeus! Vá-se divertir. Boa viagem!

Achei-me só na rua principal da cidade, a *Hoogstraat*, construida sobre o extenso dique que atravessa a povoação, defendendo a cidade velha das cheias do Mosa.

Eram oito horas da noite. Cahia uma chuva outonal, miuda e constante. Uma espessa multidão de gente, semelhante á de *Kalverstraat* em Amsterdam, palmilhava o solo lamacento á luz dos candieiros e á luz dos botequins abertos, cujos clarões a toda a extensão da longa rua listavam de fachas luminosas a vasta superficie ondulante dos guardachuvas abertos e gottejantes.

Recolho-me em uma das novas *passagens* á moda na Hollanda,

construidas no estylo das galerias Saint-Hubert em Bruxellas, servindo esta para ligar a Hoogstraat com o caes. N'este recinto o movimento de gente é enorme, e o espectaculo que se me offerece inteiramente extraordinario.

Ao clarão do gaz, cahindo de grandes globos foscos do alto da galeria, ladeada de vitrinas de armazens, de tabacarias e de cafés egualmente scintillantes de luz, a população rotterdamense entrega-se, abrigada da chuva, aos seus folguedos habituaes da rua nas noites do domingo.

Grupos de raparigas, entre os quinze e os vinte e cinco annos, criadas de servir, costureiras, caixeiras de loja, passeando de braço dado, nariz no ar, olhar alegre e atrevido, fallando e rindo escancaradamente, provocam os homens a uma folia de carnaval, deitando-lhes a lingua de fóra, fazendo-lhes pés de nariz, puxando-lhes as abas do casaco ou as guias do bigode, acochichando-lhes os chapeus, dando-lhes piparotes, fugindo-lhes com as bengalas, atirando-lhes á cara com bolas de papel amarrotado.

Os homens de todas as gerarchias e de todas as edades—porque estas petulantes raparigas não escolhem nem excluem ninguem dos seus desafios—respondem-lhes e despicam-se agarrando-as á bruta pelas cinturas, rebuscando-as e esquadrinhando-as em correrias de selvagem, com detalhes inexprimiveis em linguagem impressa, até o extremo inacreditavel de lhes fazer cahir as ligas ou de lhes quebrar os atacadores dos espartilhos.

Nunca em minha vida vi um despejo egual, e esta licenciosidade publica parecia-me o ultrage provocador de um povo toda á minha delicadeza de viajante latino. Achava-me insultado.

No meio d'esta verdadeira orgia de alarves, destaca-se de repente aos meus olhos indignados um rapaz, de cerca de dezeseis annos de edade, gravemente vestido de collegial, com o seu grande collarinho redondo, de menino bem educado, voltado por cima da gola de uma jaqueta de pano fino, tendo abraçada uma forte e loura rapariga, que lhe enche de murros o nariz emquanto elle lhe circunda o

pescoço de uma enfiada de beijos. O guarda da passagem, vestido n'um apparatoso uniforme agaloado de porteiro de casa nobre, agarra este adolescente pelas orelhas, leva-o suspenso do chão até o portico da galeria, e lança-o, por meio de um pontapé applicado um pouco abaixo dos quartos trazeiros da jaqueta, estatelado de bruços sobre a lama de Hoogstraat.

E eu gostei!

Confesso-o aqui para meu castigo; confesso-o humilhado e corrido de mim mesmo perante esse primeiro impulso instinctivo da minha desastrada educação d'homem administrado, d'homem policiado, d'homem servil. Pobre de mim! que sei eu do que é a liberdade?! Julgo-me um independente, um racionalista, um emancipado de todos os preconceitos tradicionaes da tyrannia; de repente, um brutamontes puxa arbitrariamente as orelhas a um pobre rapaz que dá beijos n'uma rapariga, e eu regosijo-me por isso, estupidamente, como um simples padre-mestre de casos, como um misero sargento instructor de recrutas! Presenceio pela primeira vez na livre Hollanda um acto de despotismo auctoritario, e o meu coração exulta ridiculamente, como o de um chinez nostalgico ao tornar a ver, entre as raridades de um museu estrangeiro, o modelo da canga appetecida em que o entalavam os mandarins na patria longinqua!

Aqui está um pudico horrorisado pela moral em perigo, porque um bom rapaz sem licença d'elle deu quatro beijos n'uma linda rapariga! Eu quero saber se não é muito mais nobre, muito mais casto e muito mais decente este espectaculo, que o de quatro estudantes do lyceu de Lisboa espreitando febris por um stereoscopo da rua do Ouro a semi-nudez obscena da photographia de uma *cocotte*; e se não é muito mais digno da honrada natureza do homem o iniciar-se no amor dando beijos em publico n'uma cara de mulher, do que lendo um máu romance do sr. Belot, ás escondidas, na carteira da aula, ou no water-closet da familia!

E já agora que me descarrego d'este peccado, confessarei tudo, desdizendo-me egualmente da pueril susceptibilidade com que ao pri-

meiro aspecto me revoltei perante o modo como Rotterdam se diverte.

Lisboa tem ensaiado algumas vezes, pelo entrudo, divertir-se pela mesma fórma, isto é, em pleno exercicio do seu gosto; mas n'esses casos em Lisboa a cavallaria da guarda municipal sae á rua e varre o povo ás pranchadas.

Em Rotterdam dá se esta differença caracteristica: quando a força armada intervem nos divertimentos populares quem é varrido não é o povo, é a tropa.

Depois de feitas varias experiencias, reconheceu-se que em Rotterdam os cidadãos não podiam viver sem desordem com os soldados, e o resultado foi que, depois de alguns annos, deixou para sempre de haver guarnição militar na cidade. Não foi o povo que em Rotterdam deixou de se divertir como o seu temperamento e como a sua educação lh'o pedia, á semelhança do que fez Lisboa quando as auctoridades lhe prohibiram os ovos de entrudo, os foguetes, os repiques dos sinos, as pégas dos toiros, etc.

Em Lisboa o povo cedeu, em Rotterdam, pelo contrario, a tropa retirou-se.

Não é precisamente como na Passagem de Hoogstraat que nós nos entretemos dentro dos dominios administrativos do sr. governador civil e do sr. commandante da guarda municipal de Lisboa; mas que importa isso para a gloria de Rotterdam?!... É pouco mais ou menos como em Hoogstraat nos domingos á noite, que o homem espalha as suas penas entre os mais espirituosos consoladores que a pobre humanidade tem tido n'este mundo; é assim que a gente se diverte em casa de Gil Vicente e de Miguel Cervantes, em casa de Rabelais, em casa de Van Ostade e em casa Jan Steen.

Que o tão culto quanto fastiento Chiado pense de mim o que muito bem quizer! Pela parte que me toca, solemnemente o renego e d'elle abjuro. Sou por Hoogstraat.

A casa Havaneza dirá sobre o assumpto o que lhe parecer; o que eu digo é que prefiro, com os de Rotterdam, dar eu abraços nas mu-

lheres a dar-me o general commandante da guarda municipal cutiladas em mim.

Para esgotar até ás fezes a taça dos prazeres babilonicos de Rotterdam—que o meu companheiro de *table d'hôte* tão saudosamente me relegára—depois de vêr a rua, nada mais me restava senão ir aos antros tenebrosos dos pequenos cafés cantantes, chamados *Musicos* por um dos muitos hispanholismos deixados no vocabulario nacional pela convivencia das tropas de Filippe II. Em tão estreitos limites se restringe a orbita peccaminosa das mundaneidades com que esta cidade contribue na obra geral do seculo para a perdição das almas pela incontinencia do goso!

Fui aos *Musicos*.

Uma longa sala de tecto baixo, illuminada a gaz. Ar espessissimo de fumo, de vapores alcoolicos, de gazes exhalados das epidermes em transpiração, das bebidas fermentadas, da lama enxuta no calor confinado. Uma cortina corrida junto da porta esconde ás vistas de quem passa na rua os mysterios do templo consagrado ao culto musical e coregraphico da Venus á hora. Ao fundo, um pequeno palco para as canções; em baixo, um piano asthmatico e duas rabecas grunhideiras. Ao longo dos muros lateraes, filas de mesas rodeadas de cadeiras. Ao centro, um espaço livre para o baile.

O espectaculo humano é tão original como o da passagem Hoogstraat, mas de caracter inteiramente diverso. Na rua folga-se, e, não obstante a animalidade brutal do processo, ha na brincadeira um não sei que de ingenuo e casto, como se em toda aquella mole de sangue em ebulição, de alegria plebeia, não houvesse passado jámais o calor febril de um desejo, a instigação de uma curiosidade sensual!

Aqui, pelo contrario, ama-se. De cerca de cem homens de que consta o publico,—marujos da Zelandia e da Friza—todo o que não está gravemente bebado, está namorado.

As mulheres servidas pela empreza do baile, absolutamente como a cerveja ou o *schiedam*, são repulsivamente hediondas, de uma fealdade nunca vista, anormal e monstruosa, evidenciada em todos os pro-

menores por um trage de bailarina feirense: *maillot* vermelho, saia curta de gaze, corpete sem mangas decotado até o estomago, e botinas de setim claro com tacões Luiz xv. Do alto d'esta armação lastimosa e contristadora de mulheres á venda, regurgita por compressão uma grossa papa de carne hydropica, com porosidades de perú depennado, manchada como um mappamundi de aguadas azues, esverdinhadas e vermelhas. N'estas massas toscamente enformadas, molles, saponaceas, destacam-se appendices verticaes terminando em mãos, boccas avivadas a vermelhão, semelhando chagas entreabertas, de fundo lobrego, e grandes olhos sublinhados a traços pretos, na fórma de pargos, analogos aos olhos desenhados á chineza na prôa dos nossos botes de Cacilhas.

Não creio que homem algum, dos que mais celebres ficaram nas legendas romanticas da paixão, houvesse jámais dado á sua dama, á sua castellã, á sua rainha, á sua musa, uma intensidade, uma plenitude de adoração egual áquella de que são objecto, durante quinze ou vinte minutos por dia, estas estranhas e venenosas flores do monturo de Rotterdam. Ai de mim! tal como o descrevo, este botequim fumarento e infecto é, na dura realidade positiva das coisas, a tão poetica ficção da *Ilha dos Amores*, idealisada pelo alto lyrismo de Camões como recompensa dos deuses aos grandes feitos dos heroes.

Para estes homens que desembarcaram hontem estas mulheres representam, n'um parenthesis de tres dias em mezes, em annos talvez de navegação ao longo curso, tudo o que a terra produz de mais ineffavel—a felicidade suprema de amar e ser amado.

Como a fermentação das podridões locaes se não presta pela sua productividade a que a empreza dos *Musicos* forneça um par a cada embarcadiço, elles amam e bailam por turmas, aos quatro ou cinco em torno de cada nympha como em torno de cada gamella no rancho de bordo.

Em um d'esses grupos vejo a sabina fumando um cigarro de papel, sentada no joelho de um eleito, que a contempla em extasi, segurando-a delicadamente pela cintura, sorrindo até ás orelhas com uns

dentes em serra, n'um enlevo mudo de jacaré fascinado. Á direita, um de barrete de lontra, com um brinco em argola na orelha, afaga com a reverencia religiosa de um selvagem deante de um fetiche o braço nú que pende para o seu lado. Á esquerda, um outro, de longo beiço de fauno ladino, oscula em chuchurrubio os dedos que seguram o cigarro da sultana, emquanto aos pés d'ella, acocorado no chão, uma especie de rabbino, em jaquetão felpudo e chapeu de funil no cocuruto da cabeça, de longo nariz adunco pellado pelas geadas, barbicha ruiva, de chibo, medita concentrado, tumente de genebra, sobre o setim da bota que com o respectivo pé elle acalenta nos braços.

No centro da sala, alguns pares sapateiam estrepitosamente uma polka. Um maligno conduz o seu par cingindo-o ao peito, enlaçado com os dois braços pela cinta, e, como se este estreito contacto não bastasse para abafar a sua chamma, elle puchou ainda a viseira do bonnet para cima de uma orelha, e dança infrene, escoicinhante e rabido, levando constantemente o olho direito collado pela orbita á testa da dama. Seguem-o tumultuosos, n'um redomoinho de cachações fervidamente e reciprocamente distribuidos, seis ou oito polkistas desparceirados, esperando que o da viseira á banda desmorda do olho para lhe empolgarem a presa.

Simples como puros bichos, estes homens, sublimes de ternura ate o ridiculo, deram embarcados a volta ao mundo; foram ao equador e ao polo; cursaram os mares de gelo e os mares de sargaço; encontraram de perto a baleia e o tubarão, o urso branco e o leão marinho; foram ao Japão e á China, á Cuba e ao Peru; viram a caça ao elephante em Sumatra, e a caça mais terrivel aos ninhos de andorinha nas rochas de Java; viram as mulheres da Nova Granada dançando ao luar toucadas de pyrilampos; viram as larangeiras do Equador cantando ao sol enxameadas de colibris; viram passar os dromedarios tristes na areia ardente do Egypto e de Argel; ouviram o guincho da araponga nos céus esbrazeados do Brazil, ouviram o canto dos rouxinoes nos golfos azues do Mediterraneo, ouviram o gemer dos castores no Canadá e na Siberia; requeimou-os o sol mordente dos tropicos, e

fez-lhes cair a pelle o frio das noites polares no silencio tetrico dos eternos gelos que a heroicidade da marinha hollandeza por tantas vezes semeou de cadaveres.

E amanhã ou depois, fieis ao destino de que é feita a gloria da sua patria, elles embarcarão de novo, calçarão as botas encebadas, amarrarão os suestes por debaixo da barba, levantarão cantando as chalupas e as ancoras, e desapparecerão outra vez, por mezes, por annos, talvez para sempre, embebidos pela nevoa que franja o horisonte, felizes como triumphadores a quem a gloria não tem mais que dar, se, a troco de todo o dinheiro accumulado nos vencimentos de bordo, uma d'estas mulheres—unicas a cujo amor lhes é permittido aspirar n'um cortejo de tres dias—os remunerou com tudo o que o mundo tem até hoje inventado para recompensa dos fortes:—um beijo e uma volta de valsa.

Rotterdam tem para 150:000 habitantes, além de muitos collegios e aulas particulares, cento e tantas escolas, sendo: 30 communaes, 54 de communhões religiosas, tres escolas communaes do domingo, com 15 mestres, para criados de servir e operarios; 11 escolas de costura e de bordados, com 195 mestras; uma escola normal com 7 professores; uma escola normal superior, com 14 professores; um gymnasio; uma escola para mestres, com 6 professores; uma escola de mestras para asylos, com 4 mestras, etc.; um museu de pintura; um museu de antiguidades; um museu de historia natural; uma bibliotheca communal; uma academia de sciencias; um magnifico jardim zoologico; parques e jardins publicos; varios clubs, entre os quaes figuram em primeira linha, o *Club de Leitura*, que passa pelo primeiro da Europa, e o famoso *Yacht-Club*, estabelecido n'um vasto palacio á beira do rio e montado com um luxo que rivalisa com o dos grandes clubs de regatas em Inglaterra.

Dos estabelecimentos de caridade—asylos, orphelinatos, etc.—destaca-se o grande hospital recentemente construido, e a *Casa dos marinheiros*, á semelhança da de Amsterdam, com a differença de que, além de ser um grande hotel, o estabelecimento de Rotterdam é tambem

hospital, asylo, refugio, banco, caixa economica e monte-pio dos navegantes. N'esta casa os maritimos ricos hospedam-se; os doentes tratam-se; os abandonados recolhem-se; os invalidos estabelecem-se.

A cidade de Rotterdam cultiva para com a de Amsterdam uma rivalidade semelhante á que professa em Portugal a cidade do Porto pela cidade de Lisboa. Tudo quanto se faz de novo em Amsterdam, contrafaz-se. prefaz-se, refaz-se ou desfaz-se por emulação, por contradicção ou por imitação, em Rotterdam.

As curiosidades monumentaes da cidade, além do grande orgão e dos tumulos de almirantes celebres na egreja de S. Lourenço, das estatuas do estadista Van Kogendorp e do poeta Tollens, são a casa onde nasceu Erasmo — *Hæc est parva domus magnus qua natus Erasmus* — e o monumento levantado em honra d'elle.

A estatua do philosopho, collocada sobre um pequeno e pobre pedestal, ao centro da larga ponte em que se acha estabelecido o mercado, tem o ar bucolico e risonho de passear, meditando sobre um livro aberto e envolto na toga de letrado, por cima das enormes e garridas *corbeilles* dos legumes, das hortaliças e das fructas, honra e brasão da incomparavel horticultura hollandeza. O espirituoso litterato, sereno e recolhido, que em vida preferiu a companhia modesta do seu amigo o impressor Froben ao bulicio glorioso das côrtes de Sigismundo da Polonia, de Carlos d'Austria mais tarde Carlos V, de Henrique VIII de Inglaterra, e de Francisco I, não deve achar-se deslocado em effigie entre os pregões alegres dos hortaliceiros, sob a revoada familiar dos pardaes que se espanejam sem ceremonia no seu barrete de jurista.

Além de que, os eruditos modernos não conhecem, muito mais intimamente do que os simples vendilhões, a obra do grande encyclopedista da Renascença. Quem é que lê hoje os *Adagios* ou os *Colloquios*, os tratados moraes ou os tratados politicos? Folheia-se quando muito o *Elogio da loucura*, de preferencia na edição illustrada, e ainda assim menos para lêr o texto do que para vêr os desenhos de Holbein.

Meu Deus! como envelhece depressa a sabedoria! A sciencia que se accumula e se transmitte de geração para geração é um patrimonio

geral da humanidade inteira, no qual se funde, se congloba e se esvae a contribuição modesta de cada individuo. Só é pessoal, estavel, infundivel e eterna a obra da arte. Os grandes nomes pomposos de Erasmo, de Scaligero, de Justus Lipsius, de Grotius, de Boerhave, pertencem á paleontologia historica, fossilisaram-se na memoria humana.

Os nomes dos mestres da pintura hollandeza conservam no entanto toda a sonoridade vibrante das orchestrações mais vivas e mais proximas de nós. Quem é que passou na Hollanda e não estremeceu uma vez n'um calafrio sobrenatural, em presença da *Lição de anatomia* ou da *Ronda de Amsterdam*, cuidando ir vêr em pé, na sala do museu, ao seu lado, o proprio Rembrandt, de palheta e pinceis em punho, os anneis do cabello em transpiração na testa sob o gorro encarnado, o olhar cerrado a meia luz em frente da tela, o beiço palpitante, o pulso em febre?!

Erasmo, pelo contrario, ninguem já o imagina senão em bronze. O do monumento de Rotterdam foi, como o cobre dos instrumentos das bandas regimentaes da Hollanda, o objecto de uma lei caracteristica.— Prohibiu-se que estes metaes fossem limpos. Sem esta sabia disposição, a mania nacional da limpeza desenfreada faria com que os instrumentos musicaes da tropa não durassem mais de seis mezes e com que as estatuas dos heroes desapparecessem todas em pouco tempo, desgastadas e desfeitas pelo esmeril da plebe.

Noto, contemplando a sociedade burgueza de Rotterdam, que ha uma radical differença de ponto de vista no exercicio da profissão commercial entre os costumes da Hollanda e os costumes portuguezes.

Em Lisboa e no Porto o logista moderno é, em geral, um candidato a qualquer outra coisa: a vereador, a deputado, a jornalista, a visconde. A loja não representa uma tradição amada, de familia ou de classe, mas sim o casulo accidental e transitorio em que o logista, como a lagarta, se prepara o mais á pressa que pode, para a transfiguração em borboleta. Pelo annuncio e pela *réclame* elle funda uma celebridade provisoria, de taboleta ou de numero de porta, sufficiente para chamariz. A abonação das velhas firmas veneraveis, inilludivel

penhor antigo da probidade e da honradez das transacções, deixou de ter cotação no trafico geral. Já ninguem põe preço a um nome, porque o nome não vale nada. A transmissão do credito realisa-se pelo simples traspasse da chave da porta. A primeira coisa que faz aquelle que se estabelece é desinfectar e clarificar o antro dos vestigios d'aquelle que liquida. Todo o logista começa por se mobilar de novo, em mogno polido ou em pereira de infusão imitando ebano, com vidros tres vezes maiores, com tres vezes mais espelhos, e com tres vezes mais annuncios que o caturra seu predecessor. Ao cabo de dez annos, de vinte annos para os de mais longo folego, a casa envelhece, o estabelecimento acaba, a chave da loja traspassa-se pelo decuplo do preço por que se tomou; o antigo inquilino bateu a aza: foi para a politica, foco ordinario de todas as ambições burguezas, foi para um banco, foi para uma empresa financial, de pretexto agricola ou de pretexto metallurgico, foi para um syndicato, foi para uma companhia, foi para a batota, ou foi simplesmente para o tribunal do commercio, ou para a cadeia.

Em Amsterdam e em Rotterdam annunciam-se productos novos que chegam, productos que a industria local modifica ou renova; mas não se annunciam casas de commercio. A fama dos estabelecimentos mercantis faz-se no publico pela força da tradição. A chave da porta é nada, o nome do mercador é tudo.

N'este regimen, todo o methodo é de continuidade e não de transformação. D'ahi o respeito quasi supersticioso do negociante hollandez por tudo quanto relembre o seu mais longo passado. Ha muitas lojas em Amsterdam e em Rotterdam que teem cem, duzentos e trezentos annos de existencia. N'estas casas venerandas tudo é tradicional e antigo, como nos solares da alta nobreza. Por mais humilde que seja o ramo de commercio, o balcão assume a importancia historica de um brazão desde que por traz d'elle passaram tres ou quatro gerações de homens honrados. Não é só a armação da loja, o mostrador e os armarios que conservam o typo consagrado e immutavel da fundação primitiva, é o interior e o recheio de toda a casa, é a carteira dene-

grida, é o formato e a encadernação dos livros, é o tinteiro e a côr da tinta, é a penna, é o papel de cartas, que muitos continuam ainda a dobrar á antiga, sem enveloppe, fechadas a obreia; é ainda o mesmo stylo classico na redacção da correspondencia, é a mesma hora de fechar e abrir a porta, a mesma hora de comer, de dormir, de fumar e de lêr a biblia.

Em uma casa de Amsterdam, fundada no seculo XVII, os primitivos proprietarios fallavam portuguez; no escriptorio d'esta casa, que ainda existe, e onde todos são hollandezes, continua-se a fallar portuguez á carteira e a escrever em portuguez nos registros, como ha duzentos annos.

Os grandes estabelecimentos afamados não annunciam ao publico nem expõem a quem passa pela rua as coisas que vendem. Não teem *cliché* na imprensa, não teem *vitrine* de amostra no estabelecimento. Nenhuma especie de armadilha ao basbaque, nenhum intuito de tentação para comprar exercida sobre quem vae seu caminho! Nos mercados menos frequentados pelos estrangeiros, nas pequenas cidades de provincia, muitas das lojas teem a porta fechada. Quem quer compras bate no ferrolho. E nunca eu senti um tão grande desejo de comprar como em presença d'esta apparente indifferença geral de vender!

A familia do logista habita ordinariamente no mesmo pavimento da loja para o lado posterior da casa. Um timbre fixado á padieira indica ao abrir da porta a entrada de cada comprador. Á hora do almoço e do jantar sente-se do fundo o aroma appetitoso da refeição, o tilintar discreto dos talheres no banquete aconchegado. Quando o homem não póde vir vender, substitue-o ao balcão a mulher ou a filha. Mais frequentemente que o marido, é a mulher que falla o francez, e, n'esses casos, é ella chamada para servir de interprete aos estrangeiros, e desempenha-se zelosamente d'esse encargo, pedindo-lhes que fallem de vagar, destacando bem cada syllaba; escuta d'olhos arregalados, repetindo uma a uma todas as palavras, até reproduzir por inteiro em hollandez a phrase que se lhe dirige.

Ao domingo, toda a ninhada vae jantar ao campo sempre que o

bom tempo o permitte: os dois esposos de braço dado, os pequenos na frente pela mão.

Como as habitações da cidade não teem jardim, é ordinariamente no campo adjacente que o mercador de Amsterdam estabelece, entre flôres e relva, o seu lar querido. Logo que as suas economias lh'o permittem, vae residir de vez no pequeno museu de que fez a sua vivenda de recreio e de descanço *(my lust en leoen)* associando ao negocio, a que deixa de presidir, o seu filho, a sua filha, o seu genro, ou o seu caixeiro.

Os mais ricos, os que realisam collossaes fortunas nas colonias, ou no alto commercio das praças de Rotterdam ou de Amsterdam, estabelecem o seu pé de castello nas cidades de luxo, na Haya ou em Arnhem.

A Haya

É a mais européa, e, não obstante, uma das mais originaes e das mais interessantes cidades da Hollanda—de tal modo o gosto nacional soube harmonisar o que ella tem de historico com o que tem de juvenil.

O elegante cosmopolitismo, que faz d'este pequeno quadrado de terra hollandeza um dos mais doces refugios que pode appetecer no mundo o espirito de um artista, revela-se hospitaleiramente aos viajantes, apenas elles penetram na cidade.

O cocheiro que me conduz da *gare* ao hotel, n'um *landeau* de praça, falla-me correntemente francez e serve-me de *cicerone*.

Nas ruas que percorro, o *pignon* architectonico peculiar das Flandres cedeu na fachada dos predios o seu logar á cimalha dorica e aos motivos decorativos da renascença franceza ou rhenana.

Quasi todas as casas são rodeadas de jardins; muitas d'ellas ornadas de *logettes*, de vestibulos envidraçados, de estufas exteriores recheadas de folhagens tropicaes e de flores preciosas.

O palacio do principe Guilherme, encommendado por elle em 1840 a um architecto inglez, é de stylo gothico; o palacio habitado pela familia real é de stylo grego, como a estação do caminho de ferro em que desembarquei; e nada architectonicamente mais comico do que o inesperado encontro na mesma praça e frente a frente, d'este falso grego e d'este falso gothico.

Succedem-se á direita e á esquerda, sobre as frontarias envidraçadas das lojas mais elegantes, as taboletas francezas dos *glaciers*, dos *confiseurs*, dos cabelleireiros, dos luveiros, das lojas de quadros, de curiosidades e de modas, dos luxuosos fornecedores do rei e da rainha, e a cada esquina, em pittorescos kiosques envernisados, uma venda, ao copo, de leite fresco e gelado de verão, de leite quente e perfumado no tempo frio.

Para qualquer lado que se penetre um pouco mais, para a direita ou para a esquerda, para diante ou para traz — e eu aproveito a deliciosa frescura da mais bella manhã de estio para me fazer carruajar em todas as direcções dos quatro ventos — desemboca-se rapidamente em vastas planuras desaffrontadas, extensos parques umbrosos e tranquillos, coutadas verdejantes cobertas, como as terras da aristocracia ingleza, de gados de luxo, de lanzudos carneiros de grande raça, de esbeltos cabritos e de manadas de corças abeberando-se immoveis, em contornos pardacentos tingidos de reflexos d'oiro pelo sol nascente, á beira dos grandes lagos espelhados e dormentes.

Fundada por um capricho principesco no seculo XVI para *rendez-vous* de caça dos condes da Hollanda, d'onde o seu nome hollandez — *S'Graven Haag, parque dos condes* — a Haya, mais tarde residencia dos chefes do estado e séde dos poderes publicos, gosou durante duzentos annos do privilegio de *aldeia*, desguarnecida de muros, de portas e de trincheiras. A essa condição excepcional e particularissima deve ella a sua presente fórma composita e encantadora, de boulevard publico e de jardim particular, de cidade e de parque, de capital e de estação de recreio.

Os antigos canaes teem desapparecido a pouco e pouco do inte-

rior da cidade e espraiam-se nos arrabaldes; um resto apenas de lagôa no Prinsegracht, e no *Vijver*, tendo ao centro uma ilhasinha toucada de verdura e circumdada de cysnes.

Nas *villas* deliciosas que rodeiam o Vijver ou correm ao longo de Parkstraat, os palacios destacam as suas fachadas polidas d'entre os maciços do arvoredo, parecendo segurar regaçadas de flores nos eirados e nas varandas, de que pendem em festões as rosas abertas e as finas folhas tenras, diaphanas e vermelhas da vinha selvagem.

No meio d'esta perfumada e elegante frescura de *lawn-tennis* ou de *steeple chase*, de *turf* ou de granja de luxo, tomam o aspecto de recreativas curiosidades diplomaticas e decorativas os palacios dos ministerios, dos archivos, dos tribunaes, das legações e do parlamento, abrindo os seus porticos sobre ruas de um asseio de *boudoir*, calçadas de tijolo côr de rosa.

A cada passo, como no salão de um erudito mundano, se nos vão deparando ao longo das praças e das ruas, pittorescos documentos de historia e de arte.

Esta pedra alvejante na mesma praça em que se armavam outr'ora os patibulos, indica o logar em que no dia 12 de setembro de 1391 foi assassinada pelo povo a bella e desditosa Adelaide de Ploelgest, amante do conde Alberto. Alberto, primeiro dos condes da Hollanda que usou o titulo de *stadhouder*, depois de haver desterrado o conde de Ostrevant, seu filho, como cumplice no assassinato de Adelaide, morreu endividado em 1404. Segundo a velha lei hollandeza, nos casos de insolvencia do morto, a condessa viuva teve que pôr um vestido de emprestimo para acompanhar á sepultura o cadaver do seu esposo, lançando lhe em publico á beira da cova, uma palha sobre o esquife, em signal de que desistia da successão.

A grande egreja (*Groote Kerk*) monumento gothico do seculo XIV, incendiada em 1539, reconstruida em 1547 pelo duque de Borgonha Filippe o Bom, conserva no côro os escudos d'armas dos cavalleiros que ahi tomaram assento em capitulo da ordem do Tosão de oiro.

A egreja do Claustro *(Kloster Kerk)* é o resto de um mosteiro do-

minicano fundado no seculo xv por Margarida de Clèves, e encerrando desde o seculo xvii o tumulo monumental mandado erigir pelos Estados Geraes em honra do heroico barão de Wassenaar, cujo navio foi pelos ares em 1665 n'um combate com os inglezes.

Na egreja Nova *(Nieuwe Kerk)* acham-se as sepulturas dos irmãos De Witt.

O gracioso palacio em que está o museu *(Maurits huis)* perpetúa o nome do seu fundador, o conde João Mauricio de Nassau, cognominado *O brazileiro.*

Na historia da dominação hollandeza no Brazil o governo do conde João, desde 1636 até 1644, representa um breve parenthesis glorioso no baixo regimen de vil traficancia e de cruel pirataria, estabelecido nas relações politicas da Hollanda com a America do Sul pela famosa *Companhia das Indias Occidentaes.*

O principe era um politico instruido e generoso. A Companhia era uma simples liga de exploradores mesquinhos. Emquanto os *Dezenove* do conselho da companhia, com um capital de 18 milhões de florins, um subsidio de 200:000, e o privilegio por vinte e quatro annos do trafego e navegação da Africa e da America, punham e depunham governadores, armavam e desarmavam exercitos, faziam e desfaziam guerras e pazes, e moviam uma armada de vinte e tres navios, com quinhentas boccas de fogo, 1:600 homens de tripulação e 1:700 de tropas de desembarque,—tudo para o fim de enriquecer os burguezes associados de Amsterdam, de Rotterdam, da Groninga e do Middelburgo, por meio das rapinas das pimentas e da chacina dos indios —o principe João Mauricio, conde de Nassau, embarcava como governador para Pernambuco no intuito ingenuo de fazer sabiamente um governo, desenvolvendo uma civilisação.

Para esse fim procurou organisar para o seguir, mais uma expedição scientifica do que uma expedição de guerra. Acompanhou-o ou seguiu-o ao Brazil toda uma pleiade de sabios e de artistas—escriptores, pintores, esculptores, architectos, operarios. Partiram com elle o naturalista Piso, de Leyde, e o allemão Macgraf, os quaes escreveram

mais tarde os interessantes livros *Historia Naturalis Braziliae* e *Historia Braziliae*. Partiram egualmente o erudito Francisco Plante, o pintor Franz Post e o architecto seu irmão Pieter Post.

Chegado a Pernambuco, o principe inaugurou o seu governo decretando a liberdade de religião e a liberdade de commercio, montando um observatorio astronomico, construindo uma ponte, plantando um jardim, creando uma escola, fundando uma cidade.

Todo o bem que se fez durante o seu governo, fez-se a despeito da companhia; todo o mal foi feito pela companhia, a pezar d'elle.

A vergonha lastimavel da politica hollandeza na governação do Brazil é que, no conflicto levantado entre as idéas do governador e os interesses da companhia, o vencido foi o governador.

Desde esse momento o imperio hollandez na America achava-se condemnado, e a espada heroica de João Fernandes Vieira, ao desembainhar-se em Pernambuco, não fez mais do que lavrar a sentença passada em julgado perante a joven civilisação brazileira.

A rehabilitação da Hollanda pelos erros da sua politica no Brazil está no facto de que foi ella modernamente a primeira a reconhecel-os e a confessal-os. Em 1853 um escriptor da Haya dizia no prologo de um livro consagrado á historia dos successos do Brazil no seculo XVII: «Nenhum povo possue na sua historia mais de um nome ou dois comparaveis ao de João Fernandes Vieira. O elogio d'elle, gloria da sua patria e de cada um dos seus descendentes, seria descabido na bocca de um estrangeiro. Vieira libertou o seu paiz de um dominio pesado á população e antipathico ás suas opiniões religiosas. Os brazileiros de então, não podendo ainda formar uma nação independente, tornaram a ser portuguezes e catholicos. Cerca de duzentos annos mais tarde, em 1822, sacudiram um outro dominio que cessara egualmente de corresponder ás suas necessidades politicas: o Brazil sentiu-se forte, declarou-se independente; e esse paiz, outr'ora desleixada colonia, é hoje um dos mais ricos imperios, ao qual o futuro reserva um dos primeiros logares entre as potencias do mundo».

O meu *fiacre* prosegue, e a historia da Haya e da Hollanda

continua a desdobrar-se aos meus olhos em monumentos testemunhaes.

Esta linda porta ogival, chamada *Porta dos prisioneiros*, dá entrada ao carcere em que foi applicada a tortura a Cornelio de Witt.

O palacio municipal, edificio do seculo XVI, emphaticamente deturpado por superfetações do seculo passado, ostenta ainda a sua classica torre d'atalaia e o antigo degrau de pedra a que subia para fallar ás turbas o tribuno popular. Por cima da porta d'este curioso edificio, o brazão da Haya: a cegonha branca de pés vermelhos atacando uma serpente sobre escudo de ouro, com esta divisa: *Vigilate Deo confidentes*, e mais est'outra: *Felix quem faciunt aliena pericula cautum.* Na fachada lê-se esta inscripção: *Ne Jupiter quidem omnibus*, phrase elliptica, que quer dizer: *Se nem os proprios deuses podem contentar toda a gente, muito menos nós os magistrados o poderemos fazer.*

Varias estatuas.

No *Plein*, a de Guilherme o taciturno, tendo um dedo na bocca em signal de silencio, com esta divisa: *Saevis tranquillus in undis*, e esta simples dedicatoria, em lingua hollandeza: *A Guilherme I, principe d'Orange, pae da patria, o seu povo reconhecido.*

Em frente do palacio real, outra estatua equestre de Guilherme I.

No *Buitenhof*, a do rei Guilherme II.

No *Lange Woorhout*, o monumento do duque Bernardo de Saxe-Weimar.

No *Paveljoensgracht*, finalmente, o monumento de Spinosa.

Desapossando-se d'este cidadão, filho de judeus expulsos por D. Manuel, Portugal antecipou o pagamento de uma boa indemnisação á Hollanda pela perda do Brazil.

Como a distancia de tresentos annos modifica na perspectiva da historia a proporção das coisas! Quem nos dissesse no seculo XVI que o obscuro e desprezivel judeu pae de Spinosa, ao emigrar de Lisboa nos arrebatava uma riqueza comparavel á dos immensos territorios do paiz brazileiro, teria o ar de um utopista em delirio. E todavia o que hoje vemos, é que o imperio do Brazil, depois de tanto sangue derra-

mado e de tanto oiro despendido para o manter por algum tempo sob a dominação honoraria da nossa bandeira, desappareceu para nós, sem outro vestigio mais que o cansaço, a corrupção e a tristeza que imprime no enfraquecimento das gerações e na decadencia das raças a memoria das suas glorias extinctas e das suas riquezas desbaratadas. Ao passo que Spinosa, tornado hollandez pela intolerancia do nosso despotismo catholico, funda no paiz a que o regeitámos as bases de um novo criterio que põe a Hollanda á frente de todo o grande movimento philosophico do mundo moderno. Entre os grandes pensadores que no seculo XVII deitaram a baixo toda a velha construcção da psychologia, abrindo caminho novo ao regimen experimental da nossa era, foi este portuguez de Amsterdam, magro, sobrio, moreno, nervoso, terno, namorado — legitimo portuguez por todos os caracteres physiologicos — quem mais poderosamente manejou idéas, renovou e fortaleceu intelligencias, elevando proporcionalmente no seu meio social o nivel da dignidade humana, e creando em toda a parte, pela penetração e pela independencia do seu genio, novas e fecundissimas correntes de investigação e de processo, na philosophia, na moral, na politica, na arte, attrahindo magneticamente e arrastando na sua orbita luminosa toda uma constellação de espiritos, entre os quaes vemos successivamente irradiar, Leibnitz, Malebranche, Voltaire, Lessing, Goethe, Byron, Novalis, Hegel, Schopenhauer, Hartmann, Buckle, Draper, Quetelet, Spencer, todos aquelles emfim, que uma vez perguntaram a s mesmos, n'um intuito moral, n'um intuito politico, n'um intuito pedagogico ou n'um intuito esthetico, se as acções humanas são *livres* ou são *necessarias*, e aos quaes Spinosa respondeu: *Qui igitur credunt se ex libero mentis decreto loqui, vel tacere, vel quidquam agere, oculis apertis somniant.*

O exemplo deixado pelo cidadão foi na vida de Spinosa tão grande e tão fecundo, como o impulso dado pelo sabio ás idéas do seu tempo.

De um stoicismo verdadeiramente heroico, de um desinteresse completo, de uma independencia absoluta, tendo aprendido um officio

mechanico e polindo vidros d'oculos para ganhar como operario um salario honesto; vivendo com quatro soldos diarios; alimentando-se, apezar de tisico, com uma simples sopa de leite e um copo de cerveja por dia; fiel ao seu ideal de estudo e de verdade, inaccessivel a toda a especie de corrupção, impenetravel a toda a qualidade de medo, recusando todos os beneficios e todas as honras que lhe propuzeram principes e reis; fundamentalmente democrata por convicção e por indole, successivamente perseguido pelos odios e tentado pelas corrupções lisongeiras de todos os partidos, de todas as escolas, de todas as seitas; resistindo sem emphase e sem orgulho, pela benevolencia, pela bondade, pela paciencia, pela candura, como um justo, como um santo, Spinosa pertence a essa alta categoria de homens, cuja influencia determinada pela norma de uma vida immaculada constitue uma das maiores forças em que se estabelece e fundamenta o equilibrio moral de um povo, o seu destino e a sua gloria. Porque, em ultima analyse, a prosperidade e a gloria de uma nação, assim como a sua decadencia e a sua desgraça, não é senão o resultado da equação das coisas publicas, com as idéas, os sentimentos e as virtudes particulares dos individuos, de cujo conjunto se formam os Estados.

O centro da população na Haya, o nucleo em torno do qual successivamente se desenvolveu a cidade, é o *Binnenhof*, especie de cidadella gothica, outr'ora cercada de um fosso e formada de um grupo de edificios sem interesse architectonico, fazendo *pateo interior*, circumstancia que lhe deu o nome.

Messire Guicciardini, gentil homem florentino, descrevia nos seguintes termos o Binnenhof em 1613: «Guilherme edificou um palacio magnifico, junto ao qual ha uma bella lagôa d'agua doce, construido n'uma architectura real com madeira da Irlanda, refractaria a bichos e a aranhas. Ha, além d'isso, uma bella capella e varios quartos magnificos para os conselheiros e para os Estados do paiz; conjunctamente uma mui ampla e espaçosa sala, com uma vasta planicie em frente do pateo que serve de passeio aos gentishomens e burguezes. A presente prosperidade d'este logar consiste principalmente na côrte. Accrescendo

que os Estados Geraes das Provincias Unidas aqui residem e celebram suas assembléas; o que egualmente faz o principe Mauricio quando não está em campanha. Em razão do que ha quotidianamente na Haya grande multidão de requerentes de que os burguezes e os estalajadeiros tiram não pequenos lucros.»

O Binnenhof, hoje séde dos Estados Geraes e de varias repartições publicas, foi durante a republica theatro de alguns factos culminantes da historia politica e da historia religiosa da Hollanda.

Foi n'este pateo sombrio e triste, de uma tristeza prosaica, quasi lugubre, que por occasião de um golpe d'estado do stadhouder Mauricio de Orange, foram presos na mesma manhã, ao entrarem para a assembléa dos Estados, o professor Grotius, o seu amigo Hogerbeets, e o advogado da Hollanda João van Olden-Barneveldt.

É o desfecho de uma das grandes lutas entre o principio da unidade do poder, representado por Mauricio, e o espirito das liberdades municipaes, encarnado em Barneveldt.

A causa occasional da explosão foi a celebre controversia theologica entre os *arminiistas* e os *gomaristas*, ácerca da graça e do livre arbitrio.

Os dois professores da universidade de Leyde Arminius e Gomar haviam levantado a questão nos seus cursos: Arminius no sentido de uma ampla liberdade de consciencia; Gomar dentro de uma interpretação estreita e intolerante das doutrinas absolutas e dogmaticas de Calvino. Do recinto da escola e da selecção erudita do debate em lingua latina o thema entrou no dominio publico pela lingua vulgar, e apaixonou rapidamente todos os espiritos, discutido por toda a parte, nas egrejas, nas praças publicas, nas assembleias municipaes, nas confrarias populares, nos *ateliers*, nas tavernas, no lar das familias. E cada um se decidia e opinava por uma ou por outra d'essas duas maneiras de interpretar o espirito evangelico.

Era o schisma declarado no gremio da egreja nacional, sobre a qual se baseára a constituição politica e a independencia do Estado. Parecia ser a oscillação nos fundamentos de toda a nacionalidade.

Gomar, prevendo que a perturbação na unidade do dogma levantaria velozmente *altar contra altar*, *provincia contra provincia*, *cidade contra cidade*, *cidadão contra cidadão*, proclamou a necessidade de um synodo nacional, especie de concilio de Trento calvinista, em que se definisse e salvaguardasse de todo o perigo de heresias futuras a doutrina da fé verdadeira, indiscutivel e unica.

Entrava a Reforma n'essa phase terrivel e fatal de despotismo, inherente ás religiões que triumpham. Emquanto perseguidas, todas as seitas servem poderosamente a liberdade, invocando-a em nome de Deus como unico asylo da consciencia do homem. Triumphantes, todas ellas enunciam o direito da tyrannia como unico meio de servir a divindade, mantendo illesa a verdade absoluta.

«Então—diz Daniel Stern—se fez sentir a necessidade dos formularios e das confissões de fé. A infinita variedade das opiniões, nascida da interpretação individual dos livros sagrados, pareceu nociva. Principiou-se a conceber uma certa desconfiança da liberdade de exame, que fôra mister invocar contra Roma, mas que não era compativel com a noção de verdade absoluta, sem a qual não ha religião. Os calvinistas, desde que se sentiram fortes, quizeram ser exclusivos. Depois da primeira confissão de fé, redigida em 1561 pelo pastor Guido de Brès, as egrejas protestantes dos Paizes-Baixos, tomando, á semelhança da de Genebra, o nome de Egreja Reformada, separaram-se da egreja Lutherana, que conservava o nome de Evangelica, e entraram sem talvez terem completa consciencia d'isso, na orthodoxia de Calvino. Desde esse momento, os ministros do culto reformado visaram a tomar no Estado republicano o logar outr'ora occupado pelo clero catholico no Estado monarchico. O exemplo de Genebra, onde Calvino, dando á sua egreja uma organisação democratica, creára um consistorio omnipotente, offerecia-se naturalmente aos theologos das Provincias Unidas. Apenas reconhecidos e salariados pelo Estado, os ministros proclamaram o direito de se reunirem sem a auctorisação dos magistrados e sem admittir a presença d'elles nos consistorios ou nos synodos repellindo como attentatoria da dignidade da egreja toda

a intervenção do poder civil na nomeação dos funccionarios ecclesiasticos.»

A assembléa dos Estados Geraes votou com effeito pela reunião do synodo.

Os Estados Provinciaes da Hollanda oppozeram-se porém á resolução dos Estados Geraes, fundando-se em que, pelo artigo 13.º da União de Utrecht, as provincias da Hollanda e da Zelandia eram livres de proceder em materia de religião *como muito bem lhes approuvesse*, na independencia absoluta da auctoridade central.

Barneveldt, advogado da nação, dispondo de uma auctoridade egual senão superior á do stadhouder, inclinava-se como philosopho á doutrina de Arminius, e perfilhara como estadista e como cidadão o protesto levantado pela independencia provincial contra a intervenção dos poderes do Estado no regimen das consciencias. Grotius e Hogerbeets haviam tomado egualmente o partido dos arminiistas ou dos *admoestantes*, como se lhes chamou quando a sua theoria se converteu de opinião especulativa de escola em principio de seita militante.

O povo, sempre conservador nas questões de fé, era naturalmente *gomarista*.

A burguezia illustrada seguia Barneveldt.

Mauricio era indifferente, e pretendia proceder na resolução da crise mantendo simplesmente a ordem e punindo o abuso do poder dos mais fortes sobre os mais fracos. Emquanto ao objecto da dissidencia dos espiritos elle era effectivamente neutral. *Não sou um papa; sou um soldado unicamente!*—dizia. E irritava-o a controversia tenaz e crescente sobre um assumpto em que elle nem queria ter voto, nem verdadeiramente tinha opinião. Prohibira expressamente que em qualquer parte se invocasse a auctoridade do seu nome em debates theologicos —*Deixem-me em paz*. O problema dos destinos eternos não encontrava facil accesso na sua forte e sadia natureza de batalhador mundano. O amor das mulheres era para o seu temperamento sensualista uma recompensa das amarguras da vida sufficiente para lhe fazer pôr fóra das suas aspirações a hypothese de mais premios na bemaventu-

rança eterna. Além d'isso, as sciencias exactas, que cultivava com singular aptidão, tinham dado á sua intelligencia de homem valoroso e feliz um methodo de raciocinio, uma maneira rectilinea de operar, que o tornara completamente inhabil para as desarticulações metaphysicas. Como gymnastica do entendimento elle preferia o simples jogo do xadrez ao da casuistica, a entretinham-o muito mais as finuras da estrategia, da equitação ou da esgrima, do que as contemplações enervantes do mysticismo ou as subtilezas sophisticas das theses escolasticas.

Á questão religiosa assim resumida justapunha-se a questão politica. O tratado das *tregoas dos doze annos*, assignado em Anvers em 1599 entre Filippe III e os Estados Geraes das Provincias Unidas, sob os auspicios da França e da Inglaterra, levara não menos de tres annos a negociar, separando a nação em dois grandes partidos oppostos, pela guerra e pela paz.

Mauricio de Nassau era o chefe natural do partido da guerra, excitado pela intolerancia dos calvinistas, que não queriam senão o exterminio dos papistas, e pela influencia da companhia das Indias e dos grandes mercadores enriquecidos nas aventuras da navegação, protegida pelo direito de hostilidade no dominio dos mares.

Barneveldt tornara-se o chefe do partido da paz, mantido pelas provincias orientaes e pelos conselhos das cidades, aos quaes os triumphos successivos de Nassau, a sua gloriosa tradição de familia nascida e medrada na guerra, o seu poder sempre crescente na aurea popular, inspiravam receios de uma dictadura, não desfavoravel á independencia do paiz mas fatal á liberdade dos cidadãos. Aos olhos da magistratura civil as conquistas militares da nação começavam a tornar-se um perigo para o Estado.

As tregoas dos doze annos haviam sido uma transacção conciliadora, destinada—ao que parecia—a restituir a tranquilidade á Hollanda e a repôr de accordo, para a paz e para a prosperidade das provincias, o poder civil e o poder militar, durante os tres annos da negociação em conflicto permanente de interesses e de opiniões.

É n'este meio tempo que a controversia dos arminiistas e dos go-

maristas apparece, ameaçando de novo a alliança das provincias, soldada á pressa pelo pacto de Utrecht, em que a noção do Estado mal se equilibra apenas sobre um convenio quasi improvisado por um conjunto de pequenas soberanias provinciaes e municipaes, formando tantas republicas quantas cidades, todas egualmente ciosas dos seus antigos privilegios, mais ou menos intransigentes e incompativeis com o rigor de uma codificação unitaria.

No mez de fevereiro de 1616, as egrejas da Haya achavam-se todas occupadas pela parte do clero sectario das theorias d'Arminius.

Para ouvir as praticas do gomarista Henrique Rosaens o povo reune-se numerosamente na aldeia de Ryswick, até que um dia, contrariado pelos rigores do inverno, se amotina reclamando em tumulto que se lhe abra uma das egrejas da cidade, para ouvir a *verdadeira palavra de Deus.*

Perante a revolta popular, os Estados Geraes eximem-se a decidir a contenda, e ganham tempo nomeando uma commissão de inquerito. O conselho dirige-se então ao stadhouder e requer a intervenção da força publica.

Mauricio entra na sala do conselho da Haya e, em plena sessão, pede o livro dos registros e lê em voz alta a formula do juramento pelo qual, ao ser investido no cargo de stadhouder, elle se obrigara a defender até a ultima gotta de sangue a religião reformada. Terminada a leitura, accrescenta: «É em virtude d'esta jura sagrada que eu determino mandar abrir no domingo proximo as egrejas da Haya aos ministros orthodoxos.»

Era a formal e terminante declaração de guerra entre o poder militar e o poder civil.

No domingo indicado, e emquanto a princeza d'Orange, o principe Frederico Henrique e os principaes membros da aristocracia da Haya assistem aos officios dos admoestantes n'outra egreja, Mauricio, em toda a pompa de chefe do Estado e no meio de uma enorme ovação popular, vae ouvir a predica de Henrique Rosaens á egreja do Claustro, mandada abrir por elle aos fieis da *religião do Estado.*

Em seguida, com a rapidez de movimentos que o tornara celebre nas campanhas de Zurphen, de Deventer, de Hulst e de Nimègue, sem venia do Conselho nem dos Estados, o principe de Nassau parte da Haya de noite levando comsigo o principe seu irmão Frederico Henrique, que os arminiistas suppunham ter do seu lado, e acompanhado de dois regimentos percorre as provincias, penetra nas nove cidades cujos conselhos haviam subscripto a resolução de Barneveldt para se opporem á celebração do synodo nacional, dissolve e reconstitue, ou decompõe e recompõe os conselhos municipaes, e no grande impulso da victoria em toda a linha sobre a surpresa dos municipios assombrados, segura as resistencias pela força das armas, abre por toda a parte as cathedraes á predica dos gomaristas triumphantes, e concluida esta rapida campanha, regressa á Haya no momento em que, depois da prorogação que condissera com estes successos, os Estados Geraes se reunem de novo para os julgar em supprema instancia.

Os Estados felicitam o principe e congratulam-se com elle pela victoria decisiva do poder central sobre o antigo direito das provincias e sobre as liberdades municipaes.

Para o equilibrio politico do paiz, para a sua força e para a sua resistencia aos inimigos estrangeiros, era preciso uma unidade de poder e para esse fim uma vontade unica, uma só politica, uma só religião, um só exercito. Essa necessidade satisfez-se pelo golpe de Estado de Mauricio, e o senado jubila porque Cesar triumphou.

Barneveldt comprehendeu então que estava terminada a sua missão na historia da sua patria.

No dia 29 de agosto de 1618 o ministro Uytenbogaert, entrando de manhã cedo no gabinete do advogado, para lhe mostrar uma representação contra o synodo nacional, a qual n'esse dia deveria ser presente á assembleia dos Estados, encontra o velho estadista, contra todos os seus habitos, inerte, immovel, a cabeça pendente sobre os punhos cerrados, abatido, fulminado pelo revez. Perante a magestade muda d'esta dòr, sobre a qual parece já adejar uma commoção de tragedia, Uytenbogaert procura nobremente e eloquentemente reanimar o

seu desfallecido amigo, e sem alludir aos successos que entenebrecem o ar em torno d'essa cabeça encanecida, falla-lhe da suprema e inilludivel justiça que no tribunal da historia levanta e impõe á eterna gratidão da humanidade a memoria d'aquelles que sabem baixar gloriosamente á sepultura amortalhados na convicção de toda uma vida heroica. Barneveldt estende-lhe a mão pallida e fria em signal de reconhecimento. Uytenbogaert, apertando essa mão tão forte na honra, tão firme no dever, tão immaculada na virtude, sente que um soluço atraiçoará o segredo da sua commoção, se elle tentar proferir uma palavra a mais, e os dois amigos separam-se n'um silencio funebre, de catastrophe já consummada, como se um presentimento de supersticiosa affeição annunciasse a um e outro que era essa, como effectivamente foi, a derradeira vez que se encontravam na vida.

Pouco depois, ás nove horas da manhã, na occasião em que a carruagem de Barneveldt penetra no Binnenhof para se dirigir á porta de entrada dos Estados Geraes, um criado particular de Mauricio vem annunciar ao advogado que o stadhouder lhe deseja fallar. Barneveldt apeia-se; a carruagem espera; elle sobe ao palacio do stadhouderato, e no momento de entrar nos aposentos do principe o capitão das guardas dá-lhe a voz de preso em nome dos Estados Geraes, e sem mais explicações condul-o a uma sala em que o deixa guardado á vista por um piquete de alabardeiros.

Quasi ao mesmo tempo e pelo mesmo modo eram egualmente presos e postos em custodia nos apartamentos interiores do palacio os dois amigos de Barneveldt, o sabio Hugo Grotius e o illustre Hoogerbeets, que a regencia de Leyde acabava de designar em recompensa dos seus longos serviços para o cargo de pensionario.

A noticia d'este successo divulga-se rapidamente na cidade e na sala dos Estados. Uma onda de curiosos rodeia a carruagem de Barneveldt e interroga o cocheiro, quando um criado da casa de Nassau vem communicar ao criado de Barneveldt que a carruagem se pode retirar.

Ao mesmo tempo á porta da sala das deliberações dos Estados é

affixado um edital annunciando que João Van Olden-Barneveldt, advogado da Hollanda, Hugo Grotius, pensionario de Rotterdam, e Hoogerbeets, pensionario de Leyde, os tres primeiros magistrados da Republica, se acham presos e vão ser entregues a um tribunal de justiça extraordinaria.

A noticia da prisão e a noticia do julgamento dos tres magistrados satisfazem as curiosidades, e este desfecho audaciosissimo, posto pelo stadhouder ao longo conflicto das tradições federalistas e das liberdades municipaes com o poder centralisado na auctoridade unitaria do Estado, nem indigna nem quasi surpreende ninguem. A multidão agglomerada no Binnenhof dispersa a pouco e pouco, pacificamente, commentando o novo caso que cada um leva para inscrever na odysséa militar de Mauricio, o triumphador do seculo.

Grotius e Hoogerbeets, que tinham muito menor logar que Barneveldt na imaginação do povo, foram rapidamente esquecidos. Grotius, o illustre chronista dos Estados da Hollanda, deu materia a um curioso capitulo, na historia das evasões celebres, fugindo da prisão dentro de uma caixa em que sua mulher costumava mandar-lhe livros, e refugiou-se primeiro na côrte de Luiz XIII, que lhe deu uma pensão, e depois na da rainha Christina da Suecia, que o nomeou seu ambaixador em França. Gillio van Qedenberg, secretario dos Estados de Utrecht, que fôra preso em sua casa no mesmo dia que Barneveldt, suicidara-se no carcere, escrevendo a seu filho esta phrase explicativa: «Vou para Deus pelo mais curto caminho.»

Barneveldt esperou as resoluções da justiça, confiado e paciente, no mais duro captiveiro, incommunicavel, sem livros e sem licença para escrever. Comparece emfim perante o tribunal extraordinario installado por Mauricio para executar as suas ordens. A accusação versa principalmente sobre o projecto criminoso attribuido ao réu de mudar a religião e a constituição do Estado, para o fim de entregar ao hispanhol as provincias unidas. Barneveldt defende-se com uma lucidez e uma firmeza raras no espirito de um homem tão velho, tão debilitado pelas privações, pelas amarguras, pelo isolamento de seis me-

zes de prisão. A allegação em que elle sustenta o principio da soberania provincial, da tolerancia religiosa e da liberdade de consciencia, como base da União de Utrecht, refutando a um por um todos os factos de uma invenção pueril, em que se baseia o crime de lesa-magestade que se lhe imputa, passa entre os jurisconsultos por uma das mais eloquentes e das mais bellas paginas do direito.

No dia 12 de maio de 1619—oito mezes e meio depois da prisão no Binnenhof, tres dias depois da ceremonia solemne que encerrava a celebração do synodo nacional de Dordrecht—é proferida a sentença que condemna á morte Barneveldt e que os dois procuradores fiscaes Sylla e Leuwen são encarregados de ir annunciar-lhe á prisão.

—Á morte?! exclama simplesmente o condemnado. Cuidei que consentiriam em ouvir-me ainda uma vez, antes de me sentenciarem sem eu mesmo saber porquê.

Em seguida, como expressão da sua derradeira vontade, pediu apenas para escrever á sua mulher a carta memoravel que lhe deixou.

Como o procurador Leuwen saisse a buscar as coisas precisas para escrever, a sós com Sylla, que elle conhecera criança e tivera nos joelhos ao lar da familia:

—Pobre Sylla!—accrescentou com profunda lastima—que diria teu pae, se do outro mundo te podesse vêr, aqui, n'este momento, defronte de mim, desempenhando a missão que te incumbiram?!

E Sylla, recuando um passo e baixando os olhos, ficou mudo.

Barneveldt escreveu as suas ultimas disposições, o adeus supremo aos seus dois filhos, mais tarde condemnados egualmente como réus de uma conspiração de vingança contra a vida de Mauricio de Nassau, e á sua mulher, a mesma que perante o patibulo de Renato de Barneveldt disse ao principe de Orange: «Não vos pedi perdão para o meu homem, porque elle era innocente; peço-o para meu filho, porque elle é culpado.»

Quando veiu o sacerdote encarregado de o assistir na vigilia precedente á manhã do supplicio, Barneveldt respondeu-lhe:

—Tenho setenta e tres annos de edade e sou um homem. Sobrou-me capacidade e tempo para aprender a assistir-me por mim mesmo na vida e na morte.

Chegada a hora de partir, fez-se vestir pelo seu escudeiro, recommendando-lhe a precaução de cortar o collarinho da camisa; tomou um pequeno copo de vinho com algumas gottas de um tonico de que habitualmente fazia uso, e de cabeça descoberta, apoiado a uma bengala, envolto em uma toga de damasco côr de folha secca, desceu a escada e dirigiu-se a pé, com passos lentos mas firmes, para o tribunal onde lhe foi lida a sentença, e do tribunal para o patibulo.

De pé, no estrado armado defronte das janellas do palacio dos stadhouders, d'onde se diz que Mauricio presenceara a execução, direito, erecto junto do cepo, ao lado do carrasco, contempla por um momento o povo, mostrando-lhe pela derradeira vez essa nobre figura de homem, immortalisada por Mirevelt em uma das mais bellas telas do museu de Amsterdam.

A altiva cabeça, marcial e meditativa, de cavalleiro e de letrado, que a larga espada do algoz, brandida ás mãos ambas, vae lançar decepada aos pés dos soldados de um regimento inglez e da guarda do stadhouder, merece bem a attenção de alguns minutos.

João Van Olden-Barneveldt, senhor de Berckel e de Rodenrys, cursara os altos estudos das universidades de Louvain, de Bruges e de Heidelberg. Advogado da Haya em 1570, pensionario de Rotterdam em 1576, advogado e chanceller da Hollanda em 1586, embaixador por muitas vezes junto da rainha Izabel, de Henrique IV, de Jacques I, á sua eloquencia e á sua energia se devera o ardor com que depois da morte do Taciturno a nação continuara heroicamente a guerra, batendo-se pela liberdade e pela independencia. Fôra elle que, para abater as arrogantes pretenções da soberania ingleza representada pelo conde de Leicester, decidira os Estados Geraes a darem ao principe Mauricio a auctoridade de stadhouder, de capitão e de almirante da Hollanda. Fôra elle um dos que votara, inspirara, e redigira talvez, a memoravel resposta dos Estados ás propostas de paz feitas em no-

me de Filippe II pelo archiduque Ernesto em 1594: «Os Estados Geraes consideram contrario á sua honra o negociar com um principe em cuja religião é uma virtude atraiçoar e mentir aos herejes, e declaram que confiam unicamente de Deus a salvação da Republica, recusando a alliança de uma nação que pela carnificina, pelo incendio, pela extorsão, pelà rapina, se tornou para sempre odiosa a toda a christandade». Fòra elle emfim que negociara a tregua dos doze annos, a qual deu á Hollanda a época da sua maior prosperidade, da sua maior riqueza. Era na historia da sua patria o continuador da grande obra de Marnix de Sainte-Aldegonde, o qual, diminuido pela morte de Guilherme d'Orange, caira n'uma prostração esteril para os progressos da patria e assignara em agosto de 1585 a triste capitulação da praça de Anvers confiada á sua honra. Barneveldt era finalmente o depositario e o orgão do espirito inicial da revolução. Era, com Guilherme o Taciturno e com Marnix, um dos tres fundadores capitaes da Republica.

As suas derradeiras palavras, dirigindo-se ao povo accumulado por traz das filas da força armada, foram estas:

—Meus amigos, não acrediteis que eu houvesse jámais traido a minha patria. Procedi com lealdade em toda a minha vida, e morro cidadão honrado.

Em seguida, cobrindo a cabeça e puxando para os olhos o barrete de veludo que recebeu do seu escudeiro, ajoelhou, levantou as mãos juntas para o céu, e exclamou:

—Pae celestial, recebei a minha alma!

Relampejou no ar a pesada espada do verdugo, e a cabeça de Barneveldt caiu.

Foi ouvida por Deus a supplica do condemnado; isto é: a nação hollandeza recebeu em si o espirito de Barneveldt.

Ao terminar a execução, uma onda de povo invade o cadafalso para se apoderar de uma reliquia do morto, que cada um quer levar comsigo como amuleto contra o despotismo. Mauricio ouve d'entre a plebe uma voz que diz ao carrasco:

—Vende-me meio ryxdaler do sangue de Barneveldt para o dia da vingança!

E toda a terra humedecida pelo sangue generoso da victima é rapada do chão, como os restos eucharisticos de um vaso sagrado, e transferida da praça publica para o lausperenne da familia, sobre o coração do povo como n'um relicario inviolavel e sagrado.

Mauricio de Nassau convence-se de que desde esse dia se apagou o esplendor de prestigio feito dos lampejos da sua espada.

Pouco depois, atravessando o mercado de Gorinchem á hora da feira, saúda a multidão, e ninguem lhe corresponde; desbarreta-se para a direita e para a esquerda, e nem um só popular leva a mão ao chapéu. A Hollanda olha para elle de banda, e não quer conhecel-o.

Coisa moral e terrivel:—observa Michelet—esse homem, immutavel na fadiga e no perigo, tinha tido sempre o somno pesado e era gordo. Mudou de repente. Só tinha vivido de honra e de popularidade. Emmagreceu e finou-se.

As grandes crueldades da tyrannia teem sobre os systemas hypocritas da corrupção a vantagem contraproducente de levantar, pela compaixão publica que despertam, uma barreira temerosa para os tyrannos.

Tinha-se já visto na Belgica este phenomeno consolador. Cincoenta mil ou, como outros querem, cem mil pessoas suppliciadas em nome da religião, queimadas a fogo lento, esquartejadas, enterradas vivas, durante o imperio de Carlos v, haviam succumbido successivamente sem levantar no publico um só grito de horror. Por fim presenceia-se em Gand a agonia de Annette Van-der-Hoven.

A condemnada era uma simples criada de servir, a mais humilde e a mais obscura de todas as victimas da intolerancia catholica nos Paizes Baixos; bastante heroica todavia para oppôr, em duelo publico, a simples intrepidez do seu espirito a toda a lei dos canones, a toda a auctoridade dos concilios, a toda a magestade da egreja triumphante de Roma, a toda a força das armas invenciveis das Hispanhas. Condemnada como heretica pelo clero catholico, enterram-a viva em pre-

sença do povo para exemplo de rebeldes. Soterrada até o pescoço, só com a cabeça descoberta acima do tumulo pavoroso, offerecem-lhe o perdão com a condição de que abjure. E essa cabeça phantastica, de que já se não vê o corpo e que emerge do solo como unica expressão pensante de uma consciencia viva, acena que não; e essa bocca, pela qual a terra vae ser comida antes de a comer a ella, responde convicta e tenazmente por uma phrase da Biblia: *Os que procuram salvar a vida n'este mundo perdel-a-hão no outro!*

A terra que tinha de preencher a cova começou então a cahir, lentamente, marcando como n'uma ampulheta a agonia da reproba.

Cheio o tumulo, o coveiro calcou-o aos pés e as justiças ecclesiasticas passaram-lhe por cima.

Mas a consciencia social estremecera ao espectaculo de um tão grande heroismo contraposto a uma tão grande ferocidade.

A simples força da piedade humana triumphara n'esse momento da violencia da lei divina. Perante a derradeira palavra sublime da pobre Annette, a Inquisição, até ahi implacavel, recúa de repente e oscilla no vacuo, como um astro desorbitado da trajectoria pelo empeço de um grão de areia. O contagio de misericordia que então começava a invadir o mundo, dissolvendo a egreja feroz pela poesia compadecida e magnanima, fulminára a inclemencia do proprio Santo Officio.

Com a morte de Annette terminaram para todo sempre na Flandres os autos de fé da sociedade catholica em presença da sociedade humana.

Seria um effeito analogo o que produziu a morte de Barneveldt no espirito de Mauricio de Nassau?...

É permittido admittil-o sem macular a honra do tumulo glorioso em que repousa o filho de Guilherme o Taciturno.

Da unificação administrativa, da unificação ecclesiastica e da unificação militar á unificação monarchica não vae mais que um passo de impulso adquirido. Entre a centralisação do poder n'um homem e o cesarismo instituido em regimen medeia um tão diminuto espaço que, se Mauricio o não transpoz immediatamente depois da morte de Bar-

neveldt, é porque não quiz. Não contribuiria a còr do sangue para lhe tornar odiosa a da purpura?

Morto Barneveldt, a Hollanda pareceu por um momento decapitada. Mas a grande impulsão de progresso estava dada. A banda pastoral e agricola veiu breve ao de cima da banda guerreira; o burgo venceu a tribu; o espirito municipal, mais fortalecido na luta, mais legitimado pela sancção do sacrificio, apoiado, historicamente e geographicamente, na tradicção nacional e na constituição do solo retalhado em pequenas ilhas como em outros tantos baluartes das autonomias locaes, reagiu por fim definitivamente e para sempre, sobre o systema unitario.

Fata viam invenient—tinham dito os fundadores da Hollanda na medalha cunhada em honra da *União* e na qual a Republica era representada pela imagem de um navio sem velas, sem mastros, sem leme, levado pelo vento á mercê das vagas, com essa legenda prophetica. N'esta, como em todas as crises da historia hollandeza, os destinos federalistas da nação romperam com effeito o seu caminho atravez de todos os obstaculos artificiaes, por cima de todos os empeços fortuitos que lhes oppozeram. Os conselhos municipaes, reconstituidos violentamente por Mauricio para a sujeição e para a obediencia ao poder central, tornaram-se, logo depois de recompostos, tão livres e tão autonomos como eram d'antes; e pela simples força das coisas, o que vale o mesmo que dizer pelo progresso das idéas na tolerancia e no direito, um justo equilibrio se fez, pela preponderancia dos interesses do povo, entre o stadhouderato de tendencias militares e dynasticas, propenso ás formulas monarchicas, e o patriciado burguez, fóco republicano de uma olygarchia dinheirosa e soberba, profundamente antipathica á indole democratica da nação.

Se os burguezes ricos eram bastante fortes para bater com triumpho as pretenções dos principes a uma absorpção completa do poder, o povo era pela sua parte bastante democrata para apoiar qualquer dictadura contra a invasão da plutocracia nas funcções publicas e nos direitos civis.

Os symbolos da mendicidade voluntaria, adoptados pelos chefes fundadores da republica ao tomarem como distinctivo de casta o gibão cinzento, a sacola e a cabaça dos mendigos flamengos, tinham ficado na tradição e nos costumes como um eterno protesto de independencia contra a arrogancia das classes enriquecidas, e o povo não esqueceu nunca que era o herdeiro e o continuador dos heroes que haviam levantado o grito da emancipação hollandeza, bebendo pela tijela de pau dos pobres de pedir á *liga dos maltrapilhos.*

Alonguei-me na exposição d'este episodio, porque me parece que elle é de uma importancia capital para todos os que quizerem ter uma idéa do movimento politico e da constituição do governo na Hollanda.

Mauricio de Nassau e Olden-Barneveldt representam os dois polos sobre que versa toda a politica interior neerlandeza. A oscillação constante do poder entre o patriciado e o stadhouderato é a condição reguladora de todo esse machinismo, como o pendulo n'um relogio. O apparelho, que perpetúa o movimento e a força que torna isochronas as oscillações, é o povo.

Povo singular, unico no mundo!

Não o ha mais aguerrido nem mais bellicoso. Não o ha tambem menos militar. É um povo de guerra, que não poderá ser jámais um povo de parada.

Pelas condições do solo que occupa e que elle disputa ao mar n'um combate permanente, pela sua educação de luta perante o perigo de cada instante, elle é por natureza energico, destemido e valoroso. A pequena choupana pobre, mas isolada, fortificada por um fosso, cingida d'agua como uma cidadella, e bem assim a barca em que de um momento ao outro elle desatraca de terra e se faz ao largo com todo o seu mundo ambulante e completo, a mulher, os filhos, os animaes domesticos, dão-lhe como a nenhum outro povo a noção mais perfeita da liberdade, o sentimento mais profundo da sua força, a consciencia mais nitida do seu direito individual.

As arriscadas aventuras da guerra, attrahem a sua indole denodada como as expedições ao polo, como as pescas da baleia; e elle

correrá armado á primeira voz contra o inimigo da sua patria, na guerra, assim como na paz corre de noite, estremunhado, ao rebate dos sinos, á luz dos archotes, ao tragico grito de alarma, contra o mar que rompeu o dique.

A caserna porém indigna-o. A submissão automatica do regimento em paz, a manohra esteril do batalhão em exercicio de apparato, a disciplinna servil da tropa permanente revolta todos os seus nobres instinctos de animal bravio.

Por occasião da occupação da praça de Breda pelos soldados hispanhoes, um barqueiro hollandez veiu dizer ao principe Mauricio que nada lhe seria mais facil do que introduzir na cidadella alguns homens de boa vontade, que durante a noite apunhalariam as sentinellas e dariam entrada na fortaleza ao exercito nacional. Esse barqueiro era o fornecedor do combustivel das tropas hispanholas, entrava regularmente com o seu barco carregado no interior da praça, e levaria a gente precisa para este golpe estrategico escondida sob a sua carga de turba. Mauricio nomeou para esta empresa seis homens que partiram n'esse mesmo dia estirados ao comprido no fundo da barca, occultos debaixo da turba. Era em pleno rigor do inverno, os gelos difficultavam a navegação do canal, e os seis soldados passaram dois dias immoveis, tiritantes de frio, sepultados vivos no seu posto. Entram finalmente de noite no ancoradouro da cidadella, onde a turba tem de ser descarregada ao romper da manhã. O official da guarda adianta-se para reconhecer o barqueiro e em conversa com elle salta a cima da barcada. N'este momento um dos embuscados, não podendo estrangular um ataque de tosse reveladora do ardil, tira o punhal do cinturão e entrega-o simplesmente ao companheiro seu visinho com ordem summaria de lh'o atravessar na guela.

Eis ahi a mais fiel e genuina imagem do exercito hollandez: alguns homens escondidos n'uma barcada de turba aconchegados hombro a hombro, quadril a quadril, quasi gelados de frio, devorados de fome, dispostos a esfaquear a homem por homem dois regimentos de invasores, e promptos, sem a trepidação de um segundo, a curarem em

si mesmos a tosse intempestiva por meio de um punhal cravado no pescoço até ao cabo, de um só golpe.

Homens d'estes batem-se, mas não se lhes bate. Pode-se-lhes dizer affoitamente «*Avançar*» mas não se lhes diz «*Ordinario marche!*»

Taes soldados servem com heroica integridade a sua patria; não podem servir egualmente os seus majores. O seu genero de bravura é inteiramente incompativel com a mutilação tarimbeira da obediencia servil. O sargento instructor que se lembrasse de levantar para qualquer d'elles o junco regulamentar deixaria na historia da recruta um exemplo tragico para eterno escarmento de sargentos de junco. E, depois de terem aprendido a morrer pela honra no campo, ninguem conseguiria ensinal-os a viver na baixeza do quartel, engraxando submissos as botas do capitão, ou lustrando zelosos as esporas do tenente.

Vejam-se as grandes telas militares dos museus da Haya, d'Amsterdam e de Harlem, e comparem-se com as telas congeneres do Louvre, de Versailles, do museu de Berlim, do museu de Francfort.

Em França e na Prussia o apparato scenico é o mesmo. No primeiro plano, Bonaparte ou Frederico, Luiz Napoleão ou o imperador Guilherme, o sr. de Macmahon ou o sr. de Moltk, a cavallo, em grande uniforme, acompanhados do seu estado-maior; aos pés do guerreiro um soldado morto, uma espada partida, uma lança quebrada, um capacete ou um kepi perdido, uma bandeira rota; ao longe os esquadrões galopando entre o fumo da batalha, ou os regimentos perfilados, que saudam o heroe, apresentando-lhe as armas.

Na Hollanda os bellos quadros militares de Rembrandt, de Van der Helst, de Franz Hals, mostram-nos os homens de guerra fraternisando na gloria sem distincção alguma de graduação, de posto ou de uniforme. O todo é um conjuncto deslumbrante de setim e veludo, botas de bufalo enrugadas, luvas de anta em pregas, plumas palpitantes, copos de espadas cravejados de pedrarias ou rendilhados de lavores; a bandeira nacional junto da mesa posta para o banquete, ou no

meio da companhia em marcha triumphal; talabartes de fivelas de aço, bandas franjadas de oiro, feixarias de arcabuzes, coronhas de pistolas, cabos de punhaes, taças de crystal em que espuma o vinho da honra; e, quasi no mesmo plano, todas em evidencia, dez, vinte, trinta cabeças de homem, consideravelmente expressivas e energicas, cabellos cortados á escovinha, bigodes recurvos, barbas rutilantes, quadradas, em bico ou á Luiz XIII, destacando-se sobre largos collarinhos encanudados ou chatos, de huguenote ou de puritano.

Quem são os superiores? quem são os subalternos? Seria impossivel dizel-o, e é preciso consultar a relação dos personagens que ordinariamente faz parte do quadro, para conhecer o coronel, o alferes, os sargentos, o porta-bandeira, os soldados, o tambor.

A historia militar da Hollanda mostra-nos que não ha em pé de guerra exercito mais bravo que o exercito hollandez. Em pé de paz nunca em outro algum paiz da Europa vi regimentos de aspecto mais burguez, mais familiar, mais caseiro—menos militar emfim—que na Haya. E essa é grande e invejavel caracteristica d'esta pequena e livre nação. Na Hollanda, como na Suissa, todo o homem do povo recebe, imposta pelas fatalidades do solo, uma educação de soldado,—soldado de montanha, atirador, na Suissa, soldado de abordagem, corsario, na Hollanda. Mas nem n'um nem n'outro d'estes dois paizes o soldado, livre por natureza, pode ser galucho por obediencia e por disciplina arbitrariamente incutida, como em parte da Italia, da Hispanha e da França, como na Belgica, como na Russia, como na Inglaterra e como na Allemanha.

Entre hollandezes o instrumento de politica centralisadora e unitaria chamado um forte exercito permanente é impossivel de fabricar. D'esta simples circumstancia se deduz toda a livre expansão do progresso, todo o equilibrio da ordem no regimen d'esta sociedade. Qualquer que seja o nome do systema, a Hollanda é hoje uma republica como no seculo XVII. A sua monarchia hereditaria é, como o seu antigo stadhouderato, uma garantia da liberdade democratica. Com um commercio riquissimo, com uma burguezia pletorica de dinheiro, a Hol-

landa, sem os seus principes, ver-se-hia devorada pelos seus *parvenus*. Na sua politica interior a monarchia liberal é a lesão funccional compensadora do defeito organico da burguezia oligarchica.

Quando os banqueiros exorbitam dos privilegios municipaes por interesse proprio, o povo encosta-se á auctoridade do principe e depõe os banqueiros. Immediatamente depois do que, o principe não tem mais força em torno de si para poder por seu turno exorbitar elle mesmo, porque o exercito hollandez, refractario por indole nacional ao velho officio de *guarda do corpo*, adstricto á permanencia da força publica sob o commando arbitrario de um soberano, apenas recolhe a quarteis desarma a bayoneta e retoma o simples chapéu de chuva pacato de cidadão independente e commodista. Assim, a monarchia, mero instrumento compensador entre o poder mercantil e o poder militar, é aqui uma força essencialmente relativa: é, como se diz—cuido eu—das funcções mathematicas, uma quantidade cujo valor depende do valor dado a outra. Essa outra quantidade que na politica hollandeza determina a variavel importancia dynamica da realeza é a municipalidade.

No dia em que cheguei á Haya, corrida de cavallos—primeira do outomno.

Planicie enorme coberta de relva.

Ao centro da grande tribuna embandeirada, dois *fauteuils* doirados cobertos de setim vermelho esperam suas magestades.

Em frente, ao longo da pista, tres a quatro extensas filas parallelas de carruagens.

Aos pés dos cocheiros, os grandes cestos de comestiveis, de que sobresaem os gargalos doirados das garrafas de Champagne, de Chateau Iquem, de Rottenberg e de Johannisberg.

Nos landeaus abertos, uma infinidade de jovens senhoras, loiras, trajadas ao gosto inglez, em duas côres contrapostas; grande numero de vestidos de fustão branco; justilhos de velludo preto, cingidos ao busto, lisos, em couraça, plumas brancas nos chapeus Carlos IX, e luvas brancas pespontadas a preto a toda a medida do braço. Muitos

homens em *toilette* de *turf*, chapeus alvadios, e o cartão do club, em rodela, pendente de um botão da sobrecasaca.

Na esplanada da tribuna os *bookmakers* apregoam a cotação em enormes berros de bolsa.

Aposta-se muito, e falla-se promiscuamente o francez e o inglez em toda a linha em que se vêem abertos *betting-books*.

Começa-se pelo premio nacional para a corrida a trote, classica na Hollanda, em sella ou em *cob*, commum a todas as cidades, e destinada ao aperfeiçoamento das raças de tiro, sendo preciso vêr este premio disputado por cavallos da Russia, do Hanover, do Mecklemburgo, da Frisa e de Zelandia para ter uma idéa do vigor e da elasticidade muscular, que pode attingir um cavallo de trem.

Depois da corrida de trote, vem o *Handicap*, o *Steeple-chase*, o *Hurdle-race*.

Levanta-se toda a gente, assestam-se todos os binoculos; ha um momento de immobilidade.

Uma só mulher, representando a velha Hollanda, se destaca d'este quadro vulgar de elegancia cosmopolita. Occupa um landeau aberto, marcado com uma corôa de barão e atrellado a dois cavallos rosilhos contidos por um cocheiro de libré ingleza. Poisa em pé na carruagem com a nobre elegancia de uma estatua sobre o pedestal. Um longo vestido de damasco preto, liso, apertado com botões de oiro, desenha-lhe as fórmas esveltas, a elevada estatura, de uma carne forte de trinta annos, em plena florescencia da saude aristocratica, no tom de ambar das princezas do Ticiano, a curva do peito de uma convexidade atlethica, e a linha do dorso caindo obliquamente nos rins, de um traço reentrante, no mais rijo aprumo de amazona. No braço erguido, calçado até o cotovello n'uma luva inteira, em prégas, de castor bordado, segura um binoculo á altura dos olhos. Uma renda branca fluctuante, presa no pescoço por uma enorme rosa viva, escarlate, envolve-lhe uma parte da cabeça, deixando a descoberto o capacete frisão, de oiro polido, toucando-a em divindade guerreira, e chammejando deslumbrantemente sob a incidencia de um raio de sol.

Deixo em meio a corrida para me embrenhar outra vez no bosque, no decantado bosque da Haya, que atravessei apenas de passagem indo para o hippodromo.

Dizer que esta matta é a primeira da Europa, que o *Bois de Boulogne* e *Hyde-Park* são dois mesquinhos quintaes, comparados á magnificencia d'esta floresta, é tudo quanto o viajante pode contar d'este sitio. E todavia, como isto se acha longe de exprimir a impressão que este parque produz em quem o vê!

Basto como um cannavial, o arvoredo da Haya eleva-se a vinte metros acima do nivel do solo e cobre-o inteiramente como a aboboda de um enorme templo, em altas arcadas ogivaes, de uma profundidade solemne, em que parece palpitar, indecifravel, um mysterio divino.

A cada passo, ao longo das grandes naves flexuosas, surprehendem-nos retiros humbrosos, formidaveis grutas de um recolhimento sagrado, ou amplos lagos dormentes, silenciosos, como inundações de lagrimas longamente derramadas no valle da poezia pela romagem do amor.

Tem-se a commoção de entrar n'uma acropole vegetal, sobrevivente ao prestigio de grandes deuses mortos ou de antigos heroes esquecidos, templo deserto da religião dos druidas, ou capitolio solitario da poesia dos bardos. Em nenhuma outra parte seria mais doce que n'um d'estes refugios o recolhimento mystico dos velhos sacerdotes contemplativos e extaticos. Em nenhuma outra parte ficaria melhor, do que suspensa n'um d'estes olmeiros, a espada do bom rei Fingal ou a harpa de Ossian, que a doce Malvina conduzisse pela mão ao longo d'estas alamedas.

As mais altas e frondosas faias que em minha vida tenho visto mergulham na agua as pontas da ramaria, umas vermelhas como gottejando sangue, outras alvacentas, descoradas, de reflexos de estanho polido, como se lhes circulasse na frialdade das folhas uma seiva de luar.

As tilias, os carvalhos e os amieiros agigantados são de um verde carregado, intensissimo, que se refrange e dilue no ar, esverdeando

tudo, n'um tom aquatico, phantastico, de palacio maravilhoso, construido sob o crystal dos lagos pelas nymphas do Elba e do Gaal, pelas sereias hellenicas ou pelas ondinas scandinavas.

Esta luz tão estranha e tão doce, este solo avelludado pelos musgos que tapetam innumeras camadas sobrepostas de folhas caidas, esta solidão, este solemne silencio, apenas entrecortado de longe a longe pelo arripio dos fetos atravessados por um coelho, por um fremito de azas por cima da nossa cabeça ou por um soluço de calhandra ao longe, apazigua os sentidos como um banho calmante, e produz na imaginação um effeito suave de nebulose mental, confusa percepção de uma vaga poesia remota e esparsa, lembrando os cyclos nevoentos dos Nibelumgen, dos cantos slavos, das baladas da Escossia, dos poemas do rei Arthur.

Não se recorda a gente de ter visto decoração semelhante a esta fóra das paginas de Shakespeare, de Ariosto ou do Dante, e representa-se ao nosso espirito como sacrilega profanação a idéa de amar e ser amado, com um pobre amor burguez e vulgar, n'este scenario destinado pela magestade de seu aspecto unicamente ás grandes paixões heroicas, aos profundos amores tragicos ou elegiacos como os de Rolando e Wildegundes, de Paolo e de Francesca de Rimini, de Carlos Magno e de Ildegarda, de Falkenstein e de Gisella.

Diz-se que em muitas d'estas arvores se acham entalhados nomes de reis, de imperadores, de eleitores da Allemanha, e foi debaixo d'ellas que o poeta João Segundo escreveu em latim o poema dos *Beijos*, e que o philosopho Descartes julgou ouvir do céu, chamando-o a reformar a philosophia, a mesma voz prophetica que levou Colombo a descobrir a America.

Por tudo isso o bosque da Haya tomou no dominio das imaginações e no culto do povo o caracter privilegiado de bosque sagrado, como em Roma o da nimpha Egeria na via Appia, ou como o da deusa Vesta no monte Palatino.

Os invasores hispanhoes, obedecendo, instinctivamente, ao prestigio que envolve esta floresta, prohibiram aos soldados o tocar-lhe, e

todas as vezes que o governo da Haya, por compromissos de honra e em satisfação de credito, tem, em momentos de crise, enunciado o projecto financeiro de vender algumas das madeiras do bosque, os habitantes, por subscripção espontanea, pagaram a divida publica, salvando pelos sacrificios de um imposto voluntario a immunidade das suas arvores queridas.

É por uma deliciosa estrada, sobre a orla da matta, que se vae em tramway a Scheveningue, o arrabalde maritimo da Haya, a sua praia de pesca e de banhos.

Duas povoações unidas mas completamente diversas: a dos pescadores e a dos banhistas.

Scheveningue é uma das principaes estações da pesca riquissima do harenque. Mas em Scheveningue, e nas demais aldeias maritimas na Hollanda, assim como na Povoa e na costa da Caparica em Portugal, são os proprietarios dos barcos e das redes que empolgam o melhor dos lucros, e o pescador propriamente dito é vilmente explorado pelo empreiteiro.

O bairro dos indigenas é quasi tão pobre, em Scheveningue, a duas milhas da Haya, como na Trafaria em frente de Lisboa. A população tem porém aqui um caracter mais grave, uma apparencia mais austera, porque os homens são verdadeiramente navegadores e não catraeiros como na bacia do Tejo.

Quando chega a estação da pesca, no principio de junho, os de Scheveningue partem para o largo, até os mares da Escossia, n'uma flotilha de solidas embarcações cobertas, largas, de um só mastro, com uma vela quadrada, protegidas por uma corveta de guerra, que as acompanha, representando o governo neerlandez na policia do mar.

Os harenques pescados veem em cada dia para Scheveningue, com o demais peixe da costa vendido na praia em leilão, mas a grande companha de pescadores do alto não regressa senão quando a faina termina aos vendavaes do outomno.

Esses homens tão valorosos, tão simples, tão despremiados, tão

pobres, sabem todos lêr e escrever. Levam comsigo, ao partir, uma biblia, que lêem em grupo no convez ás horas da folga, e não bebem senão agua emquanto permanecem a bordo.

Quando a tempestade rebenta, e depois de grande luta elles se convencem de que não podem dominar a inclemencia do mar, fecham as escotilhas, e immoveis na pequena camara, silenciosos, de mãos debaixo dos braços, esperam heroicamente a morte, ao mesmo tempo que em terra, ao abrigo das dunas em que escachôa o mar, como por traz das trincheiras de uma bateria bombardeada, nas cabanas sacudidas pelo tufão, junto do lar querido, n'um aceio religioso de altar, as mulheres pallidas de terror, cantam os psalmos.

Em todo o tempo da pesca ninguem vê em terra um só homem valido.

As ruas da aldeia, bem differentemente das aldeias da beira-mar em Portugal, são tão escrupulosamente aceiadas como o tombadilho de um navio de recreio. Nem a pilha de estrume, nem o lixo esparso debicado pelas galinhas ao sol, nem a carnada que sobeja do isco dos anzoes a fermentar na areia, nem as creanças sujas por vestir e por assoar, nem os peixes escalados presos com tres pregos ás portas escancaradas.

Todas as casas de Scheveningue estão fechadas e reluzem pintadas de novo. Atada ás janellas alveja a cortina de cassa, e poisa no peitoril um vaso de flores.

Os pequenos ou vão para a escola ou veem da escola, e trazem debaixo do braço a sua lousa.

As casas de cada escola distinguem-se das demais pelo montão dos tamancos que os alumnos de um e de outro sexo descalçam á porta. Esta ceremonia não os arrefece consideravelmente porque a escola é confortavelmente aquecida nos mezes de inverno, e as grossas meias de lã dos alumnos teem a consistencia de sapatos.

As mulheres vendedoras de peixe usam a saia curta, uma romeira cinzenta e um amplo chapeu que as abriga do sol e da neve e que ellas carregam sobre os olhos quando no tempo da neve partem em pa-

tins sobre os canaes gelados, com uma velocidade vertiginosa, de quatro leguas por hora.

A população dos banhistas habita quasi toda sobre as dunas, á beira d'agua, no *Hotel Bellevue*, no *Hotel Garni*, no *Hotel des Bains*, ou em pequenas *villas* pittorescamente dispersas pela cordilheira em miniatura, formada pelas successivas serras de areia adherida pela vegetação e plantada de urzes e de giestas salpicadas pelas escabiosas selvagens, conhecidas em Portugal pelo nome de *saudades do campo*.

Nada mais risonho nos dias de verão, sob a luz dourada do sol descoberto e do céu azul, do que o aspecto matinal, á hora do banho, d'esta immensa praia de areia finissima, sem pedras, sem conchas, semelhante á da costa portugueza no espaço que medeia entre o Cabo de Espichel e a Torre do Bugio.

O recinto dos banhos é dividido em duas grandes zonas incommunicaveis — o *banho das senhoras* e o *banho dos homens*. A affluencia de banhistas francezes determinou nos ultimos annos o estabelecimento de uma terceira zona — o *banho commum*, hoje o mais frequentado pelos estrangeiros.

Longas filas de carruagens-barracas, casotas de rodas, oblongas, puxadas por um cavallo, ás quaes se entra por uma porta com tres degraus de madeira no tampo do fundo, recebem os banhistas e transportam-os a quatro ou cinco metros na agua; dão ahi meia volta, virando o cavallo para terra, e o banhista, descendo a escada, mergulha no mar.

Todas as senhoras nadam, e os seus reduzidos trajes de banho, deixando plenamente livres todos os movimentos da natação, descobrem, aos olhos deslumbrados dos viajantes meridionaes,—extaticos na praia como satyros magnetisados chupando a distancia que os separa da onda pelos tubos pressurosos e avidos dos seus binoculos de *touriste*,—carnações de lampejos fascinantes, de uma brancura nunca vista, de um mimo epidermico de hyperbole paradisiaca. Enforca-te, enforca-te, ó tenro, ó requebrado, ó delambidissimo Cabanel! Enforca-te, ou vae tratar de outro officio, porque nunca a tua assucarada

palheta, nunca os teus pinceis embebidos no succo mysterioso e clandestino dos lirios e das anemonas de teu herbario de retratista, nunca esse mimoso azul afamado subtrahido por ti dos céus de Boissier e de outros illustres fabricantes de rebuçados, nunca o teu processo de pintar carnes tão docemente escorridas na tela como escorre na ponta da lingua pelas paredes do paladar o creme abaunilhado de um *bonbon fondant*, darão na côr requintada em transparencia e em mimo das parisienses idealisadas nos teus quadros uma idéa longinqua da verdadeira pelle d'estas naiades de sangue germanico, de sangue scandinavo ou de sangue slavo, nascidas á beira dos lagos gelados do Norte como flores da neve!

Posso apenas depôr como testemunha ocular a respeito da côr; nada me é possivel informar *de visu* quanto ás fórmas d'estas banhistas, porque eu tinha apenas acabado de adaptar o meu oculo ao exame d'ellas, quando um guarda da praia, tirando o seu bonnet de uniforme, me informou em francez de que, pelo regulamento local, *o publico era respeitosamente convidado a não binoculisar as senhoras no acto de tomarem banho.*

Além das barracas em carreta a que me refiro, ha barracas de lona, fixas e dispostas em acampamento.

Centenares de cadeiras de vime, cobertas em arco, á semelhança de pequenas guaritas, são destinadas aos frequentadores da praia a quem se alugam, e nas quaes cada um se installa commodamente, ao abrigo do sol e do vento, voltado para o ponto que mais lhe apraz.

Todas as creanças, de pés e pernas nuas, patinham constantemente na agua, frescamente vestidas, de bibes brancos e chapéus de palha desabados, sob a vigilancia das mamãs.

As pessoas adultas, recolhidas nos seus respectivos abrigos, lêem, desenham ou bordam, tranquillas, isoladas umas das outras, emquanto uma infinidade de pequenas vendedeiras ambulantes offerecem de cadeira em cadeira os jornaes e as revistas do dia, hollandezas, inglezas, allemãs e francezas, fructas escolhidas, uvas, peras e pecegos, ramos de rosas e de resedas e copos de magnifico leite fresco, envasi-

lhado em grandes barris envernisados sobre elegantes carretas de carvalho do norte.

Por traz d'este vasto arraial alongado na linha da maré, alteiam-se os terraços dos cafés, alvejam as toalhas de mesa, tilitam os talheres dos pequenos almoços ao ar livre, e perpassam apressados os criados, de jaqueta e avental, servindo as costelletas de vitella ou o linguado frito, sob enormes coberturas de folha polida, e os brazeiros de latão com fogo de turba, em que chia para a confecção do chá preto de cada um a classica e familiar chaleira de cobre brunido com pégas de porcelana branca.

Nas habitações edificadas sobre a duna, voltadas ao mar, as janellas dos quartos do rez do chão, rasgadas do tecto ao solo, conservam durante a manhã as suas persianas verdes abertas sobre o pavimento côr de rosa da calçada.

É um banho de frescura e de graça para a vista o passeio das onze horas da manhã ao longo d'estes pequenos predios inteiramente abertos á brisa salgada do mar.

Succedem-se umas ás outras, na mais pittoresca e na mais risonha revista de mostra, as salas de jantar, os pequenos salões de conversação e de trabalho, os gabinetes de estudo, os proprios quartos de dormir.

Os tapetes rigorosamente esticados e escovados a microscopio, nivelam-se aos nitidos tijolos da rua, em que não ha um atomo de poeira.

Ingenuas chitas de um tom antigo, de fundos côr de café salpicados de pequenas rosas, caem em pregas ou entreabrem se em bambolim guarnecido de um estreito folho encanudado nas alcovas, onde sob o cortinado pendente se entrevêem os pés de um estreit› leito de pinho vermelho da Dinamarca. O pequeno espelho quadrilongo, tendo no alto separado do vidro por um travessão e emmoldurado no mesmo caixilho um desenho a pastel, reflecte na parede do fundo um quadrado luminoso de mar esmaltado pelo sol. Por baixo do espelho, na frescura tenra e lactea da porcellana, reluz o serviço do lavatorio. Uma

larga poltrona de marroquim côr de palha. Um *guéridon* com tres ou quatro livros de cartonagens inglezas. O guarda-sol vermelho a um canto. Suspenso do braço do cabide, como uma enorme borboleta no espaço, o grande chapéu Pamella com o seu tope azul, oscillando á viração da praia no ambiente de interior perfumado a heliotropio branco.

A taça de crystal, com as fructas em pyramide entre folhas de vinha, denuncia a sala de jantar, tendo sob o lustre a pequena mesa de pereira preta, rodeada, como nos grandes hoteis suissos, de cadeiras quadradas, da madeira da mesa, com estofo de *chagrin* carmezim.

Nas salas de visitas e de trabalho abundam as *illustrações* e as revistas, e entre os numerosos jornaes hollandezes apparecem o *Graphic* e a *Vie Parisienne*, o *Figaro* e a *Pall-Mall Gazette*, por baixo das rosas pendidas das floreiras de faiança.

E todos estes aposentos estão silenciosos e desertos, como lindas gaiolas abertas de que tivessem fugido os canarios para se espanejarem no mar. Apenas, de quando em quando, atravessa ao fundo, leve e ligeira, uma criada de quarto, loura *soubrette* de Paris ou Amsterdam, de avental e touca de cambraia, vestida de claro como as estatuetinhas de Saxe; ou mais perto da porta, no primeiro plano, voltando para quem passa as solas dos seus fortes sapatos, se vê um nababo de Java ou de Rotterdam, estirado n'uma *chaise-longue*, meio sepultado sob um numero do *Times* ou do *Algemeen Handelsblad*, com um charuto *planteur* nos beiços, rijo, athletico, pesado, feliz, soberbo, na triumphante plenitude do orgulho repousado das grandes castas, que, á força de trabalho, de tenacidade e de estudo, souberam dar artificialmente ás fórmas da vida a organisação mais sabia e mais perfeita.

Arnhem

É uma pequena Haya sem ministerios, sem legações, sem côrte. Imaginem uma cidade quasi inteiramente feita de quintas: muros cobertos de giestas e de musgos, de rosas e de trepadeiras em flor; gra-

des de ferro atravez das quaes se entrevêem vestibulos envidraçados de pequenos palacios, espessuras de parques, recantos floridos de jardim, *marquises* rendilhadas, avenidas curvas para fazer rodar carruagens, brancuras de cysnes vogando na sombra verde-escura dos chorões desgrenhados sobre a agua; e ao lado de cada grade, n'uma prancha de madeira envernisada, n'uma lamina de ferro forjado ou de cobre polido, a designação da propriedade: não já como na velha Hollanda, uma breve sentença da philosophia do habitante, mas um simples nome querido e modesto: *Villa Luiza*, *Villa Maria*, *Villa Joanna*.

No bairro do commercio quasi todas as lojas, de porta fechada, recolhidas como casas nobres, de familia. Não se ouve o estrepito pesado das carroças no lagedo das ruas, nem a vozeria dos pregões ambulantes, nem o jogar arquejante das machinas de vapor nas fabricas industriaes. É uma cidade de respiração puramente bucolica, toda feita da exhalação balsamica da seiva dos parques, do chilrear dos passaros, dos murmurios da agua nos tanques e nas fontes dos jardins.

Como na maior parte das cidades hollandezas antigamente acastelladas, como na Belgica e na Allemanha Rhenana, as antigas fortalezas de Arnhem foram transformadas em jardins que rodeiam a cidade, cingindo-a como Francfort de um collar de flores.

Os passeios publicos, os boulevards, os arrabaldes incomparaveis, as deliciosas aldeias suburbanas, as collinas de Velp, a proximidade do Rheno, as vistas de Eltever-Berg, de Clèves, de Nimègue, fazem de Arnhem a preferida estação campestre de recreio e de repouso, a grande Cintra da Hollanda. Como em Cintra, todas as grandes quintas são aqui patentes ao publico, e o mais obscuro viajante passeia como em terras suas, durante dois ou tres dias, em propriedades de um encanto incomparavel, entresachadas de bosques e de lagos, de parques de veados, e de picadeiros, de grutas e de cascatas, de pontes suspensas e de torres de atalaia, de aviarios, de piscinas e de vaccarias modelos, como no castello de Sonsbeek, nas quintas de Roozendaal, de Klarenbeek, de Rhederoord, de Biljoen, e n'uma infinidade de outras. N'esta região

se alongam as campinas cobertas de tulipas na primavera, cobertas no verão de verdadeiras searas de rosas, exploradas pela perfumaria.

No percurso d'estas romagens, ás horas de sol, vêem-se passar lentamente, ao passo dos cavallos, as equipagens descobertas dos ricos habitantes d'Arnhem: os largos paneiros de vime, puxados por *poneys* e cheios de creanças; os *landeaux* coroados de guarda-soes abertos, e conduzindo em passeio hygienico pallidas bellezas frisôas, brancas como jaspes italianos de imagens de madonas com cabellos de oiro, de olhos doces e melancolicos, de convalescentes, e elegantes indianas, creoulas de Sumatra, descendentes de principes indigenas, parentas de regentes da Java, desposadas por opulentos mercadores ou ricos navegantes da Hollanda aposentados agora nos seus bens.

Os clubs d'Arnhem são como os da Haya, do mais perfeito conforto, e constituem com o prazer do passeio as duas unicas diversões do habitante.

Alguns d'estes clubs, como um em que fui convidado a jantar na Haya, teem as suas cosinhas dirigidas por chefes parisienses de primeira força. As garrafeiras contém o que ha de mais escolhido nas adegas europeas, desde as melhores novidades do Rheno, da França, da Italia e da Hispanha, até o Porto, geralmente conhecido nas listas dos vinhos dos restaurantes hollandezas pelo nome recommendavel de *London, London velho, London particular, London escolhido.* Porque a tal ponto os negociantes portuguezes teem deixado cair em mãos estrangeiras o commercio nacional, que não só a gloriosa bandeira azul e branca desappareceu lastimosamente de todos os portos maritimos, mas ate os productos da nossa industria vão perdendo o nome nos mercados a que cessamos de os levar! Os filhos engeitados tomam naturalmente o appellido d'aquelles que os adoptam e não dos que lhes deram o ser.

As collecções de jornaes e de revistas em todos estes centros são as mais ricas do mundo. Ha enormes bibliothecas de publicações periodicas de todos os generos, em todas as especialidades e em todas as linguas: de litteratura, de historia, de viagens, de archeologia, de

linguistica, de medicina, de horticultura, de piscicultura, de caça, de trabalhos de agulha, de controversia politica e theologica, de combate, de religião, de philosophia, de recreio. Só nunca vi, em club algum da Hollanda, um jornal de modas. E tudo isso se manuseia, se consulta e se lê. Em nenhuma outra parte, nem mesmo em Inglaterra, se absorve uma tão prodigiosa massa de leitura.

Em Bronbeek, um dos lindos suburbios de Arnhem, acha-se estabelecido um asylo de soldados.

Nenhum caracter militar no aspecto exterior d'este curioso edificio. Nem o mais leve symptoma guerreiro! Nem o menor dos motivos decorativos que de ordinario servem de attributos a instituições d'esta natureza! Nem os dois obuzes de bocca aberta á porta, nem a classica ponte levadiça, nem os monticulos de balas, nem a prevista esplanada com as suas indispensaveis ameias e as suas velhas peças de artilheria theatral, montadas em reparos tão tropegos, tão trambulhudos e tão de páu como os membros do guerreiro invalido encarregado de lhes servir de cornaca!

O asylo de Bronbeek tem, por fóra, o simples aspecto rustico, absolutamente inoffensivo, eloquentemente pacato, de uma bella granja.

Como outros tantos Cincinatos, todos estes velhos batalhadores se occupam carinhosamente em agricultar a terra, e é com o sorriso da mais terna sympathia que o visitante, percorrendo as vastas dependencias d'este albergue militar, vae encontrando a pouco e pouco, dispersos pelo campo esses antigos soldados pagando no ultimo quarteirão da vida ao solo da patria o tributo dos desvelos que o serviço das armas os impediu de prestar nos annos da mocidade, arrancada pelo recrutamento ao serviço da charrua.

Uns sacham o cebolal, outros mondam a horta.

Um grupo, na leira gradada, ao bom cheiro acre da terra revolvida de fresco, em mangas de camisa, as cabeças brancas ao sol, apanha e ensacca a batata nova.

Sentinella perdida, emboscado no feijoal, aqui está um que arma

aos passaros, de ôlho vigilante nas esparrellas e nos alçapões abertos em torno da gaiola estrategica do chamariz.

Este, de oculos, que lê o jornal ao soalheiro, com a sua muleta ao lado, é o guarda das ovelhas.

Ha varias companhias distinctas n'este regimento: a companhia dos pomareiros, a dos ceifeiros, a dos jardineiros, a dos hortelões; e differentes piquetes: o do curral, o da queijeira, o da abegoaria, o do celleiro, o do madureiro, o do lagar, o do palheiro. E, perante a rigorosa pontualidade e a cabal perfeição com que alguns velhos invalidos cumprem livremente todos estes diversos e complicados serviços, reflecte-se que não ha nos melhores exercitos do mundo organisação que valha a instinctiva disciplina que prende pelo trabalho o homem livre á terra livre.

No interior do edificio estão como n'um museu varios trophéus de armas e muitas recordações de guerra e de viagens á Africa, á America, á India, á China, ao Japão.

Os canhões tomados aos rebeldes de Sumatra e de Bornéo, aos hispanhoes, aos portuguezes, aos francezes e aos inglezes, perderam, á força de serem lustrados, todo o aspecto mavorcio com que n'outro tempo houvessem podido intimidar o publico. Hoje em dia, dispostos ao longo d'estes vastos corredores, elles parecem ter unicamente por fim mostrar ao homem quanto pode o esmeril nas artes da limpesa, quando empregado com zelo sobre as boccas de fogo durante seculos de ininterrompida fricção, bafejada pelos ocios da paz.

Na capella, duas divisões: para um lado o culto catholico; para o outro lado o culto protestante. Os fieis escolhem, indo para a direita ou para a esquerda, a religião que entendem prestar mais garantias ao destino futuro das suas almas. O Estado lava d'ahi as suas mãos.

No logar principal do templo, ao fundo em frente da porta, acha-se um grande quadro fechado por um vidro, com esta inscripção: *Commemoração da honra.* N'este quadro guardam-se encerradas e dispostas por sua ordem as cruzes que trouxeram ao peito os soldados condecorados e fallecidos no asylo. Junto de cada cruz ha uma in-

scripção em cobre, com o nome do soldado a quem a insignia pertenceu, e com a data dos successos em que elle se distinguiu. Quando o corpo do condecorado desce á cova, um camarada ajoelha e toma-lhe do peito a condecoração que o estado recolhe, entendendo que essa distincção de merito deve sobreviver ao individuo, como sobrevive o nome, registrando-se devidamente como uma parte da historia da sua patria, da honra do seu regimento, da gloria dos seus companheiros d'armas.

Não obstante o aspecto juvenil que lhe vem da eterna frescura dos seus jardins e da elegancia moderna dos seus novos bairros, Arnhem, a *Arenacum* dos romanos, e como a sua visinha Nimegue, uma das mais velhas cidades da Hollanda.

A antiga provincia da Gueldra, de que Arnhem é a capital, fez parte na edade média da monarchia dos filhos de Clovis. Foi erigida em condado pelo imperador Henrique IV em 1079. Foi elevada a ducado por Luiz IV em 1339. Foi vendida a Carlos o Temerario, duque de Borgonha em 1417. Foi tomada por Carlos V em 1543.

Alguns monumentos de Arnhem, a sua casa da camara, chamada a *casa dos diabos*, habitada no seculo XV pelo celebre bandido Maarten van Rossum, e a sua bella cathedral gothica consagrada a Santo Eusebio, attestam ainda a antiguidade das suas origens.

No côro da egreja de Santo Eusebio vê-se o tumulo monumental de um dos condes d'Egmond, Carlos, principe de Gavre, duque de Gueldra, que os velhos chronistas d'esta provincia eruditamente compararam a Anibal e a Mithridates.

A genealogia dos Egmond engarfa na genealogia dos Nassaus, e perde-se com ella nas trevas da historia anterior ao seculo XI. O mais illustre membro d'esta familia legendaria foi Lamorol d'Egmond, principe de Gavre, barão de Fiennes, executado com o conde de Horn em Bruxellas em 5 de junho de 1568, por sentença de Filippe II.

Em Nimegue ha um precioso museu de antiguidades romanas, attestando pelos mais curiosos documentos—moedas, medalhas, lapi-

des, taboas, joias, armas e loiças — a occupação d'estes logares pelas regiões conquistadoras de Cesar. fortificadas por muito tempo na cidadella de Nimegue, a que Tacito chama *batavorum oppidum*.

É ainda em Tacito, nos livros IV e V das *Historias*, que os primeiros esforços da Hollanda para as conquistas da sua independencia, no tempo de Nero e de Galba, de Vespasiano e de Vitellio, nos apparecem representados nas repetidas lutas contra as cohortes romanas pelo Viriato hollandez, Claudio Civilis, cego de um ôlho como Annibal e como Sertorio, o qual, depois de haver inutilmente inundado a Batavia, rompendo o dique construido por Drusus, assiste em Nimegue á quéda das suas esperanças heroicas, vendo ao longo de todo o Rheno os gaulezes e os germanos submettidos aos consquistadores latinos.

Durante a edade média a historia de Nimegue não é menos illustre que na época romana. No magnifico palacio construido aqui por Carlos Magno, e cujas ruinas admiraveis se conservam piedosamente engrinaldadas de flores no lindo jardim publico de Nimegue, habitou por algum tempo o glorioso filho de Pepino o Breve. N'este magestoso recinto se celebraram talvez côrtes de litteratura e de amor, presididas por alguma das cinco legitimas esposas do imperador, ou por alguma das quatro concubinas suas amantes, que o seguiam na guerra, cavalgando alegremente com as suas tropas, de campanha em campanha; e aqui está ainda o mesmo baptisterio em que elle dava em pompa o sacramento christão aos captivos saxonios das legiões vencidas.

Nimegue serviu tambem de residencia a Carlos o Calvo, a Othon I, a Santo Henrique, a Conrado III, ao imperador Segismundo, ao imperador Alberto, a Henrique VI, a Renaldo III, a Carlos V, a Filippe II, a Maximiliano d'Austria, a Carlos o Temerario, a Carlos d'Egmond e a Guilherme o Taciturno.

Em todos os variados episodios da historia de Nimegue, assim como da historia de Arnhem, desde a derrota de Civilis até o celebre congresso que trouxe comsigo os tratados de paz de 1678 e 1679 en-

tre as Provincias Unidas, a França, a Hispanha, a Suecia e as potencias suas alliadas—perpassa constantemente como que um folego eterno de independencia e de bravura.

Um proloquio popular caracterisa a indole dos habitantes da Gueldra n'estas palavras, que poderiam ser a sua divisa: *Alta em valor, pequena em bens, uma espada em punho, eis o brazão da Gueldra.*

Nimegue tem no escudo das suas armas esta legenda magnifica: *Melius est bellicosa libertas quam servitus pacifica.*

Nas collecções numismaticas do paiz se encontram ainda exemplares das famosas medalhas patrioticas que deram origem á guerra começada em 1672, e concluida pelos tratados a que acima alludi. N'uma d'essas medalhas, cunhadas na Haya por ordem dos estados geraes, vê-se a figura da republica hollandeza calcando aos pés a discordia visivelmente representada na effigie de Luiz XIV. No reverso o leão neerlandez segura nas garras um canhão com esta legenda: *Sic fines nostros tulamus et undas.* Em outra medalha apparece van Bennigen, o embaixador da Hollanda junto da côrte de França, representado na figura de Josué detendo o astro do dia, figurado pelo rei-sol, com esta inscripção: *Stetit itaque sol.*

Quando rebentou a guerra, o impulso do rancor popular contra a dominação franceza produziu uma explosão de odio sanguinario e terrivel.

«Havia cincoenta annos, diz Michelet, que a Hollanda não via guerras. Era um grande jardim, um thesouro de riqueza e de arte; era o asylo universal dos espiritos pacificos, que nada pediam senão a posse tranquilla de uma livre consciencia. A apparição subita d'esse monstro da guerra, de um exercito de cento e vinte mil homens engolindo o paiz inteiro, foi um terror immenso, e como o ultimo dia do mundo... O exemplo da resistencia foi dado pela grande Amsterdam. Abriu as comportas de agua doce, rompeu os diques, entregou ao oceano toda a admiravel campina circumjacente. Enorme sacrificio. Não eram já, como outr'ora, os campos que se submergiam. Eram as

quintas, os palacios, as mais ricas habitações da terra, as estufas, os jardins exoticos, os thesoiros que faziam já então d'este pequeno paiz o universal museu do mundo. Foi grandioso. Porque a cidade em si não tem terras; é um balcão, um armazem; cada um tem os seus bens queridos, o seu lar amado *(mein lust, mein rust)*, nos campos proximos. Ahi amontoam quanto teem. Esse povo que vive para a casa, depois de ter corrido o Japão, Surinam, o mundo inteiro, traz comsigo quanto pode, e ahi enterra a sua alma. Eis o que se deu ao mar.»

E Michelet accrescenta: *Então, a falsa Hollanda se separou da Hollanda verdadeira.*

O partido do governo da republica hollandeza, ao qual o grande historiador a que me refiro, chama a *honra da natureza humana*, desliga-se n'este momento do partido orangista, feito de nobres, de militares de terra, de soldados aventureiros e de estrangeiros perseguidos, refugiados na illimitada hospitalidade hollandeza, engordados na mais farta panella de toda a Europa.

Foi á intriga d'este partido que succumbiram as duas principaes cabeças da Republica, os heroicos irmãos João e Cornelio de Witt.

Falsamente e indignamente accusado perante o povo, de se oppor á resistencia patriotica e de se mancommunar com o inimigo, Cornelio de Witt é preso e posto a tormentos. A sua impassibilidade perante a tortura é de um heroismo sobrehumano. Com as duas mãos presas uma á outra por un annel de ferro, e lentamente queimadas pela mecha de um mosquete, de Witt responde aos algozes evangelistas na lingua sagrada dos poetas; e aos verdugos sectarios de Jesus-Christo, elle declama os versos immortaes de Quinto Horacio Flacco: *Justum ac tenacem proposit virum... O justo persistirá firme... A colera das turbas ou o furor dos tyrannos em vão pedirão um crime; elle resistirá, assim como á insania dos ventos resiste o penhasco inabalavel no mar profundo.*

Ao ser conduzido, em companhia de seu irmão João de Witt, do tribunal para a casa da municipalidade, o povo reunido na rua dispara uma descarga de mosqueteria sobre os dois patriotas. A filha de João

Witt, que morava a poucos passos de distancia. acudindo á janella ao estrepito dos tiros, vê cair seu pae varado pelas balas.

Na embriaguez do crime. no furor implacavel do odio ao estrangeiro, habilmente encaminhado pelos orangistas contra os dois sabios e illustres magistrados da Republica, o povo arrasta nus pela praça os dois cadaveres, mutila-os impudicamente, e põe em leilão os membros esquartejados dos martyres, levantados no ar e mostrados aos licitantes nas pontas dos chuços.

Depois d'este crime tremendo perpetrado pelo povo cessa na Hollanda de existir a Republica; o stadhouderato encabeçado na dynastia de Nassau torna-se hereditario: não é mais que uma monarchia disfarçada, que a occupação franceza transforma mais tarde n'uma monarchia definida.

Cidades Industriaes

Ha na Hollanda a industria agricola e a industria manufactureira.

Os principaes centros de manufactura são: Amsterdam, Harlem, Rotterdam, Deventer, Dordrecht, Schiedam, Tilburg, Maestricht e Amersford.

O que é que a Hollanda fabríca? A exposição internacional de Amsterdam responde circumstanciadamente a esta pergunta, a qual a muitos estrangeiros que não visitaram essa exposição poderá parecer indiscreta para o amor proprio hollandez.

Apezar da sua pobreza geologica, sem minas e sem florestas, sem carvão, sem ferro e sem madeiras; apezar da pequenez do seu territorio e da sua população; apezar da contiguidade de paizes florescentissimos de producção, como a Allemanha, a Belgica e a França; apezar ainda da facilidade de importação dos productos estrangeiros, importação consideravelmente favorecida pela proximidade dos mercados, pela rapidez dos transportes e pela benignidade das pautas aduaneiras, a Hollanda fabrica tudo. Ferramentas de trabalho, instrumentos de

extracção e de transporte; peças e ornatos de construcção de casas, de navios, de fabricas, de officinas, de manufacturas, de granjas, de estabulos e de jardins; apparelhos de esgoto e de réga, bombas, noras, turbinas, pulsometros, etc.: moveis de todos os generos, entalhados, torneados, marchetados, para alcova, para salão, para escriptorio, para escola; tapetes e tapeçarias de todos os generos; papeis de forrar casas, oleados, corticinas, etc.; bilhares, espelhos, molduras, chaminés de salão, lustres, candieiros, candelabros; serralharia e ourivesaria, objectos d'arte em ferro forjado e fundido, em aço, em bronze, em cobre, em estanho, em aluminium, em nickel, em galvanoplastia; relogios e pendulas; barometros, thermometros e outros contadores; faianças, porcellanas, vidros, crystaes, tijolos, azulejos e *terras-cotas;* obras de couro, de carneira e de marroquim; jogos e brinquedos de creanças e artigos de fantasia; escovas de todos os generos; artigos de imprensa e de escriptorio, encadernações, cartonagens, material de escripta e de desenho; instrumentos de musica, pianos, orgãos, instrumentos de corda, etc.; apparelhos de physica e de chimica, de cirurgia, d'arte dentaria, de gymnastica, d'orthopedia, de telegraphia, de telephonia, de heliographia, de natação, de salva-vidas; instrumentos de precisão, de agrimensura, de nivelamento, de navegação, de caça, de toda a especie de pesca, maritima e fluvial, da baleia, do coral, das esponjas; cordas e tecidos de linho, de algodão, de seda e de lã; chales, rendas, plumas e flores artificiaes; quinquilharia; perfumaria; leques, joias, luvas, sabões; armas portateis e armas de guerra; oculos de alcance e binoculos; artigos de viagem, malas, estojos, saccos, barracas, bengalas e chapeus de chuva; hypsometros, clinometros, telemetros e podometros; conservas alimentares, farinhas, feculas e massas; charutos e cigarros; toda a especie de bebidas alcoolicas; tintas, oleos, gommas e vernizes; productos de stearina e de parafina; e, finalmente, queijo e manteiga,—manteiga para cobrir todo o pão com que almoça a Europa, queijo para dar sobremesa a todo o mundo.

Tilburg, pequena cidade de 18:000 habitantes, conta mais de cem fabricas, produzindo annualmente cerca de 30:000 peças de panno.

Roermond fabríca egualmente pannos.

Deventer, além das suas fundições de ferro, tem fabricas de loiça: e além dos seus afamados bolos—os bolos de Deventer, que exporta para toda a parte—produz excellentes tapetes, assim como Rhenen e Amersford.

Gouda é celebre pelos seus tijolos e pelos cachimbos de barro, de que inunda as tabacarias de todo o mundo.

Apeldoorn e Maestricht fazem papel excellente.

A provincia da Friza abastece de cordas, justamente afamadas. muitos mercados.

O Saugstraat, districto do Norte Brabante, confecciona artigos de toilette, moveis, malas e couros, que constituem um dos principaes ramos do commercio nacional.

Schiedam é a séde principal das celebres distilarias hollandezas, e com os residuos da fabricação da genebra alimenta annualmente 30:000 porcos.

Harlem é mais particularmente refinadora de assucar, extrahido das beterrabas.

São de consideravel importancia varias fabricas disseminadas por diversos districtos, como a real fabrica d'armas de Maestricht, a real fabrica de xarões artisticos de Amsterdam, a grande fabrica de adubos chimicos de Rotterdam, e outras.

A industria das bonecas, assim como em parte a das flores, tornou-se monopolio de algumas associações de beneficencia, constituidas por senhoras. Uma d'estas sociedades tem por fim obter trabalho para as mulheres pobres desempregadas. As lindissimas bonecas que se vendiam á entrada da exposição de Amsterdam, primorosamente feitas de trapo, e representado com a mais rigorosa fidelidade todos os costumes populares da Hollanda, eram propriedade da sociedade a que me refiro, e haviam sido fabricadas pelas raparigas pobres, a quem estas senhoras proporcionaram os meios de empregar-se n'esta pequena industria, não só de grandes lucros—porque transforma um simples farrapo n'um interessante documento ethnologico do valor de 20 ou de 30

francos—mas ainda de grande educação elementar para o desenvolvimento das faculdades artisticas.

Para a industria das flores ha outra associação, egualmente de senhoras, que distribue gratuitamente sementes, raizes e tuberculos de plantas de jardim, ás mulheres e ás filhas dos cultivadores pobres, celebrando em seguida exposições de certame, em que todas as flores se compram e em que são premiadas as mais bellas.

Os innumeros ramalhetes procedentes d'estes mercados periodicos são distribuidos pelas senhoras associadas, como dadivas daterra carinhosa e consoladora, aos hospicios de velhos, aos recolhimentos de pobres, aos hospitaes de convalescentes.

A industria mais rica—e bem assim a mais caracteristica da Hollanda—é a da lapidação dos diamantes nas officinas de Amsterdam. O commercio dos diamantes attinge n'esta cidade a somma annual de 18:000 contos de réis, e fornece trabalho a dez mil pessoas. Uma só particularidade basta para dar idéa do valor d'esta industria:—o trabalho de um diamante vale duas vezes e meia mais do que a propria pedra; isto é: o diamante bruto compra-se a 18$000 réis o quilate, o diamante polido vende-se, termo médio, por 45$000 réis o quilate.

A industria dos diamantes é quasi exclusivamente exercida em Amsterdam por judeus de origem portugueza. Nenhuma outra raça supportaria talvez o esforço supremo de energia, de applicação e de paciencia que é indispensavel desenvolver para reduzir uma d'estas gotas de gaz carbonico solidificado ao estado de pedra preciosa e polida, que os judeus distinguem immediatamente de toda a pedra falsa, pousando-a na lingua e tomando-lhe a temperatura: o diamante é a pedra fria por excellencia.

A lapidação consta de tres operações distinctas.

A primeira operação consiste em cortar a pedra *pelo fio*, o que quer dizer no sentido da sua crystalisação, desbastando a e tirando-lhe as rugosidades mais salientes. A parte difficilima d'este primeiro trabalho é a de determinar precisamente, mathematicamente, o ponto

exacto da base e do vertice da pedra, os quaes constituem os dois polos do eixo em torno do qual se distribuem as facetas.

A segunda operação é a lapidagem propriamente dita, e consiste em indicar as facetas e dar á pedra a sua fórma geral. N'este estado o diamante tem ainda a apparencia amarellada e baça de um pequeno crystal de gomma arabica.

A terceira operação é o polimento, que se realisa empunhando o diamante n'uma péga solidissima, não deixando sobresair senão a faceta que tem de ser polida, e aproximando-a em seguida de um pequeno disco de ferro, embebido em pó de diamante e azeite, posto em movimento giratorio horisontal por uma machina de vapor, e dando 2:500 voltas por minuto á banca de cada polidor.

O aspecto d'estas officinas tem o que quer que seja mysterioso, cabalistico, que infunde em quem as visita a sensação de entrar n'um mundo inteiramente á parte d'aquelle em que vivemos, habitado por uma raça de homens orientada mui diversamente da nossa, não sómente com outra lingua e com outra religião privativa d'elles, mas ainda com caracteres anatomicos, com caracteres physiologicos, com temperamentos, com atavismos absolutamente diversos d'aquelles que concorrem na nossa idiosyncrasia. É a vida olhada atravez de um vidro escuro e de augmento, com uma intensidade que ella só attinge nas condensações da arte, e que lembra o mundo formidavel de Shakespeare, o de Balzac ou o de Carlos Dickens.

Para o fim de terem a maxima quantidade de luz para um trabalho de minudencia microscopica, os *ateliers* dos lapidarios acham-se todos enfileirados em estreitos corredores allumiados por largas janellas rasgadas desde o tecto até á altura das bancas que lhes ficam fronteiras.

Essas grossas bancas de carvalho, os solidos mochos altos, aparafusados ao pavimento para o fim de permittirem o maximo desenvolvimento de força muscular empregada sobre a ferramenta, os utensilios de trabalho, as fortes pinças, as torquezes, as luvas chapeadas de ferro, as lamparinas, as caixas de madeira em que cae o pó tenuissimo

dos diamantes cortados, as bigornas de aço, as mós de ferro da polição, as correias transmissoras em giro por cima de cada banca, as cortinas brancas caidas ao longo das vidraças, as mãos, as camisas, as caras, os cabellos dos operarios em transpiração, tudo n'estas extensas galerias se acha uniformemente sujo, gorduroso, enodoado de oleo preto.

O diamante bruto é tomado com uma pequena tenaz da caixa de deposito em que se acha com muitos outros, e seguro pelo artifice n'uma bolinha de massa ductil como cera, a qual em seguida endurece como ferro ou se abranda no grau que se deseje ao fogo de um massarico, e serve de engaste provisorio á pedra. Presa esta bolinha n'uma torquez mecanica, apertada á chave, com garras solidissimas, o lapidario toma, fortemente empunhada n'outra torquez egualmente solida, uma lasca de diamante cortada em fórma de cinzel, e, apoiando-se á bigorna cravada ao meio da mesa, por meio de um supremo esforço muscular que o faz vibrar dos pés á cabeça no seu alto banco especado ao sobrado, começa a morder pedra com pedra, gume com gume, diamante joia com diamante escopro.

Imaginem dois formões agudissimos, do mais duro aço, raspando córte com córte até que á força de fricção se entalhe o fio de um no fio do outro: como o diamante é ainda mais agudo e mais duro que o mais forte aço, este simile dá apenas uma idéa remota da impressão unica que nos encrispa todos os nervos e nos arripia todos os poros da pelle ao sentir, entre as curvas e ganchosas mãos de aço de um d'estes cyclopes microscopistas, o dilacerante attrito do diamante lanhado pelo diamante para o trabalho de cada faceta.

Ao cabo de alguns minutos a lasca cinzel está embotada e é preciso substituil-a por outra na torquez que lhe serve de cabo. Depois do que recomeça a operação do córte com um novo gume. E assim successivamente até se completar a tarefa enorme, inverosimil, de dar á pequena pedra do tamanho da cabeça de um alfinete as sessenta e quatro facetas, além dos dois córtes superiores e inferiores do vertice e da culatra, indispensaveis para communicar á pedra bruta a luz faiscante da joia.

O polidor conclue o seu trabalho aperfeiçoando na mó faceta por faceta, e dando ao brilhante a fórma e a nitidez definitivas.

Todo o brilhante tem a configuração de duas pyramides truncadas e reunidas uma á outra.

Para que um brilhante se considere lapidado em regra é preciso que, collocado sobre qualquer dos seus dois vertices, elle se equilibre no proprio peso, sem descair para nenhum dos lados. Para este fim é indispensavel que cada uma das facetas tenha uma dimensão exacta, perfeitamente geometrica. Ora o lapidario, ao passar a pedra no polidor corrosivo, não vê senão uma faceta de cada vez, e é a olho que elle determina exactamente, sem discrepancia alguma, a fórma e a dimensão justissima de cada uma das sessenta e seis superficies, mathematicamente regulares entre si, que tem de apresentar a figura que elle é encarregado de delinear.

Para que o diamante lapidado tome na joalharia o nome de *brilhante* é mister, como já indiquei, que elle apresente sessenta e seis facetas. Além do *brilhante*, temos porém na mesma pedra o chamado *diamante rosa*, o qual não é mais que um brilhante achatado, tendo vinte e quatro facetas em vez de sessenta e seis.

Ha diamantes de tão exiguas dimensões que são precisos mil para attingir o peso de um quilate. São os infinitamente pequenos da joalharia e semelham uma polvilhação aquatica, um pollen luminoso sobre as flores de oiro que orvalham, ou em torno das perolas negras, ou dos rubis estrellados que circumdam como aureola nos anneis ou nos botões de camisa. Pois bem: cada uma d'essas pequenissimas pedras, quasi microscopicas, passou nas officinas de Amsterdam pelas tres operações a que alludi, e cada uma d'ellas tem as vinte e quatro facetas affectando a fórma de roseta, de que lhes vem o nome!

A palavra *diamante*, segundo a raiz grega, quer dizer *dominante*, e esta pedra quasi sobrenatural, heroica, indestructivel, immaculada como as coisas divinas, corresponde bem ao nome que lhe deram e á lenda de que a revestiram os poetas, os bruxos e os alchimistas.

Para a antiguidade hellenica o diamante era o metal invencivel

com que os deuses fabricavam as suas armas: os grilhões de Prometheu em Eschylo, o capacete de Hercules, em Hesiodo.

No tempo de Plinio o Velho, attribuiam-se-lhe ainda virtudes magicas, e consideravam-o como preservativo da peste e dos feitiços.

Nos tempos modernos o diamante é o principal attributo decorativo da belleza triumphante e da força dominadora.

Diz-se do imperador Napoleão Bonaparteque elle se não julgou verdadeiramente soberano senão no dia em que, depois de tantos thronos conquistados, mandou emfim engastar o *Regente* nos copos da sua espada.

Todos os diamantes excepcionalmente grandes teem um nome sob o qual vivem nas imaginações como personagens historicos: o *Regente*, que faz parte das joias da França; o *Koh-i-noor* (montanha de luz), pertencente á corôa de Inglaterra; o *Mogol*, que pertenceu aos reis de Golconda, presentemente perdido; o *Orloff*, ou *diamante de Amsterdam*, e o *Shah*, ambos da corôa da Russia; o *Florentino*, da corôa da Austria; a *Estrella do Sul*, achado na provincia de Minas Geraes, no Brazil; o *Pachá do Egypto*, o *Pigott*, o *Nassak*, o da *corôa de Portugal*, o do *Sultão*, etc. E todas estas pedras teem um drama ou uma tragedia na historia da sua origem ou da sua evolução. Procedem das grandes minas da India ou do Brazil, dos jazigos do Ural, da America do Norte, de Sumatra, da Australia, da China ou do Cabo da Boa Esperança. Vieram do throno de um principe persa, do alfange de um rajah de Mjayin, das pupillas de um idolo de Sheringam, do sceptro dos imperadores do Mongol, da corôa dos reis de Lahore ou do dedo de algum cadaver illustre, como o de Carlos o Temerario, cujo corpo em putrefacção foi reconheeido sob os muros de Nancy pelo diamante celebre que tinha no annel, joia ultimamente archivada na collecção Demidoff.

Diamante da corôa, *diamante de familia*, *diamante de cocotte*, elle é sempre no mundo moral uma especie de pequeno astro, um foco de gravitação semelhante ao que é o sol no mundo physico.

Quantas paixões, quantos desejos, quantos desenganos, quantas

allucinações e quantas lagrimas em torno de cada uma d'estas pequenas pedras no seu trajecto de annel em annel, de bracelete em bracelete, de sceptro em sceptro! Por quantos berços, por quantos leitos, por quantos esquifes não terão ellas de passar, fulgurando successivamente ao clarão da lua, ao clarão dos lustres, ao clarão dos cirios ou ao clarão dos archotes, em noites de amor, de gloria ou de agonia, em noites de gala regia, ou de reivindicação popular!

E são oito ou dez mil operarios judeus, de Amsterdam, sem patria, sem principes, sem reis, destituidos de sentimentalidade poetica e de illusões idyllicas, insensibilisados no desprezo, matarialisados no trabalho, ávidos de lucro, os que em cada anno espargem no mundo myriades d'essas pedras, como a vasta semente da vingança insidiosa de uma raça proscripta sobre as raças triumphadoras.

Depois de facetado, com as suas sessenta e seis superficies, nas officinas de Amsterdam, o esteril carbone fica sendo a joia rutilante, mãe fecunda e servidora fiel dos corrosivos peccados do temperamento e da phantasia.

Ide, magneticas estrellas! Ide polvilhar de luz, em doudejantes reflexos rosados, verdes e azues, o firmamento da elegancia! Ide resplandecer nos relicarios sagrados, nos tabernaculos divinos, nas tiáras dos pontifices, nos diademas das rainhas, nos sceptros dos reis e nas chinelas das cortezãs! Sereis successivamente adoradas, appetecidas, profanadas; e o que uma vez julgar possuir-vos, será eternamente o vosso escravo, acorrentado para todo sempre a um velho altar, a um carcomido throno, a um desgastado brazão ou a um inveterado vicio.

Aquelles que vos fabricam, ficam na sua judiaria de Amsterdam, na *rua das Pulgas*, ou na *rua dos Mochos*.

É um bairro estreito, tortuoso e infecto, ainda hoje povoado das figuras esqualidas, andrajosas, intonsas, de olhar obliquo e ardente, dos judeus e dos mendigos de Rembrandt.

Mulheres immundas, creanças piolhosas, cães famintos, gatos tinhosos, fervilham desde pela manhã até á noite, ao sol e á chuva, na rua alastrada, como uma feira de ferros velhos. Das janellas descan-

celladas pendem a enxugar colchões de berços apodrecidos e trapos lastimaveis. Velhos judeus orthodoxos, cheirando caracteristicamente a cortume e a alho, com barbichas de bode, grisalhas, palmilham com as suas largas chinelas enlameadas o lixo fermentado da calçada, vendendo fressura. Ao fundo arredonda-se a vasta Sinagoga, em cujo tabernaculo, feito de madeiras do Brazil, alguns rabinos portuguezes aferrolham os livros da lei, encarregados de guardar e de explicar á tribu.

Compete em importancia com a industria dos diamantes a industria das construcções navaes, exercida em não menos de 700 estaleiros, e a industria da pesca do arenque, cuja importancia annual é calculada em 400 contos de réis.

A industria agricola é, porém, mais consideravel que qualquer outra.

Para dar uma idéa do seu valor, basta considerar os gados e comparar o numero de cabeças existentes na Hollanda com as que existem em Portugal. Do quadro official da estatistica comparada dos dois paizes, resulta que, emquanto Portugal tem na raça cavallar 0,9 por kilometro quadrado, a Hollanda tem 7,7. E na raça bovina, de que Portugal conta por kilometro 5,7 cabeças, conta a Hollanda 41,7.

A existencia nos prados hollandezes de 1.500,000 vaccas, cada uma das quaes póde produzir 30 litros de leite por dia, explica a enorme quantidade de lacticinios que o paiz fabrica.

A producção dos queijos está orçada em 25 a 26 milhões de kilos por anno. A producção de manteiga attinge um valor equivalente ao dos queijos.

A exportação total portugueza no anno de 1881 foi de 20 mil contos. A exportação hollandeza no mesmo anno foi de 250 mil.

As cidades manufactureiras não teem aqui physionomia especial como nos grandes centros operarios da Inglaterra, da Belgica e da França. As 800 fabricas a vapor da Hollanda affirmam-se apenas no aspecto das populações pelos riscos vermelhos das chaminés sobre a verdura dos prados.

Alkmaar

Para o fim de ver um mercado agricola, vim por tres dias a Alkmaar onde passei a sexta-feira, consagrada todas as semanas á venda dos queijos.

A palavra hollandeza *Alkmaar* significa *Tudo-mar*, e vem este caracteristico nome á cidade do grande numero de pantanos, hoje seccos, que n'outro tempo a rodeavam. Apezar da sua pequenez (11.500 habitantes) Alkmaar, como todas as cidades hollandezas, tem um museu, tem uma linda cathedral de stylo gothico, um pomposo hospicio de velhos, um curioso palacio municipal construido no começo do seculo xvi, e um bosque, servindo de passeio publico.

No museu, varias telas interessantes principalmente retratos de regentes e de burgomestres, do seculo xvi e do seculo xvii, uma pequena bibliotheca, uma collecção de medalhas, de sellos e de autographos, uma collecção de bandeiras com divisas de guerra contra os hispanhoes, e uma collecção de instrumentos de tortura, empregados pela Inquisição nos Paizes-Baixos, e constituindo uma especie de curso de rancor nacional ao fanatismo e á tyrannia catholica.

O bosque, bem longe da magnitude das bellas mattas de Arnhem e da Haya, é adoravel de bonhomia provinciana, de frescura de aldeia, de risonha semceremonia. Do lado da povoação, a orla do parque tem um longo debrum de pequenas casas campestres, de tons claros bem lavados de luz, quasi todas de rez do-chão, com um postiguinho envidraçado no corpo superior da fachada, sob o vertice do telhado. Pela frontaria d'estas casas penetra na gravidade official da floresta publica a familiaridade dos quintalinhos particulares, das hortas e dos pomares, encaixilhados em muros baixos, deixando a descoberto o panorama, e construidos de tijolo. N'esta serie de cercados, que parecem cozidos uns aos outros n'uma facha de remendos vegetaes, vicejam, em torno dos pequenos poços quadrados, os talhões de horta-

liças e de saladas, as pequenas macieiras em fructo, os pecegueiros, as ameixeiras e os feijões em caniçada. Camisinhas de creanças, *bibes* de riscado azul e meias pequeninas quasi sem feitio de pé, coram ensaboados e estendidos ao sol. e sorriem por entre as couves repolhudas, de grossas folhas crespas, tumidas de seiva.

No alto de um talude arrelvado campeia em pleno passeio publico um moinho como o de *Long-Champs*. não porém. como no *Bois de Boulogne*, para dar rusticidade decorativa aos *rendez-vous* do *sport*. O moinho de Alkmaar é um verdadeiro moinho de moer, pittoresco mas util, envernisado por fóra, todo branco de farinha por dentro.

E todo este ar de lhaneza pastoril, de ingenua paz bucolica, contrasta vivamente na imaginação com as lembranças da historia guerreira d'Alkmaar, que nas lutas contra os hispanhoes alcançou o nome glorioso de *Alkemaria victrix*. A resistencia opposta por ella ao tres assaltos successivos das tropas de D. Fradique foi de tal modo terrivel que os soldados hispanhoes recusaram absolutamente, por declaração expressa feita ao filho do duque d'Alba, voltar ás mãos contra taes homens.

A rebellião do seu espirito de independencia contra o governo dos condes da Hollanda obrigou o conde João d'Avesnes a applicar-lhe o unico meio de a submetter, arrasando-a.

Com o assedio hispanhol Alkmaar foi mais feliz. Um obscuro e corajoso marceneiro, encarregado pelo principe d'Orange de atravessar o acampamento inimigo, e de levar á cidade a ordem de abrir os diques, perdeu a mensagem que trazia. Este papel, indo ás mãos de D. Fradique, obrigou-o a desistir do projecto de reduzir Alkmaar pela fome, e a levantar immediatamente o cerco, fugindo ao temor de morrer afogado com todos os seus, nas aguas trasbordadas em uma campina tres metros e meio mais baixa que o nivel de Amsterdam.

Depois de ter jantado inteiramente só na grande sala triste e deserta da hospedaria, como caía incessantemente uma chuva sem vento, miuda. espessa. profunda e tenaz. fui para a janella, e com a ca-

beça contra a vidraça puz-me a ver morrer o dia sobre a praça fronteira.

Todas as lojas em torno do largo tinham fechadas as portas e as janellas. Todos os predios, de cima a baixo, mudos e desertos como a rua. Apenas, a um angulo do passeio opposto á minha janella, dois rapazitos brincavam não sei em que jogo, sobre a chuva insistente, esfumados na neblina como dois pequenos espectros grotescos e lugubres.

Além do esparralhar compassado das pingas das goteiras no tijolo da calçada, nenhum outro rumor, nem o minimo susurro vindo da cidade, nevoenta, afogada no cair da tarde, como os convivas sob a chuva silenciosa das flores desfolhadas nas ceias de Nero.

Um homem veio accender os candieiros da rua; pouco depois, um outro atravessou o passeio, espelhando na agua do chão o disco do seu chapeu de chuva; e os dois pequenos desappareceram.

Algumas outras luzes, mais baças, começaram a trepidar vagamente atravez dos vidros na profundidade das lojas; e esta enorme tristeza de provincia trouxe-me á lembrança uma terça-feira de entrudo que passei em Cintra, vendo anoitecer na praça deserta, defronte da cadeia, onde um homem mascarado de boi se divertia sósinho, mugindo comsigo mesmo na lama, á luz mortiça dos candieiros de petroleo.

Dois individuos de Alkmaar, moços, bem parecidos, vestidos com uma certa intenção de elegancia local, vieram sentar-se á janella, ao lado da minha e pediram cerveja. O moço da hospedaria tirou da algibeira uma caixa de phosphoros e accendeu um dos bicos do candieiro de dois braços, que ficava por cima da mesa do jantar.

Um dos adventicios fallou-me francez:—*Bien mauvais temps, Monsieur!*

E em seguida, como evidentemente lhes agradasse desenferrujar a lingua, queixaram-se de que não houvesse um theatro, nem um café cantante, *n'uma cidade d'estas!*

Effectivamente, era pena que rapazes de vinte annos não tivessem mais nada que fazer do que vir vêr commigo cair a chuva a esta hora.

— A população — observei-lhes — deve-se aborrecer um pouco ás noites em Alkmaar.

Mas um d'elles protestou logo convictamente:

— Oh! aborrecer-se, não! Temos a vida de familia.

— Bem; mas o que faz a familia para não aborrecer a vida, quando a noite vem?

— Jogamos os dominós e jogamos as cartas. É assim em toda a velha Hollanda. Só em Amsterdam é que as familias estão toda a noite na rua. É indecente.

E, como o lume do charuto que tinha nos beiços, os olhos do mancebo luziam de um rancor orthodoxo, de um rancor calvinista, accessos no zelo que lhe inspirava a defeza da familia provincial.

O outro, mais tolerante, attenuava:

— Em Amsterdam mesmo ha muita gente que passa as noites em casa . . .

Conjecturo que este rapaz fosse um livre pensador. Ao lado do ardente rigor do outro, a longanimidade d'este para com o peccado amsterdamense pareceu-me de impio.

Bebido o ultimo golo de cerveja, os dois partiram, e a sala recaiu n'um silencio tetrico, de noite morta.

Eram apenas 8 horas. Entreluziam ainda alguns candieiros de interior dentro das poucas lojas acordadas; e todavia, se não fosse o chapinhar da chuva, creio que ouviria as vaccas mastigarem na pastagem dos *polders*, n'uma redondeza de tres leguas.

Meia hora depois, emquanto n'um canto do canapé eu apontava estas notas no meu caderno, um hospede de barbas grandes e oculos, chapéu alto e *waterproof*, chega escorrendo agua da ponteira do chapéu de chuva, recebe uma carta que o esperava ao lado de um velho telegramma no quadro envidraçado da casa de jantar, pede o castiçal e sobe lentamente ao seu quarto, depois de nos haver saudado por meio de um cumprimento giratorio, a mim e á mobilia circumjacente.

O impio de ha pouco voltou só e tomou assento a uma pequena mesa, sobre a qual collocou varios papeis que trazia na algibeira e que

principiou a escripturar n'um livro de lembranças. Um velho, de barrete de seda, cabello branco, cara rapada, fumando um cachimbo de gesso de Gouda, desceu tambem á sala e sentou-se a ler um jornal em frente do rapaz que escrevia. D'ahi a pouco o mancebo dava tão convictas e tão leaes gargalhadas, o velho, contando-lhe não sei o quê, tinha um tão intimo e tão amigavel sorriso no ôlho esperto, na grande bocca desdentada, nas rugas espirituosas da sua velha carne alegre e ironica, que eu comprehendi então, de repente, tudo o que quizera dizer-me o defensor dos prazeres domesticos da familia na Hollanda, isto é: a aptidão peculiar do habitante para se alegrar com pouco, possuindo, como um doce privilegio de raça, o amor raciocinado, o amor intelligente das coisas modestas, simples e mansas. E n'esta singela scena de estalagem, entre dois viajantes de acaso, sob a luz de um bico de gaz, em frente de um jornal moderno, eu julguei ver ainda retrospectivamente um recolhido canto de interior hollandez do seculo XVII, a inspiração viva de um d'esses pequenos quadros de genero, tão aconchegados, tão tépidos, tão vibrantes, tão jovialmente sentidos da obra immortal dos Metsu, dos Jan Steen, dos Gerard Dov, dos Piter de Hooch ou dos Van Ostade.

No dia seguinte, a feira.

O tempo clareou. Grandes abertas de céu azul, entrecortadas apenas de longe a longe por breves e ligeiros chuviscos, poem em toda a nitidez de linhas e de côr os agudos *pignons* da miuda casaria, os telhados envernisados e ponteagudos, o esguio perfil das torres e a ramaria verde das grandes faias seculares que ornam o canal, dando á pequena e graciosa cidade a limpidez tão justa das frescas paisagens de Ruysdael e de Metsu.

Toda a população saiu para a rua.

Nas vidraças das lojas reluzem festivamente as exposições das baixellas de cobre polido, as filigranas da orivesaria norte-hollandeza, os capacetes de oiro, os brincos e os broches de toucar recamados de brilhantes, assim como as tentações culinarias das pastellarias e dos salchicheiros.

De toda a parte, do lado das dunas de Kamp, do lado das aldeias de Bergem e de Egmond, vindo de Broek, de Purmerende, de Hoorn, de Zaandam, convergem para Alkmaar, atravez dos longos campos. dos interminaveis pastios, as lindas carretas norte-hollandezas, de phantasiosas esculpturas e brazões provinciaes, pintadas a carmim, a oiro e a azul, carregadas de queijos ou de familias feirantes, puxadas, ao repique das campainhas pendentes das goleiras e aos estalos dos pingalins, pelos enormes frisões trotadores, de grossas caudas roçagantes e de longas clinas tremulando ao vento.

Ao longo do canal vogam as grossas barcas, as *tjalks* e as *koffen*, que veem ancorar no proprio mercado, em frente do bello edificio do Peso da Cidade, construido de lousa, de tijolo e de pedra, na mais graciosa e na mais quente harmonia de tons.

Os toucados das mulheres resplandecem ao sol como relicarios de renda branca, cravejados de pingentes de oiro e de pedraria.

Os homens, todos vestidos de preto, teem a pompa grave de abastados rendeiros que veem assistir a uma eleição municipal, a um concurso pecuario ou a um comicio agricola.

Ao meio-dia o carrilhão do palacio do Peso tange em repique o signal de começar a feira, e as transacções principiam por entre as enormes rumas de queijos, levantadas na praça como barricadas, e representando todas as qualidades que fazem competir este producto com o parmesão, com o roquefort, com o gruyère e com o brie:—os queijos de Edam, de leite doce; os de Leyde, de leite azedo; os de Heerenveen; e os celebres queijos verdes da ilha de Texel, feitos de leite de ovelha e coloridos com uma estranha infusão de excremento de carneiro.

Perante estas pyramides gigantescas de comestiveis pantagruelicos, visão apocalyptica de sete annos de abundancia e de fartura, como a sobremesa posta para o sonho das vaccas gordas, justifica-se o orgulho nacional da Hollanda queijeira; e a tão bemdita e louvada fertilidade das nossas terras meridionaes vem-nos á lembrança como um calafrio de miseria.

Um andaluz offerecendo uma laranja de Sevilha a um frisão seu amigo, dizia-lhe:—Eu sou do paiz abençoado que produz d'isto duas vezes por anno! Ao que o da Frisa, dando um queijo em troca da laranja, respondeu:—Eu sou da terra malfadada em que isto se produz tambem duas vezes—por dia.

Na feira de Alkmaar, como o segredo é a alma do negocio, o preço da mercadoria não se declara em alta voz senão em numeros redondos; os minimos são indicados por gestos entre o comprador e o vendedor, e a transacção fecha-se por uma palavra ao ouvido e por um aperto de mão, que põe no contrato o sello da honra. Seis palavras, tres ou quatro monosylabos, dois gestos, e está o negocio feito. Para nós outros peninsulares é triste; produz a impressão de que no meio d'aquelles homens serios, silenciosos, vestidos de preto, os queijos estão ali para enterrar e não para vender. Não é um mercado, é um *De-profundis.* Os carrejões da companhia braçal do Peso, vestidos de grosso linho branco e indicando na côr da gravata a balança a que pertencem, tomam em carretas de mão os queijos vendidos, entram com elles por uma porta do palacio e saem pouco depois por outra, trazendo-os officialmente afferidos no peso e competentemente carimbados,

Segue-se o embarque, que se opera com uma presteza e com uma agilidade prodigiosa, sendo os queijos lançados pelo ar, como uma saraivada monstruosa, como um bombardeamento terrivel de metralhadoras, com balas de manteiga, do caes para o interior das embarcações.

As barcas cheias içam a larga vela quadrada ao tope do seu unico mastro e partem lentas, pesadas, calando na agua até á borda. As barcas vasias tomam o logar devoluto pelas barcas cheias.

Ás 6 horas da tarde está acabada a feira. A ultima barca levantou ferro, e nas pastagens á beira dos caminhos, as vaccas erguem a cabeça e olham immoveis para as carruagens que passam a rapido trote no alegre tilintar dos guisos, para desapparecerem pouco depois em pequenos pontos negros dispersos no horisonte doirado pelo sol

poente. Os moços do Peso lavam a grandes baldes d'agua e á escova o campo vasio da feira. A população recolhe-se. As casas fecham-se. Um momento depois a noite vem, e a cidade recae n'um silencio antigo, n'um silencio morto de fortaleza feudal, depois de levantada a ponte, corrido o giro da ronda na praça, e tangido na torre da atalaia o toque de recolher e de tapar o lume.

As feiras de cereaes e de gados fazem-se principalmente na Frisa: em Groninga, cidade celebre pela sua universidade e pelo seu grande instituto de surdos-mudos, e em Leewwarden capital da provincia.

Em uma só d'estas feiras, a ultima de que tenho a estatistica, concorreram 14 339 vaccas e bois, 6.430 vitellas, 2.510 cavallos, 15.889 leitões, 1.711 porcos, 22,549 carneiros, 249 cabritos e 14 burros.

HAARLEM

O commercio das flores é uma das especialidades de Haarlem, cujos habitantes reivindicam em favor do seu compatriota Coster a honra de haver descoberto a gravura e a impressão dos caracteres typographicos. Na grande praça da cidade eleva-se a estatua de Coster com esta inscripção: *Laurentius Joannis filius Costerus, typographiæ litteris mobilibus e metallo fusis inventor.*

No museu da cidade conserva-se o estandarte de guerra da heroina haarlemense Kanau Hasselaer, a padeira d'Aljubarrota da Hollanda, a qual á frente de um esquadrão de 300 amazonas se bateu contra os hispanhoes no terrivel assedio da cidade em 1572, quando, tendo as tropas hispanholas cortado a cabeça a um official prisioneiro, os de Haarlem enviaram ao acampamento inimigo uma barrica levando dentro onze cabeças de hispanhoes com a seguinte mensagem n'um letreiro: *Enviam-se ao duque d'Alba dez cabeças em pagamento do seu imposto de dizima, mais uma cabeça de juro.*

Este cerco foi ainda mais tragico do que o cerco de Leyde, por-

que quando a cidade esperava o soccorro que lhe seria levado por Guilherme o Taciturno, ella recebeu já nas agonias da fome, por via de um prisioneiro a quem os hispanhoes haviam cortado as orelhas e o nariz, a noticia de que a esquadrilha d'Orange fôra derrotada no mar de Haarlem.

N'este transe, irremissivelmente perdida toda a esperança de salvação, os sitiados deliberaram romper o sitio, abandonar a cidade, arrojar-se em massa atravez do exercito inimigo, levando comsigo dentro das columnas cerradas, os velhos, as mulheres e as creanças. D. Fradique tendo conhecimento d'esta resolução heroica, finge-se compadecido e propõe a capitulação sob promessa de amnystia. A cidade, confiada, rende-se; os hispanhoes penetram nas linhas abertas e em acto continuo, por uma das mais infames traições de que resa a historia, passam a fio de espada toda a guarnição, decapitam na praça publica cerca de mil cidadãos e afogam duzentos, amarrando-os com cordas dois a dois, e precipitando-os vivos ao mar.

Em Haarlem habitaram por muito tempo os antigos condes da Hollanda. Em Haarlem residiu Ruysdael, o principe dos paisagistas, e egualmente viveu e pintou até depois dos oitenta annos de edade o incomparavel pintor Franz Hals, cuja obra monumental é a flôr do museu da municipalidade.

Afamada pelas suas antigas lavanderias, onde os linhos da Silesia e da Frisa vinham tomar o nome de *panos da Hollanda*, Haarlem tem um bosque magnifico povoado de grande quantidade de gansos; tem um orgão celebre com cinco mil canudos; tem um interessante museu, o *museu Teyler*, doado á cidade pelo negociante Pedro Teyler van der Hulst, que morreu em Haarlem no fim do seculo passado, deixando metade da sua enorme fortuna para soccorro dos pobres e a outra metade para o progresso das sciencias; e tem finalmente n'um dos seus mais pittorescos arrabaldes as interessantes ruinas do Castello de Brederode, o mais completo de todos os documentos architectonicos que tenho visto para a historia da habitação e da vida feudal entre o seculo XIII e o seculo XV.

Foi o conde de Brederode que n'um banquete no palacio de Cuylembourg em Bruxellas, edificio mais tarde arrasado pelo duque d'Alba, referindo as palavras de Berlaimont a Margarida de Parma, na occasião em que os tresentos confederados lhe apresentaram a petição da convocação dos Estados e a abolição do Santo Officio, propoz que estes acceitassem a denominação dada por Berlaimont, e desde esse dia se denominassem *les gueux*.

Depois do banquete os confederados afivelaram á cinta a sacola tradicional dos mendigos da Flandres e o conde de Brederode, vindo ao balcão do palacio, levantou o grito da independencia hollandeza, bebendo *á saude dos maltrapilhos* pela tijela de pau, em que cada um dos da liga pregou em seguida um prego symbolico em testemunho de adhesão.

Nenhuma d'essas riquezas, nenhuma d'essas glorias, nenhuma d'essas recordações conseguiu porém dar a Haarlem a celebridade que lhe conquistaram as suas tão decantadas tulipas.

Hoje em dia não é delicado para com os hollandezes o insistir na conversação sobre historias relativas a essa bem conhecida flôr. Elles coram ligeiramente quando se lhes toca em tal assumpto, ou sorriem com um sorriso frio, displicente, um pouco amargo, semelhante ao dos monomaniacos curados, ao recordarem a vesania de que padeceram.

No seculo XVII o amor das tulipas tomou as proporções de um delirio epidemico. Foi um verdadeiro contagio, uma nevrose collectiva como a dos flagellantes depois da peste de Florença, como a dos bruxos, como a dos demoniacos do seculo XVI na Italia e na Lorena.

A paz havia deixado coalhar por alguns annos na Hollanda a enorme riqueza adquirida pela navegação e pelo commercio do mundo, e não havia aqui, como em Portugal, uma côrte e um clero para sugar pela ruinosa ostentação palaciana e pela beatice fradesca o cofre dos maritimos enobrecidos e dos mercadores afidalgados.

Tudo quanto se ganhava pertencia á familia e gastava-se na habitação de cada um. Ao luxo incomparavel das casas, repletas como

verdadeiros museus de toda a especie de preciosidades artisticas, seguiu-se o luxo dos jardins, no portão de um dos quaes um judeu portuguez, habitante da Haya, mandou pôr uma grade de prata maciça. Como a policia não permittia este emprego dos metaes preciosos em simples cancellas na via publica, inventaram-se flores de ar livre mais caras do que o oiro.

A tulipa achava-se introduzida na Hollanda desde o seculo XVI pelo sabio botanico Lécluse, mais celebre sob o nome alatinado de *Clusius*, o mesmo que tornou conhecida da Europa, por uma condensação em lingua latina, a obra do grande naturalista portuguez Garcia da Orta, o primeiro dos sabios europeus que revelou scientificamente ao mundo a natureza da India, fazendo por essa occasião egualmente conhecidos os primeiros versos de Camões, por elle publicados á frente do seu livro impresso em Gôa antes do apparecimento dos *Lusiadas*.

A flôr de Clusius attingiu então pelos artificios da cultura uma variedade infinita de fórmas e de côres, e cada nova modificação se pagava por preços fabulosos.

Um cento de sementes, não as cebolas mas os simples grãos de tulipas notaveis, como o *Almirante Enkuysen* e o *Almirante Liefkenshoek*, valia de um conto e tresentos a um conto e seiscentos mil réis. Nos archivos municipaes de Alkmaar acha-se registrada a noticia da venda em hasta publica de 120 tulipas que produziram em beneficio dos orphãos da cidade a quantia de 22:320$000. Uma unica cebola da *Semper Augustus* foi vendida por 5:200$000.

Por outra cebola d'esta mesma tulipa rarissima houve quem offerecesse além de 1:600$000 em dinheiro, uma parelha de cavallos magnificos e uma sumptuosa carruagem de gala acompanhada dos respectivos arreios. Houve outra offerta de doze geiras de terra. E o possuidor da cebola do unico *Semper Augustus*, que a esse tempo existia em Amsterdam, recusou vendel-a.

Ha uma tulipa chamada *cervejaria*, cujo nome lhe veiu de haver sido adquirida por um amador, em troca de uma cervejaria montada com todos os seus pertences, e avaliada em 6:000$000.

Uma tulipa montava a tanto como um predio, e constituia de per si só o dote de uma rapariga. Fizeram-se desfizeram-se fortunas consideraveis n'este commercio. Conta-se que uma unica cidade vendera 40 mil contos de cebolas de tulipas, e que um só negocianle de Amsterdam ganhara n'este commercio perto de 30 contos em quatro mezes.

As anedoctas sobre este assumpto são innumeraveis. Um cultivador deixou um dia aberto por esquecimento o *sancta sanctorum* em que se achavam oito cebolas das mais raras variedades. Uma criada, tomando essas cebolas por simples cebolas de cosinha, descascou-as, deitou-as no *hutspot*, e gastou assim cinco ou seis contos de réis n'um só prato de jantar que ninguem pôde comer.

As tulipas vieram a ser cotadas como os fundos publicos e as acções das companhias nos mercados hollandezas, e deram origem a um jogo desenfreado.

Faziam-se transacções a praso. Titulos de venda de tulipas inteiramente imaginarias, compradas por sommas tão imaginarias como as tulipas, negociavam-se como letras de cambio, a cujo vencimento desappareciam conjunctamente o saccador e o acceitante.

No anno de 1636 a 1637 houve um *krach* de jardim. Os estados intervieram declarando que a tulipa se não podia considerar como um producto de excepção para os effeitos da probidade, e que toda a fraude na entrega ou no pagamento de cebolas seria punivel como o crime ordinario. Foi uma derrocada geral na industria da tulipa e no delirio correlativo. Ao mais vivo dos enthusiasmos succedeu-se de um dia para o outro a desillusão mais cruel; os monopolistas dos mais raros e preciosos bulbos, sentindo a terra fugir-lhes debaixo dos pés, andar as tulipas á roda e trepar-lhes pela espinha um suor frio, experimentaram a necessidade de respirar saes para não cairem desmaiados sobre as respectivas sementeiras, porque a mesma *Semper Augustus* que na vespera valera seis contos de réis, passara a valer unicamente vinte e seis tostões.

Isto porém não obsta a que ainda hoje ao romper da primavera,

entre abril e maio, as campinas dos suburbios de Haarlem se cubram de milhares de variedades de tulipas, singelas, dobradas, serodias e temporãs, com cheiro e sem cheiro, de innumeraveis especies,—a *duque de Thal*, a *olho do sol*, a *dragôa*, a *turca*, a *chammejante*, a *cornuda*, a de *Cels*, *a rosa da Provença*, a da *Persia*, a de *Lechase*, etc., cujo commercio reduzido ás proporções normaes constitue ainda uma das grandes receitas da floricultura hollandeza.

É preciso ter percorrido os grandes estabelecimentos horticolas da Hollanda, da Belgica, da Alllemanha, para se ter uma idéa da importancia que a industria das flores, tão descurada em Portugal, póde representar na riqueza de uma nação. E, todavia, Portugal seria pela natureza da sua flora, pelas condições do seu solo e pela sua situação geographica, um dos paizes mais proprios para a exploração d'esta industria.

Na Hollanda, o subsolo das dunas é o terreno mais benefico á floricultura, e é frequente ver proprietarios de consideraveis extensões de antigas dunas, hoje cobertas de vegetação brava e povoadas de caça, rebaixarem de dois e tres metros a sua propriedade por meio de desaterros dispendiosissimos, em linhas ferreas construidas provisoriamente com esse intuito, para o fim de converterem os seus terrenos de matta em terreno de flôres.

Os jardins das grandes companhias horticolas são, além de viveiros, passeios publicos, bem mais interessantes que os puros jardins de luxo municipal, e a percentagem das entradas constitue só de per si uma avultada receita, independente da venda de flores e da exportação de plantas para todo o mundo e mais particularmente, no que diz respeito á Hollanda, para a America do Norte.

Um simples detalhe basta para dar noção da prosperidade d'estes estabelecimentos:

A Companhia Continental de Horticultura, fundada modernamente em Gand, emittiu acções de 100 francos cada uma; estas acções valiam cinco annos depois 500 francos, e os dividendos da sociedade eram de 40%.

Utrecht

A Hollanda conta um consideravel numero de sociedades scientificas e litterarias, entre as quaes citarei as Academias de Sciencias de Amsterdam e de Rotterdam, o Real Instituto da Haya, a Sociedade Hollandeza, a Sociedade Geologica, a Fundação Teyler, o Museu Botanico de Leyde, a Sociedade para o progresso da industria de Harlem, a Sociedade Neerlandeza de Zoologia de Leyde, além de muitas outras na Batavia.

Mas as cidades que, como centros principaes de sciencia e de estudo, merecem mais particularmente a designação de *cidades sabias*, são Leyde e Utrecht.

A situação geographica de Utrecht, *Trajectum ad Rhenum* dos romanos, no centro de uma rede de canaes que a punham em facil communicação com todas as cidades hollandezas e com a via fluvial do Rheno, deu-lhe na industria e no commercio um ascendente que ella não perdeu de todo, mas que hoje se acha consideravelmente attenuado. Assim, os famosos veludos lavrados a que Utrecht deu o nome fabricam-se ainda em outras cidades, mas já se não fabricam em Utrecht.

Os canaes teem aqui uma feição especial e caracteristica; são profundos, de altas margens, como o Sena em Pariz, e ladeados de habitações a que a agua serve de rua e a que o pavimento dos caes serve de telhado.

A cathedral, construcção do seculo XIII, é o mais notavel edificio gothico da Hollanda. A torre, hoje desligada da antiga nave, eleva-se a 103 metros e campeia ainda sobre a cidade com o ar feudal do antigo senhorio dos bispos de Utrecht, quasi todos gibelinos e promptos sempre a baterem-se pela manutenção da hierarchia e pela dominação imperial.

Além da universidade fundada em 1636, Utrecht tem um grande hospital militar, uma escola clinica de medicos e de cirurgiões do exer-

cito e da armada, uma escola de veterinaria, um observatorio astronomico, uma academia de sciencias, um instituto real de meteorologia, varias bibliothecas, um museu de pintura, um museu de anatomia, um gabinete de agricultura, um jardim botanico e um jardim zoologico, além do jardim publico da cidade, cuja longa avenida de tilias seculares tem dois kilometros de extensão.

A cidade, de um asseio meticuloso, de ruas direitas e largas, entrecortada d'agua, ensombrada pela ramaria de velhas arvores, pareceu-me mais recolhida, mais silenciosa, mais concentrada, mais triste que todas as demais cidades hollandezas. Não vi uma só carruagem, nem uma carreta, nem um cavallo, nas ruas solitarias, de uma concavidade melancolica, abolorecida, de velho claustro.

Dir-se-hia um mosteiro enorme, uma cidade de monjes e monjas.

Algumas jovens puritanas que passam por mim, indo á predica ou voltando de lá, com os olhos baixos, o passo lento, os braços cingidos ao busto, as mãos cruzadas na cinta, loiras, pallidas, um pouco vibrantes da commoção mystica da Margarida da lenda germanica, lembram-me, virada do lado catholico para o lado calvinista, a devoção andaluza á hora a que as sevilhanas, ao toque de vesperas, saem para a egreja, o rosario no pulso, o banquinho bordado no braço, a mantilha traçada, as meias abertas nos sapatinhos de entrada abaixo e dois cravos na trança, para se irem rojar em suspiros perante o retabulo da Virgem do Pilar.

N'um dos jardins publicos encontro-me com um homem que pela expressão com que me olha parece tomar-me por alguem que conhece e que odeia. É um velho magro, todo vestido de preto, com uma barba grisalha em volta da cara franzida de despeito, olho pequeno e azul, beiço fino, rapado, desdenhoso. Fui para elle, e no tom mais affavel pedi-lhe respeitosamente uma indicação de que não precisava.

Virou me a cara com uma visagem terrivel, cuspiu para a banda e metteu-se por outro caminho. O bom homem tomara me por um catholico hispanhol e não pudera reprimir a explosão do seu rancor de seita ao meu aspecto.

Eu sou effectivamente de uma raça e de uma religião odiosa para um reformado dos Paizes Baixos. Como, porém, tres seculos de corrupção philosophica transformaram a religião a que este individuo pertence e aquella de que elle me julga representante!

O catholicismo, tão vigorosamente discutido e criticado pela sciencia, relaxou-se e caiu hoje n'uma especie de manso racionalismo christão largamente modificado de individuo para individuo, segundo o temperamento e segundo as convicções individuaes de cada um. O protestantismo victorioso tornou-se tanto mais estreito quanto mais vulgarisado, e desde que cessou de ser um esforço de exame na investigação da verdade para ser uma doutrina definitiva e immutavel, converteu-se n'um trambolho tão pesado ao progresso como o primitivo fanatismo que a nova religião se julgava destinada a combater e a destruir em nome da independencia da razão humana.

De modo que, se a triumphante sciencia podesse ainda n'este seculo permittir entre mim, descendente de Torquemada, e este burguez de Utrecht descendente de João Huss, a renovação da velha fogueira expurgatoria, o queimado agora seria eu!

Não obstante a força de convicções cuja medida me foi dada pela rispidez d'esse cavalheiro, o espirito de tolerancia mantem em Utrecht as seitas mais discordantes e faz d'esta cidade o mais interessante museu de curiosidades dogmaticas. N'ella concorrem e cohabitam em exemplar harmonia catholicos, protestantes, jansenistas e moravos.

Os irmãos moravos habitam na pequena e graciosa aldeia de Zeist, nos suburbios de Utrecht, um edificio enorme sem valor architectonico, incaracteristico e chato. Esta construcção tem por centro um vasto pateo e divide-se em tres habitações: a dos casados, a dos solteiros, a dos viuvos. Nas duas ultimas as pessoas de um e de outro sexo teem compartimentos separados. Os homens empregam-se em uma grande variedade de officios mechanicos, que a maior parte d'elles exercem nos quartos que habitam no edificio. As mulheres occupam-se exclusivamente de trabalhos de agulha, ou são mestras.

Duas ou tres vezes por dia um sino toca. irmãos e irmãs des-

cem dos seus aposentos, atravessam o pateo e reunem-se a orar na egreja.

A grande associação dos moravos, fundada no seculo XV pelos sectarios perseguidos e dispersos de João Huss, compunha-se, como é sabido, dos descendentes dos antigos irmãos da Bohemia e da Moravia e de todos os protestantes dessidentes das opiniões de Luthero e de Calvino. Presentemente a associação recebe tambem no seu gremio lutheranos e calvinistas. Um corpo de decanos nomeados pelos grupos de cada communhão preside aos exercicios do culto. Um corpo de superintendentes occupa-se do custeio da casa, da policia, da administração. Estes dois corpos reunidos decidem as questões geraes de cada congregação. Os negocios relativos ao conjunto da associação, que tem outros collegios, além do de Zeyst, na Allemanha, na Inglaterra e na Russia, discutem-se na grande conferencia dos decanos, reunida em Bertholsdorf. O corpo ecclesiastico compõe-se de *bispos*, de *padres* ou *prégadores*, empregados nas communidades ou nas missões, e de *diaconos*, incumbidos de auxiliar os *padres*.

Com alguns rendimentos provenientes da accumulação de modestas economias, e com o fructo de um trabalho assiduo, a confraria dos moravos consegue viver recolhida e em paz n'este mysterioso canto do mundo, sem superfluidades e sem privações, sem curiosidades e sem desejos, na calmaria absoluta e medonha da graça.

Conta-se que o grande João Huss, sorrindo na fogueira em que foi queimado por heretico ao attentar n'uma mulher que cuidava fazer uma coisa meritoria atiçando o fogo que o mordia, morrera exclamando: *Ó sancta simplicitas!* Os moravos parece haverem tomado a serio para regra da vida a palavra ironica do martyr.

Sagrada inanidade; *Sancta simplicitas!*

As grandes idéas em evolução são como as escovas em exercicio: no principio limpam, depois emporcalham-se a si mesmas, por fim sujam as coisas em que tocam.

A communidade dos moravos como ultima expressão da heresia heroica de João Huss é a mais convincente e a mais triste prova d'essa

degeneração fatal no destino dos principios. Um recolhimento esteril de mansos e reclusos monomaniacos, sem cultura scientifica, rebeldes a toda a discussão philosophica e a todo o movimento social, eis tudo quanto resta na Hollanda da revolucionaria e bellicosa seita dos hussistas.

Estes contemplativos são na historia os directos e legitimos descendentes do philosopho Huss e do batalhador João Ziska.

Huss foi todavia um dos mais poderosos manipuladores de idéas entre os heresiarchas e os sabios que desde o seculo XIV prepararam o immenso movimento da reforma, como João de Oliva, Wichef e Marcilio de Padua. Foi elle o primeiro que proclamou a necessidade de instruir o povo, baseando se no principio de que *só ha heresia na resistencia á verdade;* e foi elle o que mais eloquentemente prégou a abominação do clero ignorante e dos monges enriquecidos, estabelecendo que a sagrada escriptura é a unica regra da revelação, e os simples fieis os unicos juizes competentes nas controversias da fé.

O terrivel João Ziska, do qual se conta ter determinado ao morrer que lhe fizessem da pelle um tambor de guerra, foi sepultado n'uma cathedral e mereceu a honra do seguinte epitaphio: «Aqui jaz João Ziska, ao qual ninguem foi superior na arte militar, rigoroso vingador do orgulho e da avareza ecclesiastica, ardente defensor da patria.—O que fez em favor da republica romana Appio Claudio o Cego pelos seus conselhos, e Marco Furio Camillo, pelo seu valor, eu o fiz egualmente em favor da minha patria. Apezar de cégo de um olho, vi pelo outro o preciso para ganhar onze batalhas em campo raso. Fui sempre pelos humildes e pelos pobres contra os padres gordos, sensuaes e ricos. E, se não fòra a inveja e o odio que os ditos padres me votaram, o meu nome figuraria entre os dos homens mais illustres. Todavia, apezar do Papa, aqui repousam os meus ossos n'um logar sagrado.»

Os moravos teem menos ambiciosas aspirações que os chefes espirituaes e temporaes da sua seita. Importam-se pouco com a philosophia do seculo, importam-se ainda menos com a gordura dos pa-

dres, e são absolutamente indifferentes á escolha da materia prima com que hajam de fabricar-se depois da morte d'elles as caixas de rufo. Emquanto vivos trabalham e rezam. Mortos, canta-se-lhes em côro uma melodia, que na communhão morava substitue agradavelmente o dobrar dos sinos a finados. Ha a melodia das creanças e a melodia dos velhos, a melodia dos solteiros, a dos casados e a dos viuvos. Depois do que, encerram o corpo n'um esquife branco, envolvem-o em flores e enterram-o sob as velhas arvores amigas no jardim da communidade.

N'outro bairro de Utrecht residem, um pouco á parte do resto da população, os ultimos dos jansenistas.

O heresiarcha Jansenius, bispo de Ypres, hollandez de nascimento, foi educado em um collegio de jesuitas em Utrecht, e haveria na sua doutrina uma sympathica attracção de fidelidade em vir extinguir-se nos mesmos logares que lhe serviram de berço. Mas os schismaticos de Utrecht repellem a antiga denominação de jansenistas e chamam-se a si mesmos velhos catholicos, como o padre Jacintho.

Em 1725, quando o bispo de Utrecht protestou contra a bulla *Unigenitus*, o papa excommungou e depoz o prelado rebelde, e nomeou outro. O bispo excommungado, fiel ao principio jansenista de que a egreja só é infallivel para fixar os dogmas e não para julgar os factos, poz de parte a demisssão pontificia e continuou como até ahi a dirigir a sua diocese e a exercer todos os misteres episcopaes. Desde esse dia ha na cidade dois bispos, o nomeado pela curia e o eleito pelo clero dissidente da resolução papal de 1725. E estes dois cleros da mesma egreja vivem ha mais de seculo e meio ao lado um do outro, n'uma pequena cidade, sem desordem, sem conflictos! De cada vez que se acha vaga por morte do prelado a diocese *jansenista*, os *velhos catholicos* nomeiam por eleição o bispo que tem de succeder ao sacerdote fallecido e communicam para Roma nos termos mais respeitosos o nome do novo titular. O pontifice responde a esta communicação com uma bulla em que excommunga de novo o clero recalcitrante e o prelado eleito. Os velhos catholicos, reunidos em capitulo, leem com ve-

neração esta bulla e passam tranquillos á ordem do dia. Tal e, ha cento e cincoenta e nove annos, a invariavel praxe.

Paredes meias com a cathedral, séde magnifica do antigo catholicismo feudal, está a universidade calvinista.

Juntamente com o museu municipal acha-se patente ao publico o interessantissimo museu do arcebispado.

Particularidade curiosa: é ao clero catholico, e principalmente á esclarecida iniciativa de um arcebispo de Utrecht, G. W. van Heukelum, que se deve na Hollanda o singular movimento dos ultimos annos na renovação do ensino pratico das bellas-artes e no desenvolvimento do gosto publico!

O clero catholico, que nos paizes catholicos tão indifferente se mostra quando se não mostra adverso á resolução de todos os problemas estheticos, é na Hollanda a classe mais solicita na conservação ou na restauração dos antigos monumentos, das velhas cathedraes do seculo XI ao seculo XVI, e no colleccionamento e classificação technica de todas as preciosidades artisticas e principalmente das que servem de documentos á historia da arte christã. Para este fim existe uma rigorosa legislação diocesana regulando os minudentes cuidados empregados pelos bispos, pelos parochos e pelos fieis no intuito de dar á egreja catholica a gloria de demonstrar pela sua acção nos progressos artisticos a força e a efficacia da sua poderosa organisação hierarchica.

Todas as restaurações architectonicas feitas nas naves, no côro, nas fachadas das egrejas, nos porticos, nas torres, nos campanarios, nos lanternins dos edificios catholicos de Utrecht são perfeitas de arte e de sciencia archeologica.

As antiguidades colligidas no museu archiepiscopal, alfaias de egreja e de sacristia, marfins, crystaes, esmaltes, manuscriptos, illuminuras, ferragens, encadernações, filigranas, vestimentas, estofos, bordados, mil objectos tão diligentemente procurados em todas as egrejas e em todas as sacristias da antiquissima diocese e tão sabiamente classificados n'este archivo de caracter artistico, constituem um dos mais preciosos monumentos que tenho visto para a historia da egreja, para a

historia da vida monastica e para a historia da arte christã na Edade Média.

Não são porém estes os unicos vestigios da intensa vida intellectual que faz da antiga cidade de Utrecht um dos focos principaes do pensamento europeu.

Durante a Edade Media varios imperadores a habitaram, e Carlos v edificou aqui um dos seus grandes palacios, o Vredenburg *(castello da paz)* que os cidadãos demoliram por occasião da guerra com os hispanhoes, em 1577.

Foi Dagoberto I quem construiu a primeira egreja do bispado no tempo de S. Willebrord, e n'essa egreja prégou S. Bonifacio no seculo VIII, durante o reinado na Frisa de Carlos Martel.

Existe ainda e mostra-se aos viajantes a casa do principio do seculo XVI em que nasceu de uma familia de tecelões Adriano Floriszoon Boyens d'Edel, mais tarde perceptor de Carlos v, e por fim papa sob o nome de Adriano VI, aquelle que creou o aphorysmo administrativo: *Devem-se fazer homens para os beneficios e não beneficios para os homens.*

Aqui habitaram tambem pelo breve tempo de conquistas malogradas o duque d'Alba, Luiz XIV e Napoleão Bonaparte.

Utrecht foi ainda sede de varios concilios, o primeiro dos quaes data, creio eu, do anno 719, e um dos mais celebres foi o de 1080, em que o imperador Henrique IV teria excommungado o papa, se na vespera do dia em que devia ser proclamada a sentença os bispos não tivessem fugido, aterrados.

Em Utrecht se reuniram os Estados Geraes até o anno de 1593, em que foram trasladados para Haya.

Em Utrecht finalmente, foi assignado o pacto fundamental da federação das Sete Provincias, em 1579, e o tratado de paz com que findou a guerra de successão em 1713.

LEYDE

Leyde é a cidade universitaria, a cidade academica por excellencia, representando na Hollanda o papel que tem Salamanca em Hispanha, Bonn ou Heidelberg na Allemanha, Coimbra em Portugal. Lembra um pouco Bonn, menos o ar aristocratico dado á linda cidade do Rheno allemão pelos principes que de ordinario a frequentam, seguindo os cursos, seguindo os duellos de estudantes, cavalgando magnificamente todas as manhãs em uniforme de hussards no *Poppelsdorf* remando á tarde no Rheno em botes de luxo, ou bebendo o *vinho de maio* em alegre companhia nos restaurantes das Sete Montanhas e nas taberninhas de Godesberg ou de Heisterbach.

Os estudantes de Leyde não teem como os de Bonn luxuosos cavallos de raça, nem ostentosas embarcações de recreio; não teem tão pouco as distincções hierarchicas que nas universidades allemães designam pelas côres dos bonnets os filhos dos principes, os filhos dos titulares, os filhos de simples nobres sem titulo, e os filhos dos meros burguezes ricos de Hamburgo, de Francfort ou de Colonia. Não cultivam com esplendor assignalado o *sport* nautico nem o *sport* hippico, e não se batem regularmente em duello uma vez por semana, como em Bonn e em Heidelberg, afivelados n'um complicado apparelho de salva vidas dando aos combatentes o aspecto de mergulhadores preparados para descer ás profundidades do oceano, pelo simples prazer de enxadrezar a cara com cicatrizes marciaes ou de consagrar á honra sobre os altares da bravura algumas esquirolas de craneo, um pedaço de beiço ou uma talhada de nariz.

Os principes reaes da familia de Nassau frequentaram a universidade de Leyde, assim como frequentaram a de Bonn os principes imperiaes da Allemanha, o *Kronprinz*, o principe Wilhelm, e os seus primos de Baden, de Saxe, de Oldemburgo e de Mecklemburgo. Mas esta circumstancia não exerce a minima influencia no espirito demo-

cratico da escola hollandeza, nem no aspecto ao mesmo tempo grave e carinhoso da austera e estudiosa cidade. O doce recolhimento silencioso d'estes logares parece todo aveludado nos musgos que esverdinham os caes, as ruas e as praças, como claustros humidos de um velho mosteiro em torno de um pateo ajardinado, humido de seivas.

Para quem vem de Utrecht, Leyde parece uma cidade graciosa, quasi risonha, e não se appetece logar mais benefico para a meditação e para o estudo.

Os dois edificios principaes da cidade são a universidade e o club dos estudantes, palacio sumptuoso em que os alumnos de Leyde, fieis ao gosto de seus paes, se reunem como bons e pacatos burguezes da Haya ou de Amsterdam para ler as revistas, fumar, beber cerveja e jogar o xadrez em companhia dos seus professores.

Graças á quasi completa ausencia do movimento industrial e do movimento mercantil, as recordações famosas da historia de Leyde parecem aqui mais proximas do nosso tempo e como que envolvem a cidade n'uma atmosphera de respeito, n'um magnetismo de retrospectividade melancolica e nostalgica.

Nenhuma outra cidade do mundo poderá com justiça gloriar-se de ter exercido na evolução das idéas e do gosto durante dois seculos uma influencia egual a que teve Leyde nos seculos XVI e XVII; e basta ao viajante que chega consultar uma carta topographica e percorrer a cidade, como eu fiz, n'um breve passeio de algumas horas para assistir á reapparição integral dos factos, redivivos sobre as pegadas gloriosas que deixou o passado n'esse livre solo sagrado, berço da sciencia moderna e da arte contemporanea.

Por cima da porta da casa da camara, na *Breedestraat* (rua larga), que corta toda a cidade descrevendo um grande S, lê-se n'um chronogramma composto de 131 letras, correspondentes ao numero dos dias que durou o famoso e heroico cerco de 1574, a inscripção seguinte: — *Depois de uma negra fome de que resultou a morte a cerca de seis mil pessoas, Deus, cançando, nos tornou a dar tanto pão quanto o que podessemos appetecer.*

Do alto da torre do antigo castello, onde tantas vezes subiriam os sitiados procurando descortinar na longinqua neblina as velas da flotilha que devia soccorrel-os, descobre-se toda a cidade e uma parte da campina inundada pelo almirante Boisot, n'uma extensão de vinte leguas, entre Delft, Gouda, Rotterdam e Leyde. Foi talvez de algum d'estes eirados que o commandante da guarda burgueza Van der Does respondeu á proposta dos hispanhoes para a entrega da praça: «que os bloqueados comeriam o braço esquerdo quando os viveres de todo lhes faltassem, mas que ainda depois d'isso lhes ficaria a mão direita para empunhar uma espada e defender até á ultima a cidadella;» e que o burgomestre Van der Werf offereceu ao povo faminto a carne do seu proprio corpo para que se alimentasse com ella antes de abrir a cidade ao inimigo. Foi pelos mesmos canaes que ainda a cingem e cuja agua dormente parece á luz do sol o longo debrum de uma fita de aço, que finalmente chegou, trazida na borrasca, a esquadrilha da Zelandia, carregada de viveres.

São estes os mesmos caes em que tanta gente morreu suffocada ao morder o primeiro pão que se lhe lançou para terra da amurada dos navios, emquanto os litteratos, antepondo a grammatica á propria fome, riam dos solecismos commettidos pelo general Valdez na redacção do bilhete que deixara escripto sobre a sua banca no acampamento abandonado: *Vale civitas, valete castelli parvi, qui relicti estis propter aquam et non per vim inimicorum.* É essa a mesma egreja de S. Pedro em que um immenso soluço e uma torrente de lagrimas, derramada pelo povo reunido no templo immediatamente depois do levantamento do sitio, respondeu aos primeiros accordes do orgão em acção de graças por meio do cantico de Luthero.

Na casa da municipalidade conservam-se empalhados os mesmos pombos-correios que durante o cerco foram por cima das aguas da inundação os portadores da correspondencia trocada entre Guilherme de Orange e o governador de Leyde. Aposentados n'um pombal de honra, estes pombos foram sustentados até o seu ultimo dia a expensas da cidade reconhecida, como as cegonhas de Delft.

Entre as curiosidades reunidas no novo museu vê se a banca de alfaiate a que trabalhou como official de officio João Bockolt, o chefe dos anabaptistas, conhecido na historia pelo nome de João de Leyde, o *Propheta*.

N'essa mesma collecção se encontra um quadro precioso, o *Juizo Final*, de Lucas de Leyde, o gravador insigne, rival de Alberto Durer. Nascido em Leyde em 1494, contemporaneo de Raphael, de André del Sarto, do Corregio, do Ticiano, de Alberto Durer, de Holbein, dos primeiros mestres da Renascença, que quasi simultaneamente iniciavam a pintura moderna em Perusa, em Florença, em Modena, em Veneza, no Nuremberg, em Augsburgo, juntamente com os precursores de Rubens em Bruges e Anvers, Lucas de Leyde foi o patriarcha da pintura hollandeza, que elle dotou com o conhecimento do claro-escuro e com o da perspectiva aeria, abrindo na chronologia artistica de Leyde a serie dos grandes pintores aqui nascidos: Jan van Goyen, tronco de toda uma dynastia de paizagistas, mestre de Salomão Ruysdael, mestre por seu turno do grande Jacob Ruysdael; Gerardo Dov, auctor da celebre *Escola nocturna* do museu de Amsterdam; Jan Steen, o Jordaens da escola hollandeza, um Ticiano em edição diamante; e Metsu, um dos maiores pintores de pequenos quadros, Velasquez de algibeira.

Nasceram ainda em Leyde os dois Mieris, pae e filho, Slingland e varios outros menos notaveis.

Mostra-se aos viajantes um logar sagrado. Á beira do Rheno, ao pé da Porta Branca (Wittepoort), ha no jardim, encostado ao muro de fortificação, o alicerce de um antigo moinho. Foi n'esse moinho que nasceu no dia 15 de junho de 1606, de Cornelia von Zuitbroeck e de seu marido Herman, de profissão moleiro, o pintor Rembrandt Harmensz van Ryn *(Rembrandt filho de Herman, do Rheno.)*

No logar denominado a *Ruina*, em virtude da terrivel explosão de um navio carregado de polvora, que em 1807 arrasou aqui oitocentas casas, achavam-se antes do desastre as officinas dos insignes impressores Elzevieres, enorme dynastia de typographos, rivaes dos Aldes,

dos Morels, dos Plantin-Moretus e dos Estiennes. Os Elzevieres haviam tomado por divisa a da Republica Batava, *Concordia res parvæ crescunt.* Um dos mais illustres membros d'esta familia celebre na historia da arte typographica foi Daniel Elzevier, que nasceu em 1617, tendo por padrinho Daniel Fleiusius e por madrinha a mulher de Meursius, tanto este como aquelle professores na universidade de Leyde.

Os Elzevieres contribuiram tão efficazmente como uma grande instituição litteraria para a vulgarisação da litteratura e da poesia latina, publicando as mais lindas edições de Virgilio, de Plinio, de Horacio, de Ovidio, de Stacio, de Juvenal, etc. A honra de ser impresso em typos elzevierianos nos prelos hollandezes equivalia no seculo XVII á que hoje resulta de pertencer á Academia das Sciencias de Berlin, á Royal Society de Londres, ou ao Instituto de França. «Ter logar entre os auctores escolhidos pelos editores Elzevieres, dizia para Leyde o senhor de Balzac em 1652, é tomar assento entre os consules e os senadores de Roma, ao lado dos Ciceros e dos Salustios, honra superior ao antigo direito de burguezia romana.»

Na sala do senado academico, no edificio da universidade, fundada por Guilherme o Taciturno e por Marnix de Sainte Aldegonde para commemorar a victoria de Leyde que decidiu da independencia da Hollanda, do destino de uma religião e da sorte de uma raça, vêem-se os retratos dos professores que durante seculo e meio a illustraram, fazendo d'ella o asylo inviolavel de todas as grandes intelligencias do mundo, o mais poderoso arsenal da sciencia européa e a inexpugnavel cidadella d'essa liberdade do pensamento consagrada pelos magistrados de Leyde, em resposta aos canones do Synodo de Middleburgo, nas seguintes memoraveis palavras:

«O constrangimento da consciencia é a fonte do poder papal; não ha religião alguma, por mais execravel que seja, que se não possa estabelecer por taes meios; mas nós não consentiremos violencia alguma em materia religiosa. Permittimos aos sabios que escrevam contra o erro, mas aqui protestamos que jámais procederemos contra qualquer heretico que seja, quer em virtude da censura ecclesiastica, quer em

virtude do juizo dos sabios. Surprehende-nos que se prohibam os livros dos hereticos e se pretenda restabelecer o privilegio para a publicação de obras, á semelhança do que se praticava no tempo dos inquisidores. A liberdade consistiu sempre em fallar livremente, e toda a pratica em contrario é um indicio de tyrannia. A razão, que é a inimiga dos tyrannos, prescreve-nos que é tão impossivel supprimir a verdade como supprimir a luz.»

Quatro annos antes, em 1578, os Estados da Hollanda e da Zelandia haviam dito n'um manifesto:

«Tal é a natureza do nosso governo que os mesmos papistas, que abraçaram o nosso partido por amor á causa commum, nos são fieis pelas mais solemnes promessas. Por isso lhes concedemos o livre exercicio do seu culto. Toleramos os proprios anabaptistas porque nos achamos convencidos de que a orthodoxia é um dom de Deus que nenhum homem deve ser compellido a acceitar pelo temor do exilio ou de qualquer outra pena, mas sim e unicamente pelas exhortações da caridade.»

No meio d'essa sanguinolenta guerra de exterminio contra o papa, contra Filippe II, contra o duque de Alba, contra a Inquisição, contra o Santo Officio, contra a dominação hispanhola, era tão alto o espirito de tolerancia que papistas e protestantes eram defendidos conjunctamente sob a mesma ironia n'uma medalha cunhada pela Republica e na qual se representavam os instrumentos de supplicio da Inquisição com esta legenda: *Hæretici fraxerunt templa, catholici nihil fecerunt contra, ergo omnes patibulari.* Os catholicos, reconhecendo esta longanimidade admiravel, haviam adoptado a seguinte divisa: *O meu coração a Roma, o meu braço á liberdade.*

É n'este subito clarão de liberdade mental, clarão vermelho de fogo e de sangue, pondo no fundo tenebroso do fanatismo e da servidão feudal um deslumbramento de aurora boreal, que a fundação da universidade de Leyde, a Athenas da Hollanda, *Athena Batava*, como lhe chamava Meursius, nos apparece exprimindo a mais bella apotheose do espirito livre e da consciencia emancipada.

A festa da abertura da universidade, *Academia Lugduno Batava*, no dia 8 de fevereiro de 1575, pouco mais de tres mezes depois do levantamento do cerco, quando Leyde gemia ainda sob a devastação da peste, da fome e da guerra, foi uma das mais caracteristicas d'essas pompas da Renascença, organisadas e dirigidas para celebrar os grandes factos nacionaes pelos prodigiosos artistas dos Paizes Baixos, pompas de que Rubens nos deu o typo assombroso nos esboços que existem ainda no museu de Anvers e que serviram de modelo á decoração da entrada triumphal de Fernando da Austria n'aquella cidade em 1635.

Meursis descreve detidamente o cortejo triumphal de Leyde, as cavalgadas, os carros de triumpho, os grupos allegoricos da grande festa inaugural.

Ao passar o prestito em frente do edificio da universidade presenciou-se uma d'essas ceremonias extraordinarias, que são a revelação de todo o espirito religioso da Renascença, espirito de piedade christã e de culto pagão, de que Luiz de Camões nos deixou a expressão mais fiel na epopeia dos *Lusiadas*.

Viu-se uma barca sumptuosamente empavezada descer o Rheno e vir lentamente abicar ao caes em que se achava em parada o cortejo, á porta da Academia. Na tolda da barca engrinaldada de ramos de louro e de laranjeira, coberta de tapeçerias persas e flamengas, sob um docel de brocado, vinha Appolo e as nove musas, ellas cantando em côro, elle tocando a lyra. Argonautas aos remos, ao leme Neptuno de barbas fluviaes, empunhando o tridente classico.

Esta allegorica embaixada do Parnaso desembarcou em grande apparato, os professores adiantaram-se para a accolher, e as nove musas, abraçando todas ellas successivamente a cada um, ungiram-os para a religião da poesia e das letras, depondo-lhes na bocca e nas faces os beijos sagrados de Theocrito e de Lucrecio.

Com a inauguração da universidade coincide a da instituição tão liberal e tão democratica dos *curatores*.

O collegio universitario dos *curadores* em Leyde, é um corpo de

cidadãos alliado ao corpo docente e incumbido de velar pelos interesses economicos da Academia, de a representar e defender perante os poderes publicos, de a soccorrer e sustentar á sua custa quando preciso seja, invocando o auxilio e chamando a attenção da nação inteira para que jámais pereça ou se corrompa pela indifferença ou pela animosidade do Estado um instituto que sómente pertence ao paiz, e que se deve achar sempre acima de todo o conflicto do governo e de todo o arbitrio politico, porque d'elle dependem phenomenos irreductiveis á acção official: a sorte dos espiritos, o futuro das gerações, a alma da patria.

Pela alta missão que lhe é confiada e pela responsabilidade que lhe incumbe, a curadoria de Leyde tornou se para os cidadãos eleitos para a constituir um titulo de distincção honorifica. O collegio dos *curatores* tomou assim o caracter de uma ordem nobre, uma especie de legião de honra independente do Estado, e em que a mercê consiste para o agraciado no privilegio de prestar aos seus concidadãos os serviços mais difficeis e por isso os mais excepcionalmente recompensados no reconhecimento publico e na gratidão nacional.

O logar de presidente na eleição do primeiro conselho de curadores que teve a universidade, foi por essas razões conferido ao grande Van der Does, o heroico commandante da guarda civil e defensor da cidade durante o cerco.

Grande erudito e insigne poeta, celebre na litteratura latina da Renascença sob o nome latinisado de *Janus Dousa*, Van der Does consagrou toda a sua energia e todo o seu zelo á prosperidade da escola de Leyde, e no dia em que, pelas influencias de que dispunha em todo o mundo sabio, elle conseguiu resolver Justus Lipsius a deixar a Belgica para vir occupar uma cadeira de professor na universidade hollandeza, Van der Does entendeu ter prestado um maior serviço á sua patria, dando-lhe as lições do illustre commentador do texto de Tacito, do que tendo-a libertado do jugo hispanhol pelo seu heroismo sobrehumano na defesa da cidadella de Leyde, e elle mesmo o deixou escripto em dois primorosos versos.

Os nomes mais excelsos na historia da independencia das Provincias Unidas folgaram egualmente em se condecorar, inscrevendo-se entre os protectores da nova universidade, com Barneveldt, com o principe Mauricio e com a nobre Luiza de Colligny, viuva do Taciturno.

Entre os individuos representados na collecção dos retratos do Senado Academico vemos:

Petreius Tiara, natural da Frisa, antigo professor de grego em Donai e em Louvain, o primeiro reitor da universidada de Leyde, *Rector Magnificus;*

Janus Dousa, o primeiro presidente do collegio dos curadores;

Cornelius Grotius, professor de philosophia e irmão do celebre estadista o polygrapho Hugo Grotius, o honrado amigo e companheiro de Barneveldt, um dos maiores homens da Renascença, o creador do direito publico pelo seu livro *Mare liberum*, o fundador da philosophia do direito e o precursor dos principios da Revolução Franceza e da *declaração dos direitos do homem* no livro *De Jure Belli et Pacis,* em que elle lança os fundamentos da moderna sciencia sociologica, dando por base ao direito natural, independente da existencia de Deus, a tendencia do homem para a sociabilidade—*appetitus socialis;*

Scaligero, o assombroso erudito, restaurador da epigraphia e da numismatica, fundador da philologia hollandeza, creador pelo seu livro *De emendatione temporum* do systema chronologico que nos tornou conhecida a historia antiga;

Justus Lipsius, o famoso auctor da *Satyra Menippœa,* o lucido e profundo critico, mais fiel, desgraçadamente, ao amor dos seus tres cães e das suas tulipas do que ás suas opiniões theologicas que renegou a meio da vida, saindo de Leyde para ir fazer penitencia com os jesuitas de Mayença e passando d'ahi purificado para a universidade catholica de Louvain;

Meursius, o que aos treze annos de edade compunha versos em grego e aos dezeseis publicava o seu commentario de Lycophron, sendo depois preceptor dos filhos de Barneveldt e mais tarde chronista da Dinamarca.

Daniel Heinsius, o philologo, secretario do synodo de Dordrecht, historiographo de Gustavo Adolpho da Suecia, professor de historia e de direito publico, secretario da universidade;

Boerhave o famoso encyclopedista, litterato, chimico, naturalista e medico;

Vossius, erudito e philologo, auctor de seis grossos volumes in-folio, publicados em Amsterdam no seculo XVII, e de dez filhos de tal qualidade que levaram Grotius a escrever do pae que elle tão preciosamente dotara o seculo pela raça como pelos livros;

Paulo Merula, chronista dos Estados Geraes, successor de Justus Lipsius, auctor da Historia do estado das religiões e dos governos desde Jesus Christo, e bibliothecario da universidade;

Gronovius, archeologo e anotador de Tacito, de Seneca, de Tito Livio, de Stacio, de Plauto, de Quintiliano, de Sallustio, de Plinio e de Terencio;

Spanheim, professor de historia sagrada, auctor do livro *De papa faemina inter Leonem* IV *et Benedictum* III;

Saumaise, o illustre sabio francez, que ás vivas instancias de Mazarin e de Richelieu para regressar a França respondeu que era de espirito demasiadamente livre para lhe ser possivel viver na sua patria;

Arminius e Gomar, os dois chefes dos *admoestantes* e dos *contra-admoestantes;*

E outros, cuja enumeração seria extremamente longa e a cada um dos quaes corresponde todavia um nome illustre na historia da philosophia ou na historia das letras.

Entre os estudantes, nenhuma distincção de casta nem de seita; nenhum juramento religioso ou politico no seio da grande escola,— *alma mater*.

Saumaise tinha razão: os espiritos livres que por algum tempo viviam n'essa atmosphera de independencia scientifica não supportavam sem definhar a de qualquer outro paiz. Foi em virtude de uma lei universal que leva as intelligencias para a liberdade assim como a planta para a luz, que durante dois seculos Leyde attraiu a si os sa-

bios e os poetas perseguidos de toda a parte: Descartes, Bayle, Voltaire, Mirabeau, Francisco Manuel do Nascimento.

Durante os seculos XVI e XVII os altos estudos, principalmente de philologia e de critica historica, litteraria e religiosa, tiveram aqui ainda maior importancia que em Genebra e em Heidelberg. Da Italia, da Hungria, da Suecia, da Polonia vinham os alumnos, e de 3:232 estudantes matriculados de 1593 até 1609, durante a assistencia de Scaligero em Leyde, 1:250 estudantes eram estrangeiros.

A universidade não exerce hoje o mesmo poder de attracção. O numero dos alumnos é em média de 600, entre os quaes são raros os estrangeiros.

E, não obstante, o espirito da Academia — é consolador dizel-o — e ainda tão liberal como no seculo XVII. Um só facto basta para o exprimir. Em 1875 Leyde celebrou com grande pompa o terceiro jubileu da sua universidade. Professores de quasi todas as escolas do mundo acudiram ao convite de Leyde para a festa universitaria. Por occasião da ceremonia religiosa na antiga egreja de S. Pedro, em presença dos professores estrangeiros com os uniformes cathedraticos — os hungaros com o barrete de velludo com uma penna segura por um broche de diamantes, os de Bonn e de Yena com os seus collares de oiro, os de Coimbra de capello e borla — em presença da familia real, da côrte e de um numeroso publico, o reitor Heynsius, illustre physiologista, subiu ao pulpito e com a mais arrojada franqueza e a sinceridade mais completa sustentou os principios da liberdade scientifica, referindo-se aos pontos mais delicados e melindrosos das relações da critica experimental com os dogmas theologicos. O corpo docente de Leyde havia por essa occasião conferido o titulo de professores honorarios a varios sabios estrangeiros. Os nomes dos agraciados com esta subida distincção litteraria foram proclamados pelo orador do alto do pulpito. Ao serem proferidos dois nomes essencialmente caracteristicos, o nome de Darwin e o nome de Littré, uma longa salva de palmas e uma ovação enorme de toda a universidade, de todos os fieis, do publico inteiro, cobriu as palavras do orador, acclamando o direito do livre

exame na investigação da verdade, representado pelos dois sabios eminentes que no presente seculo mais amplamente usaram d'esse direito em serviço da sciencia, da philosophia, do progresso humano.

Para tomar conhecimento da exegese scientifica do nosso tempo, pode-se ir presentemente a Berlin, a Londres ou a Paris, em vez de vir a Leyde, com quanto sejam aqui excellentes os instrumentos de estudo e muito perfeita a organisação das faculdades.

O museu de antiguidades occupando onze salas e contendo preciosos documentos da civilisação da India, do Egypto e de Carthago, o museu de numismatica encerrando 12:000 medalhas e moedas da Persia, da Grecia, de Roma, da edade média, e o museu de agricultura com a sua interessante collecção de 600 arados, são estabelecimentos de alta cathegoria. O museu de historia natural e o jardim botanico são magnificos. O gabinete de anatomia comparada passa por um dos primeiros da Europa.

Estas condições são todavia insufficientes para constituir uma verdadeira supremacia intellectual As forças mentaes da Hollanda, dispersando-se por demasiado numero de universidades, prejudicam o valor compacto de um só nucleo, e a simples *botelha de Leyde* um pouco envelhecida, não basta para attrair sobre a escola hollandeza as attenções e as curiosidades do publico europeu, deslocadas para outros centros de estudo e de acção no renovamento scientifico d'este seculo.

Para vêr porém applaudir n'uma egreja, sem discrepancia alguma de seita, de partido ou de escola, os nomes de Darwin e de Littré, é indispensavel vir ainda agora a Leyde como no tempo de Scaligero, no tempo de Saumaise, no tempo de Boerhave e de Albinus. Porque este phenomeno não se observou ainda nem provavelmente se observaria tão cedo em nenhuma outra parte. E a razão é que nas demais nações sabias da Europa a liberdade é ainda um principio de discussão, um objecto de controversia no conflicto das idéas e das aspirações.

Na Hollanda a liberdade é um facto consummado, um facto publico, uma funcção do organismo social, uma propriedade inherente á vida da nacionalidade e n'ella inclusa como a alma no corpo.

Na Hollanda a liberdade das idéas não se discute como coisa que vem d'este ou d'aquelle partido, sendo susceptivel de se alargar ou de se restringir segundo o voto de um ou de outro. É uma realidade cosmica, é como um dos elementos chimicos da atmosphera local, existe no ar e no pulmão de cada um. Não se solicita nem se outorga. Respira-se.

É preciso ainda vir a Leyde para conhecer um typo especialissimo de estudante—o estudante hollandez. É n'elle que mais em evidencia se encontra o cunho de seriedade que a historia bellicosa da nação e a natureza do solo, obrigando o homem a um duello permanente com o mar, imprime aqui na physionomia e no caracter de todos os cidadãos. Nenhum vestigio da antiga Bohemia escolar de Salamanca, de Coimbra ou do Quartier Latin. O salamanquino, com a colhér dos mendigos do seculo XVI mettida no chapéu como um symbolo de miseria profissional, cantando á bandurra por dinheiro de porta em porta, o coimbrão jogando a vassoura da casa contra um prato de sardinhas fritas na taberna da Camella, ou Schonard tomando um *cabriolet* ao mez para pedir cinco francos emprestados, seriam tidos em Leyde por um opprobrio.

O decoro, a dignidade moral, o respeito de si mesmo, são coisas tomadas tanto a serio pelos estudantes de Leyde como pelos burguezes patricios da praça de Amsterdam. Contei já que os estudantes tinham aqui um club cujo edificio é um dos principaes da cidade. Esse palacio foi mandado construir pelos escolares. Para esse effeito a Academia, constituida em sociedade, sob a presidencia, por eleição, do alumno mais distincto—*praeses studiosorum*, contrahiu um emprestimo. Os capitalistas hollandezes acudiram na maior confiança ao appello da mocidade academica e emprestaram á corporação dos estudantes uma somma de perto de cem contos de réis ao juro de dois por cento.

Além da bibliotheca e de um opulento gabinete de leitura, o club academico tem um restaurante tão opiparo como o dos melhores circulos da Haya ou de Paris, uma grande sala de baile e de concer-

tos, onde os estudantes recebem uma ou duas vezes por anno todas as senhoras da sociedade de Leyde, uma sala de banquetes a que muitas vezes são convidados os lentes, salas de conversação, etc. São grandes valsistas, distinctos musicos, muitos d'elles, e conversam tão facilmente em francez com as senhoras e com os *touristes* como conversam em latim com os sabios. Curioso contraste: emquanto a raça latina perde de dia para dia, assustadoramente, o conhecimento da lingua que foi uma das grandes glorias da sua historia; emquanto em Portugal, por exemplo, depois de fallecidos tres ou quatro professores caturras que ainda existem como curiosidades paleontologicas, se corre o perigo de não haver mais ninguem que saiba medir um verso de Horacio ou que saiba analysar uma oração de Cicero, as raças germanicas cultivam o latim, escrevendo-o e fallando-o como lingua universal entre litteratos, como prenda essencial e caracteristica de todos os homens cultos, e, fallada por estes homens louros e imberbes, accentuada pelos sons gutturaes gargarejados de *rr* hollandezes, a lingua de Tacito e de Virgilio ganha uma vibração nova, imprevista, a energia mordente e aspera do mais bello dialecto vivo.

Marmier conta que vira na universidade de Leyde um licenciado em letras que, havendo escripto em latim uma longa these tendo por objecto a analyse de um antigo poema hollandez, defendeu essa these em lingua latina perante o jury academico, vencendo enormes difficuldades de stylo, de construcção e de syntaxe para dar em longas paraphrases o sentido perfeito das locuções neerlandezas do poeta que se incumbira de analysar. Dizem-me que ainda hoje existe na universidade um professor que faz todo o seu curso em latim, não proferindo do alto da cadeira uma só palavra em outra lingua. A praxe classica chegou mesmo a penetrar das relações da escola nos usos vulgares, e eu mesmo vi, tanto em Leyde como em Utrecht, á janella de quartos para alugar, este letreiro: *Cubiculum locandum*, e á porta de algumas casas de pasto: *Pax intrantibus*.

DELFT

Pelo caracter que lhe dá a sua escola polytechnica Delft assemelha-se a Leyde e a Utrecht.

Pela decadencia da sua antiga importancia artistica, industrial e politica, ella estabelece a transição das cidades vivas da Norte Hollanda e da Frisa para as cidades mortas do Zuiderzée: como Enkuizen, que no seculo XVI armava 400 embarcações para a pesca do arenque e tinha uma população de 40:000 habitantes, ao passo que hoje conta apenas 6:000 almas e 6 navios; como Stavoren, antiga residencia dos reis frisões, presentemente pobrissima, e tão rica outr'ora que se conta dos antigos habitantes que mandavam fabricar em oiro e em prata muitos dos objectos que usualmente se fazem de ferro, os ferrolhos das portas, as cruzes dos campanarios, as guarnições dos yachts; como Hindekoopen, que teve n'outro tempo uma arte e uma lingua autochthona, toda uma esquadra que levou até á India o pavilhão da cidade, e que não passa agora de uma pequena aldeia; como tantas outras, emfim, que o erudito viajante Henry Havard descreveu no seu interessante livro consagrado á relação da excursão que emprehendeu com o pintor Van Heemskerch ao longo das margens do golfo hollandez.

A formação do Zuiderzée, operada no seculo XIII pela terrivel inundação que, submergindo 72 cidades e aldeias e afogando 100:000 pessoas, reuniu ao mar do Norte o antigo lago *Flero*, produziu pela creação de novos portos e de novos centros de commercio a ruina ou o desapparecimento de antigas povoações.

O leito do Zuiderzée passará em poucos annos por uma transformação tão radical como que aquella a que deu origem a catastrophe de 1282.

O golfo inteiro será esgotado e convertido em terras de semea-

dura, em vastos *polders*, como se fez com o mar de Harlem em 1840.

O mar de Harlem tinha 11 leguas de circumferencia e a sua profundidade média era de 4 metros. A quantidade total de agua foi calculada em 724 milhões de metros cubicos, além do accrescimo proveniente das chuvas e das infiltrações subterraneas, avaliado em 36 milhões de metros cubicos por anno. Construiu-se por meio de dois enormes diques parallelos um alto canal de escoadouro no mar; tres bombas a vapor, sugando em cada golo o enorme peso de 66:000 kilogrammas de agua, foram postas em movimento continuo, vasando no canal as aguas do lago, até que, ao cabo de tres annos e tres mezes, o mar de Harlem estava enxuto e defendido, por um dique, de novas invasões do oceano.

Dezoito mil hectares de terra fertilissima foram por meio d'esta operação conferidos á agricultura hollandeza.

Chama-se *polder* o terreno proveniente do esgotamento de um mar interior, de uma lagôa ou de um pantano. Para o fim de animar a acquisição e a cultura das novas terras, o *polder* é por via de regra isento de impostos por espaço de vinte annos. A empreza dos trabalhos de esgoto, o estado ou uma companhia particular, reembolsa-se da despeza feita e dos juros do capital empregado pela renda das terras. Os proprietarios do novo solo elegem em seguida de entre si uma commissão incumbida de manter, dirigir e vigiar o serviço dos diques, dos canaes, das comportas, dos moinhos, e o *polder* entra em exploração.

Na região d'onde, ha quarenta annos apenas, desappareceu o tempestuoso e perigosissimo mar de Harlem viceja hoje uma longa campina verde e uberrima, coalhada de rebanhos, entrecortada de casaes, de quintas, de aldeias, serpenteada de estradas de ferro e de tijolo, acima das quaes reluzem ao sol, entre massiços de arvores, as flechas dos campanarios.

É uma obra semelhante — posto que de muito maior tomo e de tal importancia que a fará entrar na categoria de um dos maiores traba-

lhos hydraulicos d'este seculo—a que se trata de levar a effeito no Zuiderzée.

O golfo esgotado constituirá para a Hollanda uma nova provincia da extensão de 195:000 hectares, dos quaes, deduzidos para estradas e canaes 19:000, serão 176:000 dados á cultura, formando uma região mais vasta do que toda a provincia de Utrecht e do que toda a Zelandia.

As despezas d'esta obra collossal acham-se orçadas em 45:000 contos de réis em moeda portugueza, vindo a ser de cerca de 259$200 o preço do custo de cada hectar de terreno, vendavel a 400$000, segundo a mais recente cotação do valor de terrenos da mesma especie.

A profundidade média do Zuiderzée é de 4,50 metros e a quantidade de agua para esgotar de 5:850 milhões de metros cubicos. Com machinas a vapor de uma força total de 9:440 cavallos o esgotamento de todo o golfo achar-se-ha concluido em dois annos.

Antes de dar começo aos trabalhos do esgotamento propriamente dito, proceder-se-ha á construcção de um dique de 41 kilometros de extensão na embocadura do golfo desde Enkuisen até Kampen. Este dique, que impedirá o mar de continuar a penetrar no interior das terras, terá 7 metros de altura acima do nivel da maré, com uma largura de 3 metros e um declive exterior de 5. Será formado de fachinas, de areia e de barro, e protegido por um revestimento de pedra. Fortes divisões transversaes, frequentemente repetidas, evitarão todo o perigo de ruptura. Além d'este enorme dique, cujo custo está orçado em 9:540 contos de réis, e que poderá servir de leito a um caminho de ferro, as terras do Zuiderzée serão cortadas por dez canaes de navegação e de esgoto, munidos de moinhos e de comportas.

D'esse modo as cidades mortas que hoje rodeiam o golfo passarão em breve por uma nova modificação tão extranha como aquella porque passaram com a inundação do seculo XIII; converter-se-hão de velhos portos em novos centros agricolas, cuja prosperidade dependerá da porção de trabalho e de riqueza difundida no vasto campo

adjacente, e tomarão o nome de «cidades resuscitadas» em substituição ao de «cidades mortas.»

A celebridade historica de Delft procede principalmente das suas faianças, famosas em todo o mundo.

Foram portuguezes os primeiros europeus que trouxeram da China a primeira louça, a que elles deram o nome de *porcellana*, e cujo fabrico foi pela primeira vez explicado por Fernão Mendes Pinto e por Frei Gaspar da Cruz em 1566.

Foram porém hollandezes os primeiros que fabricaram na Europa, no começo do seculo XVII, a louça de *faiança,* imitando a China e o Japão, e denominada *porcellana* nos primeiros tempos do seu apparecimento. A primeira auctorisação que se encontra nos registros hollandezes é conferida em 4 de abril de 1614 a Claes Jansen Wytmans para fabricar *toda a especie de porcellanas com ornatos ou sem elles, á imitaçã das porcellanas vindas de remotos paizes.*

Quando a tradição arabe na ceramica da peninsula iberica se achou cortada por uma lei de Filippe II, que por escrupulos religiosos prohibiu que se fizessem loiças de stylo heretico, os hispanhoes começaram a imitar o tijolo esmaltado dos italianos e nós o tijolo azul e branco da Hollanda. Emquanto ás lições que para o exercicio d'esta industria recebemos em primeira mão do extremo Oriente não pensámos nunca em as utilisar pelo trabalho.

Depois dos nossos descobrimentos, e depois das primeiras noticias trazidas da China pelo padre Gaspar e por Fernão Mendes, aquelles que não tinham dinheiro para comprar os luxuosos serviços de mesa que vinham da India na volta de cada galeão, continuaram a comer na loiça grossa fabricada no paiz segundo a tradição arabe e a tradição romana, de que ainda existem maravilhosos vestigios na fórma das bilhas, dos pucaros, dos gomis e dos picheis da nossa tão interessante e tão tenaz olaria popular.

Em 1793 dizia João Manso Pereira em uma memoria sobre a *Porcellana do Brazil:* «Não ha quem não falle em porcellana; e com-

tudo são bem poucos os que a conhecem; e não sei porque fatalidade sendo os portuguezes dos europeus os primeiros que penetraram no imperio da China, e d'ahi transportaram para a Europa esta preciosa loiça, são quasi os unicos que d'esta nenhum conhecimento teem. Porque á excepção de um ou outro que em particular a tem feito, vive o restante da nação em uma vergonhosa indolencia a este respeito, contentando-se talvez, e reputando por mais facil, em mandar nas suas conquistas arrancar no centro da terra, a rigor de um trabalho insano, o *metal amarello* que annualmente vão levar aos chins a troco de *barro branco*, que com tanta frequencia encontram na superficie d'essa mesma terra descarnada.»

Foi apenas no fim do seculo passado, quando o benemerito Manso Pereira, professor regio, descobriu no Brazil que o barro ahi chamado *tabatinga* era o *kaolin* da China, fabricando com elle no Rio de Janeiro porcellanas *semelhantes ás de Saxe e de Sèvres* e camapheus em *biscuit semelhantes aos de Wedgewood;* foi depois de fundada pelo estado em 1767 a celebre fabrica do Rato, dirigida pelo mestre italiano Thomaz Brunetto, que a industria da loiça fina foi emfim iniciada em Portugal sob os mais brilhantes auspicios e segundo modelos não só da Italia, mas de Ruão, de Nevers e da propria Hollanda. Porque, comquanto os primeiros mestres da real fabrica de loiça, annexa á fabrica das sedas ao Rato, fossem todos italianos, esta nascente industria rapidamente desenvolvida em Lisboa, em Coimbra e no Porto, recebeu influencias estranhas ás dos mestres do Rato: tradição de Palissy nas Caldas, tradição de Delft em Lisboa e no Porto. Em todas as egrejas da provincia se usam ainda para florir o throno do *lausperenne* em dias de festa solemne, jarras de loiça azul e branca em fórma de leque, abrindo em pequenos tubos que lhes dão o aspecto de grandes luvas de meio dedo; estas jarras são o *tulipeiro* hollandez, o vaso especial em que o amador de tulipas conservava em agua as suas preciosas flores, evitando pela separação dos orificios que ellas se confundissem ou se macerassem reunidas n'um só mólho.

Os hollandezes por sua parte nunca navegaram, nem descobri-

ram, nem conquistaram terras, como nós com o sentido especialmente peninsular de propagar a fé para maior honra e gloria dos seus reis e dos seus sacerdotes, mas sim para seu directo proveito d'elles navegantes e descobridores: para o fim de edificarem a casa na volta da India, em vez de a venderem para vir para a côrte, como os nossos capitães e governadores, arrastar a espada ennobrecida e ociosa nos saraus e nas novenas do paço; para o fim de plantarem as bellas e incomparaveis hortas de Arnhem, de Utrecht e de Amsterdam, em vez de arrancarem as couves e as arvores de fructo, como fez D. João de Castro na sua quinta da Penha Verde para exemplo de fidalgos e lição da mocidade portugueza, á qual por muitos annos o livro absurdo de Jacinto Freire de Andrade, em que esta proeza se glorifica, serviu de texto de leitura official nas escolas regias de instrucção primaria.

Ao voltarem pois do Japão, em vez de darem, como nós outros, o *metal amarello* pelo *barro branco*, elles, que não tinham o *barro branco* á superficie da terra, que não tinham a argilla nem o estanho de esmaltar, foram buscar o estanho á Inglaterra, foram buscar a argilla a Bruyelle; depois do que amassaram tranquilla e ridentemente o barro, moldaram-o, desenharam-o, esmaltaram-o e deram-o ao mundo, transformado nas mais bellas obras de arte, a troco de todo o *metal amarello* que havia em giro no mundo.

Pelo trabalho tão fino, tão delicado, tão attrahente das suas obras artisticas, Delft tornou-se no seculo XVII um dos maiores centros de producção industrial da Europa.

Dos registros municipaes vê-se que Delft chegou a reunir trinta fabricas com dois fornos e com cerca de cem operarios cada uma.

Durante duzentos annos os productos ceramicos das officinas de Delft não tiveram competidores. Essa faiança inegualavel, vendida a peso de oiro, foi uma das grandes fontes da riqueza publica.

De que procedia a superioridade d'estas obras sobre todas as obras congeneres?

Da qualidade do esmalte—dizem. Mas o esmalte de Delft procedia como já vimos dos mesmos jazigos de estanho e de argilla em que

se forneciam as fabricas da Belgica, as da Inglaterra, as de todo o norte da França.

Da qualidade do barro tambem não, porque a massa da loiça de Delft não é de modo algum preferivel á das faianças italianas, francezas e allemães.

A superioridade da fabricação de Delft resultava unica e exclusivamente da especial e incomparavel aptidão profissional dos operarios que a manipulavam.

Este phenomeno é o mais expressivo e o mais consolador que se pode invocar em testemunho da efficacia da instrucção artistica de um povo no desenvolvimento da sua producção industrial e da sua riqueza fabril.

A historia da faiança de Delft está por fazer; e muitas das referencias dos criticos e dos amadores que teem escripto sobre este assumpto carecem de coherencia e de exactidão. Tres factos dominantes n'essa historia um tanto escura se me figuram porém adquiridos á evidencia:

1.º A grande industria da faiança de Delft durou apenas cerca de dois seculos. Demonstra-o a chronologia dos archivos e o exame das mais completas collecções da Hollanda, da França e da Inglaterra.

2.º Essa industria não tinha raizes tradicionaes na Hollanda como tinha na Italia, e em maior ou menor grau em todos os paizes submettidos ao imperio romano e influenciados pelas tradições da arte grega e da arte etrusca, diffundidas na Europa pelas legiões de Roma. Os soldados de Cesar passaram na Hollanda mas não conseguiram subjugal-a á civilisação latina. O batavo Civilis destroçou-os na embocadura do Rheno, e as pazes com a Batavia foram as unicas pazes humilhantes que Roma assignou.

3.º A industria da faiança em Delft condiz com as relações commerciaes entre a Hollanda e o Japão, filia-se na tradição japoneza, e desenvolve-se parallelamente com a grande escola de pintura creada em Delft pela residencia n'esta cidade de alguns dos primeiros pinto-

res da Hollanda, entre os quaes Van Miereveld, Jan Steen, Frans Mieriz, Vander Meer.

Dado o 1.º e 2.º d'estes factos, isto é, admittindo-se que a arte ceramica de Delft não teve, como é evidente, origens tradicionaes no paiz, e que fez a sua evolução completa nascendo, desenvolvendo-se, decaindo e acabando dentro de um certo numero de annos, temos de concluir que esta industria foi o resultado de circumstancias fortuitas de tempo e de logar. Essas circumstancias determinantes do apparecimento e do progresso da olaria de Delft, são as do facto num. 3:— a influencia japoneza, o conselho, a lição e a critica dos grandes pintores.

Para comprehender a influencia japoneza é preciso distinguir a differença entre o criterio d'estes navegadores e o dos navegadores portuguezes.

Humilde subdito de sua magestade, soldado submisso do seu rei, o marinheiro portuguez não ligava interesse pessoal ao estudo das novas civilisações que visitava. As simples narrativas dos naufragios dos nossos galeões, tão maravilhosamente feitas pelas testemunhas presenciaes d'esses tragicos successos, bem como as simples chronicas das navegações e dos combates, tinham muito mais imperio na imaginação aventurosa do paiz, do que os livros de doutrina como os de Fernão Mendes e de Garcia da Orta.

No hollandez a aventura offerecia um interesse mais subalterno, inspirava um enthusiasmo muito menos vibrante. Assim a Hollanda não tem epopéa marítima. O marinheiro hollandaz não é scismador nem poeta. É um cidadão republicano; é o membro de uma democracia; cabe-lhe a responsabilidade de uma parcella de poder e de auctoridade. Logo que regresse á patria, na volta das longas navegações, terá mais que fazer do que contar á lareira as anedoctas do convez, os perigos da viagem, as commoções dramaticas do imprevisto, nas terras longinquas e mysteriosas em que não desembarcou como nós para hastear o pavilhão glorioso das quinas, para edificar a egreja em que se haviam de baptisar os catechumenos e para armar a forca em

que se haviam de pendurar os hereticos. O hollandez sabe que ao chegar terá de ser chamado a discutir e a resolver os negocios publicos nas assembléas populares, nos conselhos dos municipios e nos estados provinciaes, e terá além d'isso de trabalhar, porque onde não ha ordens religiosas nem militares, onde não ha frades, onde não ha guerreiros aposentados, e onde não ha cortezãos, o homem desoccupado perde todo direito a uma qualificação honorifica, e é um criminoso.

Considerado n'este ponto de vista, o Japão foi a mais proficua escola da moderna civilisação hollandeza.

Foi n'esse doce paiz, nas risonhas campinas que circumdam a bahia de Yeddo, dominada pelo cume sempre nevado do Fousi-Yama, foi entre essa raça delicada, em cujo temperamento tão vivamente palpita o amor da natureza e o sentimento do pittoresco, que os maritimos de Amsterdam e de Rotterdam educaram o seu gosto decorativo dando aos aspectos das suas paizagens, dos seus canaes, das suas pontes, dos seus jardins, dos seus kiosques, uma physionomia tão especial entre as demais nações da Europa. Foi de certo na presença da riquissima flora japoneza, tão habilmente cultivada para a productividade da terra e para o prazer dos olhos, que o proprietario hollandez requintou e acrisolou o seu amor da jardinagem, a sua predilecção e a sua pericia horticola.

Na direcção das industrias a influencia japoneza tinha de ser ainda mais decisiva do que nas fórmas da cultura. N'este ponto o Japão era no seculo XVII o paiz mais adiantado do mundo. Ao passo que ainda hoje vemos na Europa paizes em que não penetrou por emquanto a necessidade de organisar um ministerio da instrucção publica, o Japão, onde o ensino de desenho é ha muito obrigatorio nas escolas de instrucção primaria, tem desde o seculo XVII uma fundação official, a que mui propriamente poderiamos chamar *um ministerio das bellas artes*. A estes longos e sabios desvelos de educação elementar artistica, mantida pelo governo do Japão, se deve a excellencia sem rival do operario japonez em todos os variados ramos da applicação da arte indus-

trial,—excellencia que a ignorancia da historia da arte tem feito explicar falsamente aos paizes apathicos por causas incomprehensiveis e sobrenaturaes: dom divino, predestinação de raça, inspiração, habilidade, talento nativo, ou por qualquer outro dos mil euphemismos com que a rhetorica dos mandriões adoça o sentido reprehensivo e humilhante que tem para os indolentes toda a affirmação superior do trabalho dos outros.

Foi n'essa escola que os ceramistas de Delft receberam os primeiros rudimentos da sua educação profissional; foi no Japão que elles adquiriram ha dois seculos o convencimento d'este principio novo, o qual só nos meiados do seculo XIX se devia converter em fundamento pratico de reforma do trabalho industrial, pela creação do museu de Londres e do museu Austriaco, isto é: que toda a creação industrial resulta de uma aptidão artistica.

O governo hollandez não interveiu na formação dos operarios que crearam a famosa loiça de Delft; mas a intima convivencia dos pintores, que ou tinham em Delft os seus *ateliers* ou ahi vinham a miudo armar os cavalletes no campo circumjacente, suppriu temporariamente a falta da escola official, creando um grande numero de discipulos, vulgarisando no povo os conhecimentos do desenho e da pintura.

Só a celebre cervejaria do pintor Jan Steen valeria para a educação artistica dos operarios de Delft mais do que uma academia. Steen depois do seu casamento com Margarida Van Goyen, filha do pintor Jan Van Goyen, estabeleceu-se como cervejeiro em Delft e falliu duas vezes. Quando por occasião de um processo que lhe foi instaurado por ter subtraido aos direitos municipaes alguns productos empregados na fabricação da cerveja lhe foram pedidos os livros de commercio, viu-se que toda a escripturação do estabelecimento se achava feita em uma lousa por Margarida Van Goyen, mas nem ella nem Steen sabiam ler o que estava escripto n'essa lousa.

No meio d'esta desordem financeira, Steen pintava sempre, e comprehende-se o grande papel da sua cervejaria como centro d'arte. Ahi se reuniriam todos os paizagistas da Haya, de Amsterdam e de Ley-

de, de passagem no campo de Delft, alem dos pintores que habitualmente residiam na cidade. Os oleiros por interesse de officio prefeririam a venda de Steen a qualquer outra. Quantos quadros não seriam ahi pintados entre os barris e os picheis por Steen e pelos seus amigos, á vista dos consumidores abancados!

Na convivencia intima de tantos artistas de primeira ordem, de tão profundo saber technico, e ao mesmo tempo de indole tão communicativa, innumeras pessoas tomaram gosto á pintura e aprenderam a desenhar sem mestres, por ver, por ouvir.

Quem examina as collecções da loiça artistica de Delft nos museus publicos e nas ricas collecções particulares da Hollanda, suppõe que os grandes mestres hollandezes tocarem essas bellas obras anonymas, e todavia parece averiguado que nenhum pintor a oleo pintou faianças em Delft. Mas a sua direcção espontanea, talvez inconsciente, exerceu uma influencia enorme na classe operaria, que com elles aprendeu a manejar o lapis, a organisar a paleta, a combinar os tons e os valores da tinta, e a educar o gosto na formação do stylo decorativo da loiça que fabricavam.

Como porém o governo não tinha fixado em instituições duradoiras e progressivas os elementos artisticos d'esta industria, ella acabou com o desapparecimento das causas fortuitas que a tinham determinado.

Delft cessou de produzir pelo modo mais simples e natural, logo que cessou de haver em Delft quem soubesse desenhar.

Ha hoje uma unica fabrica de loiça na cidade. Fundou-a um joven engenheiro sôbre as ruinas de um antigo estabelecimento abandonado, e a primeira coisa que elle fez foi reatar a tradição artistica abrindo uma escola de desenho.

Depois de ter visitado esta fabrica eu mesmo vi, ao fim da tarde seguindo o canal, uma fila de raparigas entre os quinze e os vinte annos, serias, bem vestidas, voltando da escola da fabrica com os seus cartões debaixo do braço, e representando aos meus olhos na imagem mais sympatica a renascente arte industrial da Hollanda. Ellas cami-

nhavam á beira dos mesmos canaes silenciosos e tranquillos, em que se reveem as copas das velhas arvores, e em frente dos quaes trabalharam á luz, no vão das janellas, os ceramistas das antigas fabricas, todas situadas ao pé da agua n'este bairro oriental da cidade, entre o Zuiderstraat e o Noordsingel. Irão passar talvez pelo edificio do correio, estabelecido na mesma casa em que habitou Michiel Van Miereveld; pela casa de Van der Meer, que tambem existe ainda e que elle immortalisou em um dos seus melhores quadros; pelo Prinsenhof onde Guilherme o Taciturno foi assassinado na casa do convento de Santa Agatha, hoje convertido em quartel, e no qual se conservam ainda os vestigios que deixaram no muro as balas da pistola que lhe dispararam; pelo Boterburg onde Leewenhoek descobriu o microscopio; e pelo Korenmarkt onde esteve suspensa a taboleta do cysne, mais tarde substituida por uma simples rolha e indicando a alegre cervejaria de Jan Steen. Mas não encontrarão na rua para as abraçar jovialmente, para lhes abrir as pastas e para lhes criticar os estudos, nem Van Mieris, o amigo inseparavel de Steen; nem Van Ostade; nem Pieter de Hooch que tanto amou os interiores de casas d'estas silenciosas avenidas illuminadas pelos reflexos aquaticos dos canaes desertos; nem o doce e idyllico Paulo Potter, que definhado pela tisica que havia de consummil-o no verdor da mocidade, vinha ainda pallido e meditativo vêr pastar nos polders as grandes vaccas mansas, amoravel symbolo da abundante e pacifica vida rural da Hollanda, eternisada nas georgicas d'esse incomparavel mestre.

A recordação palpitante de tanta fama, de tanta gloria extincta, envolve Delft aos olhos do viajante como n'um véu mysterioso de saudade.

Aqui, despedindo-me das cidades hollandezas, tive a sensação melancolica de me achar no cemiterio venerando, modesto, carinhosamente florido, da arte morta, como se Delft fosse o tumulo da pintura, assim como é o dos almirantes Piet Hein e Martin Tromp, do jurisconsulto Grotius, do naturalista Leewenhoek, do poeta Tollens, e do grande Guilherme o Taciturno, *pae da Hollanda*, cuja estatua dor-

me deitada sobre o seu sarcophago de marmore negro, tendo aos pés o cão fiel que lhe salvou a vida no cerco de Malines.

A egreja de Santa Ursula, onde se acha em Delft o monumento de Guilherme, é o Westminster dos Nassaus, o jazigo da casa de Orange, para o qual, á hora em que escrevo estas linhas, estão conduzindo o cadaver do infeliz principe Guilherme Alexandre, ultimo representante varão d'essa heroica familia, com a qual desapparecerá tambem da terra o nome de Orange, illustre ha quatro seculos.

V

AS CASAS E OS INDIVIDUOS

NA Hollanda toda a embarcação lembra a casa, toda a casa lembra a embarcação. A vida na agua e a vida em terra combinam-se tão intimamente que se confundem em muitos pontos.

A bordo a mulher, que frequentemente acompanha o marido, cultiva n'um abrigo do convez ou a um postigo da camara a sua collecção de flores, dirige a capoeira, tem uma creação de gallinhas, de patos ou de coelhos, e aclima á vida aquatica varios animaes domesticos, canarios, gatos, cães, que o habito da navegação torna quasi amphibios.

Nas camaras dos *trekschuiten*, os postigos envidraçados são adornados de cortinas de cassa abertas ao centro e presas a cada lado por um laço de fita; sobre a mesa, dois vasos de cobre religiosamente lustrados, em um dos quaes ha a brasa de turba para accender os cachimbos, sendo destinado o outro á cinza dos charutos; contra o costado interior da embarcação um pequeno espelho inclinado, uma estantesinha com alguns livros e a cantoneira com as porcelanas e os rescaldos para o serviço de chá aos passageiros. É todo um pequeno interior simples de habitação campestre, vogando de terra em terra.

Em casa os tectos baixos revestidos de madeira envernisada desenhando a saliencia das vigas; as escadas ingremes e estreitas, lustradas, cobertas ao centro por uma tira de tapete, não dando largura a mais de uma pessoa e tendo por corrimão duas bellas cordas de linho passadas em grossos anneis de cobre reluzente; as camas d'armario, em beliche; a ponta de trave, sobresaindo do vertice das fa-

chadas e terminando em moitão, como os mastaréus de gavea, com a corda em alça para içar e arriar os moveis de cada andar ou para subir as munições ao sotão; a fachina regulamentar da limpeza em dias prefixos todas as semanas; a baldeação geral do predio, lavado e esfregado por fóra, de cima a baixo, todos os sabbados; tudo contribue aqui mais do que em qualquer outra parte para dar á casa a apparencia do navio.

Os predios estreitos e altos, habitados por uma só familia, teem em geral a disposição das casas portuenses, chamadas de *alforge:* sala para diante, sala para traz, dois ou quatro quartos intermedios, e escada ao centro allumiada por uma clara-boia.

Uma differença porém essencial entre a casa typo do Porto e a casa typo da Hollanda. No Porto a sala de jantar fica no ultimo andar, em frente da cozinha; na Hollanda a casa de jantar fica ao rez do chão abrindo para o jardim, e contigua á sala de receber, ao lado do corredor de entrada, que faz vestibulo fechado pela porta da rua, invariavelmente pintada de verde e dividida horisontalmente em dois corpos, dos quaes o inferior funcciona como meia porta, unicamente usada no Porto e aqui.

A cozinha, o deposito de lenha e de turba e a adega constroem-se no subsolo, alumiado e ventilado por dois fossos, um do lado da rua, outro do lado do quintal.

Entre o salão e a sala de jantar ha uma porta a toda a largura da casa, com dois batentes corrediços, que permittem esconder a divisão fazendo das duas salas uma só peça.

Em todas as casas em que entrei os madeiramentos d'esta divisoria haviam desapparecido inteiramente, e toda a superficie do rez do chão, da frente ao fundo, parallelamente ao corredor d'entrada, formava um unico pavimento aberto, afofado em tapetes de stylo persa e fazendo uma só casa destinada duplamente a receber o hospede em visita ou á mesa.

Nada mais simplesmente risonho, de um confronto mais intimo, de um aconchego mais cordial do que o aspecto d'esta disposição.

Junto das duas janellas para o lado da rua, grupa-se a mobilia do salão: os dois divans e os fauteuils sobrecarregados de almofadas, a mesa redonda coberta de albuns, de jornaes e de revistas: um alto espelho por cima da chaminé; o cabide de mogno polido, ao pé da porta; as pinturas a oleo, as aguarellas, os guachos, os carvões ou as aguas fortes, emoldurados e pendentes do muro; a indispensavel *étagère* das chinezerias e das japonezerias; o pequeno biombo de setim bordado, com a sua grade de bambús; o piano vertical ou de cauda, atravessado na linha da antiga divisão. E ao fundo, do lado opposto, n'uma doce luz esverdeada, de jardim, n'um ultimo plano carinhosamente beijado por um dia differente, mais terno que o do primeiro plano, como nas duplas perspectivas dos adoraveis interiores de Pieter Hooch, a casta alegria familiar da mesa posta ao pé da vidraça engrinaldada por uma trepadeira em flôr, com um debrum de jacinthos desabrochados na linha do parapeito; a cadeira de alto espaldar almofadado do chefe de familia; a tradicional chaleira de cobre sobre o aparador; o armario envidraçado; a prateleira com a collecção das canecas de grez ou de estanho, e, illuminando a parede como discos tenros de luz, avivados a pinceladas de sol, o esmalte incomparavel, em quentes reflexos de ambar, dos velhos pratos de Delft.

Na vida domestica d'estes dois povos, tão semelhantes em outros pontos de vista, a differença na disposição da casa a que me refiro imprime caracter e distingue os costumes hospitaleiros das duas familias. Entre o logar no canapé e o logar á mesa, entre a *visita* e o talher, a familia do Porto mette a distancia respeitosa de quatro andares; a familia da Hollanda não interpõe differença alguma entre essas duas maneiras de receber. As pessoas indifferentes ficam inexoravelmente na rua e toma-se-lhes o recado por cima da meia porta. Só o amigo entra das portas a dentro, e desde esse instante elle é o hospede na sagrada accepção antiga d'essa palavra, e não se lhe offerece uma cadeira; ou não se lhe offerece nada, ou se lhe dá incondicionalmente a sua parte ao lar, no coração da familia.

É arriscado generalisar, pretendendo definir o caracter nacional

de um povo pelo caracter individual de algumas pessoas que um estrangeiro conheceu. Em vez de estabelecer sobre este ponto uma theoria abstracta, eu farei portanto um simples depoimento.

D'entre as differentes casas que vi na Hollanda tomo tres typos principaes: uma casa de escriptor, uma casa de artista, uma casa de rico negociante.

E vou descrever essas tres variedades.

No parque da exposição de Amsterdam havia um annexo intitulado *O pavilhão da imprensa*, destinado pelos jornalistas de Amsterdam, associados para esse fim sob a presidencia do sr. Van Duyl, redactor em chefe do *Algemeen Handelsblad*, a receber os jornalistas estrangeiros. A curiosidade de ver o pavilhão, elegantemente mobilado pelos primeiros marceneiros e pelos primeiros aderecistas de Amsterdam, cheio de flôres, de faianças artisticas e de quadros dos primeiros pintores da moderna escola hollandeza, obrigou-me a revellar ao porteiro a minha qualidade de escriptor, sem o que me era defesa a entrada. Em uma das salas a que me introduziram foi-me apresentado por dois individuos o registro dos viajantes, e eu tive de inscrever-me e de apresentar-me. Formalidade espinhosissima, que, dada a frequencia com que hoje viajam os escriptores e dado o acolhimento especial que se lhes faz em todos os paizes do mundo, exige que a Associação Litteraria Internacional de Paris ou outra do mesmo genero, institua quanto antes um *passaporte litterario*, isto é, um documento authentico e inilludivel da identidade litteraria de cada um. Sem este papel justificativo no bolso, a situação dos escriptores que não teem um nome universal é sobremaneira grotesca em presença dos seus confrades n'um paiz estrangeiro. Estes senhores são em geral sufficientemente amaveis e intrepidos para nos dirigirem á vista do nosso passaporte diplomatico ou do nosso bilhete de visita um cumprimento que versa d'ordinario sobre os seguintes ou equivalentes termos:

— Oh! conheço perfeitamente... a sua penna é das mais illustres no seu paiz, etc....

E n'estes casos a modestia mais rudimentar obriga a protestar:

— Ah! das mais illustres não; bem pelo contrario, a minha penna é das mais modestas, das mais obscuras, das mais...

Mas, a esta insistencia, o nosso interlocutor franze um pouco o sobrolho, vem-lhe um leve sorriso de desdem, e então o justo terror de que o nosso confrade nos tome por um simples camiseiro ou por um pedicuro, por um critico de calos a extrahir, ou por um poeta de piugas para vender, leva-nos a attenuar o nosso primeiro impulso de humildade:

— Quando digo que sou uma penna modesta, lá em casa, quero dizer, se assim ouso exprimir-me...

— Que é um escriptor immortal?

— Immortal inteiramente não digo; mas, emfim, faz-se o que se pode... faz se o que se pode!

Para fugir a um d'estes coloquios tragicos, tomei silenciosamente a penna que me foi offerecida, escrevi o meu nome, accrescentei a minha qualidade de correspondente da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, indiquei na competente casa do registro a minha morada em Amsterdam, fiz outra venia, e retirei-me envolto n'essa magestade ondulosa e curvilinea que tão commovedoramente caracterisa a repugnancia dos peixes aos attractivos do cavaco.

No dia seguinte pela manhã, havendo recebido em minha casa, da parte da commissão da imprensa de Amsterdam, bilhetes de livre precurso por tempo de tres mezes em carruagem de primeira classe de todos os caminhos de ferro hollandezes, juntamente com toda uma collecção de convites para congressos, para recepções e para espectaculos publicos, entendi dever ir pessoalmente agradecer ao presidente da commissão dos jornalistas esta amabilidade tão profundamente caracteristica da hospitalidade hollandeza, e tendo pedido hora para uma entrevista, dirigi-me ás 9 ½ da manhã ao escriptorio da redacção do *Algemeen Handelsblad*, acompanhado de uma palavra de apresentação que tivera a bondade de me dar para este fim o sr. burgomestre da cidade.

O *Algemeen Handelsblad* é o grande jornal do commercio de

Amsterdam; tem vinte mil assignantes e tira dois numeros por dia, o numero da manhã e o numero da tarde, com duas edições cada numero; um movimento de prelos quasi ininterrompido desde pela manhã até á noite, e dois quadros completos de redacção e revisão, trabalhando constantemente um depois do outro, n'uma serie de gabinetes.

Á hora matinal a que cheguei, o redactor em chefe tinha mandado para a typographia o seu original, tinha conferenciado com os seus collaboradores, tinha examinado a correspondencia e os manuscriptos e começava a receber visitas, conversando n'uma prodigiosa abundancia de palavras, a cavallo n'uma cadeira, com dois sujeitos que me haviam precedido. Sem desmorder do que estava dizendo em hollandez abriu a carta que lhe apresentei, leu-a, atirou-a acima da secretária e offereceu-me por meio de um gesto um logar no sofá. Sentei-me, tirei da algibeira o meu livro de notas, e puz-me a escrever:

«Um gabinete de sobreloja; tecto baixo; uma janella; secretaria monumental; nem um só papel nem um livro em cima; grande bibliotheca; mobilia de marroquim; figura do jornalista inteiramente semelhante á do rei portuguez D. Fernando, modificada apenas pelo uso de oculos e pela sem-ceremonia artistica de uma quinzena de alpaca e de um chapéu de palha de grandes abas, em máo uso. Sobre o tapete, a um canto, doze botijas (genebra ou curaçáo?) das quaes uma ainda arrolhada, as outras vazias.»

Um quarto de hora depois, despedidas as duas visitas, o redactor principal do *Algemeen Handelsblad* foi para a botija com rolha e encheu dois grandes copos de que me offereceu um, dizendo,

— Primeiro que tudo tratemos d'isto!

Bebi o copo que me tocava e esvasiei o. Era d'agua de Vichy.

Em seguida, accendendo um charuto e enfiando o braço pelo meu, accrescentou:

—Agora vamo-nos embora!

Foi assim que eu fiz conhecimento com o sr. Van Duyl (pronunciar como em francez Vandeuil), o mais conhecido, o mais celebre, o mais popular de todos os jornalistas d'Amsterdam.

Eram 9 horas e vinte minutos da manhã. Quando desenfiámos o braço um do outro e me separei d'elle para me ir deitar eram 2 horas e quarenta e cinco minutos da madrugada do dia seguinte.

A familia Van Duyl habita durante o verão uma pequena casa de campo perto das dunas, a cerca de uma hora de caminho de ferro de Amsterdam. Foi ahi que eu estive com Van Duyl, no mesmo dia em que o vi pela primeira vez no escriptorio do seu jornal.

Na pequenina *gare* da aldeia, toda virente de hera agarrada aos tijolos da fachada, e interiormente guarnecida de moveis de stylo como um gabinete de artista, encontrámo-nos com os tres filhos do meu novo amigo. duas meninas de oito a doze annos e um rapaz de quatorze ou quinze; ellas de avental de collegio, o chapéu de sol de chita debaixo do braço, os livros e a lousa pendentes de uma correia; elle de mochila ás costas; todos louros, de grandes olhos garços, de uma inexcedivel frescura de pelle, e ao mesmo tempo de um ingenuo ar antigo, de uma innocencia de outro seculo, lembrando-me os originaes de amaveis retratos que devem existir em algum museu, pintados por Greuse, por Latour ou por Prudhon. Chegavam da escola em Amsterdam, e por acaso tinhamos vindo no mesmo trem; mas, como elles, viajando assim todos os dias, tinham bilhetes de terceira classe e nós vieramos em primeira, só nos avistámos ao chegar. Feitas as devidas apresentações, do rapaz para mim, de mim para as duas meninas, partimos todos juntos, de mãos dadas, por entre o feno.

Era das quatro ás cinco da tarde — a hora em que o céu hollandez sorri invariavelmente, e em que o sol, ainda no inverno, apparece descoberto todos os dias, um momento pelo menos.

Nada mais doce, de um effeito mais balsamico na imaginação e nos nervos, do que a serenidade incomparavel e a nitidez assombrosa da verde campina da Hollanda a tal hora. É a realidade viva dando pelos seus contactos a mesma commoção salutar e benefica que os habitantes das cidades, por muito tempo encarcerados em ruas aridas e ruidosas, doloridos de trabalho, febris de paixão, avidos de silencio, de claridade, de simplicidade e de repouso, experimentam ao contemplar

as pastoraes de Van de Velde, o Mozart da pintura, o paizagista em cuja alma mais intensamente vibrou o sentimento da natureza juvenil, ingenua, sorridente, ineffavel.

Na limpida transparencia do ar, sob a serenidade absoluta do céu, as arvores, as searas, a relva dos prados, as aguas do canal, os musgos e os nenuphares parecem repentinamente immobilisados para nos ouvir, para nos ver passar; e ao inesperado barulho das nossas risadas levanta-se do chão uma revoada de tordos ou um casal de faisões, e alguns coelhos das dunas, assustados, atravessam por diante de nós aos pulos.

O *cottage*, de quatro janellas de fachada e porta ao centro, tem na frente um pequeno jardim separado do caminho por um ripado pintado de verde com um metro de altura. Á esquerda, contra um panno de muro, fazendo angulo recto com a fachada do pequeno predio, um alpendre de abrigo, ao fundo do qual, n'um canapé rustico, em frente de uma pequena mesa, com duas agulhas de páo envoltas n'uma tira de tapeçaria e collocadas ao lado de um cabaz de flores, M Van Duyl, de touca de jardim e luvas de meio dedo, as mãos cruzadas no regaço, contempla a vasta planicie, inconscientemente penetrada d'esse encanto magnetico da natureza, que faz circular nas almas a mansidão e a bondade tão brandamente como circula a seiva nos alfôbres á hora das regas.

Em quanto eu presto á dona da casa a homenagem do meu respeito, o pequeno Van Duyl apparece com o seu grande cavallo, velho rossinante bonacheirão, um pouco lanzudo, que elle mesmo engata a um break, calçando as luvas em seguida, e levando-nos a todos, sob o pretexto de fazer appetite para jantar, a um passeio *sous bois*.

Âs sete horas sentavamo-nos á mesa na grande sala commum da familia, simultaneamente salão, casa de jantar, gabinete de leitura e sala de trabalho, com as janellas abertas ao longo silencio dos campos de cujo horisonte vem rompendo a lua.

Antes do breve silencio puritano do *benedicite*, Mme Van Duyl tendo tirado da algibeira o mólho das chaves poidas e reluzentes, ser-

vira-me da cantoneira um pão, um guardanapo e uma garrafa de vinho do Rheno.

Não se fazendo na Hollanda a minima porção de sacrificio ao apparato, e sendo todas as mulheres *ménagères*, cada familia não tem de ordinario mais que uma criada. O serviço da mesa acha-se patriarchalmente organisado de harmonia com estes recursos. Os dois pratos do jantar, além da terrina da sopa, põem-se de uma vez na mesa sobre as trempes de dois fogareos de alcool, e cada um se serve a si mesmo, na boa franqueza de amigo, e como na velha lingua portugueza se dizia — de matalote. Não obstante, de quando em quando, sinto no meu hombro um calor de mão obsequiosa e solicita: é uma das meninas que se ergueu do seu logar para vir simplesmente, como em Homero ou como na Biblia, como na casa de Penelope ou no jardim da Samaritana, encher o meu copo ou renovar a minha ração de pão.

Ás nove horas os filhos, depois de terem vindo a um por um offerecer-me a face para um beijo, tinham ido deitar-se. A mais pequena ao sair a porta voltou-se para traz, e com um gesto solemne, a mão estendida, disse gravemente á sua mãe duas palavras em hollandez, que a irmã mais velha teve a bondade de me traduzir. Essas palavras queriam dizer: *Gostei do estrangeiro.*

Ás onze horas Mme Van Duyl guardava e fechava por sua mão na copa, depois de as ter lavado ella mesma, as finas porcellanas e os copos doirados do nosso café, em quanto o seu marido e eu, com o charuto nos beiços, os cotovellos na mesa, conversavamos ainda.

Elle tinha viajado em toda a Europa, estivera mesmo durante quinze dias em Portugal, era um cosmopolita, na grande accepção philosophica d'esta palavra, inteiramente lavado de estreitos preconceitos de raça e de nação. As suas informações eram para mim preciosas, e eu sobrecarregava-o de perguntas, tendo annotado no meu caderno de viagem n'essa mesma noite, antes de me deitar, algumas das suas respostas.

Emquanto á religião, por exemplo:

— Ha livres pensadores na Hollanda?

— Ha muitos; mas não ha um só indifferente. Pensa-se em religião de todos os modos imaginaveis; mas não ha ninguem que faça constituir uma philosophia no systema — aos nossos olhos completamente phantastico — de não pensar coisa alguma, como succede, ao que parece, em varios povos latinos. Os livres pensadores e os atheus formam entre nós uma pura seita tão rigorosamente definida como qualquer outra seita religiosa. Assim entre as innumeras egrejas de Amsterdam ha uma que se intitula *União religiosa livre*. É n'esta egreja que se reunem todos os domingos varios dissidentes de todas as religiões existentes, repellindo inteiramente todos os dogmas, todas as revelações sobrenaturaes, todos os milagres incluindo os da Biblia, e prescindindo de Deus, ainda que como hypothese. D'entre estes individuos ha porém um, eleito pelos seus consocios, o qual em cada domingo se encarrega de subir ao pulpito e de prégar o dever moral, a lei da consciencia, a norma transcendente da vida, a comprehensão da virtude, a justiça superior a todo o interesse, a toda a paixão, a toda a especie de appetite. Os livres pensadores e os atheus de Amsterdam levam a esta especie de missa as suas mulheres e os seus filhos, e todos solidarios perante os mesmos principios, todos unidos espiritualmente pelo laço moral de uma convicção, escutam aquelle que a define com a mesma reverencia e com o mesmo respeito com que os fieis da egreja ao lado escutam a palavra dos prophetas, a dos evangelistas ou a dos apostolos. E esta é na vida domestica a grande base d'esse equilibrio de idéas fundamentaes, do qual V. ha pouco me fallava, como sendo na Hollanda a feição proeminente do caracter nacional.

Quantas coisas plenamente elucidadas pela simples enunciação d'este facto. Explicando succintamente por uma das suas grandes bases moraes a seriedade dos caracteres n'um paiz de origem protestante, não explica elle egualmente com razão inversa a decadencia geral dos povos catholicos, mentalmente paralysados por tantos seculos na dissolvente immobilidade do dogma?... Na Hollanda, a liberdade de

consciencia e o espirito de exame que d'ella resulta subdividiram a religião do paiz em centenares de seitas contradictorias, que muitos suppuzeram nefastas á cohesão nacional e apparentemente destinadas a destruir e a quebrar o vinculo patriotico.

Absolutamente incondicional e illimitado o direito de heresia, a accumulação dos schismas attingiu as proporções mais phantasticas: sómente d'entre as seitas devotas a que deu origem um dos varios ramos em que se repartiu o anabaptismo, citarei para exemplo: os *adamitas*, os *apostolicos*, os *taciturnos*, os *perfeitos*, os *impeccaveis*, os *irmãos libertinos*, os *sabbatarios*, os *manifestarios*, os *lacrimosos*, os *rejubilados*, os *anti-marianos*, os *indifferentes*, os *sanguinarios*, etc. D'esse tremendo e assustador desmembramento e desdobramento de crenças, uma coisa collectiva porém se formou, um novo nucleo de solidariedade e de confraternisação:—o profundo amor de todos á terra privilegiada, mãe da liberdade geral, indispensavel ao abrigo e á inviolabilidade da *opinião pessoal* de cada um. Porque, em resultado final, o grande facto culminante é este: que á força de exame, de discussão, de controversia e livre escolha, a religião converteu-se aqui em *opinião pessoal*, competentemente delimitada, assente e definida na razão de cada individuo.

Ha na Hollanda tresentas religiões differentes, e em todas ellas se crê, como nos tres mil deuses da Roma antiga. Em Portugal ha uma religião só, a unica, a verdadeira; aquella que o estado estipendia e com que negoceia; aquella em cujo nome queimou, atanazou, martyrisou, destruiu e, sobretudo, roubou os hereticos; aquella que elle aperfeiçoou, catou, limpou, purificou, expulsando successivamente os judeus, os christãos novos, os jesuitas e os frades, destituindo-os e desapossando-os competentemente de todos os respectivos bens, em proveito seu, d'elle; aquella, finalmente, que vem na carta, no artigo 6.º, e que é a lei fundamental do estado!

Pois bem; esta religião unica, official, authentica, indiscutivel, immodicavel, que é de todos os cidadãos sem excepção alguma, acabou por não ser propriamente de ninguem, porque, á força de ser definida

pelos poderes publicos, cessou completamente de ser estudada pelos particulares; e os proprios sacerdotes, funccionarios publicos nomeados para a egreja como outros são nomeados para a alfandega, chegaram na sua grande maioria a nem sequer entenderem a lingua em que se acham escriptos os canones, que elles tem por modo de vida servir e defender.

Qual é na constituição da familia o resultado d'este estado das coisas espirituaes nos povos catholicos?

O resultado é este:

A mulher, por uma doce necessidade instinctiva de protecção amoravel, de amparo carinhoso, por um tépido sentimento de fidelidade sedentaria ás tradições do berço e do lar, por superstições de temperamento, por uma vaga attracção nevralgica para o indefinido, para o poetico ideal christão, continúa um pouco machinalmente a *praticar*, a desobrigar-se, a ir á missa, a repetir a confissão, o credo, os mandamentos da egreja, o acto de contricção, os peccados mortaes, os peccados contra a natureza e os peccados que bradam ao céu,—amalgama confuso e estonteador de hypotheses tenebrosamente criminosas e horrendas, de faceis esconjuros de algibeira, de combinações e reacções chimicas de peccados e de penitencias compensadoras, de culpas e de perdões correlativos, terminando tudo ao confissionario por lavagens completas e geraes da alma, uma vez por anno, como as lavagens dos predios hollandezes uma vez por semana.

O homem, por seu lado, é fundamentalmente indifferente. Para se fixar n'uma opinião sobre este assumpto, precisaria de o conhecer; e estudar este genero de questões, além de não estar nos seus habitos intellectuaes, seria já um indicio manifesto de duvida, um começo de rebeldia, um peccado, emfim, de que o mais sensato é abstermo nos. Os menos impios entrincheiram-se n'esta formula: «São coisas superiores á nossa comprehensão, historias da carocha talvez, se assim o quizerem; indispensaveis todavia para a educação da mulher fragil e para a moralidade das classes baixas.»

A religião continúa, porém, a ser em todas as familias catholicas

a primeira base da educação do filho, o alicerce de todo o systema moral, o seu unico padrão de justiça, a sua unica norma de dever. E esta religião é a mãe que a ministra. Por que meio? pela interpretação da biblia? pela explicação dos Evangelhos? pelo commentario dos Santos Padres e dos doutores da egreja? Não; a mãe portugueza educa o seu filho na religião catholica, unicamente pelo que ella mesmo sabe da leitura da *Cartilha*, porque a mais bem educada e a mais instruida das senhoras, em Portugal como em Hispanha, não conhece da sua religião mais do que o cathecismo. Theologicamente a erudição da mais illustre dama peninsular orça pela da sua cozinheira.

O que chamamos emphaticamente a religião de nossos paes, é a religião das nossas criadas de servir. Catastrophe enorme, que, persistente ha tres seculos, tem dissolvido inteiramente na mocidade a noção do respeito, pervertendo e abandalhando nas suas origens, atravez de successivas gerações, o que ha de mais sério no espirito do homem: a lei fundamental da consciencia, o regimen da responsabilidade!

Em nossas casas, a religião, facto culminante da familia, é um elemento de dispersão, separando desde principio na intimidade do lar o marido, a esposa e o filho. É a porta aberta á influencia do padre para a mulher, á influencia do club para o homem, á influencia do botequim para o filho. Nos paizes em que o protestantismo apaixonou os espiritos pela discussão e pelo livre exame em materia religosa, a familia encerrou-se em si mesma, concentrada n'uma convicção commum, fazendo do lar domestico o *in eo vivimus et summus* de cada consciencia.

A familia de Van Duyl era a primeira que eu conhecia na Hollanda. Ao sair d'essa modesta casa, tão simples, e tão carinhosa, eu senti ao cabo de poucas horas de convivencia o inesperado sobresalto d'uma separação. Alguma coisa de mim mesmo ficava, pela estima que elles me tinham inspirado, n'esses logares tranquillos, sob o tecto hospitaloiro d'essa pequena casa aldeã; e foi com uma terna commoção, quasi saudosa, que, voltando-me para traz no caminho, eu vi pela ultima vez, ao longe, entre os olmeiros, esse pequeno predio rustico proje-

etando no escuro da noite, pela janella ainda aberta, a luz do candieiro suspenso na casa de jantar.

Na secção hollandeza das bellas artes da exposição internacional de Amsterdam, figuravam vinte e sete senhoras: uma esculptora, tres aquarelistas e vinte e tres pintoras a oleo.

Entre as obras exhibidas n'este salão pelas senhoras hollandezas —cuja singular aptidão artistica está affirmada na Europa por nomes celebres como o de Henriette Ronner, de Sarah Bernhardt, de Van Zandt, de Fides Devries, e pelo das romancistas illustres contemporaneas, como Luiza Stratenus, Melati van Java, Cornelia Huygens e Mlle Opzoomer,—tocaram particularmente a minha attenção os quadros de Mlle Thereza Schwartze.

Pedi com interesse algumas informações a respeito d'esta notavel artista, e tive a honra de obter uma apresentação para visitar o seu *atelier*.

Muito moça ainda, Mlle Schwartze é filha de um professor de pintura da academia de Amsterdam, fallecido ha poucos annos em plena força de trabalho, tendo acabado apenas de estabelecer em bases tranquillas a sua existencia, no momento de começar a occupar-se do futuro da familia, á qual, surprehendido pela morte a meio destino, legou apenas os primeiros centos de florins economisados ao fundo da gaveta, alguns moveis artisticos e *bibelots d'atelier*. Uma viuva, duas filhas, um rapaz inhabil por doença para trabalhar, postos repentinamente á beira da miseria.

Mlle Schwartze, a pessoa mais nova da casa, na edade de vinte annos, com a educação usual de toda a menina bem creada na Hollanda, fallando quatro linguas, tocando um pouco piano e tendo do desenho as luzes elementares essenciaes a uma mulher da sociedade para não dizer parvoices nos museus e para esboçar em caso de necessidade um *croquis* pittoresco no album de uma amiga intima, tomou corajosamente o encargo de amparar pelo trabalho a casa orphã, e encerrando se no atelier abandonado, entre os pinceis ainda embe-

bidos em tinta, no meio dos carvões dispersos e quebrados na mão de seu pae, começou afincadamente a desenhar desde pela manhã até á noite.

A primeira das suas obras foi — cuido eu — um retrato feito de recordação. Technicamente fallando, era começar mal o começar por uma obra a que faltava a principal condição de um trabalho d'arte, a investigação da natureza, a fidelidade ao modelo vivo. Mas esse retrato era o do pae da auctora, e n'esta obra de piedosa evocação filial, que uma revista do tempo reproduziu, que eu mesmo examinei, havia um tão intimo e profundo sentimento de respeito, uma tão intensa palpitação de vida inquirida, uma tão doce expressão de melancolica saudade, que só de per si esse desenho bastaria para revelar em quem o concebeu e executou, a privilegiada organisação psychologica de um grande artista, o rebate d'essa mysteriosa força a que alguns chamam ainda a inspiração, e que não é mais do que a sensibilidade excepcional communicada ás fórmas exteriores do pensamento, e pondo na obra executada o divino raio luminoso, reflexo inconsciente do espelho de lagrimas que tem no fundo do seu ser todo o verdadeiro dominador das linhas, das côres, dos sons ou das palavras, por meio das quaes se representa na arte a commoção humana.

Determinada na fixação da sua carreira pelos resultados d'este primeiro trabalho, reuniu o resto dos seus haveres e foi estudar durante um anno na academia das bellas artes de Munich.

Ao cabo d'esse tempo começou a expôr e a vender os quadros; fez successivas viagens de estudo a França e á Belgíca; foi premiada no ultimo *salon* em Paris; foi eleita, com Bonnat, vogal do jury da exposição internacional de pintura em Amsterdam; e é presentemente considerada — creio que sem protesto de ninguem — o primeiro pintor de retratos na Hollanda.

A rainha Emma escolheu-a para fazer o seu grande retrato em corpo inteiro, que está no palacio da Haya; foi ella ainda quem retratou a familia do burgomestre de Amsterdam, quadro exposto em Paris ha dois annos; e são do seu pincel muitos retratos de senhoras e

professores illustres das universidades da Hollanda, sendo cotadas em 100 libras esterlinas cada uma, as suas telas mais pequenas, de retrato em busto.

A casa de Mlle Schwartze, no Prinsengracht (canal dos Principes), em Amsterdam, é o mais genuino exemplar do predio typo hollandez. Estreito e alto, duas janellas de fachada, tres andares, escada exterior de seis degraus á entrada, a trave da roldana no alto do *pignon*.

Trepei pela escada estreita e ingreme, coberta pelo irreprehensivel tapete em listas, seguro aos degraus em varetas de cobre reluzente, até o atelier, no ultimo andar.

Pequeno quarto alegrado pela luz do tecto e por uma larga janella aberta ao norte, adornada com uma gaiola onde canta um canario. Varios tapetes orientaes no chão, o estrado do modelo, o grande espelho, o biombo, alguns moveis artisticos, *fauteuils* de varias fórmas, faianças, cerca de uma duzia de quadros apoiados aos cavalletes, e toda uma existencia de artista e de mulher, revelada n'uma enorme accumulação de documentos: albuns, pastas, livros, brochuras, revistas, lembranças de viagem, photographias, leques, luvas, flôres seccas, saccos de pastilhas, bilheteiras, *sachets*, moldagens em gesso, *bibelots*, gavetinhas de contador entreabertas, deixando transbordar as cartas, os *enveloppes*, as variadas folhas de papel marcado com divisas e com monogrammas.

Pouco depois da minha apresentação, Mlle Shwartze, que trabalhava no retrato de uma menina, descia com o seu modelo á casa de jantar, junto ao salão no pavimento do rez do chão, e obrigava-me, do modo mais gracioso e mais simples, a participar do seu almoço, á frescura do jardim, junto da janella aberta enquadrada de arbustos, servindo-me uma taça de caldo, um copo de vinho branco do Rheno e uma serie d'essas phantasticas rodellas de salmão fumado, finas como hostias côr de rosa, que só as *ménagères* hollandezas teem a arte de trinchar em regra, para que esse peixe constitua, entre fatias de pão torrado com manteiga e mostarda, um dos sabios acepipes que mais honram a gastronomia da Hollanda.

E desde esse dia, durante dois mezes que residi em Amsterdam, Mlle Schwartze, adivinhando os meus interesses de jornalista e os meus gostos de viajante, aproveitou com o mais delicado criterio da hospitalidade para com um estrangeiro innumeras occasiões de me ser util; convidando-me para as suas espirituosas *soirées* de artistas, para os seus jantares a pessoas estrangeiras suas amigas, attrahidas em viagem á exposição; proporcionando-me as mais instructivas visitas aos museus e ás collecções d'arte; fazendo-me a honra de nomear-me seu caixeiro na barraca a que presidiu com a sua amiga a illustre pintora Wally Moess, em um *fancyfair*, em beneficio das victimas do terremoto da ilha de Java; e, finalmente, retratando-me, bem como ao meu amigo o desenhista pariziense *Mars*, em dois magistraes desenhos a carvão.

Mars foi o primeiro a quem coube essa honra, como artista celebre pela sua collaboração tão brilhante no *Graphic*, na *Vie Moderne*, na *Vie Parisienne* e no *Journal Amusant*.

Depois, na qualidade de seu companheiro de viagem, tive tambem a minha vez, sendo-me fixado dia e hora: uma segunda-feira ás oito da manhã.

Nunca vi emprehender um retrato com menos apparato de theorias, com menos condições impostas ao modelo sobre o vestuario, sobre a attitude ou sobre a expressão physionomica.

—Escolha a cadeira e a posição em que se ache mais commodamente installado para fallar durante tres horas . . Agora, olhe para mim, e conte-me a sua vida.

Um pouco antes de expirar o tempo fixado, Mlle Schwartze—cuja pequena estatura em frente do cavallete a fazia parecer uma estatueta de Saxe, loira, envolta n'uma longa blusa de *percale* azul claro, os cabellos seguros por um só gancho, em molho sobre a nuca—tirou os seus grandes oculos de trabalho, fixos, de vidros redondos, pousou o carvão que tinha nos dedos, deu meia volta ao cavallete, e eu vi de repente apparecer no espelho fronteiro, sobre um fundo côr de sepia, a minha figura em tamanho natural, o busto inteiramente de frente,

debruçado nas costas de uma cadeira em que se apoiavam uma sobre a outra as duas mãos; e essa figura palpitante, vindo para mim, fixando-me nos olhos, repetia-me toda a historia da minha vida, que eu acabara de contar.

Como tivesse de ir fazer *toilette* para receber a almoçar uma familia ingleza que devia chegar ao meio dia, sem tempo para receber os meus comprimentos, Mlle Schwartze deixou-me na sua officina, despedindo-se de mim com esta phrase, que caracterisa n'um só traço a bonhomia dos costumes hollandezes mais expressivamente do que todo um capitulo consagrado a descrevel-os:

—Agora, se quer ser amavel comigo, peço lhe que me dê uma arranjadella ao atelier!

A pequena barraca do bazar em beneficio dos pobres de Krakatoa, onde Mlles Schwartze e Wally Moess vendiam livros illustrados para creanças, utensilios de escriptorio e alguns insignificantes *bibelots*. rendeu n'um dia mais de um conto de réis. Á noite, a venda de *champagne* gelado, a florim cada taça, creio que dobrou essa quantia.

Em frente da barraca d'estas senhoras perpassaram, como n'uma sala de recepção, durante doze horas, todas as physionomias da Hollanda: operarios, burguezes, artistas, logistas, escriptores, professores, estudantes e variados typos de empregados publicos, desde os amanuenses até o rei.

Todas as pessoas sorriam, conversavam benevolamente, compravam alguma coisa, sem enfatuação, sem *pose*. Perguntavam préviamente o preço das coisas, ainda as mais modestas: um pacote de papel de cartas, uma canneta, um lapis. Marido e mulher, pelo braço um do outro, discutiam ás vezes o preço entre si. Afinal feiravam, puxando a longa bolsa de malha de retroz do fundo do bolso, correndo-lhe lentamente os passadores, contando o dinheiro, pondo um soldo a mais para os pobres.

Um judeu, operario de lapidaria, abotoado n'uma quinzena de panno verde amarellecido pelas solheiras de seis verões, desejou ter uma rosa do cabaz que adornava o balcão da barraca, e, como dei-

xassem o preço ao seu arbitrio, pagou uma rosa por um florim, deu mais um florim por um alfinete para segurar a rosa á casa da quinzena, e, tendo offerecido ainda um florim para dar um beijo na flôr, deu-lhe dois beijos, pagou mais dois florins, e retirou-se.

Um velho magro, pequenino, vestindo uma sobrecasaca côr de pinhão, á moda de 1830, e uma alta gravata de espartilho, presa atraz por uma fivela, apoiado a uma bengala e ao braço de uma menina sua filha ou sua neta, depois de haver comprado dois abecedarios illustrados e um livro de estampas, voltou mais tarde para receber essas compras que deixára em deposito, e deu seis luizes pelo trabalho de lhe terem guardado por uma hora as suas compras.

Os desenhos offerecidos pelos artistas hollandezes, assim como as photographias de alguns dos seus quadros, assignadas por elles, venderam-se em leilão. No fim d'esta venda, feita officiosamente pelos jornalistas no pavilhão da imprensa, o publico pediu que Mlle Schwartze em beneficio dos pobres de Krakatoa, consentisse em pôr em praça as suas luvas; propozeram depois que cada uma das luvas fosse arrematada separadamente, e compraram-as, uma depois da outra, por seis ou oito vezes o seu peso em oiro.

Visita á *villa* do sr. W..., em Arnhem.

O sr. W., cujo nome indico apenas pela sua inicial porque elle não pertence, como o dos escriptores e como o dos artistas, ao dominio da publicidade, é um rico negociante do patriciado burguez de Amsterdam, onde ha dois annos occupava o cargo electivo de conselheiro da municipalidade.

Comparação feita com os individuos congeneres, julgo poder cital-o sem grande temeridade de generalisação como typo de norma.

Na occasião em que o visitei, o sr. W. tinha deixado havia apenas um mez o seu domicilio de Amsterdam, acabava de fixar-se em Arnhem como commerciante aposentado, aos quarenta annos de edade, e teve a bondade de mostrar-me a sua nova habitação, entre velhas arvores, no meio de um jardim separado da rua por uma grade de ferro.

Construcção semi-urbana, semi-rustica, no moderno stylo inglez. Ao rez do chão o vestibulo; o escriptorio e a bibliotheca a um lado; o salão de musica do lado opposto, communicando com uma estufa; a casa de jantar, a casa do bilhar, a sala de trabalho da sua mulher, a sala de estudo das suas filhas, tendo cada um d'estes dois aposentos o appenso de um pequeno jardim de inverno. No andar corrido sobre o pavimento do rez do chão os quartos de dormir. Magnificos tapetes ao longo de todas as casas, grandes janellas mettendo luz e flôres de todos os lados. Cosinha no sub-solo, e cocheiras ao fundo do jardim.

—Como vê—dizia-me o sr. W.—é uma disposição bastante accommodada á vida facil e dá-lhe o modelo de todas as novas edificações de Arnhem, habitadas em sua grande maioria por commerciantes que descançam, como me succede a mim. A desordem d'esta mudança e o trabalho da minha installação aqui teem-me inquietado muito. A minha mulher, habituada desde a infancia a viver sempre na mesma casa, arranjada e quieta, adoeceu de olhar para os seus moveis em confusão. Teve de vir o medico, que a anda tratando da *mudança de casa,* como de uma verdadeira molestia nervosa, por meio do ether e do bromureto de potassio.

—E não receia agora enfastiar-se um pouco com o excessivo socego que o espera na monotonia de mezes, de annos successivos, sem occupação, sem trabalho?

—Oh! não. Em primeiro logar tenho de ir uma vez por semana ao meu escriptorio de Amsterdam, dirigido agora pelo meu socio. Depois tenho toda a minha educação de espirito para recomeçar; tenho vinte annos de curiosidades intellectuaes que satisfazer. Imagine que ha mais de quinze annos que eu não punha as mãos n'um piano! Beethoven inteiro e todo Mozart para repetir do meu vagar, saboreando, e todo esse montão de musica moderna que ahi está para decifrar! Tenho que reler todos os meus classicos, que não tornei a abrir depois que sahi do collegio, e estou no mais vergonhoso atraso com relação a toda a litteratura moderna. Calcule que desde as *Contemplações* de

Victor Hugo. dos romances de Balzac e de Charles Dickens para cá eu não sei absolutamente nada do que se tem passado na poesia e na arte, e desejo informar-me. No commercio de Amsterdam a assiduidade é tão obrigatoria que apenas de annos a annos é possivel roubar ao trabalho uma semana para fazer uma rapida excursão indispensavel a Londres, a Paris ou a Berlin. Faça idéa que não pude ir ainda á exposição das pescarias em Londres, e ha perto de seis mezes que está aberto esse espectaculo de estudo tão necessario a todos aquelles que se occupam mais ou menos do problema da riqueza, do commercio e da industria, nos pequenos paizes maritimos como os nossos dois, o seu e o meu!

Como todo o burguez de Amsterdam, este homem, que passára nos negocios toda a sua existencia, fallava correctamente, além da sua lingua, o allemão. o inglez e o francez, e tinha luzes de todas as questões sociaes do seu tempo: tres ou quatro idéas claras, nitidamente definidas, sobre a religião, sobre a politica, sobre a educação, sobre a arte; com isto uma grande provisão de factos subordinados ao systema d'essas tres ou quatro idéas fundamentaes e recolhidos na leitura ininterrompida de um bom jornal e de uma revista encyclopedica. É alegre e espirituoso—condição indispensavel ao equilibrio do caracter na convivencia social, porque. como observou Chamford. todo aquelle que não tem a graça e não tem a alegria para sahir por uma tangente do conflicto das opiniões contrarias á sua cae frequentemente na necessidade de ser hypocrita ou de ser pedante. É este o defeito que mais me fere na sociedade allemã e que constitue a causa do fastio que uma grande parte da sua litteratura me infunde.

O hollandez é pela elasticidade do espirito o menos germanico dos germanos, e é por isso que nós outros meridionaes, pelo aspecto da massa humana, pela simples expressão dos gestos e das physionomias. nos achamos muito mais em familia e em nossa casa na Haya do que em Berlin.

O sr. W. não só tem a bondade da ironia, mas tem ainda—o que é um pouco mais raro nos seus compatriotas—o pittoresco da lo-

cução, a quéda para o desenvolvimento da idéa pela imagem, para a gesticulação da palavra. Assim, ao virmos da *gare*, como o seu cocheiro sofreava o cavallo com sacões excessivos, elle, depois de lh'o haver observado, disse-me:

—Este rapaz tem o mau costume frisão de puxar as guias do meu cavallo *como quem puxa a campainha n'uma casa sem gente.*

E com um sorriso benevolo, pousando-me no joelho a palma da mão, parecia significar-me que era tão capaz como qualquer outro de entender os meus hispanholismos, ao contrario do seu patricio Scaligero, que dizia dos biscainhos:—«Consta que elles entendem o que dizem uns aos outros, mas eu não o creio.»

Ao almoço em familia dois unicos pratos abundantes, saudaveis, delicados: um grande salmão fresco, frio, com môlho de *remoulade*, um grande pastel de tordos e uma enorme taça de crystal acuculada de fructa magnifica, pecegos, peras e uvas, e vinho de Johannisberg em antigos copos preciosos da Bohemia, de pés rendilhados, altos, finos e leves como azas de abelhas.

Á mesa, não já servida por uma risonha flamenga de touca e de avental branco, como nos pequenos *ménages* de Amsterdam, mas por um criado em *toilette*, Madame W., vestida de chita, sem uma unica joia, e as suas tres filhas, a mais velha de dezeseis annos, as duas mais novas de seis a oito, sentadas de cada lado da sua mestra allemã,—todas tres, incluindo a mais velha, de vestido curto e avental de jardim, o cabello loiro em duas grandes tranças pendentes, presas por um laço de fita côr de rosa. O filho, de quatorze annos, achava-se ausente em um collegio de Berlin.

Fallou-se de alguns amigos communs de Amsterdam, ácerca dos quaes eu pedi a opinião do sr. W. para o fim de rectificar as minhas impressões por meio da critica hollandeza sobre a sociedade hollandeza.

A respeito de um dos nossos conhecidos disse-me elle:

—Come depressa de mais á mesa, anda esbandalhado, gesticula muito e não sabe estar quieto, direito e calado sem estar constrangido; emfim não é um *gentleman*.

As tres meninas, graves, silenciosas, com os olhos no prato, parecia não escutarem o que se dizia, e julguei que não entendessem o francez, quando o pae, precisando do significado de uma palavra hollandeza, o perguntou á mais nova. Ella respondeu, corando muito, que não sabia.

—Admiro, disse o sr. W.. a menina ainda não fez sete annos; julguei que não teria tido tempo de se esquecer como eu.

Mas, depois do almoço, mais familiarisados, conversando todos juntos, a menina inquirida á mesa disse:

—A palavra que me pediste ha pouco não é *insecte*, como dizias, é *hanneton*.

A simplicidade, a modestia, a alta distincção d'estas meninas levou-me a interrogar seu pae ácerca de algumas circumstancias que me haviam impressionado na educação hollandeza.

Notára, por exemplo, que todos os meninos desde os dez annos fumam na rua como os homens. Notára tambem que todas as meninas de Amsterdam — todas sem excepção — andavam sós ao ir e ao vir da escola; e tive occasião de observar alguns dos inconvenientes adstrictos a este costume. O gaiato de Amsterdam, pelo qual ha nos habitos e na tradição uma complacencia que os hollandezes folgam de citar como um dos testemunhos do seu respeito pela egualdade das condições e pelas regalias do povo, é o mais terrivel gaiato de todo o mundo. O peior *gravoche* de Paris é um cherubim de procissão de aldeia, comparado com qualquer d'estes jovens plebeus do Dam, onde as portas do palacio real lhes estão constantemente abertas e em cujo peristyllo jogam as bolas e o eixo com a mesma familiaridade com que o fariam nas suas casas. Ha festas publicas em que elles teem um logar de honra como expressão symbolica da independencia popular. Se o mordomo-mór da casa real se lembrasse um dia de lhes prohibir o usufruto do vestibulo e das ante-camaras do palacio do Dam, haveria uma revolução na cidade. Eu mesmo segui um dia em Kalverstraat, desde o principio até o fim da rua, um rapaz que successivamente foi pondo a mão na cara de todas as senhoras por quem passou.

Perguntei, pois, ao sr. W. se as suas filhas iam tambem sós para a escola em Amsterdam e se o seu filho fumava.

Ao primeiro d'estes quesitos elle respondeu:

—Perfeitamente. As minhas filhas não constituem singularidade em coisa alguma, e andam sós como todas as outras. É um velho uso tradicional, fóra de discussão, é uma conquista de egualdade feita pelo povo sobre as demais classes sociaes. Todo o habitante de Amsterdam se julga obrigado a dar aos seus concidadãos essa prova de confiança na probidade nacional, no respeito de todos pela inviolabilidade pessoal de cada um. Se algum pae, por temor do que podesse succeder na rua á sua filha, procurasse salvaguardal-a de uma offensa do publico por meio da companhia de um criado, a cidade inteira se julgaria ultrajada, e o individuo que tal fizesse seria unanimemente considerado réu de um attentado imperdoavel, de desconfiança infamante, contra o pundonor nacional, contra a dignidade publica.

—Muito bem—repliquei eu—sómente, como os gaiatos d'Amsterdam abusam d'essa confiança depositada no publico, creio que á auctoridade cumpriria velar pela integridade d'esse deposito sagrado, convindo talvez estabelecer uma policia de *protecção ás creanças*, assim como ha em New-York uma policia de *protecção ás senhoras*, punindo os que lhes faltam ao respeito como se punem os que degradam os monumentos publicos.

— Notou então que elles nos faltem ao respeito? Perguntou-me o sr. W. com os olhos arregalados de surpreza.

E, como eu contasse o caso observado por mim em Kalverstraat, elle, restabelecido do seu espanto:

—Ah! sim... Nós outros a isso não chamamos *falta de respeito*, chamamos *má creação*. Ora comprehende quanto seria tumultuario submetter ás attribuições da policia os factos da educação! De resto —como terá tido occasião de vêr—o publico policia-se geralmente a si mesmo em toda a Hollanda e todas as nossas tendencias com relação aos poderes policiaes são para os reduzir, de modo algum para os ampliar.

Á segunda pergunta respondeu:

—Todos nós fumamos com o mais absurdo excesso. Não pegamos ainda este vicio ás nossas mulheres,—nenhuma hollandeza fuma nem mesmo ás escondidas, como fazem algumas senhoras em França, em Hispanha, na Italia e mesmo na Inglaterra—mas pegamol-o aos nossos filhos. Varias razões contribuem para este abuso: a extraordinaria barateza do tabaco, a humidade do clima, a ociosidade contemplativa das viagens por agua, a tradição flamenga do cachimbo como symbolo da hospitalidade e do descanço domestico... Fumamos todos em contravenção das leis expressas da hygiene e da medicina. D'este modo abdicamos todo o direito a prohibir os nossos filhos de fazerem aquillo que nós todos fazemos. N'este ponto todo o nosso poder espiritual cessou. Resta-nos a tyrannia do poder absoluto e despotico: *Se fumas, castigo-te.* Mas as prescripções d'esta natureza não servem senão para crear transgressores, para animar á falsidade e á hyprocrisia. Impedidos de fumar na rua e diante de gente, é provavel que os rapazes fumassem ás occultas. N'esta contingencia é preferivel que elles tomem o vicio do tabaco a que tomem o da mentira. O meu filho, porém, não fuma. Tenho a certeza d'isso, porque na occasião de partir para a Allemanha, na gare, depois de nos termos despedido, elle chamou-me á portinhola do seu compartimento e disse-me:—Dou-te a minha palavra de honra que não torno a fumar senão quando voltar para casa.

Copio textualmente do meu livro de lembranças estas notas apontadas com o maior escrupulo de fidelidade no caminho de ferro, ao sair d'Arnhem, e tenho a certeza de não attribuir ao sr. W. que *re-vienvi*— elle m'o perdôe!—com a avidez americana do mais indiscreto *reporter*, uma só palavra que elle não houvesse proferido ao retratar-se a si mesmo pelas suas opiniões e pelas suas idéas.

Em quanto na doce hospitalidade d'esta familia eu exercia o meu duro e materialisante officio de analysta, da parte d'elles que simples bondade! que desaffectado e instinctivo carinho!

Para distinguir a parte de egoismo e a parte de affeição de que se

fórma um obsequio, notou um critico, pessimista mas sagaz, que a maior parte dos individuos que gastam uma libra para nos dar um jantar não dispenderiam um vintem, logo que lhes saimos da porta para fóra, para que esse jantar não nos produza uma indigestão. A familia W. collocou-se para mim ao abrigo de tal hypothese. Na occasião em que me despediam, no alto da escada por que se desce ao jardim, Mme. W. notou que eu estava pouco agasalhado para viajar de noite, e uma das suas filhas, indo a correr buscar um *plaid*, veiu trazel-o á carroagem em que o seu hospede de algumas horas, e vindo de tão longe, partia para não voltar.

Era ao cair da tarde, em fins de setembro, quando o tão breve estio dos climas do norte principia a empallidecer na melancolia outonal. Por entre os espessos arvoredos chilreados de passaros o meu trem roda surdamente e suavemente, como nas ruas areadas de um jardim. Ao longo das umbrosas avenidas de Arnhem, clareando de espaço a espaço em ridentes entradas de casas de campo afofadas em flores como aquella que eu deixei, apenas de quando em quando me encontro com um largo landau passeando lentamente uma familia, grupos de creanças bem vestidas acompanhadas da sua alta governante de chapéu de palha e véu verde, e algumas meninas que voltam da matta com os seus cestos de trabalho cheios de fetos e de flores do campo azues e amarellas.

Nem o mais leve indicio da pompa espectaculosa e do luxo ruidoso que de ordinario denuncia os logares habitados pelos enriquecidos de fresco.

Nenhum tambem d'esses caracteristicos e contristantes magotes de negociantes aposentados e nostalgicos que, por não terem mais que fazer depois de terem feito e consolidado as suas fortunas, precisam ainda de se reunir, como na bolsa, para continuar a fallar dos preços correntes, das cotações dos fundos e das fortunas dos outros.

Pelos aspectos exteriores da existencia dos seus habitantes, em grande parte nababos riquissimos, provenientes dos balcões de Rotterdam, d'Amsterdam, da Java, de Sumatra ou de Bornéo, Arnhem pa-

rece antes um recolhimento aristocratico de homens de côrte ou de homens de sciencia, como se encontram em Jerusalem, no Monte Cassino, ou durante o inverno, longe do bulicio das grandes cidades e da intriga das cidades pequenas, como hospedes, desconhecidos, indifferentes uns aos outros, retemperando-se, descançando ou convalescendo, nas tranquillas estações de estrangeiros, nos tepidos jardins solheiros do littoral mediterraneo, — em Cannes, em Nice, em Monaco ou em Sanremo.

Sou obrigado a citar factos. Não me julgo competente para emittir opiniões, tanto mais quanto os factos observados por mim estão em contradição com a maioria dos juizos feitos.

Diz-se geralmente que o hollandez é egoista, desconfiado, incommunicavel, emparedado na sua casa e no seu interesse, rotineiro, insolente e avaro. O viajante inglez William Temple procurou resumir a impressão geral da Hollanda sobre o espirito dos estrangeiros, na seguinte phrase:

«A Hollanda é um paiz em que o caracter nacional inspira mais respeito do que affeição.»

Eu, dois dias depois de ter chegado á Hollanda, perdi-me nas ruas de Amsterdam. Não tendo comigo uma carta topographica, e não descobrindo nenhum dos pontos de relação que conhecia para me orientar, escrevi a lapis na minha carteira o nome da rua a que me dirigia e interroguei, mostrando esse nome, a primeira pessoa que encontrei. Era uma velha mulher do povo, de sessenta a setenta annos, alta, secca, de enormes tamancos, grande touca branca e avental, um chalinho de tres pontas, de malha de lã côr de pinhão, encruzado no peito, longos braços magros e nus, levando uma creança pela mão. Á minha pergunta a sua physionomia enrugada, austera, carrancuda, illuminou-se repentinamente de bondade; a sua grande bocca desdentada espiritualisou-se n'um sorriso; e os seus olhos azues, fitando-me, eram de uma transparencia profunda até á alma. Fez-me um discurso, de que naturalmente não entendi nada, mas deduzi dos seus gestos que era para a direita e não para a esquerda que devia tomar, e isso

me bastava. Ella entrou n'uma ponte; eu tomei a direcção opposta e penetrei na primeira rua á esquerda; mas a trinta ou quarenta passos, um ruido de tamancos atraz de mim, e uma mão que me sugura pelo hombro. É a grande velha magra, que tendo-me visto entrar na primeira rua em vez de entrar na segunda, pegou no seu pequeno ao collo para poder correr mais depressa atraz de mim, e vem dar-me novas explicações. Temendo porém que eu a não entenda melhor agora que da primeira vez, pega-me por uma mão, dá a outra mão ao pequeno, e caminhando assim todos tres, leva-me triumphante até á emboccadura da rua que eu deveria seguir. Abri a minha bolsa e offereci-lhe dinheiro. Não quiz. Esperei então á esquina da rua que ella se fosse embora. Vi-a seguir o canal, atravessar a ponte em que ia entrar quando eu a interroguei, e da outra banda, voltando-se para traz, olhar para mim e dizer-me adeus com a mão.

A figura d'esta mulher ficou-me de memoria. Em quanto a não esquecer eu blasphemaria se concordasse com William Temple em que o caracter do povo a que esta mulher pertence se nos não impõe, primeiro que tudo, pela sympathia.

Durante o mez de setembro habitei, alugado n'uma casa particular, um quarto devoluto por um estudante em ferias. Na agencia em que tratei este negocio, disseram-me que não havia creanças no predio.

Ao segundo dia eu havia porém descoberto que os donos da casa tinham tres filhas, de tres a seis annos de edade, e que de manhã cedo havia todo um drama domestico para as mandar para o *Jardim de infancia*, sem que ellas me acordassem com a sua bulha. Nem o marido nem a mulher comprehendiam as linguas que eu conheço. De que modo fazer-lhes constar que gosto de creanças, e que as suas risadas matinaes me fazem acordar de bom humor e levantar-me contente?... Tomei o seguinte expediente: comprei tres bonecas graduadas em tamanho pelas edades da tres meninas, e ao recolher me á noite, com uma chave da porta que me tinham dado, estando toda a familia a dormir, fui em bicos de pés pôr no corredor, á porta do quarto que suppuz ser o das creanças, as tres bonecas, acompanhadas do meu

billhete de visita, com estas palavras em hollandez—*Da parte do hospede.*

No dia seguinte por volta do meio-dia, *truz—truz—truz* á porta do meu quarto. Eram as tres meninas, vestidas de novo, lavadas de fresco, com os seus cabellos loiros, annelados, cheirando a sol, penteados para cima dos olhos verdes enormes. Acompanhava-as a mãe, uma trombuda antipathica, que fechava a porta do fundo do corredor á chave sempre que me sentia os pés no tapete. Achava-se transfigurada: trazia-me de presente uma chavena de café precioso, e era tão linda quanto o pode parecer uma mulher honesta.

Acocorei-me no chão para cumprimentar as meninas, que a uma por uma me abraçaram pelo pescoço. Em seguida puz-me em pé, e na minha qualidade de pae-avô, dei-lhes a minha benção—coisa que não tenho fé que lhes preste mas que, em todo o caso, se não faz bem tambem não faz mal nenhum,—e lembrando me que ha um latim que toda a gente sabe, disse-lhes:

—*In nomine patris.*

A senhora, entregando-me a taça do café e entreabrindo os seus bellos dentes côr de jaspe, respondeu-me:

—*Amen!*

Foram estas as primeiras e tambem as ultimas palavras que entre nós se trocaram; creio porém que ficamos uns para os outros bons *amigos*—não *respeitadores*, como diz Mr. Temple, amigos, que é mais. E isto, apezar de um bem desagradavel incidente, que de uma vez interveiu nas nossas relações:

Mediante contracto ao mez, faziam-me os patrões servir em cada manhã um almoço constante de uma fatia de salmão fumado ou de carne fria, dois ovos quentes e um bule de chá. Os ovos eram sempre frescos, o salmão ou a vitella escrupulosamente escolhidos, e o chá—como em toda a Hollanda—incomparavel. Sómente, como assucar, tres unicas pedras n'uma bandejinha de prata—o indispensavel apenas para temperar uma chicara, quando o bule era de seis. Não querendo queixar-me, porque perante a pequena somma que eu pagava,

as mesmas tres pedras me pareciam já uma ruina para os meus hospedeiros, comprei eu mesmo n'uma mercearia um kilo de pedras de assucar n'um sacco de papel, e escondi este corpo de delicto da minha gulodice n'uma prateleira do armario, no meio das minhas camisas. Á hora do almoço, depois de me porem a bandeja na mesa redonda no vão de uma das janellas, fechava-me por dentro, ia ás camisas e temperava-me de assucar á redea solta, n'uma verdadeira bacchanal entre mim e a chaleira.

Uma noite, ao recolher-me, accendendo com um phosphoro um dos candelabros da chaminé, que hei de eu vêr?... O sacco do assucar! o sacco do assucar já em menos de meio, e que eu me esquecera de esconder, como de costume, n'essa manhã!

No dia seguinte ao levantar o guardanapo que cobria o taboleiro do almoço, tive o presentimento de que ia vêr alguma coisa terrivel. Effectivamente! a pequena bandeja de prata do costume havia sido substituida por uma bandeja maior, do tamanho de um prato, e dentro d'ella, em vez de tres pedras de assucar, cinco!

Imagine-se que embaçadella para mim!

Economico, o hollandez é-o com effeito. É-o como nenhum outro povo, porque em nenhuma outra parte o caracter do habitante adhere tão estreitamente como aqui á natureza do solo, e em nenhuma outra parte a simples manutenção da terra occupada custa milhões por anno como n'este paiz alagadiço, coberto das mais dispendiosas obras de engenharia.

A casa é excepcionalmente cara como a terra. Em Amsterdam, por exemplo, o trabalho das estacas que servem de alicerces, faz com que cada predio custe tão caro da soleira da porta para baixo, como da ponta do telhado até a soleira da porta.

Tudo isto obriga particularmente e irremissivelmente a ser previdente e a ser poupado, fazendo da economia não só uma virtude domestica mas uma necessidade nacional.

Ninguem despende um soldo mal gasto. Ninguem dissipa.

A ordem economica do *ménage* é de um rigor inexcedivel. A dona

da casa não abandona um momento o mólho das suas chaves. Ella mesma, na presença das suas visitas, abre o armario do aparador na sala de jantar, tira o chá para o bule, o assucar e a caixa dos biscoi-de Deventer, e depois da sobremesa torna a fechar a compota, o vinho que sobrou, e ella propria lava a sua porcellana antiga do Japão e os seus crystaes da Bohemia.

Os criados não teem nunca accesso na despensa ou na adega, e tudo se lhes fornece por conta, as proprias batatas, o pão de cada dia, que recebem em ração, n'um monte de fatias entremeadas de queijo, de pão negro e de pão branco.

Em nenhuma outra parte tem sido estudada como aqui a questão das pequenas perdas accumuladas por inintelligencia ou por desleixo nas grandes industrias, dando em resultado elevar o preço do producto, prejudicando as emprezas e o publico, sem dar proveito algum aos operarios. Foi aqui que o porteiro de uma ourivesaria,—notando que todas as precauções tomadas na officina não poderiam talvez obstar a que uma porção de limalha, trazida no vestido ou no calçado dos operarios, não viesse cahir na escada,—começou a queimar systematicamente as varreduras de cada dia, juntando por tal systema uma bella barra de prata e uma barra de oiro.

O estudo d'este grave assumpto, do qual frequentemente depende que na pratica da mesma industria uns prosperam e outros se arruinam, deu assumpto a um interessante livro escripto pelo sr. Van Marken, director de uma distillaria hollandeza.

Notando a influencia do factor-trabalho sobre a quantidade e a qualidade dos productos obtidos pela unidade de peso das materias primas, o sr. Van Marken resolve o problema offerecendo aos seus operarios uma percentagem, distribuida semanalmente a cada um, pelo rendimento em levadura e em alcool superior á producção media anteriormente obtida sobre egual quantidade de materias primas.

O resultado d'esta proposta, sobre os cuidados empregados na economia da fabrica pelos operarios, até ahi indifferentes ao lucro do patrão, foi que, quatro annos depois, a percentagem alludida dava aos

operarios um lucro de não menos de 30 por 100 sobre o salario de cada um, e correspondia a um lucro analogo para o capital empregado no fabrico.

N'este mesmo livro o sr. Van Marken expõe as razões que o levaram a estabelecer a caixa de soccorros e o montepio dos seus empregados, não sobre uma deducção feita nos salarios mas sobre uma percentagem imposta aos juros do capital empregado. «Aquelle que deseja permanecer ao meu serviço, não deve ser para isso influido pela consideração de que a sua partida lhe faria perder o fructo do tempo consumido na minha casa. Pela minha parte não quero tão pouco ser coarctado na liberdade que me assiste de despedir quem quer que seja pela consideração de que devo apiedar-me de um trabalhador que por esse modo se veria privado da segurança do futuro que se lhe achava garantido pelos annos de serviço até esse momento decorridos. No meu proiecto de regulamento a independencia é completa, já para o operario, já para o patrão.»

O caso do sr. Van Marken dá a medida perfeita do espirito economico da Hollanda applicado á industria.

Extremamente perspicaz, reflectido, perseverante no estudo e na resolução de todos os problemas de economia domestica e de economia publica, o hollandez é da mais singular indifferença para com as fórmas politicas.

Tendo solidamente implantadas e indestructivelmente defendidas as suas autonomias e as suas liberdades municipaes, não presta mais que uma leve attenção superficial, de quarta ordem, á entidade chamada *governo*. Pelo facto de não lhe pedir senão muito pouca coisa, elle confere ao Estado o direito pleno de não lhe dar quasi nada.

A politica interior, cujo interesse e cuja funcção predominante é o regimen das aguas, está, por esse mesmo facto, nas mãos de profissionaes e, constitue, para assim dizer, uma corporação technica presidindo em nome da nação aos interesses collectivos do povo.

O poder do governo, perfeitamente delimitado nas suas devidas

barreiras, toma por esta fórma um caracter espiritual, como o de um medico que o doente escolhe mas com quem não discute. Desde que não confia n'elle manda-o embora e chama outro.

Discursadores não ha. Não ha dilettantismo politico. E como tambem não ha interesses de classe dependentes do favor e do alvedrio do Estado, não existe a intriga como elemento das instituições. Ninguem deseja ser titular.

Cada um é o que é, definitivamente, e para todo sempre. Os individuos de qualquer classe que sejam, aspiram como é natural, a mudar de graduação mas não de categoria.

O negociante mais rico tem uma quinta maior e um maior palacio, um maior yacht, mais flores nas estufas, mais quadros na parede, mais cavallos na cavallariça, mais velludos no salão; mas não deixa por isso de continuar a estar matriculado na praça, a ir ao escriptorio, a sentar-se á carteira e a ter por unica insignia de classe, de quando em quando pelo menos, dentro dos seus armazens, uma penna atraz da orelha.

O rendeiro mais habil ou mais feliz no amanho da fazenda compra um chronometro de platina por 500$000 ou 600$000 réis para a algibeira do seu collete, compra uma tiara de brilhantes para a cabeça da sua mulher ou da sua filha, recheia bem recheiada a adega, offerece Champagne, offerece Romanée-Conti ou offerece Johanisberg (a escolher) ao senhor do solo quando este o visita; mas não cessa por isso de ir em cada manhã e em cada tarde, de tamancos, mugir ou ver mugir os trinta ou trinta e cinco litros de leite correspondentes ás tetas de cada uma das suas vaccas.

Quando a algum cidadão se pergunta se é monarchico ou republicano, elle arregala os olhos, espantado, como quem ouve essa pergunta pela primeira vez na sua vida, e não encontra resposta promppta que dar, porque nunca se consultou a si mesmo sobre essa materia.

A verdade é que elle é conservador, é republicano no fundo, porque a Hollanda nunca foi na sua administração e na sua politica in-

terior senão uma verdadeira republica, e todo o hollandez é harmonicamente o que é a Hollanda.

Entre as proprias classes operarias o moderno movimento socialista, communicado da França ou da Allemanha e habilmente dirigido na Hollanda, segundo me dizem, pelo sr. Domela Nieuwenhius, não consegue excitar paixões de caracter politico. A sra. Luiza Michel passou entre a mais completa indifferença publica na sua recente viagem revolucionaria, de *meeting* em *meeting*, atravez da Neerlandia. Como systema de economia publica creio que em nenhuma outra parte o socialismo entrará tão depressa como aqui na comprehensão geral. O regimen das aguas é o phenomeno mais proprio para exemplificar esse systema.

Em nenhum outro paiz está mais diffundido o systema de associação. Todos os trabalhadores hollandezes se acham associados; mas estas corporações operarias teem fins technicos ou fins de assistencia mutua, e não fins politicos. Todas as *grèves* feitas até hoje se teem resolvido rapidamente e pacificamente.

A aristocracia de sangue, a antiga nobreza de espada, não tem preponderancia nem exerce influencia alguma na opinião ou no espirito do paiz. Consta de um pequeno numero de familias grupadas em torno do tradicional prestigio dos Nassaus, e contenta-se em não ter feito fallar de si desde que morreu no seu quarto de rapaz na rua Auber em Paris o mallogrado principe herdeiro, o sympathico *Citron*, que preferiu o *boulevard* de que morreu ao throno dos seus antepassados.

Em vida do principe primogenito alguns jovens fidalgos seus companheiros eram vistos algumas vezes fóra d'horas nas ruas da Haya, que não raramente amotinavam com patuscadas nocturnas.

O herdeiro sobrevivente, o principe Alexandre, uma especie de Hamlet, scismador, doente, odiava as mulheres, os prazeres ruidosos, as convivencias mundanas; vivia só, sobre os seus livros e as suas revistas, estirado n'um *fauteuil*, as pernas envoltas n'um *plaid*, fechado n'um quarto, rodeado de papagaios e de catatuas.

Desgregados uns dos outros por falta de um centro de connexão heraldica, depois da morte do principe primogenito e do recolhimento definitivo do rei na intimidade conjugal em seguida ás suas segundas nupcias com a rainha Emma, os jovens fidalgos desappareceram quasi inteiramente da convivencia e das vistas do publico.

Um symptoma caracteristico do sentimento de egualdade social é o aspecto geral do povo nas grandes reuniões em que elle concorre com as demais classes vulgarmente chamadas superiores.

Estive um dia no palacio da exposição em Amsterdam emquanto o rei, a rainha e algumas pessoas da côrte, em companhia do burgomestre da cidade, do commissario da exposição hollandeza e de alguns commissarios estrangeiros, visitavam as galerias. Ao longo de toda a grande nave central, nos sofás circulares de flacidas molas, cobertos de magnifico velludo de Utrecht e abrigados como debaixo de um guarda-sol pela ramagem de soberbas plantas tropicaes plantadas em grandes vasos de velho bronze japonez, trabalhadores dos campos circumvisinhos, operarios das fabricas amsterdamenses, marinheiros em folga—todos em *toilette* de gala, casaco preto, lenço de seda preta ao pescoço, chapéu alto, argola de oiro na orelha—repousavam lunchando desceremoniosamente em familia com as suas mulheres. Circulavam entre os mais abastados as sandwichs e as garrafas de cerveja, entre os mais pobres, o pão simples e uma garrafa d'agua trazida de casa na algibeira ou n'um sacco. Toda esta gente, apoderada dos melhores logares, era completa e absolutamente indifferente ao aspecto hierarchico das pessoas que transitavam em torno. Nem os esbeltos officiaes belgas e allemães, em grande uniforme de parada, fazendo tilintar marcialmente os sabres por cima dos tapetes; nem as lindas *touristes* da Inglaterra e dos Estados-Unidos, nas deliciosas *toilettes* com que vinham de descer o Rheno em viagem de prazer; nem os veneraveis representantes da Germania douta, de oculos de oiro, narizes abatatados e vermelhos, cabellos até os hombros e collarinhos suados de verde; nem os grandes da côrte; nem a rainha, de vestido branco, um pouco *boulotte*, risonha, affavel; nem

o soberano, alto, robusto, marcial, trazendo desempenadamente o peso dos seus setenta annos de edade, desbarretando-se automaticamente para a direita e para a esquerda, conseguiam demover do seu invejavel socego a gente feliz que desfructava nos divans da hospitalidade internacional o seu dia de repouso e o seu meio florim de entrada!

Os bons homens, sadios, gordos, bem sentados em cheio, de cabeça alta, as pernas abertas, olhavam consoladamente, de boccas cheias, mascando. Dois jovens frisões, um rapaz e uma rapariga, vinte annos cada um, noivavam ali mesmo, completamente abstraidos de tudo o mais, os dedos entrelaçados, os olhos fitos de um no outro, immoveis, commovidos, magnetisados de ternura. Gordas mães de familia, mansas e serenas, com as mãos cruzadas sobre os estomagos, degeriam com beatitude. Velhas avós acarinhavam o seu pequeno neto, faziam-lhe as honras da festa, descalçando-lhe as botas, esticando-lhe as meias, tornando a atacar-lhe as botas, dando-lhe de um embrulho fatias de pão com manteiga.

E tudo isto se fazia sem o minimo intuito de faltar ao respeito ou á consideração que os outros merecem, mas por mera convicção ingenua, amavel mesmo, de que o meio florim d'elles é garantidamente tão bom como o de qualquer outro, e que até sua magestade el-rei tomaria por desfeita que, só por o verem, elles deitassem a fugir de um bom sofá que ali pozeram para elles se sentarem, e em que elles se acham bem.

Á noite tornei a vêr estes mesmos sujeitos ou outros eguaes, nos *promenoirs* do Eden-Théatre, nos cafés-concertos, ou a cear no jardim de Kranapolsky; e em todos estes sitios, tão indifferentes á outra gente e tão contentes em si mesmos como se se achassem *nas suas proprias casas,* como entre nós se diz; porque para nós, os ricos theatros e os cafés de luxo são unicamente *as casas dos outros.*

Mettam o dinheiro que quizerem na algibeira de um lavrador minhoto, e ponham-o em Lisboa com obrigação de o gastar, a ver se mesmo assim elle se atreve a tomar uma cadeira em S. Carlos para

ouvir a opera, ou a entrar no hotel Bragança para jantar por 1$200 réis á mesa redonda!

No Bignon de Amsterdam, onde os preços regulam pelo dobro dos do *Café Anglais* ou da *Maison Dorée* em Paris, um boieiro ou um creador de cavallos da Norte-Hollanda ou da Frisa, entra desafogadamente com as suas calças de velludo, com o seu bonnet na cabeça, o seu cabo de açoite debaixo de um braço, a sua mulher pelo outro, senta-se no meio dos embaixadores que lá estiverem a jantar, bate com o latego na mesa tão desenganadamente como um dos seus confrades do Ribatejo bate no lombo de um macho, chama um criado, e faz-se servir um jantar para elle e para a sua familia, exactamente egual ao dos representantes das grandes potencias abancados em redor.

Um unico exemplo da firmeza de opinião e da teimosia nacional:

Uma noite, á hora de principiarem os espectaculos, encheu-se de passageiros um omnibus da carreira do Dam para o theatro do Parque. Os homens com os seus binoculos, as senhoras nos seus agasalhos, esperavam que a carruagem largasse, quando o conductor á portinhola previne os srs. passageiros de que a companhia resolvera augmentar dez centimos de florim ao preço da corrida da noite. Um passageiro toma a palavra em nome do publico, e pergunta como e quando fez a empreza conhecer essa nova disposição. O conductor responde que a empreza não fizera ainda publicar annuncio, mas que por tal motivo elle prevenia de antemão os srs. passageiros para que houvessem de se apear aquelles que não acceitassem o novo preço. O que fallava em nome do publico replicou que, não tendo tido publicidade solemne a resolução tomada pela empreza, o publico tinha o direito de não se apear, e de ser conduzido pelos preços estabelecidos. O conductor observou que em taes condições não partia. O publico insistiu em que não se retirava. E, sem mais discussão alguma de parte a parte, ficou o omnibus parado na praça do Dam com os passageiros dentro, a portinhola aberta, o conductor á espera. Ás dez

horas da noite o cocheiro desengatou os cavallos e foi com elles para casa. Ás dez e meia o publico apeou e foi-se deitar.

Ninguem tinha ido ao theatro, mas tambem ninguem se tinha deixado torcer. Os passageiros perdiam uma noite de espectaculo, mas a empreza dos omnibus, perdendo egualmente uma noite de lucros, aprendia á sua custa a ser correcta nas suas relações com os habitantes de Amsterdam.

Nas grandes occasiões o hollandez perde a vida com a mesma firmeza e com a mesma simplicidade com que perdeu o espectaculo d'essa noite. N'esses casos a teima toma o caracter de heroismo, e para ter exemplos d'essa fria coragem é escusado recuar até ás guerras memoraveis do seculo XVI e do seculo XVII. A pureza da raça é ainda hoje á mesma, porque a bravura hollandeza exerce-se em cada dia na escola permanente da luta com o mar. Ainda em 1835 n'um recontro com a. esquadra belga, o joven official Van Speik, commandante de um pequeno navio, intimado a render-se, respondeu *não;* e para manter illesa a sua palavra e impolluto o seu pavilhão, deitou fogo ao paiol e foi com a embarcação pelos ares.

Rotineiro é tambem o hollandez,—rotineiro das suas tradições, dos seus costumes, dos seus principios; e é essa a grande base da sua força cohesiva como nação, e da sua originalidade como povo.

Aos domingos de tarde em Amsterdam e em Rotterdam encontram-se a passear em Vondelspark ou em Diergaarde velhos burguezes que usam ainda hoje as suas gravatas, os seus colletes e as suas sobrecasacas de 1830 ou de 1840, de panno côr de pinhão, semelhante ao nosso antigo *panno de varas,* com altas gollas de velludo até á nuca.

Grande numero de ricos banqueiros vestem-se invariavelmente de preto, usam suissas em fórma de costelletas, sem bigode, e quando vão com as suas familias ao campo, mandam um caixeiro esperal-os com um chapéu de palha fóra da cidade, a fim de não serem vistos sem chapéu alto dentro de um certo raio do centro do commercio, na zona da Bolsa.

Outros porém, em identicas condições de riqueza e de respeita-

bilidade, vestem-se ligeiramente e á moda, trazem bigode, usam fatos completos de quadrados escocezes, ou côr de mostarda, e vão á Bolsa de chapéu côco e gravata encarnada.

Por coisa nenhuma do mundo o burguez de bigode se vestiria de preto e poria o chapéu tubo do burguez de suissas; por coisa nenhuma o burguez de suissas consentiria em pôr ao pescoço uma gravata semelhante á do burguez de bigode.

Ouvi a alguns d'elles a explicação d'isto. É que a maneira de vestir, de usar a barba, de pentear o cabello, de empunhar a bengala, ou de sobraçar o chapéu de chuva constitue para cada individuo uma parte integrante da sua personalidade, um complemento da sua expressão de caracter, e entre hollandezes attenuar a individualidade por fraqueza perante a corrente da opinião dos outros, ceder um apice da integridade das idéas, das convicções, dos principios—ainda quando isto se não manifeste senão do modo mais tenue, na apparencia mais superficial, pelo nó da gravata ou pela côr das luvas,—essa oscillação de inteireza, esse vago indicio de pusillanimidade considera-se um descredito e uma deshonra.

Por tal motivo, na Hollanda, uma quantidade de «caturras» como se não encontra em nenhuma outra parte. Ora o caturra é no organismo social o musculo de mais energia e de mais resistencia. O que nós chamamos um «caturra» é o homem que tem uma convicção firme e inabalavel, olhado atravez do criterio d'aquelles que não teem convicção nenhuma.

Nos costumes, os mesmos aspectos de persistencia que se notam nos vestuarios.

Em Nimegue o sino grande da torre de vigia tange ainda todas as noites como no seculo IX a hora de *tapar o lume*. A esse dobre compassado e lento chamam os habitantes a *oração de Carlos Magno*. Ha poucos annos um novo burgomestre de espirito reformador mandou por sua conta supprimir essa velharia. Á hora do costume os de Nimegue não ouvindo o toque do sino alvoroçaram-se: abriram-se as janellas, abriram-se as portas, os moradores sahiram sobresaltados á rua, o bur-

gomestre foi constrangido a retirar a ordem que déra; e o sino da torre da cidade continúa como ha perto de mil annos a bater no silencio da noite a hora da *resa de Carlos Magno.*

No dia 30 de outubro, anniversario da victoria de Leyde, em quasi todas as cidades hollandezas os habitantes distribuem a quem a quer acceitar uma sopa de legumes, o *hutspot*, egual á contida na marmita que um rapazinho de Leyde trouxe do acampamento hispanhol em que penetrara, como prova de estar abandonado o assedio.

Em Harlem, quando uma habitante dá á luz uma creança, existe ainda em algumas casas o costume de lhe pendurar á porta uma roseta de rendas, côr de rosa se o recemnascido é um rapaz, côr de rosa e branca se é uma rapariga. E não ha muitos annos ainda que este gracioso symbolo tornava o predio inteiramente inviolavel, mesmo á acção da justiça e da lei. Nem o burgomestre nem o juiz tinham o direito de bater sob qualquer pretexto que fosse a essa porta sagrada. Nem a letra vencida, nem a conta para pagar, nem especie alguma de divida auctorisavam o credor a perturbar durante o espaço de oito dias o asylo d'aquella que dera á Hollanda mais um cidadão. Estes privilegios desappareceram da lei, mas manteem-se ainda praticamente nos usos geraes.

No tempo em que florescia em Leyde com o seu maior esplendor a rica industria dos couros, hoje deslocada pela fabricação ingleza, um repique do sino da egreja chamava os moradores á feira dos couros em cada dia. Presentemente o mercado acabou, mas o antigo repique continúa a acordar alegremente a cidade ás quatro horas da manhã.

Sob o governo feudal dos condes da Hollanda, havia um dia do anno em que o povo de Harlem tinha o direito de caçar livremente nas coutadas dos senhores. Esse anniversario continúa a ser celebrado na cidade, cujos habitantes, em commemoração de tal facto, se banqueteiam largamente, em certo dia, com um guisado de coelho e hervilhas.

A soberba e a arrogancia das classes enrequicidas nas cidades

commerciaes da Hollanda é tão fallada que se tornou proverbial como a da aristocracia bancaria nos Estados Unidos.

E, todavia, em parte alguma do mundo é tão simples e tão modesta como aqui a vida usual da gente rica.

Nunca vi uma senhora amsterdamense vestida de seda na rua. A toilette usual de uma mulher bem vestida nunca representa um valor superior a tres ou quatro libras.

Todo o serviço domestico é feito por mulheres. Não se vê uma libré, e os criados de casaca preta e gravata branca são os criados do publico — os moços dos hoteis, dos restaurantes, dos cafés e dos clubs — raramente os de uma casa particular.

Nos tramways, que são concorridissimos e cujo serviço se acha montado em Amsterdam com uma perfeição sem rival na Europa, o sentimento da egualdade das condições é manifesto. Cada passageiro que chega cumprimenta o conductor, cumprimenta o cocheiro, offerece-lhes charutos, palestra com elles.

Ás esquinas das ruas ha *ciceroni*, ha interpretes, ha guias, que ganham ordinariamente um florim por hora de serviço, mas nada mais difficil do que encontar um moço de fretes. Cada um transporta comsigo mesmo as suas compras em grandes embrulhos debaixo do braço.

De uma vez, tendo mandado fazer em Kalverstraat uma caixa de madeira de pinho das dimensões de um metro quadrado para o fim de embalotar um quadro, não pude encontrar um carrejão que m'a transportasse até a casa, e, tendo pressa e não havendo estação de carruagens em Kalverstraat, levei eu mesmo a caixa suspensa do hombro por uma corda. Não fiz mais impressão na multidão levando este carreto do que se levasse unicamente o meu chapéu de sol. De outra vez que, pelo contrario, eu principiei a subir o Chiado trazendo debaixo do braço um melão que comprara na praça da Figueira, este simples successo produziu tal commoção na rua que eu apressei-me a trespassar o volume a um dos cem moços de recados que estacionam n'aquella bem conhecida via publica, com medo de que os viandantes e os caixeiros das lojas, que começavam a assomar ás port as

me batessem. Melão por melão, levo-o eu; mas bordoada por bordoada, prefiro dar um pataco a quem tenha por officio leval-a por mim.

A ausencia completa de apparato e de pompa exterior está nas raizes mesmas da sociedade hollandeza.

Em 1608, quando os embaixadores hispanhoes vieram a um dado ponto dos suburbios da Haya para assignarem o celebre tratado de tregoas, viram desembarcar do canal alguns homens pobremente vestidos, que se sentaram em circulo na relva e almoçaram no chão, pão, presunto, queijo e cerveja, que traziam n'um alforge. Esses homens eram os deputados dos estados hollandezes, que vinham negociar com os embaixadores castelhanos a paz soberba que tinha de ser para toda a Hispanha a certidão d'essa queda profunda, da qual, ao cabo de perto de trezentos annos, a Peninsula Iberica não conseguiu ainda levantar-se.

No museu da Haya conserva-se o humilde vestuario que usava no cumulo da grandeza e da gloria e que tinha em si na occasião em que o assassinaram Guilherme o Taciturno: uma camisa de forte linho caseiro da Hollanda, furada por duas balas, um calção de panno grosso, um justilho de pelle de bufalo e um chapéu feltro de grandes abas.

As casas do almirante Ruyter e do pensionario João de Witt existem ainda e são da mais expressiva modestia.

Ruyter varria elle mesmo o quarto que habitava em Amsterdam e João de Witt não tinha senão um unico criado.

A mulher de Rembrandt, a bella Saskia van Uylenbourg, entendendo-se que usava joias em demasia, foi advertida pelas auctoridades competentes para que cessasse de escandalisar pelo seu luxo a gente honrada de Amsterdam.

Rembrandt, no tempo da sua maior prosperidade, quando habitava a casa que hoje tem os numeros 2 e 3 em Joden Breestraat, predio que comprára e em que reunira a peso de oiro uma das mais bellas collecções de arte que ainda existiram em poder de um particular, vivia elle proprio tão sobriamente como se nunca houvesse saido do moinho

paterno, e elle mesmo conta que nunca almoçou mais que um arenque salgado, um pouco de queijo e um pedaço de pão.

Esta singeleza de habitos, continuada na tradição, persiste ainda, como disse.

Na côrte mesmo é desconhecido o *fausto* que em outros paizes se tem por indispensavel ao prestigio da realeza.

Os dois principes filhos do actual soberano formaram-se ambos na universidade de Leyde, onde seguiram os cursos e fizeram os seus exames como outros quaesquer alumnos. O principe Alexandre, recentemente fallecido, era membro do club dos estudantes, para onde ia fumar e beber cerveja todas as noites, e dava e acceitava jantares entre condiscipulos, como o melhor camarada.

A rainha passeia a pé nas alamedas publicas da Haya, e, quando está cançada, senta-se no primeiro banco que encontra, ao lado de qualquer outra mulher e conversa com ella como de egual para egual.

Esta lhaneza geral communica-se aos proprios viajantes, pega-se aos estrangeiros.

Um rico *clubman*, de Londres ou de Pariz, que levasse na Haya a mesma vida que passa no Boulevard ou em Pall Mall, produziria ainda hoje o mesmo escandalo e o mesmo desprezo com que outr'ora foi recebido o precioso e adamado conde de Leycester, enviado da rainhà Elisabeth.

A imperatriz d'Austria, cuja elegancia assombra Pariz, vive em Amsterdam, no tempo que passa aqui todos os annos, como a mais obscura burgueza..

A rainha da Suecia, durante os mezes que em dois annos successivos residiu em Amsterdam, tratando-se com o celebre dr. Mezger, nem carruagem tinha, e tomava o tramway todas as manhãs para fazer as suas compras ou as suas visitas.

Existe—é certo—uma especie de pragmatica, uma etiqueta burgueza. Assim, por exemplo, um grande negociante de Amsterdam não se resignaria facilmente a habitar outro sitio que não seja o Heeren-Gracht *(canal dos senhores)*. Este canal é o *faubourg Saint-Germain*

do patriciado commercial, e os seus habitantes preferirão ir para um hotel a ter casa n'outro sitio. As senhoras d'este bairro julgar-se-hiam decahidas da consideração que devem a si mesmas se saissem de casa antes das duas horas da tarde, se fossem pessoalmente fazer compras ou ainda se as deixassem fazer pelas suas criadas. Ha todo um exercito de intermediarios incumbidos de levar regularmente todos os fornecimentos de copa, de cosinha, de guarda-roupa e de mobilia ao domicilio d'estas damas.

Mas estes factos são mais um resultado da rotina do que uma ostentação do orgulho. É a tyrannia do habito, base de toda a vida hollandeza, e graças á qual cada familia é um baluarte em que todas as tradições se guardam e se defendem, em que as novas conquistas penetram difficilmente na pratica, mas nunca mais se perdem.

É frequente nos bairros novos de Amsterdam o espectaculo da preparação das estacas sobre que assentam todas as edificações da cidade. Um operario monta como se estivesse a cavallo na extremidade de um dos longos mastros que teem de servir de supporte ao alicerce, e crava no pau, ás martelladas, um prego de grande cabeça chata; junto d'esse prego martella outro, o em seguida outro — todos juntos, cerrados, sobrepostos cabeça com cabeça — e assim successivamente, até que toda a superficie da trave se ache por esse modo revestida por uma couraça de ferro inteiriça, compacta, sem uma só falha. A trave assim blindada é a estaca. As innovações e as reformas só adherem na Hollanda pelo modo como adhere a escama de ferro á estacaria: lentamente, pacientemente, systematicamente, por contiguidade, por juxtaposição — e ás martelladas.

Para ajuizar do caracter de um povo é util, é quasi indispensavel para um estrangeiro consultar a sua litteratura satyrica. A critica nacional de uma sociedade é de ordinario o seu retrato mais parecido, feito por ella mesma em caricatura, ao espelho. O grande humorista hollandez chama-se Dowes Dekker, mais conhecido pelo seu caracteristico nome litterario de *Multatuli*, e é um dos escriptores mais impre-

vistos, mais inesperados, mais estranhamente originaes que eu tenho lido.

Um dos seus livros mais celebres tem por assumpto a administração da Java, e intitula-se *Max Havelaar*.

É, exposta sob as aventuras do seu heroe Max Havelaar, a autobiographia administrativa do auctor, subprefeito em uma das regencias do archipelago javanez. É tambem a critica das idéas e dos costumes burguezes da metropole. É um quadro da vida européa e da vida indigena na India neerlandeza. É ainda um libello terrivel contra o governo hollandez e contra a sua politica colonial. É emfim, intermittentemente e cumulativámente, uma memoria de direito publico, um relatorio official, uma farça, um *dies irae*, um idyllio, uma blasphemia, uma revolução, um romance e um monumento d'arte.

Suppõe-se que a historia de Max Havelaar, contida nos papeis de um individuo conhecido por *o homem do chale manta*, caíra em poder de um commissario de café em Amsterdam, socio da firma Last & Companhia, canal dos Loureiros n.º 37, e é pela narrativa d'este personagem, representando a psychologia do burguez typo de Amsterdam, que principia a obra. Vem depois o manuscripto do *homem do chale-manta*, que o do canal dos Loureiros entrecorta de notas, de commentarios e de refutações. Mais adiante é o proprio Havelaar quem falla. Por fim toma directamente a palavra, contra toda a logica da ficção até ahi adoptada, o auctor Multatuli.—Tal é em resumo a disposição geral, intercadente, desordenada, revolta, do livro de Dowes Dekker. As paginas em que o negociante da razão social Last & Companhia, falla de si, dos seus principios, dos seus sentimentos, das suas idéas são de um humorismo escalpellante, á mais crua maneira de Carlyle, de Henry Heine ou de Jules Valès. O «snob» de Amsterdam define-se a si proprio em quatro traços de uma concisão magistral. Eis algumas das suas mais caracteristicas opiniões:

«O amor—dizem—é a beatitude! Arrebata-se o objecto amado—um objecto qualquer—e foge-se com elle para o fim do mundo. Toleima! Ninguem ousará affirmar que eu me dê mal com minha esposa.

É uma das filhas de Last & Companhia, commissarios em cafés. Nunca houve que dizer á nossa união. Sou membro subscriptor do jardim *Natura artis magistra* (a natureza é mestra da arte) minha mulher tem um chale de cem florins, e nunca se pensou em minha casa em ir viver para o fim do mundo! Consumado o nosso consorcio, fizemos uma pequena excursão á Haya. Ahi comprámos flanella, de que minha mulher confeccionou camisolas, que ainda hoje uso. O amor jámais nos levou para além da Haya. Sou por accaso menos feliz que os insensatos que entisicam ou calvam por amor!?

«Fazer versos é um officio como qualquer outro, menos difficil todavia que o de tornear marfim, e a prova é que os rebuçados com versos são muito mais baratos do que as bolas de bilhar.

«A poesia, por causa das rimas, impelle a mocidade á mentira.

«Admitto que versejem, se gostam, mas que não mintam.

Ella morria
Era meio dia

«Para elles está muito bem, porque rima. Para mim é preciso que effectivamente ella morresse e que fosse em verdade meio dia. No caso contrario exijo que se diga

Ella gosava perfeita saude
Era meio dia

ou ainda:

Ella morria
Eram onze horas e quarenta e cinco minutos da manhã.

«Os romances não são mais do que apontoados de falsas declarações. Se, no meu ramo de comercio — sou commissario em cafés e moro no canal dos Loureiros n.º 37 — eu fizesse a um commitente uma declaração com a millesima parte das petas que veem em qualquer romance, o commitente suspenderia logo as suas relações comnosco e dirigir-se-hia a Busselinck & Waterman. Busselinck & Waterman são

egualmente commissarios de café, mas é inutil saber-se onde elles moram. «O theatro é outro foco de corrupção e de falsidades. O heroe da peça cae ao mar, um homem que ia fallir d'ahi a dois dias salva-o das ondas.

«O afogado dá metade da sua fortuna ao seu salvador. O publico applaude. É estupido!

«Ainda o outro dia me caiu a mim o chapeu ao Canal dos Principes, dei quatro soldos a um gaiato que m'o foi buscar, e elle desfez-se em agradecimentos. Se me tivesse ido buscar a mim mesmo dar-lhe-hia mais alguma coisa do que por me ter ido buscar o chapeu, mas nunca metade da minha fortuna .. D'essa maneira bastar-me-hia cair á agoa duas vezes para ficar completamente arruinado. Todo aquelle a quem não convier salvar-me mais barato do que por metade do que eu tenho, que me deixe em paz e que me não salve! Advirto que se me afogar ao domingo darei mais alguma coisa a quem me tirar para fóra, porque aos domingos ponho o grilhão no relogio e ando com o casaco novo.

«O trabalho de que se vae buscar exemplo ás peças de theatro é curioso!

«Uma donzella cujo pae se arruinou com asneiras, passa a vida a trabalhar n'uma mansarda. Contem os pontos que ella dá durante um acto inteiro! Suspira, vae á janella, passa a mão pela fronte, atirou com dois seductores pelas escadas a baixo, e exclama a todo o momento: «Mãe! minha pobre mãe!» É a heroina da peça e representa a virtude. Mas precisa de um anno para fazer um par de meias!

«A mentira fervilha em cada scena. Quando o heroe se resolve a ir salvar a patria e sae magestatico pelo fundo, hão de notar que ha sempre ao fundo uma porta que se abre sem ninguem lhe bolir.

«Depois, como é que uma pessoa que falla em verso, sabe o que a outra lhe vae responder para lhe preparar a rima? — *Senhora, as portas fechadas...* — *Desembainhem as espadas!* — Perdão! se a princeza ao saber que se fecharam as portas resolvesse voltar n'outra occasião, ficava estropiada a rima. Não é então uma brincadeira de pes-

simo gosto pôr o general d'olhos esbugalhados para a princeza a ver o que ella delibera depois de fechadas as portas, como se o general não soubesse perfeitamente, pelos ensaios, que ella não pode resolver outra coisa senão que *se desembainhem as espadas!?*...

«Teimam tambem os auctores em recompensar a virtude. Mas se a virtude fosse sempre recompensada, não havia melhor modo de vida n'este mundo! Recompensar os virtuosos é affligil-os porque é tirar-lhes o merecimento. Lucas, que foi nosso caixeiro, portou-se sempre com honra e com zelo. Um dia demos-lhe 300 florins a mais para um pagamento e elle restituiu-os. Presentemente deu-lhe a velhice e o rheumatismo, não pode trabalhar, e está na miseria. É um virtuoso. Respeito-o. Mas não o recompenso. Se o recompensasse tirava-lhe a gloria de ter virtude. Eu estou bem de meios, porque trabalhei para isso. Os meus lucros veem-me do comercio. Sou tambem virtuoso, tanto como o Lucas, mas sou-o de graça. Não levo nada a ninguem por isso.

....

«De uma vez, em rapaz, andando no Lyceu, fui com os companheiros da aula de grego á Kermesse de Amsterdam, e parámos em frente da barraca de uma linda grega que vendia perfumes. Resolvemos tirar á sorte sobre qual de nós havia de entrar na barraca e dirigir-lhe em cumprimento os primeiros versos da *Illiada:* «Canta, ó deusa, a colera, etc.», terminando por lhe declarar, sempre em grego, que o Egypto é um dom do Nilo. Hesitei, por que ao lado da grega se achava um grego excessivamente barbado, e eu não gosto de correr nem de arrostar com perigos inuteis. Sou pae de familia, e tenho por doido todo aquelle que voluntariamente se mette em trabalhos. Regosijo-me, pois que as minhas idéas ácerca do perigo são ainda hoje precisamente as que tinha na infancia! Mas um dos meus companheiros empurra-me. Caio em cima da grega. O descedente de Leonidas agarra-me pelas orelhas e ainda me estaria a desancar, se um dos meus companheiros, tendo entrado pelo fundo da barraca, não tivesse estendido no chão com um murro o feroz perfumista dos Dardanellos,

natural de Paris. Disseram-me que o meu salvador levára mais tarde do refalsado grego a coça que elle me destinava. Não o juro porém, porque não vi. Firme no proposito de nunca me metter nas questões dos outros, a primeira coisa que fiz desde que me achei solto foi retirar-me com a maior velocidade que pude dar ás pernas, tirando do caso a lição moral que elle encerra e cujos beneficios reparti com meus filhos prohibindo-lhes expressamente de pararem nas Kermesses em frente de barracas onde haja gregas.»

Vinte annos mais tarde esse antigo companheiro escreve-lhe uma carta referindo-lhe que está pobre e que deseja trabalhar, porque lhe faltam os meios de subsistir. O do canal dos Loureiros exclama:

«Que um homem pobre diga que é pobre, comprehendo e não lh'o levo a mal. É conveniente haver pobres, é mesmo uma necessidade para a sociedade que os haja. Comtanto que não peçam esmola e que não apoquentem a gente, os pobres não fazem mal nenhum. Longe de mim oppòr-me a que existam pobres! Mas pedir um emprego pela razão de que se está na miseria, fazer da pobreza uma réclame para empregado é abusar de mais. *Dar commodidades á sua familia!... educar os seus filhos!...* O sujeitinho acho que quer que a mulher tenha um camarote na Europa e que o filho vá estudar para Genebra! Que me dizem ao pobre, heim?»

Como se vê d'estes excerptos cada phrase é uma frecha que silva, que relampeja no ar e bate certo no alvo, varando-o de lado a lado. As ironias tão profundamente mordentes de Dows Dekker teem o grande valor critico de nos mostrar o reverso da medalha da civilisação hollandeza por meio da delicada operação litteraria que consiste em descozer a pelle do burguez e em o virar com o de dentro para fóra na ponta de um alfinete. Note-se como nos trechos citados cada um dos defeitos propostos corresponde á qualidade fundamental de que elle é a expressão burlesca! O que vemos por baixo das opiniões do socio da firma Last & Companhia ácerca do amor, da poesia, do

romance, da litteratura dramatica, do desinteresse, do trabalho, da riqueza, da miseria, é a ausencia completa de sentimentalismo e de litteratismo; é o odio rancoroso a todos os artificios da phantasia e da rhetorica; é o culto fanatico da simples verdade pratica, estreita, monotona, terra a terra, definitiva; é a logica cerrada da profissão, a equação da compra, da venda e do lucro, rigorosamente applicada a todos os phenomenos do universo; é a consciencia, o contentamento e o orgulho de classe affirmando-se com a força de um baluarte inexpugnavel.

Peguem no typo mais idealmente perfeito do mercador exemplar com todas as suas virtudes profissionaes e domesticas, vejam-o atravez do temperamento sensivel, delicado e nervoso de um tão fino artista como Dows Dekker, e terão Last & Companhia.

Quem não conhece agora a differença entre as duas burguezias de Portugal e da Hollanda?

Tomem o nosso mercador nacional, supponham-o submettido á acção dos mesmos reagentes por que passou o typo do mercador hollandez no livro de Multatuli, e examinem-o precipitado.

O «snob» logista do Chiado ou da rua do Oiro, banqueiro da rua dos Capellistas, negociante da rua das Flores ou da rua dos Inglezes no Porto, desde que se incumbisse de editar e de anotar um romance, começaria por se apresentar como romancista a si proprio. Ou não fallaria das suas viagens ou fallaria d'ellas para citar o Boulevard, Hyd-Park e as côrtes estrangeiras. Consideraria um desdoiro deixar presentir que usasse camisolas de flanella feitas por sua mulher. Pelo que respeita ás artes, ás sciencia, á poesia, ao amor, abundaria nas idéas do ministro da marinha e da litteratura do seu partido, e reforçar-se-hia com citações de escriptores bemquistos. Finalmente no tocante á pobreza seria pela caridade, citaria o augusto nome de sua magestade a rainha, bem como o de Victor Hugo, e recommendar-se-hia discretamente á munificencia regia por meio de uma allusão delicada aos actos da sua propria philantropia.

Nem todo o homem de commercio portuguez procederia assim,

é claro; mas seria esse o typo generico das opiniões do snob nacional, e é o snob hollandez que serviu de modelo ao personagem retratado por Multatuli em *Max Havelaar*.

Chamo-lhe «snob» porque não conheço senão a palavra ingleza, e não posso inventar outra, para designar essa categoria de individuos, essencialmente conservadores e ordeiros, que em cada civilisação constituida e tradicional representam o poder de resistencia inerte que tem nas sociedades a grande massa da banalidade satisfeita e gloriosa. No *Livro dos Snobs* o grande Thackeray diz: «*Todo aquelle que admira mesquinhamente as coisas mesquinhas não é mais que um snob. É essa talvez a exacta signicação d'essa palavra e do typo que ella representa.*»

Um ultimo traço:

Voltaire, que escreveu o celebre verso

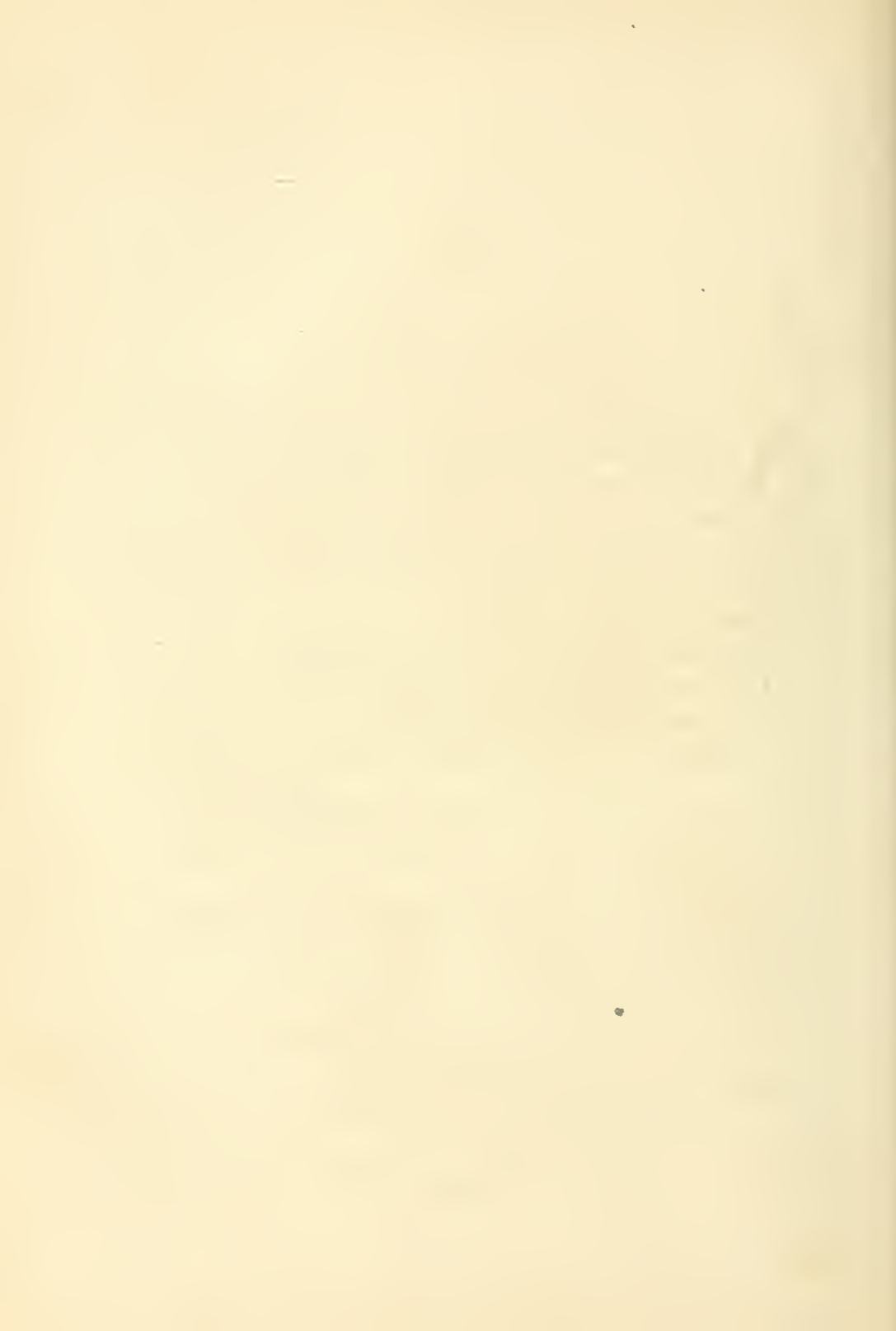
Hollande: canaux, canards, canailles,

dizia todavia de Amsterdam: *Entre quinhentos mil homens que a habitam não ha um ocioso, nem um pobre, nem um peralvilho, nem um insolente.*

E Filinto Elyseo, tendo feito em Leyde a ode que principia

E hei de eu ainda aturar, um mez prolixo,
A vista casmurral d'estes Piugas,

accrescenta n'uma nota: *Perdoem me os bons hollandezes este chorrilho de destemperos: que estava eu, quando tal fiz, tão agastado comigo de me ver só, e de não saber fallar hollandez, que destemperei n'esse desafogo, dando no papel pancada de cego.*

É facil accusar os hollandezes de mil defeitos e de mil ridiculos. É difficil, tendo vivido com elles por algum tempo, não sentir a doce necessidade de lhes fazer justiça e de lhes pedir perdão.

VI

AS COLONIAS

A Secção das colonias na exposição de Amsterdam abrange todo o imperio colonial da Hollanda: as ilhas de Sumatra e de Java, a parte sudoeste da ilha de Timor, as Celebas, as Molucas, os tres quartos da ilha de Borneo, a Nova Guiné até o meridiano 141, a Guyana hollandeza ou Surinam, Curaçao e suas dependencias, e nas pequenas Antilhas as ilhas de Santo Eustachio e de Sabá e uma parte de S. Martinho.

Esta secção divide-se em tres grupos principaes:

I *Natureza das regiões conquistadas e colonisadas.*

II *Populações indigenas d'essas regiões.*

III *Europeus nas mesmas regiões e relações d'elles com os indigenas.*

O primeiro d'estes grupos divide-se nas seguintes classes:

1.ª *Geographia.* Relações de viagens, atlas, cartas topographicas, relevos, perfis, etc.

2.ª *Meteorologia e magnetismo terrestre.* Cartas, mappas, quadros, representações graphicas.

3.ª *Configuração do terreno.* Quadros, desenhos, gravuras, lithographias, photographias, etc.

4.ª *Geologia e mineralogia.* Descripções, desenhos, reproducções e collecções geologicas e mineralogicas.

5.ª *Flora.* Exemplares vivos e conservados. Herbarios, descripções e desenhos do reino vegetal.

6.ª *Fauna.* Pelles e esqueletos de animaes; animaes empalhados,

embalsamados ou conservados de qualquer outro modo. Reproducções, desenhos e descripções do reino animal.

7.ª *Anthropologia.* Reproducções, descripções e desenhos, craneos, modelagens, cabeças, outras peças preparadas, etc.

Segundo grupo.—*População indigena:*

8.ª *Estatistica da população* em quadros e representações graphicas.

9.ª *Vida domestica e social.*

a) Desenhos e modelos de cidades e de aldeias, de habitações, de lojas, de officinas, etc.

b) Moveis.

c) Vestimentas e ornatos. Objectos de *toilette*, desenhos e instrumentos de *tatouage*, conservação.

d) Alimentação.

e) Instrumentos e utensilios para a preparação, conservação e consummo.

f) Excitantes. Instrumentos e utensilios para a preparação, conservação e consummo do tabaco, do betel, do opio, das bebidas alcoolicas, etc.

g) Usos e costumes. Desenhos, quadros, esboços, vestuarios, armas e outros objectos dando uma idéa geral do caracter e do fim das ceremonias e das praxes estabelecidas por occasião dos noivados, dos casamentos, da gravidez, dos obitos, dos enterros, dos nascimentos, da conclusão dos tratados, dos juramentos, etc. Jogos e divertimentos populares, objectos que n'elles se empregam.

h) Pauperismo. Communicações feitas sobre os meios de o combater, e assistencia publica.

10.ª *Meios de subsistencia:*

a) Caça e pesca. Toda a especie de armas e de apparelhos, de embarcações e seus accessorios. Desenhos, modelos. Productos de caça e de pesca: pelles e couros, almiscar, marfim, perolas, tartaruga, madreperola, etc.

b) Creação de gados. Estatistica em mappa e representações gra-

phicas. Typos de animaes domesticos: bois, bufalos, cavallos, carneiros. Lãs e lacticineos, etc. Apparelhos e utensilios de creação, para a preparação dos queijos e da manteiga, para a tosquia, preparação das pelles, dos cornos, etc. Marcas de commercio e de procedencia dos productos. Marcas dos animaes. Figuras e desenhos. Chocalhos e guisos dos rebanhos, utensilios de pastores, estabulos.

c) Creação de insectos uteis, bichos da seda, abelhas, cochonilhas, etc. Utensilios e amostras.

d) Agricultura e horticultura. Productos cultivados pelos indigenas, assucar, tabaco, pimenta, betel, gambir, arroz, milho e outras gramineas, araruta, sagú, kapok, algodão, cacau, etc. Modelos e planos de machinas de irrigação. Instrumentos de lavoura e de jardinagem. Construcções rusticas, celeiros, depositos, etc.

e) Productos de silvicultura. Madeiras de construcção para casas, para navios, para revestimentos, para estacas, para pontes, para moveis, para carruagens, para arados, para converter em carvão, etc.

f) Industria mineira. Installação e exploração das minas. Lavagem do oiro e dos diamantes, etc. Instrumentos, utensilios, amostras. Terra comestivel.

g) Industria em geral. Modos de fiar, de tecer, de cardar, de moer, de tingir, de desenhar os estofos. Machinas, utensilios, modelos, amostras. Materias primas e artigos confeccionados: cordas, esteiras, papel, obras entrançadas, obras de oiro, de prata, de ferro, de pedra, de argila, de madeira, de couro, de pedras preciosas. Resinas, gommas, rotins, bambus, oleos, materias gordas, etc. Fabricação dos productos animaes, taes como: o ambar, o mel, a cera, o marfim, conchas, ossos, cornos, dentes, pennas, etc.

h) Commercio e navegação. Resumo do commercio indigena em mappas e representações graphicas. Commercio maritimo e de cabotagem. Modelos de meios de transporte por terra e por agua. Cartas e instrumentos. Provisões e material. Munições navaes. Feiras, mercados. Moedas, pesos e medidas, amostras de emballagem indigena. Estampilhas e marcas de commercio.

11.ª *Bellas Artes.*

a) Desenho, pintura, gravura, esculptura, acharoamentos.

b) Musica e instrumentos de musica.

c) Apparelhos de theatro e representações scenicas.

d) Escripta e imprensa.

e) Desenvolvimento scientifico. Manuscriptos, livros, jornaes, publicações periodicas.

f) Ensino. Relatorios sobre a organisação e o movimento do ensino indigena. Modelos e plantas dos edificios escolares. Moveis, livros e outros objectos empregados no ensino. Tarifas escolares e programmas.

12.ª *Religiões e ritos.* Descripções, modelos ou desenhos de templos, mesquitas, idolos, etc. Typos de sacerdotes, de sacerdotizas, de feiticeiros e de aruspices; desenhos ou reproducções dos objectos empregados no exercicio das funcções religiosas.

13,ª *Fórma de governo e de administração.*

a) Governo actual e anterior. Publicações, memorias, livros. Typos de principes e de chefes. Insignias das diversas dignidades. Bandeiras e estandartes.

b) Negocios militares. Exercito, marinha. Informações ácerca dos methodos e dos usos de guerra. Fortificações. Meios de ataque e de defeza. Armas, uniformes, musicas de guerra. Typos de arautos e de campeões. Seus attributos. Symbolos de provocação e de paz.

c) Meios empregados na manutenção da segurança e da tranquillidade publica. Organisação e funcção da policia. Laços para apanhar os malfeitores, prisões, ferros e outros meios de coerção.

d) Usos e costumes. Ordenação. Informações diversas sobre a justiça indigena. Juizos de Deus. Instrumentos de punição e de tortura.

e) Edificios publicos. Casas communaes, hospedarias, hospicios e outros albergues para os viajantes. Casernas e cadeias.

Emquanto ao terceiro grupo, *Relações dos europeus com os indigenas:*

14.ª *Expedições e viagens de descobrimento e de exploração.* Relatorios e mappas.

15.ª *Systemas de colonisação, sua applicação e seus resultados.* Concessões. Leis e regulamentos. Publicações sobre politica, administração e economia colonial. Distincções honorificas destinadas exclusivamente ás colonias.

16.ª *Exercito e marinha colonial.* Meios de fortificação e de defeza, desenhos e modelos.

17.ª *Obras publicas.* Descripções, plantas, cartas, modelos, desenhos, reproducções.

18.ª *Telegraphia, serviço postal.* Telephones, signaes, pharoes, apparelhos, modelos, estampilhas postaes, etc.

19.ª *Navegação e commercio com as colonias e nas colonias.*

a) Publicações sobre a legislação commercial, tratados de commercio e de navegação. Tarifas de direitos de entrada, de saida e de transito, de pilotagem e de ancoragem. Regulamento dos portos.

b) Estatistica do movimento commercial e de navegação. Estatistica comparada do movimento commercial e da navegação antes e depois da diminuição, ou da abolição, dos direitos de entrada, de saida e de transito. Estatistica comparada do movimento commercial e maritimo das colonias com a mãe-patria e os paizes estrangeiros, antes e depois da abolição dos direitos differenciaes. Estatistica comparada da parte que teem no movimento commercial os navios de vela e os de vapor.

c) Transportes por terra e por agua Descripções e modelos. Vapores, navios de vela, embarcações de remos, estaleiros, dokas, guindastes, diques, apparelhos de mergulhadores. Dados estatisticos da circulação comparada com as tarifas, principalmente nos transportes por caminho de ferro.

d) Analyse das instituições de commercio e de credito.

e) Systema monetario, sello e estampilhas.

20.ª *Agricultura e industria.*

a) Descripção da agricultura tal como ella se faz sob a direcção

dos europeus nas terras que elles possuem em propriedade, de renda, ou por emphyteuse.

b) Instrumentos de lavoura.

c) Estabelecimentos agricolas.

d) Methodos de agricultura.

e) Estatistica agricola em quadros graphicos indicando a variação da producção, a alta e a baixa dos preços, o augmento e a diminuição das despezas de cultura. Estatistica comparada das culturas governamentaes e das culturas particulares.

f) Productos agricolas. Amostras.

g) Silvicultura. Descripção da silvicultura como os europeus a praticam. Instrumentos, cartas, desenhos, photographias, productos, etc.

h) Minas, metalurgia, poços artesianos. Leis e regulamentos. Descripção, exploração, productos, mappas, relatorios, desenhos, etc.

i) Industria. Fabricas e officinas. Cartas, plantas, desenhos, photographias, productos.

21.ª *Vida domestica e social dos europeus.*

a) Equipamento. Objectos necessarios ao viajante nas colonias, ao passageiro, ao colono, ao explorador scientifico.

b) A vida nas colonias. As casas, os moveis e o vestuario. A alimentação. Divertimentos differentes dos que se encontram na Europa. Desenhos, modelos.

c) Pauperismo. Assistencia e soccorro aos indigentes.

22.ª *Educação e ensino.*

a) Instrucção preparatoria precedendo a instrucção primaria. Instrucção primaria, secundaria e superior. Programmas de estudos, tarifas e retribuições escolares. Apparelhos escolares e accessorios. Desenhos e modelos de edificios e estabelecimentos escolares. Estatistica do ensino, memorias, relatorios e outras publicações.

b) Missões. Informações dos trabalhos dos missionarios e dos resultados obtidos.

23.ª *Trabalhos scientificos.*

a) Materias e utensilios necessarios para as collecções scientificas de animaes, de plantas, de mineraes, de especimens de geologia, de documentos ethnologicos, etc. Meios de conservar os objectos, caixas, armarios, etiquetas, etc.

b) Instrumentos de obervações scientificas para a determinação astronomica da longitude e latitude, para as determinações geodesicas, hypsometricas, hydrographicas, para as observações meteorologicas e magneticas, etc.

c) Imprensa. Livros, publicações periodicas, jornaes, gravuras, clichés, matrizes. Encadernações.

Os systemas de classificação para estes tres principaes grupos da exposição colonial neerlandeza são da mais instructiva doutrina.

Falta-me espaço para desenvolver este assumpto, que pediria, como outros de que me tenho occupado n'este livro, uma obra especial. Infelizmente o governo portuguez não só não concorreu com productos das nossas colonias á exposição de Amsterdam, mas — o que é mais grave — não mandou lá ninguem aprender aquillo que pela sua abstenção mostrou ignorar.

Não cabe na minha bagagem de simples touriste um relatorio sobre administração colonial. Como portuguez e como critico só me compete lamentar que ninguem se houvesse encarregado do estudo desenvolvido d'esta materia do interesse mais vital para a nação portugueza.

Procurando dar uma superficial idéa da secção das colonias neerlandezas na exposição universal de Amsterdam, o meu fim é apenas pôr em luz, juntamente com alguns aspectos da India hollandeza, uma das feições mais caracteristicas d'este povo, o seu lucido espirito pratico e o seu excepcional poder de methodo e de systematisação.

Todas as vinte e tres classes, a que me referi, e em que os desenvolvimentos da subclassificação abrangem tudo quanto a curiosidade scientifica possa conceber, se achavam preenchidas.

Eis ahi completamente definida a natureza do solo por toda a es-

pecie de documentos e de productos geologicos, mineralogicos e biologicos comprehendendo as plantas, os animaes, e o homem.

A collecção anthropologica consta de duzentos craneos e de varios esqueletos, todos cuidadosamente etiquetados, e completa-a uma collecção viva de trinta e oito indigenas das Indias neerlandezas, bayaderas, tecedeiras, tocadores de *gamelan*, pescadores, agricultores, palafreneiros e officiaes de varios officios.

A classe de mineralogia e geologia consta de varias collecções, uma unica das quaes contém não menos de 337 amostras.

A parte geographica propriamente dita, assim como a que se refere á meteorologia, ao magnetismo terrestre e á configuração do solo acha-se representada por uma grande quantidade de livros, pinturas, gravuras, lithographias, photographias, cartas e mappas em relevo, diagrammas, revistas, relatorios officiaes, memorias de academias, etc.

Para o estudo da fauna ha em Amsterdam a mais bella das exposições permanentes, pois que o jardim zoologico da cidade entra com o de Anvers, com o de Francfort e com o de Londres na categoria dos primeiros do mundo.

Na flora a exposição collectiva de varios estabelecimentos publicos e particulares apresenta, além das hervas e das plantas seccas, uma grande estufa com os mais bellos vegetaes dos tropicos.

No grupo relativo á vida domestica e social, industrias indigenas, religiões, ritos, etc., e no grupo das relações da Hollanda com as suas possessões exteriores, encontram-se numerosos modelos de aldeias completas, de escolas, de culturas, de obras de engenharia, de minas, de pontes e calçadas, templos, viaductos, estações de caminhos de ferro, embarcações, locomotivas, wagons, carruagens, carretas, sequeiros de tabaco, planos de lavoura, e uma quantidade enorme de machinas, de utensilios de trabalho e de productos industriaes, estofos, joias, armas, etc.

Na classe 20, *agricultura e industrias estabelecidas por europeus*, expõem-se longamente os resultados dos esforços empregados pelo governo e pelos colonos hollandezes no desenvolvimento da riqueza co-

lonial. Esta classe consta de duzentos e oito numeros, comprehendendo plantas em relevo de grandes fabricas de assucar de Surinam, de cacau, de tabacos de Java e de Sumatra, charutos, moveis de mogno de S. Domingos, joias feitas em Curaçao com o oiro da Guyana hollandeza, etc.

Na collecção dos productos alimentares o café é representado por 182 amostras provenientes de propriedades do governo, de terrenos pertencentes a particulares ou que lhes foram cedidos por contracto emphyteutico. Com o café figura o assucar, o melaço, o mel, o *cassereppo*,—especie de suco de mandioca amarga empregado na conservação da carne—tapioca, chocolate, fructas seccas, conservas, oleos, licores, etc.

Duas vezes por semana, ás segundas e quintas feiras, celebram-se no recinto da exposição leituras e conferencias publicas destinadas a esclarecer todas as questões de geographia, de geologia, de meteorologia, de botanica, de zoologia, de anthropologia das colonias e em geral das regiões intertropicaes, comprehendendo a ethnographia, a philologia, as religiões, o estado de cultura intellectual, e a historia. Estão inscriptos professores, viajantes, especialistas celebres, alguns dos primeiros nomes da sciencia hollandeza.

Discutem-se successivamente memorias e relatorios respondendo ao seguinte programma:

Primeira questão. Colonias penitenciarias. Quesitos: 1.º A questão da transposição dos criminosos para as colonias do ultramar é de interesse maior para os estados europeus? 2.º Em que condições é possivel essa transposição? 3.º Que resultados se tem tirado d'este systema?

Segunda questão. Relação entre as leis dos europeus e o direito dos indigenas. Quesitos: 1.º Por que principios se devem regular essas relações? 2.º Até que ponto está de accordo com esses principios a solução que o problema tem tido entre os diversos estados? 3.º É possivel uma solução universal?

Terceira questão. Relações politicas entre a metropole e as colo-

nias. Quesitos: 1.º Quaes os principios pelos quaes a metropole deve tomar parte na legislação e no governo das colonias? 2.º Pode-se conceder a algumas das colonias uma parte na representação geral do paiz?

Quarta questão. Diversos modos de obter nas colonias forças operarias para a exploração do solo. Quesitos: 1.º Quaes são os differentes systemas que se tem seguido n'esta materia? 2.º Quaes são relativamente á productividade do trabalho as vantagens e os inconvenientes d'esses systemas? 3.º Qual tem sido a sua influencia sobre a população?

Quinta questão. Propriedade territorial nas colonias. Quesitos: 1.º Quaes são os systemas de propriedade territorial nas differentes colonias? 2.º Qual é a sua influencia inevitavel sobre as condições economicas da população?

Sexta questão. Impostos nas colonias tropicaes. Quesitos: De que modo podem ser submettidos ao imposto os indigenas das colonias tropicaes? 2.º Qual a influencia dos differentes systemas de imposto até hoje applicados sobre o estado moral e economico da população?

No seu todo esta exposição representa uma grande e luminosa janella aberta sobre a India hollandeza, sobre a Java prodigiosa, sobre essa inverosimil Batavia, que é a Babylonia dos tropicos.

A cidade da Batavia, dividida em dois grandes bairros, em um dos quaes medram os nababos no luxo oriental, emquanto no outro definham os coolies na entoxicação paludosa, parece não ter o que na Europa chamamos *ruas*.

É simplesmente um vasto parque em que os palacios, de pavilhões de marmore branco reunidos por galerias rendilhadas e circundados de varandas de pau de teka engrinaldadas de orchideas, se reflectem nos lagos adjacentes ou nas amplas vias aquaticas a que lá chamam *arroyos*, porque o dialecto baixo-malaio é uma combinação de javanez, de hollandez, de inglez e de portuguez.

Um sol ardente, implacavel, de que resulta uma temperatura de

45 graus á sombra, dardeja fogo pelos rasgões da folhagem sobre a agua dormente.

Pangaios pilotados por indios côr de chocolate, de troncos nús, flexiveis e reluzentes, deslisam por entre as moitas dos nenuphares floridos na agua espelhada e tepida, de que emergem a espaços, como fugazes flores de veneno, as cabecinhas chatas e os corpos colleando em S das serpentes aquaticas, scintillantes de azul e verde.

Pelas aleas flexuosas do enorme jardim perpassa o pequeno tilbury levado a galope pelas tres ou quatro parelhas de poneys da ilha de Timor, estugados a chicote e a gritos de catatua por um malaio nú, com o seu largo chapéu em tortulho ás listas de escarlata e oiro.

Dois *coolies* a marche-marche, um adiante do outro, levam um fardo suspenso do longo bambu, pousado no hombro.

Ao fundo das varandas ou dos eirados toldados, entufados em verdura, uma hollandeza pallida, anemica, devastada pelo clima tropical, vestida de uma tunica branca transparente sobre a camisa, os pes nús em chinellas de sultana, balouçada n'uma rede de pennas ou deitada n'um leito de esteiras e de bambus, olha indifferente e nostalgica para a agua do canal, em que um diligente letrado chinez, de cabaia e oculos, navega em piroga, abanando-se a um leque de Pekin e deixando vogar na agua, como a flamula de uma guiga sem vento, a longa trança do rabicho.

Na galeria do seu pavilhão do banho um filho de Rotterdam vestido de flanella branca, estendido em X na vasta poltrona de rotim, abre o correio da metropole emquanto um servo indigena, prostrado no chão, lhe serve um charuto juntamente com a brasa fumegante de sandalo, devida pela pragmatica indiana á jerarchia dos rajahs.

E por toda a parte uma vegetação de apotheose paradisiaca rebenta como n'um scenario de opera.

Á beira da agua, onde borboletas rutilantes, do tamanho de um palmo, adejam sobre os ramalhetes multicores dos nenuphares e sobre as folhas gigantescas das victorias-regias, enfloram-se em amphytheatro verdejante os rhododendros, as hortelãs vermelhas e côr de laranja,

os immensos fectos arborescentes de cinco metros de altura, as bananeiras de folhas quebradas ao seu proprio peso e vastas como lençoes, os coqueiros coroados de penachos, as «palmeiras do viajante» abrindo em leque phantastico como caudas de colossaes pavões, os algodoeiros cobertos de flocos brancos como espumas de leite, e os cipós de milhões de finas hastes nodosas, esfiadas, entretecidas, emaranhadas, rectas e curvilineas, perpendiculares e afestoadas, por entre as quaes os macacos espreitam acocorados á sombra, ou se balouçam mollemente no ar, suspensos pela cauda.

O sol vem subindo no céu esbraseado, e inversamente vae sossobrando a pouco e pouco na terra a vida animal. Ao meio-dia um largo silencio, de noite morta, cobre a natureza. As aves emudecem, os homens immobilisam-se, os corcodilos dormem alastrados no leito dos rios, e a terra inteira parece extatica de assombro ao sentir em si mesma subirem as seivas e crescerem os palmares.

Nitidas photographias, escrupulosamente coloridas do natural, mostram-nos os diversos typos das castas e das raças habitantes d'esta região.

Uma mestiça de Bornéo, de uma languida magestade de odalisca, sensualidade em viço ardente como a flôr de um cacto, grandes olhos negros como um fundo d'azeviche atravez de uma transparencia d'agua, enroupa-se á grega n'um estofo de cachemira côr de morango esmagado, sobre a qual cae em ondas d'ebano um longo e espesso cabello, em que se sente a frescura da piscina e o estonteante perfume almiscarado das essencias do Equador.

Uma princesa javaneza,de tunica de setim esmeralda, com um largo cinto recamado de lentejoulas de oiro, as mãos esguias cheias de anneis preciosos, passeia, seguida de um pagem indio, semi-nú, que a abriga com uma enorme umbella côr d'anil.

Uma mulher de casta inferior, vestindo unicamente uma larga facha de chita enrolada na cintura, traz comsigo um filho pequeno escanchado no quadril.

Entre grossas lapides de marmore, cobertas de mysteriosas in-

scripções, sorri de uma doce bondade ironica um deus Budha, dez vezes maior que a corpulencia humana, o grande ventre em refegos semelhando os discos d'uma aureola de carne olympica, o ôlho obliquo, as plantas dos pés para o ar. Em torno d'elle, anichados em escavações da pedra cultual, outros deuses mais pequenos, de quatro braços, com cabeças de veados ou de pachidermes.

Sentado á porta monumental de um templo invadido pela herva, um velho sacerdote, coberto de amuletos pendentes do pescoço, a grande barba de uma alvura immaculada esparsa no peito, medita, olhando vagamente no espaço e tendo uma lampada apagada aos seus pés.

N'um jardim de harem, na presença de um sultão e da sua côrte, dançam lentamente, requebradas nos mais languidos gestos, as bayaderas, vestidas de tunicas justas ao corpo, de seda carmezim, carregadas de braceletes e de anneis, toucadas, como divindades mythologicas, de capacetes phantasticos, em que azas de dragões, cupulas de minaretes tartaros e espiraes de unicornios, semelham o apparato de pratos montados resplandecentes de oiro e de pedrarias.

Nas vistas do interior da ilha succedem-se os arrozaes e os cafesaes, as tenebrosas florestas de teka, os bosques de quinas, de tamarinheiros, de chá e de baunilhas; montanhas e ravinas cobertas de fetos e de rhodondendros; estradas quasi afogadas em herva, ao lado das quaes corre o fio do telegrapho electrico suspenso aos troncos dos algodoeiros numerados pela administração hollandeza.

Pela campina, entrecortada de abruptas moles de vegetação virgem, de enormes cathedraes de flores, perpassam os rhinocerontes temerosos, que esmagam um toiro com uma patada, e os bufalos de pelle rosada como a dos leitões, atrellados á carroça indigena e exhalando o mais penetrante cheiro montez.

De quando em quando, junto da quebrada plantada de cafeseiros, ou de uma cultura de anil, abriga-se á sombra das bananeiras ou dos bambus a pequena aldeia de um ar palustre, com as habitações abertas aos quatro ventos sob os seus largos tectos de palha.

Por entre uma variedade e uma profusão enorme de todos os productos coloniaes, de ferramentas, de instrumentos agricolas, de embarcações e de petrechos de caça e de pesca, vemos aqui as proprias casas dos cultivadores, construidas de canas, os sequeiros do chá, os estendaes do tabaco, as urnas de anil e os òdres cheios de oleo de còco.

Os musicos de um *gammelang*, encruzados no chão n'um pequeno pavilhão, executam uma symphonia indiana, aviventando singularmente pela arte local este vasto quadro dos costumes javanezes. O *gammelang* compõe-se de uns timbales de couro, de uma marimba de pau, de rebecas de uma só corda, de flautas de um só buraco e de um tamtam de bronze. A melodia é assás rudimentar, e a orchestração não se recommenda por inesperados effeitos harmonicos. O que tocam é uma especie de estribilho persistente, monotono, primitivo, e, não obstante, impregnado de não sei que vaga melancolia de raça, dolente e embaladora. Ao principio appetece fugir. Depois, a pouco e pouco, vae-se discernindo o sentido melodico do batuque, e o ouvido segue sem desgosto, quasi com interesse, a plangente resonancia d'essa estranha melopea.

Em torno de mim muitos hollandezes de aspecto maritimo, loiros, alentados, tostados pelo sol, de quinzena de flanella azul e charuto nos beiços, percorrem com interesse esta admiravel collecção, examinam as photographias, palpam os productos, folheiam os livros, repartem explicações. São antigos nababos de Sumatra ou de Borneo. Habitavam lá palacios maravilhosos, de stylo grego ou de stylo italiano, construidos pelos mais habeis architectos chinezes; tinham jardins encantados, verdadeiros jardins de fadas, em que a flora tropical se ostentava em catadupas de flores e de fructos, e onde as pantheras negras e os tigres reaes, recentemente separados da vida livre, colhidos em primeira mão nos juncaes, loucos de rancor, em paroxismos de furia ao mais tenue cheiro de carne viva, dão nas jaulas d'essas priveligiadas collecções zoologicas o mais formidavel e o mais espantoso espectaculo que pode offerecer a força da ferocidade vencida.

Qualquer d'estes simples burguezes tinha na India dez cavallos e

vinte criados ao seu serviço particular. Funccionarios do governo hollandez possuiam em toda a Java uma quinta de lucro e de recreio. Caçavam o rhinoceronte e o crocodillo. Viajavam como conquistadores victoriosos, como triumphadores feudaes, fazendo atrellar ás suas carruagens os bufalos e os homens indigenas, vendo por toda a parte acocorarem-se de respeito, sentando-se nos calcanhares, ou prostrarrem-se de rojo no chão não só os plebeus malaios e os colonos chinezes, mas os proprios sacerdotes, os principes, os rajahs, os visires e os sultões, que saem dos palacios para os receber em transito, entre as arvores sagradas, em todo o pomposo luxo de pachás, com toda uma côrte de senhores, de officiaes, de bobos, de anões, de bayaderas, de porta-estandartes tendo bordados passaros e dragões heraldicos, de guardas de turbante entretecido de oiro e lança no braço, de mandarins resplandecentes como porcelanas do mais fino esmalte. Relampejam miriades de brilhantes, de rubis e de esmeraldas sobre a seda amarella das tunicas, nos braceletes e nos collares, nos anneis, nos turbantes, nos capacetes e nas empunhaduras das espadas, estendem-se estofos preciosos nas escadas do *pendopo* de columnas de marmore e tectos de sandalo rendilhado, queimam-se as mais preciosas essencias, abrem-se as portas do harem a que assomam centenares de mulheres, os guarda-soes imperiaes, symbolos do mando e do poder soberano, desabrocham repentinamente entre as vegetações da esplanada como enormes flores de brocado, e o grão-mogol baixa do seu throno para sair ao encontro d'esse homem de pelle branca e de suissas loiras, com um collarinho alto e uma dragona no hombro, que lhe faz a honra de o visitar, e que representa para elle a omnipotencia de sua mui alta magestade o rei da Hollanda.

E, todavia, os funccionarios, os militares, os marinheiros, os mercadores, os negociantes, regressam da India o mais rapidamente que podem ao seio da mãe-patria, preferindo aos mais portentosos fulgores da natureza e do luxo oriental a fria neblina do mar do Norte, a velha cidade natal construida em estacas sobre um solo de lama ao abrigo do dique, uma rua estreita e sombria, uma pequena casa es-

guia, forrada de tijolo preto, em Hoog-Straat ou no canal do Rokin, calafetada por todos os lados contra os rheumatismos e contra os importunos, com uma brasa de tubara na cinza do lar, e um vaso com uma cebola de tulipa no parapeito da janella.

E muitos d'esses, quando se lhes falla na prodigiosa riqueza das colonias, abanam desdenhosamente a cabeça e votam de preferencia pelos queijos da sua lavoura e pelos arenques da sua pescaria nos mares septentrionaes da Europa.

Seguindo Dowes Dekker, que, como já disse, foi sub-prefeito na Java, e escreveu contra o regimen colonial vigente o mais importante livro, creio poder resumir com fidelidade, na breve exposição que vou fazer, a situação economica e politica da India Hollandeza.

A população divide-se em duas partes distinctas.

A primeira compõe-se das tribus cujos grandes e pequenos soberanos indigenas reconheceram a soberania hollandeza, continuando a governar, mais ou menos directamente, os seus subditos.

A segunda parte, da qual se compõe quasi toda a Java, depende immediatamente da Hollanda.

O javanez é um subdito hollandez. O seu rei é o rei da Hollanda. Os descendentes dos seus antigos soberanos e senhores são funccionarios hollandezes, nomeados, transferidos, graduados, demittidos pelo governador geral, que reina em nome do rei.

O governador geral é assistido de um conselho sem influencia decisiva sobre as suas resoluções.

Os differentes ramos da administração são divididos em departamentos, á frente dos quaes se acham collocados *directores* que servem de intermediarios entre o governador geral e os *residentes provinciaes* ou *prefeitos*.

A denominação de *residente* data do tempo em que a Hollanda não era senhora do paiz senão indirectamente, fazendo-se representar como suzerana feudal por meio dos *residentes* na côrte dos principes indigenas ainda reinantes. Desde que os principes indigenas desappareceram, os *residentes* tornaram-se administradores, governadores pro-

vinciaes ou *prefeitos*. Mudou a esphera da sua actividade, sem que todavia elles mudassem de titulo. São estes *residentes* que representam realmente o governo hollandez perante a população javaneza.

Na Batavia o povo não conhece nem o governador geral, nem os *conselheiros das Indias*, nem os *directores*. Conhece o *residente* e os empregados que administram em nome d'elle.

Uma *residencia* ou *prefeitura* divide-se em tres, quatro ou cinco *sub-residencias* ou *sub-prefeituras*, ou *regencias*, á frente das quaes são collocados *sub-prefeitos*. Sob a direcção d'estes funccionam *verificadores*, *inspectores* e agentes empregados na cobrança dos impostos, na vigilancia da agricultura, na construcção dos edificios, nos trabalhos hydraulicos e na administração da justiça.

Em cada *sub-prefeitura* ou *regencia* o *sub-prefeito* tem por adjunto um chefe indigena com o titulo de *regente*. Este regente é sempre da primeira nobreza do paiz e muitas vezes da familia dos principes outr'ora reinantes. As funcções do regente são hoje meramente as de um empregado salariado como qualquer outro.

Nomeando funccionarios esses antigos chefes, creou-se uma especie de jerarchia, no apice da qual se acha o governo hollandez representado pelo governador geral.

A hereditariedade na regencia, sem ser estabelecida por lei, tornou-se um costume. O mais das vezes trata-se o negocio em vida do proprio regente. O zelo e a fidelidade d'esse funccionario, que junta á influencia aborigene a categoria official, são qualidades que o governo recompensa promettendo-lhe para o filho a successão no cargo. É preciso que poderosissimas razões se deem para que se não siga esta regra, e ainda n'esse caso é o successor escolhido entre os membros da familia senhorial.

São extremamente delicadas as relações dos funccionarios europeus com os grandes da Java.

O *sub-prefeito* é a pessoa responsavel. Recebe do governo as suas instrucções e é considerado chefe politico da prefeitura. Isto porém não obsta a que o *regente*, pelos seus conhecimentos locaes, pelo seu

nascimento, pela sua influencia na população, pelo seu luxo, represente um papel muito mais importante que o do *sub-prefeito.*

Como representante do elemento javanez, o *regente* falla ou suppõe-se que falla em nome dos cem ou duzentos mil habitantes da regencia. Ninguem na metropole se inquieta com o descontentamento de um *sub-prefeito*, cuja substituição, dado o habil corpo de empregados de que dispõe o governo, é a mais facil das coisas, ao passo que a disposição mais ou menos hostil do *regente* pode produzir a insurreição e occasionar perturbações graves.

D'este conjuncto de circumstancias resulta uma situação singular, em virtude da qual é o inferior que manda o superior. O *sub-prefeito* ordena ao *regente* que lhe dirija os seus relatorios, que lhe mande gente para trabalhar nas obras publicas, que cobre as contribuições; convoca-o ao conselho que elle, *sub-prefeito*, preside, e louva-o ou reprehende-o.

Estas relações de uma especie tão particular exigem, para se tornarem acceitaveis, um tacto finissimo e uma delicadeza extraordinaria.

A polidez é innata nas pessoas nobres da Java. Se o europeu é bem educado e discreto, se sabe proceder com dignidade correcta e affavel, tem a certeza de que o *regente* pela sua parte lhe tornará a administração facil. A ordem mais dura do *sub-prefeito,* desde que seja expressa pela fórma delicada de pedido, é pontualmente executada pelo *regente.*

O *sub-prefeito* é um burguez, burguezmente retribuido segundo o trabalho do seu cargo, e vivendo burguezmente. O *regente* é um aristocrata, um principe de sangue, dispondo de um rendimento annual de 100 a 200 contos de réis, vivendo em sumptuosos palacios comprehendendo muitas casas e chegando a ter por dependencias aldeias inteiras. Estas differenças de jerarchia, de nascimento e de riqueza attenua-as o proprio *regente,* attraindo graciosamente á sua intimidade o *sub-prefeito* e considerando a sua qualidade de representante do rei da Hollanda como a distincção suprema contrabalançando todas as outras. D'aqui uma grande facilidade de trato e uma cordiali-

dade de relações rarissimamente perturbadas entre esses dois funccionarios de caracter na apparencia tão heterogeneo.

Succede porém que o *regente* se acha a cada passo sem um unico soldo no seu quasi real erario. As suas despezas são enormes. Cerca-o uma côrte que o adula e o explora. Sustenta um serralho; alimenta e educa uns sessenta ou oitenta filhos; tem a mania asiatica de comprar; gratifica largamente bobos e musicos; estipendía padres, e subvenciona peregrinos mahometanos para as romagens a Meca.

Ora os rendimentos do *regente* procedem de uma gratificação mensal fixa estabelecida pelo governo hollandez, de uma indemnisação do mesmo governo pela transmissão de direitos, de uma retribuição proporcional aos productos mercantis da sua regencia, taes como café, assucar, anil, canella, etc., e finalmente de supprimentos arbitrarios feitos a titulo de adiantamentos sobre o trabalho e sobre a propriedade dos seus subordinados. O proletario indigena não sómente consagra á terra que cultiva, e lhe não pertence, o seu braço, mas consagra-lhe tambem a sua vida, a sua alma. A seara é o desdobramento natural do seu proprio ser, é a sua existencia mesma tornada exterior e palpavel. Nasceu nos campos com o rebentar do arrosal; conta os annos que tem pelas colheitas que ceifou; determina as estações e os mezes pela côr das espigas que ondulam á superficie dos trigaes; ama os bois que caminham adiante d'elle no sulco da lavra, como se elles fossem um prolongamento dos seus proprios musculos operado pela conjuncção da charrua. E o javanez canta alegremente sobre a rabiça do arado ou sobre o pilão de descascar o arroz, emquanto nos portos da Batavia, de Probolingo, de Samarang, de Surabaya, de Passaruan, de Patjitan, incham as velas, ou fumegam as chaminés dos *steamers*, que levam embora, para enriquecer os monopolistas e os agiotas hollandezes, o suado fructo do trabalho d'elle.

É para esse docil e assiduo trabalho que nem descança nem cança jámais, que o *regente* appella para saldar todo o *deficit* orçamental da regencia.

A convicção corrente em toda a Asia é que tudo quanto o sub-

dito possue assim como o proprio subdito pertencem ao soberano. Que o *regente* favoreça com um simples olhar de desejo o cavallo, o boi, o bufalo, a mulher ou a filha do homem do povo na Java, e immediatamente este se desapossará, em favor do principe, do objecto que elle lhe fez a honra de appetecer. Desde que a regencia precisa de braços para qualquer serviço que seja, a população dá-lh'os incondicionalmente sem retribuição alguma, pondo todo o seu escrupulo absolutamente desinteressado em cultivar a terra, em limpar o jardim, em abrir o canal na propriedade do *regente*. Impossivel convencer o indigena de que o principe não é hoje mais que um funccionario salariado pelo governo hollandez, ao qual o ex-soberano vendeu por um rendimento fixo todos os seus direitos d'elle e os dos seus subditos!

Muitos dos *regentes*, tendo por cumplice a administração hollandeza, abusam d'esta ignorancia geral e exploram-a da maneira mais iniqua, mais deshonrosa, mais aviltante para a civilisação d'este seculo, dando em resultado final o facto monstruoso de enriquecer meio mundo com o trabalho da Java e de morrer de miseria e de fome o trabalhador javanez!

Em honra da Hollanda cumpre consignar uma circumstancia attenuante da iniquidade dos meios empregados para dar ao mundo o espectaculo assombroso d'esse pequeno povo, que, tendo apenas na Europa quatro milhões de homens n'um territorio de seiscentas e quarenta milhas, conseguiu conquistar, arrancar á estagnação e arrancar á anarchia, mantendo-o na sujeição mais completa e mais absoluta e na productividade mais extraordinaria, um imperio asiatico de quatro milhões de homens e de uma extensão de vinte oito mil novecentas e vinte e tres milhas quadradas.

Essa circumstancia é que, tendo-se tornado o systema colonial hollandez um dos mais debatidos pontos de controversia entre os partidos conservadores e os partidos liberaes, tendo sido a situação politica e economica de Java objecto dos mais numerosos estudos feitos por escriptores, philosophos, economistas e viajantes de todas os paizes, nenhum grito em favor da justiça ultrajada, da India opprimida,

foi tão vibrante, tão energicamente formulado, tão profundamente sentido, como o que na propria Hollanda levantou o eloquente escriptor nacional o sr. Dowes Dekker.

Por mais que os vicios de uma sociedade pareçam constitucionaes e incuraveis, por mais que sejam flagrantes os seus desvarios, por mais morbido que seja o caracter dos seus erros, desde que ella possue a sufficiente porção de seiva regeneradora, de exhuberancia de vida propria para produzir em si mesma um grande escriptor dissidente do seu meio, que independentemente o analysa e refuta, essa sociedade progride. Só morrem pela estagnação do pensamento os paizes em que não ha sob os delineamentos geraes dos systemas constituidos, mais ou menos occulta pela apparencia das fórmas exteriores, uma corrente contraria de idéas que lentamente morda a raiz do existente, impellindo a evolução creativa do futuro. Civilisações condemnadas a diminuir ou a desapparecer são unicamente aquellas em que a circulação do pensamento, condição vital da sociedade, se immobilisa no optimismo official das litteraturas submissas e contentes.

VII

A ARTE

Os seculos chamados de decadencia artistica são aquelles em que a arte, deixando de crer na energia collectiva que a subordina ao meio social, entra na phase do individualismo independente, solitario e sceptico.

Quando um paiz se não assignala por superioridades e por triumphos decisivos na concorrencia das raças a arte, não vibrando na commoção geral do seu tempo, não obedecendo á corrente suggestiva das acções praticadas ou das idéas em giro, cae na misanthropia da analyse, no virtuosismo pessoal, na contemplação esteril. Á falta de caracteres superiores examinam-se temperamentos raros. Á falta de virtudes indiscutiveis estudam-se aberrações curiosas. Um tedio corrosivo e entenebrecedor apodera-se do homem indifferente ás especulações e aos interesses da sua época. O poder creativo não se determina pelo enthusiasmo mas sim pelo despreso, e uma especie de morbida voluptuosidade impelle á perscrutação mais engenhosa, mais delicada e mais subtil dos elementos da corrupção, pondo todos os disvellos que se poderiam consagrar ás grandes e fieis imagens da vida progressiva na descripção minuciosa e requintada de todos os successivos tramites da irremediavel caducidade.

Assim como se decompõe e dissolve nos seculos sem missão, improductivos e immoveis, a arte constitue-se e alcança o maximo desenvolvimento de que é susceptivel a aptidão esthetica de um povo no momento em que esse povo attinge o apogeu do seu destino guiando para uma direcção nova a marcha da humanidade.

É o que succede na Grecia de Eschylo, de Sophocles e de Phi-

dias quando a influencia das primeiras republicas independentes e democraticas da antiguidade abrange o mundo inteiro depois da derrota da Persia. É o que succede na Italia do tempo de Fra Angelico, de Leonardo de Vinci, de Miguel Angelo, de Raphael, do Ticiano, de Paulo Veronez, quando as republicas de Florença e de Veneza eram os novos e unicos centros da industria e do commercio maritimo da Europa. É o que succede em Hispanha no tempo de Velasquez, de Murillo, de Zurbaran e de Herrera, quando o despotismo catholico-monarchico despedia o seu victorioso clarão supremo vencendo os turcos em Lepanto e dispersando todo o ouro trazido da America pelos companheiros de Colombo em armadas, em exercitos e em autos de fé, expulsando do solo nacional os judeus e os mouros e batendo os protestantes na Flandres, na França e na Inglaterra. É o que succede em Portugal quando depois que os navegadores portuguezes dobraram pela primeira vez o cabo tormentorio penetrando no desconhecido mar tenebroso, Camões, deu á arte a grande e immortal epopeia maritima que é ao mesmo tempo o *Novo Testamento*, a *Iliada*, a *Eneida* e a *Divina Comedia* da civilisação da Renascença. É finalmente o que succede na Hollanda quando este pequeno paiz, precedendo dois seculos o resto do mundo na constituição das grandes bases da civilisação comtemporanea, coróa a sua revolução heroica com o estabelecimento systematisado de todas as liberdades—a liberdade de consciencia, a liberdade de pensamento, a liberdade de commercio, a liberdade de industria,—ao mesmo tempo que todo um mundo moral baqueava em torno d'essa nascente sociedade; quando em França se ia preparando já a revocação do edito de Nantes; quando a Inglaterra decapitava Thomaz Morus, succedendo-se o despotismo sanguinario de Cromwell ao despotismo apodrecido de Carlos I; quando a Italia encarcerava Galileu e queimava Vanini; quando em Portugal e em Hispanha os Filippes e os frades convertiam em instituições publicas a expoliação dos herejes, a pilhagem e o queimadeiro.

Raynal põe na bocca de um hollandez do seculo XVII a seguinte definição da sua patria:

«A terra que eu habito fui eu que a tornei fecunda, fui eu que a tornei bella, fui eu que a tornei terra. O mar ameaçador que cobria os nossos campos quebra-se agora contra diques poderosos que eu lhe oppuz. Purifiquei o ar que as aguas estagnadas enchiam de vapores mortaes. Fui eu que levantei as cidades soberbas sobre os lodos onde fluctuava o oceano. Os portos que construi e os canaes que rasguei recebem todas as producções do universo de que eu disponho como quero. As heranças dos demais povos são possessões disputadas ao homem pelo homem: a que eu legar aos meus filhos arranquei-a eu proprio aos elementos conspirados contra mim e que eu dominei. Aqui estabeleci uma nova ordem physica e uma nova ordem moral. Fiz tudo onde não havia nada. O ar, a terra, o governo, a liberdade, tudo é obra minha. Tenho a gloria do meu passado e quando olho para o futuro vejo com satisfação que as nossas cinzas repousarão em terra tranquilla nos mesmos logares em que nossos paes viam formar-se as tempestades do mar.»

Na posse plena do seu destino toda a Hollanda pacificada respira largamente a gloria, a felicidade, a alegria. Esse pequeno e humilde povo fleugmatico, trabalhador, economico, inventivo, modesto, provocado pelas mais arrogantes e poderosas nações do mundo, batera e derrotara a Hispanha, a Inglaterra e a França. A guerra, que arruinára os inimigos enriquecera a Hollanda pelo commercio do mundo. Emquanto combatia no mar edificava em terra. Levantara diques, abrira canaes, dissecara pantanos, saneara cidades, construira pontes, armara estaleiros, fundara escolas, egrejas, palacios municipaes, recolhimentos de velhos e de invalidos, hospicios d'orphãos, sédes de assembléas commerciaes, de sociedades litterarias e scientificas, de associações de operarios, de irmandades de artistas, de companhias de arcabuzeiros. Tinham-se reacendido os seus lares, agora mais recolhidos e mais meigos; tinham-se enchido de flores os seus jardins, tinham-se coberto de vacas e d'ovelhas os seus prados. Todas as hostilidades com que a natureza opprimia o habitante convertera-as elle em outros tantos auxiliares da civilisação, da riqueza, do bem estar. Do pantano fizera as

mais commodas vias de transporte enxadresadas sobre o paiz inteiro. Das podridões paludosas e das lamas infectas fizera o adubo da campina verdejante, base da mais simples, da mais facil, da mais productiva economia rural, em que o prado engorda o rebanho, que por seu turno engorda o prado, resultando d'esta evolução de serviços o queijo que produz o milhão. Dos ventos da região desarborisada e chata fez esse apparelho unico no mundo chamado o moinho hollandez, trabalhador submisso, discreto, zeloso, que posto ao serviço de cada casa faz tudo quanto se lhe manda, rega e enxuga, é distillador e moleiro, piza, peneira, espreme, imprime, serra as taboas, racha a lenha, dá á bomba, faz andar o repuxo e trabalhar a cascata, amassa o pão, leva a agua aos quartos, canta sempre, não responde nunca, e sustenta-se de ar. Do mar terrivel fez o animal domesticado e docil, o servo fiel, a besta de carga do grande commercio, a immensa vacca leiteira de que se muge o harenque, e o recoveiro das Indias, que em cada semana despeja nos balcões de Amsterdam e de Rotterdam os milhões explorados pelo negocio nas feitorias e nas possessões da America e da Asia.

Este povo tão repentinamente enriquecido é ao mesmo tempo um povo illustrado. No fim do seculo XVI escrevia o viajante Guicciardini que quasi toda a gente, até nas aldeias, sabia ler e escrever e tinha em geral principios de grammatica. Eram frequentes as sociedades de eloquencia e de representações theatraes. A arte de imprimir era activamente exercida nos Paizes-Baixos desde a segunda metade do seculo XV pelos typographos flamengos refugiados em Leyde, mas no começo do seculo XVII o primeiro dos Elzevieres estabelecido em Amsterdam dá um impulso enorme á vulgarisação da litteratura publicando pela primeira vez em edições populares os grandes auctores latinos. Finalmente na Hollanda antes do que em qualquer outro paiz da Europa apparecem as primeiras gazetas com o alvorecer do seculo XVII. Nenhum paiz constroe tantos navios e publica tantas obras. A livre Hollanda é então na Europa o grande emporio do commercio das mercadorias e das idéas. Amsterdam, que no principio da guerra da independencia tinha apenas 70.000 habitantes, tem 300.000 em 1618.

A cidade apresenta a toda a hora do dia e da noite a animação e o movimento das grandes feiras como a de Francfort.

A riqueza é tão grande nos campos como nas cidades. Em nenhuma outra parte o agricultor é tão rico. Uma só aldeia tem 40.000 vacas. Um lavrador offerece a sua filha em casamento ao principe Mauricio, dando lhe 100.000 florins de dote. Mil navios fazem o commercio do Baltico; oitocentos empregam-se na pesca do arenque. Grandes companhias nacionaes teem o monopolio do commercio da India, da China e do Japão. O dinheiro abunda tanto que em 1642 a rainha de Inglaterra vem pessoalmente á Hollanda empenhar as joias da corôa.

A sciencia é no emtanto de tal maneira honrada e distinguida acima de tudo que Justus Scaligero é recebido em Leyde como um heroe victorioso, debaixo d'arcos de triumpho, e quando Saumaise por occasião da morte de seu pae teve de sair da escola de Leyde para ir a França, levou-o a seu bordo um navio do estado e toda a frota hollandeza o acompanhou em sequito de honra até Dieppe.

Nas classes burguezas é raro o rapaz ou a rapariga que não saiba o latim e o francez. Leyde tem na sua universidade dois mil estudantes e os primeiros professores de todo o mundo. Dordrecht torna-se uma especie de Vaticano do protestantismo. Além dos mathematicos, dos theologos, dos jurisconsultos e dos philosophos da escola de Leyde, uma forte seiva de escriptores rebenta: Hooft, Meteren e Bor na historia nacional, Vondel e Jacob Cats na poesia, Spinosa na philosophia, Lindshoten e Mercator nas sciencias geographicas.

Com tão solida cultura, com tão maravilhosa fortuna, com tão incomparavel prosperidade contrastam no povo hollandez os costumes mais simples e mais sãos.

Guicciardini dizia: «São de um natural cordato e pacifico. Gosam prudentemente da fortuna. Não são dados á colera nem ao orgulho, o que se lhes vê na cara, nas maneiras e nas palavras. Vivem uns com os outros como bôa gente, e não a ha mais alegre e jovial... Teem particular habilidade para inventar toda a especie de machinas engenhosas, para facilitar, abreviar, expedir tudo o que fazem, até em ma-

teria de cosinha... São extremamente aceiados na casa e no traje e teem grande quantidade de moveis, utensilios e objectos domesticos, com uma ordem e um brilho admiraveis, como em nenhum outro paiz.»

Descartes, que em 1617 viera alistar-se como voluntario nas tropas de Mauricio de Nassau, tendo como tantos outros sabios d'esse tempo adoptado a Hollanda como segunda patria, escreve de Amsterdam ao seu amigo Balzac: «N'esta grande cidade em que me acho não ha ninguem, com excepção de mim mesmo, que se não occupe do trabalho mercantil, e todos vivem de tal modo absorvidos pelos seus proprios negocios que eu poderia aqui ficar toda a minha vida sem que ninguem désse por mim. Passeio todos os dias no meio da confusão d'este grande povo com tanta liberdade e com tanto socego como no mais solitario jardim, nem este ruido de gente interrompe mais as idéas do que o murmurio de um regato.»

Os embaixadores venezianos noticiavam: «Estes povos são tão inclinados á industria e ao trabalho que não ha coisa difficil que elles não consigam fazer. Nasceram para trabalhar e para economisar, e não ha quem não trabalhe.»

Perival accrescenta: «São tão inimigos do mau governo e da ociosidade que ha logares onde os magistrados mettem na cadeia os ociosos e os vagabundos, obrigando-os a trabalhar e a ganhar a vida, quer queiram, quer não.»

Tal é o momento historico em que a pintura hollandeza, desligando-se inteiramente da tradição florentina e veneziana e da tradição flamenga, entra no cyclo d'oiro da sua caracteristica e poderosa originalidade.

A constituição physica do solo e o regimen correlativo da sociedade dão á arte na Hollanda uma nova philosophia, uma nova poetica, um novo stylo, uma nova technica. Em Florença, em Veneza, em Roma, em Madrid, em Sevilha, em Bruges, em Gand, em Anvers, a arte continuára a ser symbolica como na antiguidade grega, bysantina e romana. A revolução christã não fizera mais do que des-

locar no espirito e na obra dos artistas o eixo da mythologia. Em vez de deuses e deusas que representavam idéas começaram-se a fazer santos e santas, heroes e heroinas symbolisando virtudes e factos historicos.

No mundo hellenico o universo é Zeus, individuo de barba longa, cabello anediado, corôa de oliveira ou de kotinos, tunica fluctuante, tendo em uma das mãos o raio e na outra um sceptro encimado por uma aguia. No mundo christão o universo é o Padre Eterno, de barba branca e cabellos brancos, um esplendor em disco em torno da fronte, uma tunica azul imitando a himation grega, o raio sobre uma nuvem aos pés, e uma pomba branca adejante por cima da cabeça.

Hera, Athena, Artemis, Appolo, Hermes, Eros, Vesta teem imagens equivalentes nas virgens de diversas invocações, nos prophetas, nos apostolos, nos santos; e ha legiões de anjos, de archanjos, de cherubins, de serafins, de demonios, que substituem as musas, as nymphas, as harpias e as parcas. Juntem algumas figuras de principes, de reis e de papas e alguns motivos de architectura dorica ou corinthia, e eis ahi o arsenal da pintura classica da idade-média e da renascença. Um canto de azul, um recorte de montanha e uma ou duas arvores constituem a paisagem que ás vezes apparece, por uma abertura de columnata, ao longe.

Toda a pintura ou era ecclesiastica, ou era mythologica, ou era cortezã. Vejam-se os grandes quadros dos seculos XV e XVI na Italia, na Hispanha e na Flandres.

Fra Angelico faz o grande retabulo da *Coroação da Virgem*, do qual Miguel Angelo exclama: «É preciso que este padre tivesse ido ao paraizo.»

Masaccio faz a *Vocação ao apostolado de S. Pedro e de Santo André*, *Adão e Eva expulsos do paraizo*, *O martyrio de S. Pedro*.

O Perugino começa a decorar a capella xistina com o fresco de S. Pedro recebendo as chaves de Jesus, e enche as suas telas de assumptos do Novo Testamento.

Leonardo de Vinci, além dos dois retratos famosos, o de *Monna*

Lisa e o chamado da *Belle Ferronière*, não trata senão scenas religiosas,—a *Virgem dos rochedos*, a *Santa familia*, a *Ceia, Jesus e os doutores*, etc.

Andrea del Sarto occupa-se de *assumpções*, de *annunciações*, de *disputas* ácerca da Trindade, da Eucharistia, e de casos biblicos como a Visão de Ezequiel e o sacrificio de Abrahão.

Raphael e Miguel Angelo teem a sua gloria artistica vinculada á decoração ecclesiastica do Vaticano e da capella xistina. A *Transfiguração*, o *Juizo-final*, a *Creação do mundo*, a *Creação d'Eva*, o *Peccado de Adão*, as madonas de todos os attributos, a da *cadeira*, a da *rosa*, a do *menino*, a do *passaro*, a do *peixe*, bastam para caracterisar a preoccupação religiosa dos dois grandes mestres. Além dos assumptos sagrados tudo mais, com excepção dos retratos, na obra de Raphael e de Miguel Angelo são grandes symbolos historicos da independencia da Italia, prodigiosas allegorias das conquistas da Renascença, sublimes abstracções mysticas, philosophicas ou poeticas.

Com Paulo Veronez, com o Tintoreto, com Ticiano vemos apparecer as apotheoses dymnasticas, as allegorias palacianas, os retratos de reis e de principes, dos seus bobos, dos seus cães favoritos, das suas amantes, dos seus cavallos de guerra ou de parada, não cessando todavia de desfilar sempre a eterna procissão dos patriarchas e dos doutores da Egreja, das virgens, dos martyres, dos santos e das santas.

Na Flandres pegam ao andor catholico Van Eyck, Van der Weyden, Van der Goes, Barts, Memling, Bosch.

Em Hispanha, já em pleno seculo XVII, Murillo, Ribera, Zurbaran continuam ainda a agrupar em extase virgens, S. Josés, S. Joões e Meninos Jesus, a tratar leprosos pelo uso externo de mãos de princezas, a bafejar presepios, a pôr em debandada paraliticos, a entisicar freiras, a hypnotisar monges e a esfolar martyres.

Em França pelo mesmo tempo o pintor nacional Poussin, um tanto enfastiado—o que se comprehende bem!—de fazer mais uma *Ceia,* mais um *S. Francisco,* mais um *Adão e Eva no paraizo,* mais um *S. Paulo,* mais uns poucos de martyrios, mais um *Diluvio Uni-*

versal, e outras peças tiradas dos Evangelhos e dos Actos dos Apostolos, distrae-se tratando como assumptos de mais actualidade e de mais vida, um *Diogenes*, um *Phocion*, um *Testamento d'Eudamidas* e um *Roubo das Sabinas*!

Não quero que me attribuam o proposito de desdenhar de uma evolução da arte que é uma das maiores glorias do espirito humano. A pintura italiana ou italianisada do catholicismo da Renascença, essa pintura dos papas, dos imperadores, dos reis, dos doges, dos duques italianos, dos duques de Borgonha e dos archiduques austriacos, destinada ás grandes cathedraes, aos ricos mosteiros e aos palacios regios, feita de abstracções e de mythos, de historia e de lendas, essa pintura ao mesmo tempo catholica, pagã, mystica, evangelica, olympica, apocalyptica e satanica, é ainda depois da architectura e da esculptura grega, o mais consideravel documento do genio artistico, das faculdades creativas da especie humana. O que desejo tão sómente notar é que n'essa obra monumental, systematica e harmonica, subordinada ao immenso poder ecclesiastico — unico poder inteiramente constituido que ainda houve no mundo — a inspiração e sempre a mesma, indifferente ás relações do homem com a terra e do homem com o homem, absolutamente extranha á natureza e ás realidades da vida. O stylo d'estes artistas, a sua factura, a sua technica, teem naturalmente as qualidades e os defeitos correlativos á escolha do seu assumpto. A figura humana desnatura-se no indefinido, abastarda-se no vacuo, para attingir o transcendentalismo da expressão divina. Sempre que os artistas ecclesiasticos por uma especie de regressão reconstituinte ás origens da força se não retemperam na concepção pagã, tudo desmedra, tudo se desforma, tudo se subtilisa, tudo se evapora. O homem definha e emagrece até o stricto necessario para conter uma alma debaixo de um arnez, dentro de um burel, pendente dos braços de uma cruz como a oscillação luminosa de uma lagrima caida do ceu, ou evolando-se de um sepulchro aberto como um suspiro que se desgrega da terra para se ir converter n'um astro.

A mulher é a eterna virgem immaculada, a mãe sobrenatural, que

concebeu o filho sem conhecer o esposo, toda ella amor e toda ella soledade, parenthese unico na sempiterna evolução dos seres. Não é já a morena filha de Jerusalem, do grande epithalamio da natureza chamado o *Cantico dos canticos*, a qual era como as tendas de Kedar e como as cortinas nupciaes de Salomão. Já não é rosa de Saron, nem o lirio dos valles; já não é a que as concubinas viam com inveja, bella como Tirtsa, terrivel como os exercitos que avançam de bandeiras ao vento, esperando o amado ao calor do sol, entre as vinhas e as madragoras do Libano, para lhe dar a respirar o aroma de myrrha que tem no sulco do seio, e a beber o mosto de romãs pisadas entre as perolas da sua bocca. A Egreja deshumanisou-a inteiramente, levantou-a da terra e pol-a no espaço frio e translucido sobre um crescente de lua entre uma chorêa d'anjos, com o ardente e fecundo beijo humano, symbolisado na serpente, esmagado aos seus pés. É a rosa mystica, a torre davidica, a casa aurea, a estrella matutina; é *a regina angelorum*, a *regina patriarcharum*, a *regina prophetarum*, a *regina apostolorum*, a *regina martyrum*; é a mãe da divina graça, é a mãe do Creador. Mas já não é a mãe do homem, nem a mulher do homem, nem a filha do homem. Nem nos pode amar, nem nos pode entender, nem nos pode perdoar; pode apenas pedir por nós, e é esse o seu destino: *Ora pro nobis sancta Dei genitrix!*

No stylo d'estas composições sente-se o fim de proselitismo e de apparato com que eram feitas. Destinadas á sala d'honra dos palacios, ás egrejas e aos conventos, essas telas tinham de fallar a uma multidão fluctuante, tinham de a deter na passagem, de a penetrar repentinamente, reduzindo-a, subjugando-a, e, sendo possivel, convencendo-a. D'ahi a investigação de mil effeitos puramente theatraes, uma convenção scenica: a dramatisação do assumpto, a bracejada rhetorica da palleta, a emphase da côr, a sonoridade campanuda da luz, a gesticulação do desenho, o grito agudo do movimento.

Ora, de nada d'isto se trata hoje na arte, cujo objecto não é discursar, nem catechisar, nem intimidar, nem interpretar hypotheses, nem concretisar abstracções, nem enobrecer, nem sublimar, nem sub-

tilisar coisa alguma. O que todos nós procuramos hoje na arte é uma realidade indiscutivel, por mais humilde, por mais obscura que ella seja, lealmente, honradamente, religiosamente sentida por uma grande alma. O que nós queremos ver na obra artistica é a mais clara e a mais brutal evidencia perante a mais profunda, a mais fina e a mais delicada sensibilidade.

Vamos vêr como a pintura hollandeza responde a esta aspiração do espirito moderno.

Todo o symbolismo acabou, acabaram todas as apotheoses e todas as allegorias, acabaram os assumptos religiosos e os assumptos palacianos.

Na Hollanda do seculo XVII, protestante e republicana, não ha o culto das imagens, não ha paineis nem retabulos nas egrejas, não ha conventos, não ha prelados e não ha principes. Os artistas, que no resto da Europa só trabalhavam por encommenda dos papas, dos reis, dos archiduques, encontram-se na Hollanda pela primeira vez, frente a frente e a sós com o povo.

O povo que assim vae impor á arte o seu gosto é, como já vimos, o mais glorioso, o mais illustrado e o mais rico do mundo. A falta de montanhas e a falta de pedra desviavam-o da tendencia para a architectura e para a esculptura. As circumstancias geologicas em que se formou o caracter nacional atrophiaram n'elle a flôr de enthusiasmo de que resulta a poesia heroica e os poemas épicos. Na luta com a natureza o enthusiasmo é inutil e é prejudicial; basta a resolução. O enthusiasmo distrae da preseverança e compromette a continuidade da applicação raciocinada e constante. A monotonia dos horisontes fechados pelas dunas e pelos diques, a humidade do clima, o longo inverno brumoso, cortado de aguaceiros, a vida maritima, as longas viagens, deram-lhe o amor do recolhimento domestico, da familia aconchegada e pacifica, do lar confortavel e alegre. Como não ha a vida de côrte, nem a vida nobre, nem a vida militar, nem a vida ecclesiastica em que o dinheiro se concentre para se dispersar no jogo, nos saraus, nos banquetes, nas embaixadas, nas paradas, nas caçadas, nas novenas, nos

te-deums, nas romagens, nas vigilias dos santos populares, no luxo dos mosteiros, das collegiadas, dos cabidos, dos patriarchados, a riqueza adquirida entra integralmente na familia e na casa. Cada interior domestico se converte n'um pequeno museu em que a arte enobrece, quasi que santifica cada movel, cada utensilio do *ménage*, ainda o mais obscuro e o mais humilde.

As fórmas mais bellas e as decorações mais elegantes da arte architectural, columnas, pilastras, arcadas, cariatides, medalhões, baixos relevos, applicam-se aos bellos e monumentaes armarios, aos leitos de carvalho encrustados d'ebano, ás arcas de roupa branca, ás mesas de stylo flamengo, ás chaminés, ás estantes, aos contadores e ás molduras dos espelhos. Muitos d'estes moveis são de uma elegancia de fórmas, de uma pureza de stylo, de uma finura de acabamento, que se não excede. Alguns são incrustados de flores polychromas. N'um pequeno armario do principio do seculo XVII que vi em Amsterdam, as almofadas das quatro pontas são ornadas de baixos relevos em carvalho e da dimensão de um palmo representando innumeras figurinhas com vastos fundos de architectura e de paisagem: é a mais delicada ourivesaria genovesa ou florentina applicada ao lavor da madeira.

Os cofres de joias, de ferro forjado, ou de madeira encrustada de madreperola ou de cobre, alguns ornados de esmaltes, de pinturas a oleo ou de placas de prata batida a martello e representando grupos de flores ou de meninos, escudos de familia ou animaes heraldicos, leões ou cegonhas, competem com as mais bellas obras do mesmo genero quer flamengas, quer allemãs. As cadeiras que não são cobertas de tapeçaria ou de bellos velludos de Utrecht em tons verdes ou amelados, são de coiro de Cordova lavrado, sem côres no principio do seculo XVII, doirado do meio do seculo por diante.

A serralheria e a latoaria artistica, oriunda de Gand, de Bruges, e d'Anvers, toca o seu maximo esplendor no começo do grande seculo e enche as casas hollandezas das mais bellas obras: chaves, fechaduras, guarnições de portas, esquentadores, braseiros, ferros de engom-

mar, tenazes, atiçadores e cães de chaminé, candelabros, castiçaes e lanternas de stylo gothico, em ferro cortado á tesoura e batido a martello, em arabescos e em espiraes, lustres de cobre no stylo da Renascença hollandeza, pratos decorativos em relevo e laminas ornamentaes em cobre e em estanho.

Os tapetes cuja fabricação a familia dos Gobelins estabeleceu em Paris na segunda metade do seculo XVII e que depois de introduzidos pelos arabes na Europa se fabricavam durante o seculo XV nas cidades flamengas de Andenaerde, Louvain, Bruxellas, Bruges e Anvers, começam a fazer-se em Delft e em Middelbourg no seculo XVI e attingem no seculo XVII uma perfeição sem rival.

As mais bellas peças de faiança de Delft, que por muito tempo serviu de modelo ás loiças de França e de Inglaterra, são do seculo XVII e é nas collecções d'esse tempo que se encontram os mais bellos vasos polychromos em stylo japonez, os tulipeiros, os grandes quadros de azulejo representando figuras, marinhas e paizagens, as estatuetas de animaes, os serviços de mesa em vermelho e azul, as canecas ornadas de medalhões e de desenhos de scenas campestres; os vasos de Tantalo; as taças de noivado, circumdadas de rosas ou d'amorzinhos; as placas ornamentaes, as caixas de chá, os frascos de perfumes, etc.

A ourivesaria hollandeza toma egualmente n'este periodo um grande incremento e uma notavel perfeição. As mulheres cobrem a cabeça e o collo das joias mais caracteriscas, mais originaes. Em algumas casas todos ou quasi todos os instrumentos do ménage são de prata ou de oiro. Das peças de serviço usual distinguem-se pela importancia artistica, as taças e os copos d'honra das corporações, das gildes famosas. Em muitas d'estas peças classicas o copo é de ponta de boi sumptuosamente engastado em prata e em oiro com figuras allegoricas e datas ou inscripções historicas.

Na casa assim cheia e aderessada faltava uma só coisa,—o retrato do dono. É pelo retrato que a pintura hollandeza principia e é na arte de bem retratar que ella estabelece, cultiva e desenvolve os grandes principios que teem de distinguir e caracterisar a sua escola.

A aprendisagem do officio está feita. Até o fim do seculo XVI a pintura hollandeza confunde-se com a pintura flamenga e com a pintura italiana e sem adquirir caracter local nem distincção de concorrencia, fixa pela gravura a precisão do desenho, apura e depura o conhecimento do claro escuro, completa a escala dos tons na clave escura e na clave clara, estabelece um registo de côr, funda uma theoria linear, prepara emfim uma palleta em que todos os principaes elementos da technica se acham reunidos.

O artista propriamente hollandez, o filho da Neerlandia liberta e autonoma pela confederação das Provincias Unidas sob o stathouderato de Guilherme de Orange em 1579, toma os pinceis por occasião da paz e da independencia reconhecida em 1609, e colloca-se ao cavallete, concentrado, commovido, consciente da alta importancia da tarefa que vae emprehender fixando na tela e perpetuando para a posteridade a physionomia sobre todas veneravel dos seus heroicos concidadãos.

O mais artista e portanto o mais eloquente e o mais perspicaz de todos os criticos d'arte, o pintor Fromentin, deixou-nos em uma das suas paginas incomparaveis—muito mais luminosas e muito mais concludentes do que as suas telas—esta formula fundamental: «O estudo perfeito do rosto humano exige do pintor uma ingenuidade attenta, submissa e poderosa.» E em seguida examinando os retratos de Rubens, pergunta qual é aquelle que nos satisfaça como observação fiel e profunda, que nos instrua completamente ácerca da personalidade do modelo. De todos os homens, cuja imagem elle nos deixou, tão diversos de idade, de condição social, de caracter e de temperamento, não ha um só que se imponha ao nosso espirito como um individuo singular bem distincto, de que a gente se recorde como de uma d'essas caras que ficam. A distancia esquecem; vistos conjuntamente quasi que se confundem.

«As particularidades da sua existencia—diz o critico—não os separaram nitidamente no espirito do pintor e separam-os ainda menos na memoria dos que só pelo retrato os conhecem... Não digo que o

pintor os visse mal; mas creio que os viu superficialmente, pela epiderme... Teem o mesmo sangue, teem sobretudo o mesmo caracter moral, e todas as feições exteriores moldadas sobre um typo uniforme. São sempre os mesmos olhos claros, bem abertos, olhando recto, a mesma côr de pelle, o mesmo bigode finamente torcido levantando em dois ganchos negros ou loiros um canto de bocca sempre viril, isto é, um tanto convencional. Bastante vermelho nos labios, bastante encarnado nas faces, bastante rotundidade no oval para denunciar na falta de mocidade um homem em bases normaes, robusto de constituição, de corpo são, de alma serena. O mesmo nas mulheres: linda côr, testa arqueada, largas fontes, olhos á flôr do rosto, de côr semelhante, de expressão quasi identica, uma belleza propria d'esse tempo, uma amplidão propria das raças do Norte, com uma especie de graça propria de Rubens, na qual se sente uma liga de varios typos: Maria de Medicis, a infanta Isabel, Isabel Brandt e Hellena Fourment. Todas as mulheres que elle pintou parece terem contrahido, apezar d'ellas e apezar d'elle, no contacto de recordações persistentes um typo commum de familia.»

Fromentin applica o mesmo reparo aos retratos de todas as mulheres do tempo de Luiz XIII, de Luiz XIV, de Luiz XV. Todos os retratos de uma dada época teem em geral um typo commum ao agrupamento de que fazem parte, o mesmo sentimento, a mesma expressão, a mesma solemnidade, o mesmo ar de familia. Este phenomeno procede, de duas causas distinctas. A primeira é, como nos retratos de Rubens, a intervenção antecipada de um typo preexistente no sentimento e no gosto do artista e ao qual elle subordina consciente ou inconscientemente a expressão do retratado, illuminando-a e espiritualisando a além da natureza no sentido transcendente da sua esthetica. N'este caso o retratista procede com o retratado como o ensaiador dramatico impondo a um comparsa pelo movimento de um certo gesto a expressão objectiva da idéa que lhe quer fazer significar. A segunda causa está na secreta e profunda influencia que os sentimentos, as idéas e as aspirações em voga n'uma certa época exercem

sobre a expressão physionomica da grande maioria dos individuos nas sociedades em que um dogmatismo auctoritario e triumphante torna tudo official: a philosophia, a arte, a litteratura, a moda, a conversação, o porte, as maneiras, o sorriso.

Na Hollanda nenhuma d'essas causas intervem. Não ha na sociedade typos predominantes e officiaes que imponham e dirijam a moda, e não ha no espirito dos artistas estampilha preconcebida para a expressão physionomica da belleza.

Cada um dos heroes da independencia hollandeza tem o seu feitio particular e distincto, e para representar o heroismo basta simplesmente que um pintor faça pousar em frente do seu cavallete um lettrado de Leyde, um burgomestre de qualquer cidade, um capitão de qualquer navio da armada, um soldado qualquer da guarda civica, do tiro de S. Jorge ou do tiro de Sant'Anna. Todos esses homens tinham supportado valorosamente na defesa sagrada dos seus lares a guerra, a fome e a peste. Todos elles tinham batalhado nos cercos ao lado das suas mulheres e dos seus filhos. Eram os velhos companheiros de Guilherme e de Tromp. Haviam derrotado os hispanhoes nas Dunas e os inglezes em Dunkerque. Para defenderem a Hollanda da invasão franceza tinham aberto os diques ao oceano, e nos trances mais duvidosos de uma guerra continua e desesperada, eram esses homens os que se achavam resolvidos, perante a perda da liberdade, a embarcar em massa com as suas familias e a transportar a patria para a Java.

D'ahi o respeito profundo, a reconhecida sympathia, a escrupulosa exactidão, a terna humildade com que desde o principio do seculo XVII Mireveldt, van Ravestein, van der Venne, Houthorst, Frans Hals, Rembrandt e van der Helst retrataram os seus compatriotas, lançando por esse modo as bases de esthetica, de stylo e de technica a toda a pintura hollandeza.

A unica regra era aproveitar todos os recursos do officio e do talento, o desenho, a modelação, o claro-escuro, a côr, a escolha da expressão, do movimento, da physionomia e dos gestos para o unico fim exclusivo de fazer justo, de fazer certo, de fazer *parecido*.

Diz-se do grande quadro de van der Helst, o *Banquete dos arcabuzeiros*, no museu de Amsterdam que se fosse possivel separar e baralhar as mãos das vinte e cinco figuras d'este painel, quem quer as restituiria facilmente, de tal modo é rigorosa a relação d'ellas com a physionomia das pessoas a que pertencem. Mas não é sómente a realidade mais perfeita na côr da pelle, na configuração das unhas, das phalanges, na expressão do temperamento e do habito em cada mão, e na coherencia exacta do seu movimento com o do rosto correlativo. Todos os minimos pormenores são tratados com egual escrupulo: os moveis e a decoração architectonica da sala do *doele* de St. Joris, onde se passa a scena, os predios de Amsterdam que por uma janella aberta se avistam ao fundo, o penteado, o corte da barba e o porte da cabeça em cada individuo, os copos, os talheres, os guardanapos, as pregas de cada calção, os golpes de cada manga, o geito de cada chapeu, a quebra de cada collarinho, o veludo ou a seda dos gibões, as rugas das meias e das botas, o aço de uma couraça, o ferro de uma alabarda, o oiro de uma espora. O copo d'honra que o capitão Wits tem em punho é ornado de uma figura equestre de S. Jorge e basta olhal-o de relance para reconhecer immediatamente o mesmo *drinkhoorn* que foi da gilde d'estes arcabuzeiros e que se conserva no museu da municipalidade.

A chamada tão impropriamente *Ronda da noite*, a *Lição de anatomia* e *Os Syndicos*, de Rembrandt, são outras tantas collecções de retratos mostrando tres phases progressivas do genio do auctor: primeiro a *Lição*, depois a *Ronda*, por fim os *Syndicos*. O simples aspecto dos tres quadros revela as differentes épocas em que foram feitos. Na *Lição de anatomia* os medicos que escutam a prelecção publica do doutor Nicolau Tulp usam ainda a barba inteira, o cabello rente, o largo cabeção encanudado. Na *Ronda da noite* o cavalleiro Frans Banning Kok traz já a pera em ponta de lança á Luiz XIII e o cabeção em pregas chatas. Nos *Syndicos* a elegante e aristocratica *fraise* enrocada desappareceu de todo, substituida pelo cabeção de bacalhaus; já se não usa a pluma no chapeu; os burguezes trazem o fato

escuro dos personagens de Molière, o bigode e a mosca reduzem-se á expressão mais succinta, e apparecem as grandes cabelleiras de cachos á Luiz XIV.

D'esses tres quadros o que menos profundamente commove é a *Ronda da noite*, precisamente o mais theatral, o de mais esforço inventivo, o de mais intenção de eloquencia, o menos *simplesmente* retrato de todos os tres. A *Ronda* representa a companhia dos arcabuzeiros do capitão Kok no momento de sair da *doele* para um passeio militar, talvez para um exercicio de tiro no campo. Este simples facto é porém revestido de particularidades que o tornam obscuro, mysterioso, quasi incomprehensivel.

A luz caindo não se sabe por onde, do alto e da esquerda para a direita, bate em cheio n'uma figura extranha de rapariga loura com um gallo á cinta, envolvendo-a como n'um esplendor sobrenatural. Ha uma columna monumental meia esvahida na escuridão do fundo, uma arcada, um principio de escadaria. Emquanto no primeiro plano, ao centro da tela, o capitão Kok, vestido de preto com facha escarlate, caminha apoiado a uma alta bengala e conversa familiarmente com o tenente Willem van Ruijtenberg vestido de gibão de seda clara bordado de ouro, luvas amarellas, chapeu alvadio com longas plumas brancas, topes de fita nos calções, botas de bufalo e esporas d'oiro, o porta-estandarte, no terceiro degrau da escada, campeia victoriosamente, de cabeça alta coberta por um sombreiro de plumas cinzentas e brancas, empunhando a grande bandeira desfraldada, ao lado de alguns homens de capacete, um dos quaes tem uma lança em riste. Por traz do capitão um soldado dispara um tiro, outro escorva um arcabuz, um terceiro carrega a sua arma. Um sargento senta-se, encostado á alabarda no parapeito de uma galeria invisivel. Um cão ladra. Rufa um tambor. Tudo isto é luminoso, mas não é lucido.

Quem não tiver sido previamente informado não entende coisa alguma do que toda essa gente vem fazer. É uma illustração de um capitulo cujo texto é indispensavel ler. Como quadro propriamente dito é enygmatico, e apezar da vitalidade soberba suas figuras e de

todo o seu grande clarão de topazio, de luar e d'ambar, fica uma coisa obscura, oscillante e confusa.

A *Lição de anatomia* é o retrato em grupo do doutor Tulp e de sete medicos da gilde dos cirurgiões de Amsterdam. Tulp, de chapéu na cabeça, barba quadrada, punhos brancos voltados sobre as mangas do gibão, junto de um cadaver masculino em escorço obliquo ao centro do quadro, segura na ponta de uma tesoura de cirurgião os musculos do braço dessecado do cadaver, e explica a anatomia d'elles. As demais figuras teem as cabeças descobertas, os cabellos curtos, a barba inteira. São em tamanho natural e meio corpo, todos vestidos de preto com golas brancas. A scena passa se n'um amphitheatro, evidentemente em face do publico, a quem Tulp se dirige. Tres dos medicos olham egualmente d'alto para a assembléa que deveria achar-se em frente dos professores reunidos á volta da mesa de anatomia.

São extremamente interessantes algumas opiniões de criticos e de pintores a respeito d'este quadro.

Sir Johnn Reynolds diz a proposito da *Lição de anatomia* que os pintores da Europa podem ir todos á Hollanda aprender a pintar. O sr. Viardot, que descreveu e analysou os quadros do museu da Haya sem os ter visto, diz que a *Lição de anatomia*, sendo um assumpto que não pede nem invenção nem ideal convinha perfeitamente ao genio realista do pintor dos Gueux. Gustave Planche, que egualmente não viu o quadro e suppõe que os mestres da gilde dos cirurgiões de Amsterdam que assistem o professor Tulp são estudantes, *dos quaes um se esforça em vão por comprehender a exposição do lente*. acrescenta que *semelhante tela só poderia ser concebida por um espirito desde longo tempo habituado á meditação!* O sr. Henri Havard escreve: «O cadaver é o facto principal... É pois sobre o cadaver que cae a luz. Veem depois os retratos.»

Fromentin exprime-se nos termos seguintes: «O cadaver tem falta de estudo... Não é um morto; não tem como morto nem a belleza nem a feialdade nem a accentuação terrivel; foi visto por olhos indifferentes; considerado por uma alma distrahida... Não é mais que

um effeito de luz bassa sobre um quadro negro... Se o formato d'essa tela lhe dá um certo valor, não basta porém para fazer d'ella uma obra prima como tantas vezes se tem repetido.» Charles Blanc, com os olhos ainda cheios do deslumbramento que lhe produziu em Amsterdam a *Ronda da noite*, sente-se frio deante da *Lição de anatomia*. Theophile Gantier acha tambem este quadro muito inferior á *Ronda da noite*. O *Rembrandt da Haya*—diz elle—*é o Rembrandt realista ao qual eu prefiro muito o Rembrant visionario de Amsterdam.* Edmond Thoré, o mais philosophico dos criticos que estudaram a pintura hollandeza, inclina-se ao parecer de Gautier e de Charles Blanc.

Estes diversos juizos patenteiam bem quanto se acha ainda longe da sua constituição definitiva a esthetica do nosso tempo. De todos esses pareceres, desde o de Reynolds, que é o representante do antigo dilettantismo hollandez, enthusiasta do acabamento mais escrupuloso de cada detalhe, até o de Fromentin, para quem essa preoccupação é um erro nocivo á intensidade da expressão do conjuncto, creio que Rembrandt não acceitaria inteiramente nenhum d'esses decretos da critica. Ora é unicamente e directamente Rembrandt que eu desejo interrogar.

Elle não acceitaria as observações de Fromentin e de Havard a respeito do modo como está pousado e como está pintado o cadaver, porque elle não fez do cadaver o ponto culminante mas sim o accessorio inteiramente subalterno da sua composição. O retratista de Tulp e dos seus confrades da gilde a que se destinava o quadro nunca pretendeu fazer uma *lição de anatomia* como mais tarde chamaram ao seu quadro, mas um simples retrato d'homens vivos, representados n'um acto habitual da sua profissão, onde a morte devia quanto fosse possivel perder a physionomia cadaverica e a expressão tragica, não apparecendo com mais interesse dramatico aos olhos do publico do que aos olhos do proprio anatomista. O morto não é n'este quadro senão precisamente o que elle é no acto que o quadro exprime,—um basso clarão indifferente de que sae na ponta de uma tenaz esta evidencia scientifica: a theoria de um musculo. O aspecto de um cada-

ver só é terrivel para os curiosos; para os medicos elle é um instrumento d'analyse considerado por *almas distrahidas*. Pelo modo (imperfeito para os pintores) como concebeu a execução do cadaver na *Lição de anatomia* Rembrandt foi o primeiro talvez em consignar esta regra fundamental na optica de uma obra d'arte: que o artista não sente para o publico pelos seus proprios olhos mas pelos olhos dos seus personagens. No drama, no romance e na pintura da physionomia humana, em que as regras são as mesmas, o artista vê unicamente o personagem, o personagem é que vê o resto.

Longas meditações, para que? Rembrandt meditou tão pouco tempo este quadro que o fez na edade de vinte e quatro annos, pouco depois de ter vindo de Leyde estabelecer-se em Amsterdam, e no tempo materialmente preciso para o pintar por encommenda do seu amigo Tulp. Nenhum artista procede por *longas meditações* como procedem os philosophos. O methodo na arte tem por base a observação directa e simplès da natureza, a experiencia tenaz e continua do processo pratico e a intuição logica derivada expontaneamente do talento desenvolvido pela cultura do espirito e pelo engrandecimento do caracter.

Rembrandt era um homem ingenuamente fiel como artista á sinceridade do seu temperamento, ao seu proposito desinteressado de exprimir a realidade das coisas com a mesma nitidez luminosa com que ellas se reflectiam na sua sensibilidade, sem preconceito algum da rhetorica ou da poetica com que Charles Blanc, Gautier e Thoré o julgam preoccupado, como no dilucidamento de uma visão transcendental ao pintar a *Ronda da noite*. E a evidente prova de que não é um deslumbramento de mechanica nem uma surpreza de metaphysica que elle se propõe produzir para goso dos criticos, dos philosophos e dos poetas, mas sim a pura e palpitante imagem de um simples facto real e vivo, é que em 1661, em plena posse definitiva do seu talento e do seu processo, trinta e um annos depois da *Lição de anatomia*, dezenove annos depois da *Ronda da noite*, ao fazer o prodigioso retrato em grupo dos syndicos dos mercadores de pannos, não é, mau grado da critica, o typo da *Ronda* que elle adopta mas sim o da *Lição*.

Nos *Syndicos* a acção dos personagens é tão simples tão restricta, tão particularmente d'elles, que não foi possivel dar a este quadro um titulo de galeria, como se fez com os outros dois cujo nome primitivo seria *Os cirurgiões* e *Os arcabuzeiros*. Os syndicos em tamanho natural, vistos até aos joelhos, nas proporções de quadro a que os hollandezes chamam *kniestuk* e os inglezes *kneepiece*, acham-se grupados em numero de quatro a uma mesa com os livros de registro da corporação, assim como os collegas do dr. Tulp em torno da mesa do theatro anatomico. Como na *Lição de anatomia* a acção dos personagens vibra n'um grande espaço ambiente fóra do recinto enquadrado na moldura. Os syndicos acham-se em frente da assembléa dos mercadores de pannos como os mestres da gilde dos cirurgiões em frente de um curso de amphitheatro. Houve uma reclamação da parte d'alguns dos membros da gilde. Os syndicos sentados, com os chapéus na cabeça, tendo por traz d'elles um criado descoberto, olham para o ponto onde se levantou o incidente. Um d'elles, a figura central do quadro, bate com as costas da mão aberta sobre a passagem do registro que um dos collegas ajudou a procurar, segurando ainda nos dedos a ultima pagina do grande livro folheado. Á esquerda está um em pé, tendo acabado de erguer-se para olhar para o fundo da sala emquanto, ao seu lado, o mais velho dos quatro assiste ao debate com uma placidez indifferente caracteristica do seu temperamento e da sua edade. Á direita o mais novo, que tem na mão fina ornada de um annel o sacco encerrando talvez as estampilhas de chumbo destinadas a marcar as fazendas arroladas, parece enfadado com a questão suscitada e disposto a levantar-se da mesa, para o que faz um gesto cheio de movimento e de expressão.

Tal é a obra perfeita, a obra consumada, a obra capital de Rembrandt, feita poucos annos antes da sua morte e resumindo as aquisições de toda a sua vida. A maneira de modelar e de pintar é nos *Syndicos* extremamente mais perfeita, mais decisiva e mais magistral que na *Lição de anatomia*. Alguns dos confrades do dr. Tulp lembram retratos de outros mestres já entrevistos em alguma parte. O mesmo

acabamento meticuloso banalisa a expressão das figuras, esbate sob a tepida fluencia do pincel a personalidade do modelo e a do artista. Nos *Syndicos* já se não procede pelo exacto cumprimento dos preceitos mas por subitos e arrojados impulsos que constituem leis. Na sua essencia poetica esses dois quadros são porém a mesma coisa: alguns burguezes de determinada profissão no exercicio da sua occupação habitual, perfeitamente entregues áquillo que estão fazendo; meia duzia de figuras vestidas de preto sobre um fundo neutro, envoltas n'uma atmosphera luminosa e quente, tendo por ponto central um tom livido de carne morta ou o tom rubro e basso de um tapete persa. Não é uma symphonia como a *Ronda da noite*, é um simples accorde de quatro unicos tons. Somente na tela dos *Syndicos* este singelo conjunto produz um grito e uma chamma. Esses quatro bons mercadores não vivem unicamente da sua vida propria, trasbordam de si mesmos por uma intensidade mysteriosamente communicada de saude, de força, de actividade, de plenitude.

Rembrandt era uma singular natureza contradictoria, e ainda hoje mal definida pelos seus biographos: era ao mesmo tempo um sensual e um idealista, um espectaculoso e um simples, um egoista e um apaixonado, um expansivo e um concentrado, a mais estranha combinação de um caracter saliente, de tenor, e de um instincto reservado de ouriço cacheiro.

As suas convicções de artista figuram-se-me porém perfeitamente claras e logicamente deduzidas umas das outras atravez de toda a sua obra. Nos seus quadros biblicos, nas suas paizagens, nas suas gravuras e na vasta galeria dos retratos que fez dos outros e de si mesmo ao espelho, desde os menos importantes até esta maravilha unica, o mais extraordinario quadro que eu tenho visto,—o retrato improvisado do seu amigo o burgomestre Six, em tamanho natural, feltro alvadio ornado de uma pluma azul na cabeça, gibão cinzento, collarinho chato, tendo aos hombros uma capa de panno encarnado agaloada a oiro, e representado no acto de sair de casa abotoando no punho uma luva de castòr,—o problema que elle constantemente se propoz em tudo

quanto fez, nos seus burguezes, nos seus magistrados, nos seus arcabuzeiros, nos seus patriarchas, nos seus maltrapilhos, por meio de processos progressivos, ascendendo do mais complicado para o mais singelo, foi exprimir a mais profunda e a mais intensa realidade do homem e da natureza, exaltando portentosamente a imagem directa do vivo unicamente pelos contactos reflexos que essa imagem tinha de atravessar no seu apparelho sensorio ao passar da verdade do mundo para a verdade da arte.

Frans Hals, cujos quadros mais importantes se encontram no museu da municipalidade de Harleem, é egualmente um retratista. Não conheço nenhum pintor contemporaneo a quem o compare porque elle é mais moderno que todos os novos. Os oito quadros de Harleem, representando em figuras de corpo inteiro banquetes dos arcabuzeiros de S. Jorge e de Santo André e Regentes do hospital de Santa Isabel e dos hospicios de velhos e de velhas de Harleem, são para quem os vê pela primeira vez a maior surpreza que se pode ter em pintura. Nada mais inesperado, nada mais imprevisto! Nunca de dentro do quadrado de uma moldura me appareceu uma tão poderosa intensidade de vida, uma tão profunda accentuação de personalidade, de temperamento, de caracter, de convencimento. Não creio que pintor algum houvesse jámais tido a vista tão lavada e tão lucida, a mão tão leve, tão docil, e palleta mais cheia, mais luminosamente e mais variadamente composta.

Pela precisão descriptiva de cada coisa, pelo clarão especial de cada physionomia, e pela vibrante harmonia orchestral do conjunto, dir-se-ia, para o exprimir n'uma só phrase, que o pincel de Hals escreve e canta ao mesmo tempo que pinta. A moderna eloquencia do pequeno detalhe caracteristico é por elle entendida do modo mais subtil e ao mesmo tempo mais magistral. Na sua maneira de ser minudente não ha um só traço mesquinho, insignificante ou inutil. No seu stylo de grande rasgo, á Rubens ou á Jordaens, ha ao mesmo tempo um escrupulo de promenores, uma tal escolha e precisão de termos, uma tão rigorosa adjectivação de linhas na expressão de cada attri-

buto que torna o quadro incomparavel a qualquer outra obra de arte que não seja uma pagina de Flaubert. Frans Hals tem o poder de dramatisar por um rapido toque de tinta a expressão dos objectos mais humildes e apparentemente mais indifferentes á acção ou ao sentimento dos personagens, como na *Educação sentimental* e em *Madame Bovary*. Nas telas dos arcabuzeiros de Harleem todas as coisas teem a sua parte de vida propria, o grau de palpitação estrictamente necessario á realidade do conjunto. Ha setins pretos e setins brancos, couraças de pelle de gamo, bandas azues, meias escarlates, empunhaduras de espadas, botas enrugadas calçadas de esporas de oiro, largos chapéus emplumados, vincos de mangas, pregas de gibões, geitos de luvas, que caracterisam tão significativamente os personagens como longos capitulos de psychologia. E tudo isto elle obtem sem ficção, sem rhetorica, pelo simples rigor do desenho, pela juxtaposição dos tons, pelo conhecimento dos valores na gradação da côr, e pelo respeito do modelo.

Em Harleem toda a longa carreira artistica de Frans Hals, que ainda pintava aos oitenta annos de edade, se acha documentada nas suas differentes phases. Não pode haver duvida alguma a respeito das suas intenções. Sabe-se tão perfeitamente o que é que elle desejou fazer como se lhe ouvissemos as suas confidencias ou o tivessemos visto pintar. Fromentin conclue do seguinte modo: «Hals não era mais que um pratico, mas como tal é um dos mais habeis mestres e dos mais peritos que jámais existiram onde quer que fosse, até na Flandres, apezar de Rubens e de Van Dyck, até em Hispanha, apezar de Velasquez.»

Frans Hals, Rembrandt e Van der Helst — eis os tres grandes mestres da pintura civica na Hollanda. As qualidades fundamentaes que distinguem como retratistas estes tres pintores são exactamente as que caracterisam toda a pintura hollandeza. É pelo retrato que ella principia, é no retrato que ella se fórma, é pelo retrato que ella a si mesma se revela, se dirige, se orienta e se constitue definitivamente na sua missão e no seu destino. D'estas origens sae a formação de todo

um novo criterio artistico: a preoccupação dominante da semelhança, o estudo directo, diligente e constante do vivo; a subordinação das faculdades inventivas ás faculdades de expressão; e o sacrificio de todo o convencionalismo ao proposito de ser exacto.

Todos os pintores *de genero* e de paizagem da immortal legião dos *petits-maîtres* da Hollanda não são em ultima analyse senão uma certa especie de retratistas, assim como os romancistas contemporaneos não são no fundo senão uma certa especie de historiadores.

N'essa multidão de artistas que durante o seculo XVII constituem a escola da pintura hollandeza, em Harlem, em Leyde, em Amsterdam, na Haya, em Delft, não ha meio de determinar categorias. É inteiramente impossivel perante as suas obras dizer quem são os mestres e quem são os discipulos. Ha innumeros sub-Raphaeis, sub-Ticianos e sub-Murillos; não ha nenhum sub-Ostade, nem sub-Ruijsdael, nem sub-Steen. Todos elles são porém tão sinceros, tão originaes, tão expressivos, que na Hollanda, muito mais facilmente do que em outra qualquer parte, os pintores se poderiam classificar pelos seus respectivos temperamentos: os *alegres*, como Jan Steen, Van Ostade, Adriano Brauwer, Frans Hals e Van Laer; os *scismadores*, como Rembrandt e Gerardo Dov; os *melancolicos,* como Ruysdael, Van de Velde e Paulo Potter; os *delicados,* como Metzu, Terburg e Frans van Mieris; etc.

A quem tem a visão adaptada ás grandes telas ostentosas e theatraes da pintura hispanhola, italiana e flamenga os diminutos quadrosinhos hollandezes medidos ao centimetro passam em geral despercebidos nos grandes museus de Florença e de Dresde, de Madrid, de Berlin, de Londres ou de Paris.

Além d'isso ha na pintura hollandeza particularismos especiaes que se não comprehendem bem não conhecendo a Hollanda. Os judeus e os maltrapilhos de Rembrandt são quasi incomprehensiveis para quem não viu a judiaria de Amsterdam. As creanças de Van Ostade, em que elle retrata de ordinario os seus proprios filhos de uma fealdade tão caracteristica, são quasi phantasticas para quem não viu as creanças do povo nas aldeias e nos bairros pobres das cidades hollan-

dezas. Quem não olhou para o campo da Norte Hollanda passeiando á tarde sobre as dunas á beira mar tambem não comprehende senão uma pequena parte da magoa de Ruysdael.

Para entender tudo quanto os quadros hollandezes teem que dizer-nos é na Hollanda, é nas galerias de Amsterdam e da Haya, que é preciso vel-os, olhando-os como elles querem ser olhados, serenamente, pachorrentamente, bem em luz, no vão de uma janella. Então, de repente, um pequeno accessorio da composição, a franja de um tapete, um lenço caido n'uma cadeira, uma cenoura no chão, um pichel de estanho na prateleira, um copo tocado de luz, um tacho de cobre reluzindo pendente de um prego, uma restea de sol passando pela abertura de uma cortina, apodera-se da nossa attenção. Essa obscura maravilhasinha, que cada um julga ter sido o primeiro a escavar e a descobrir, vae-nos depois guiando lentamente e conduzindo passo a passo para dentro da tela. Poucos minutos depois, caminhando de surpreza em surpreza, descobrimos com pasmo que tudo no quadro é tão perfeito como o primeiro accidente que nos tocou, e o ultimo prazer do nosso espirito é o de sentir viver por algum tempo a nossa propria alma dentro da concavidade tepida e loira d'esse pequeno mundo, tão doce, tão hospitaleiro, tão ingenuamente terno, tão familiarmente aconchegado, que um simples pincel apaixonado de verdade aprofundou no espaço de algumas pollegadas sobre a superficie de uma taboinha.

Toda a patria hollandeza se acha plenamente e fielmente reflectida na obra tão completa e tão vasta dos seus pintores do seculo XVII. São todas as physionomias dos seus grandes homens, das suas mulheres, dos seus artistas, dos seus burguezes, dos seus operarios e dos seus mendigos; são todos os variados aspectos do céu, do mar, da paizagem; as cidades com os seus portos e os seus monumentos; as aldeias com as suas pastagens, os seus canaes, as suas vaccas, os seus moinhos de vento; todas as suas embarcações de guerra, de commercio e de pesca; todos os seus costumes populares e domesticos, as reuniões de artistas, de sabios, de magistrados e de guerreiros, as cavalgadas, as kermesses, os interiores elegantes e os interiores plebeus, as scenas

de familia e as scenas de estalagem, as conversações de salão e as folias de taverna, a nobre sumptuosidade dos castellos e a alegre pobreza das cabanas.

Depois do exame de cada um d'estes quadros encantadores, para dentro dos quaes se entra para conversar com Metsu ou com Terburg, para correr os prados com Ruysdael, com Berghem ou com Paulo Potter, para beber com Steen, com Brauwer e com Van Ostade, para caçar com Wouwerman, para embarcar com Van de Velde, ou para visitar todo o interior de uma casa com Pieter de Hooch, vem a sympathia mais cordeal, o interesse mais intimo pelo artista, tão perfeitamente educado, que conseguiu commover-nos por meios tão simples e tão familiares, sem a menor especie de enfatuação ou de pedantismo.

Não ha mais que um methodo e que um stylo em todos os *ateliers* da Hollanda—diz Fromentin. O fim é imitar o que é, fazer amar o que se imita, exprimir claramente sensações simples, vivas e justas. O stylo tem pois a simplicidade e a clareza do principio. Tem por lei ser sincero e por obrigação ser veridico. A sua principal condição é ser familiar, natural e physionomico; resulta de um conjunto de qualidades moraes: a ingenuidade, a vontade paciente, a rectidão. Diriamos virtudes domesticas transportadas da vida particular á vida pratica da arte e servindo egualmente para bem proceder e para bem pintar.

E Fromentin accrescenta: Sente-se n'estes artistas, em grande parte considerados como estreitos e mesquinhos copistas, uma grandeza e uma bondade d'alma, uma ternura pela verdade, uma cordealidade pelo real, que dão ás suas obras um valor que as coisas parece não poderem nunca attingir.

Resumirei agora as minhas conclusões.

A formula naturalista da arte moderna acha-se inteiramente enunciada depois de duzentos annos na obra dos pintores hollandezes.

Essa formula, tão discutida e tão contestada pelos escriptores contemporaneos, é a boa, é a verdadeira. O paiz que primeiro attingiu a comprehensão mais completa da liberdade era logicamente, a ser a arte

um producto social, o que deveria dar-nos a arte mais perfeita. Foi o que succedeu. Este privilegio cabia á Hollanda, porque os outros paizes tão livres como ella foi no seculo xvii não constituem propriamente nações: a Suissa é uma confederação politica sem unidade de sentimento ethnico, e os Estados-Unidos são unicamente uma grande colonia universal.

A esthetica da escola hollandeza, durante tanto tempo condemnada por todas as academias do resto da Europa, chegou finalmente ao seu periodo de consagração irrevocavel. Ha apenas cincoenta annos que se falla em Frans Hals, mas Frans Hals conhece-se afinal, e elle é hoje na opinião de quantos o teem visto no museu de Harlem o mestre incontestado e supremo de todo o moderno pintor de figura.

Foi o flamengo Breugel quem primeiro creou o quadro chamado de *genero*, mas foram Steen, Van Ostade, Gabriel Metsu, Gerardo Terburg, Van Mieris, Gerardo Dov, Brekelenkam e Pieter de Hooch os que nos ensinaram a comprehender e a amar essas ingenuas representações da vida popular, da vida familiar e da vida intima. Quem nunca viu um interior de casa pintado por Pieter de Hooch não recebeu a mais eloquente e a mais fecunda lição que se pode ter ácerca da porção de terna poesia, de intimo e mysterioso encanto que é susceptivel de conter em si o espaço de quatro paredes, com uma mesa de trabalho defronte de uma janella, e um corredor a um canto deixando ver uma luminosa verdura de jardim transparecendo atravez de uma cortina branca na portinha envidraçada ao fundo.

A pintura de paizagem foi o sagrado amor da natureza, o culto da terra, a doçura da vida rural que a inspirou á Hollanda. Os primeiros quadros de paizagem fizeram-os Van Goyen, Pieter Molyn e Jan Wygnantz. Depois, com a segunda geração, vieram os incomparaveis mestres Jacob Ruysdael e Paulo Potter, que ainda ninguem egualou, que talvez ninguem tenha de exceder jámais, e cujos discipulos gloriosos se chamam Corot, Diaz, Courbet, Daubigny, Millet, Troyon, Théodore Rousseau, Jules Breton, Bastien Lepage, etc.

A cada nova phase da evolução da arte corresponde invariavel-

mente um periodo de perturbação no gosto publico e de contestação rancorosa na critica. Quantos desdens pela nascente pintura democratica da Hollanda nas sociedades cultas de França e da Italia durante o seculo XVII e o seculo XVIII! Que horror nos mestres que só pintavam deusas e nymphas, paraizos e apotheoses, principes e princezas, perante as cozinhas de Kalf, em que a figura principal é uma escumadeira ou um tacho, uma velha barrica, uma vassoura, um mólho de aspargos ou de cebolas! As *bambochatas* no genero de Pieter de Laer fizeram um verdadeiro escandalo na Italia. O historiador Passeri chamava-lhes *pitture laide, vili e inconvenienti al bel decoro della pittura.* Andrea Sacchi expulsava do seu *atelier* em Florença o joven Jan Miel que ousara applicar-se ao estudo de scenas populares, dizendo-lhe que *se ne andasse a dipingere le sue bambocciate.* Luiz XIV creou a designação generica de *monos* para todas as figurinhas tão finas, tão delicadas e tão espirituosas de Van Ostade. Poussin julgava a pintura para sempre deshonrada pela intervenção dos modelos plebeus.

Nada seria mais instructivo do que seguir passo a passo toda a trajectoria da critica com relação á pintura da Hollanda, desde Baldinucci, por exemplo, critico florentino do seculo passado, até Burger e Charles Blanc na segunda metade do nosso seculo. N'essa historia das idéas estheticas aprenderiamos que nada ha mais contingente e mais relativo do que o eterno e absoluto ideal da *belleza* que ainda hoje tão frequentemente preverte a noção da arte. A chamada *belleza* na arte não é mais que uma derradeira entidade metaphysica, sobrevivente na technologia a um regimen mental inteiramente extincto para a direcção do espirito moderno.

O mais positivista dos criticos contemporaneos, Edmond Thoré, foi quem mais profundamente estudou os museus da Hollanda e quem com mais lucidez expoz a natureza e o destino da arte hollandeza. Apezar de ter findado com o seculo XVII a pintura hollandeza—diz elle—representa mais um começo do que um fim. «Appproximamo-nos talvez de um tempo em que, como outr'ora depois da grande arte da antiguidade, teremos que correr um traço em seguida á Renascença ita-

liana, que está completa e por conseguinte morta... A arte hollandeza é a unica na Europa que se inspira de um modo diverso da arte mystica da Edade-Média e da arte allegorica e aristocratica da Renascença, continuada ainda pela arte contemporanea. A arte de Rembrandt e dos hollandezes é unica e simplesmente *l'art pour l'homme.*»

Referindo-se á influencia da Hollanda na pintura franceza e alludindo a uma exposição de Paris em 1866, Thoré dizia: «Os pintores naturalistas são por emquanto impotentes e algumas vezes ridiculos porque não teem ainda o instincto da escolha, da distincção nas qualidades e nas fórmas que a natureza indefinidamente offerece. No dia em que algum realista, inspirando-se da vida presente, juntar a isso o fanatismo da *belleza*, a revolução estará feita em pintura.»

A minha obscura e humilde opinião é que na arte hollandeza não houve jámais nem o *instincto da escolha*, nem a *distincção* hierarchica nas fórmas apresentadas pela natureza, nem finalmente o *fanatismo da belleza*, no qual todos esses requisitos parece condensarem-se e resumirem-se. Que instincto de escolha se pode admittir em representações integraes da sociedade, como as fizeram os hollandezes e nas quaes depois de termos visto as senhoras patricias, os graves magistrados, os elegantes officiaes, vemos na mesma linha de importancia, e constituindo obras primas de egual preço, os maltrapilhos, os beberrões, os libertinos, os gatunos, os charlatães, as mulheres de maus negocios e as mulheres de má vida! Que distincção nas fórmas da natureza em quadros em que homens vomitam, em que meninos sujam, em que vaccas vertem aguas!... Onde está o *fanatismo do bello* que se possa conciliar com a existencia de todos esses assumptos da mais plebeia, da mais baixa trivialidade?! Os naturalistas modernos, aos quaes Thoré quer dar por exemplo os pintores da Hollanda, nunca desceram a eguaes profundidades na investigação da cruel realidade da natureza e da vida. Os artistas francezes que o insigne critico acha *impotentes*, *ridiculos*, destituidos de gosto e de comprehensão da belleza são os naturalistas de ha vinte ou trinta annos, são Delacroix, Corot e Courbet, cujos principios estheticos já ninguem hoje se lembra de discu-

tir. O que parecia ridiculo em 1860 é já definitivamente bello em 1885.

Não. A Arte não póde tomar por base do seu destino uma abstracção tão vaga, tão obscura, tão inconsistente e tão variavel de raça para raça, de individuo para individuo, de temperamento para temperamento e de anno para anno como aquella a que se convencionou chamar *a belleza*.

Tourguenef, em uma das suas cartas, cuja collecção está sendo n'este momento publicada em S. Petersburgo, dirige a um joven artista as seguintes palavras:

«Se o estudo da physionomia humana e da vida de outrem vos interessa mais que a exposição dos vossos proprios sentimentos e das vossas proprias idéas, se, por exemplo, vos é mais agradavel reproduzir exactamente o aspecto exterior não sómente de um homem mas de um simples objecto, do que exprimir com elegancia e ardor o que sentis vendo esse objecto ou esse homem, então sois um escriptor objectivo, e podeis começar a escrever um romance.»

Essa disposição do espirito para a objectividade na transmissão das idéas e dos sentimentos, que Tourguenef substitue ao *fanatismo da belleza* como condição essencial do romancista, é precisamente a caracteristica fundamental dos pintores da Hollanda no seculo XVII.

Reproduzir exactamente sem o minimo commentario, sem a minima attenuação, os aspectos exteriores das coisas foi o que elles invariavelmente procuraram fazer em todos os seus quadros da grande época, desde o retrato mais complexo até á mais simples natureza morta.

Fizeram-o de uma maneira nova com relação ás escolas precedentes. D'ahi a phase ascensional que a sua obra representa no progresso da arte.

Fizeram-o além d'isso com a maxima curiosidade, com a maxima diligencia, com a mais completa boa fé e com o mais profundo, o mais desvelado, o mais carinhoso amor que o homem pode consagrar ao objecto de um constante trabalho. D'ahi o seu incomparavel encanto.

As phases de obscuridade não são aquellas em que a preferencia dos artistas recae antes sobre estes do que sobre aquelles assumptos, quaesquer que elles sejam, por mais humildes, por mais inestheticos que pareçam. Os periodos de intercadencia (porque decadencia absoluta não ha na arte, assim como a não ha nos demais phenomenos do espirito) são unicamente aquelles em que os artistas, abandonando o rigoroso inquerito da creação e da sociedade, se immobilisam na morbida reclusão autophagica da libertina phantasia.

Já Michelet o disse, tendo-o comprovado pela experiencia universal da historia: a visão (le rêve) é o mal dos mundos e das almas que findam.

A arte, emfim, não é uma interpretação da belleza; é uma espontanea manifestação da sensibilidade. Do simples enternecimento da nossa alma perante o espectaculo da creação procede toda a obra artistica, onda enorme de sympathia que, desde que o mundo é mundo, cresce constantemente, ungindo e adoçando para consolação da humanidade todos os aspectos do universo.

Não seria difficil demonstrar até á evidencia perante os documentos das nossas pequenas industrias tradicionaes, olaria, joalheria, tecelagem, que o povo portuguez é um dos mais delicadamente sensiveis á comprehensão pittoresca da côr e da fórma. E, não obstante, nem temos nem tivemos nunca uma escola de arte original e autochthona. Porquê? Porque em Portugal a educação publica, as instituições, os principios, as idéas em voga, os accidentes historicos, os interesses das classes predominantes não dirigiram nunca antes contribuiram sempre para afastar a intelligencia nacional dos contactos da grande creação. E só pela razão e pela reflexão educadas de certo modo se chega a sentir o mysterioso vinculo, doce e mordente, invasivo e profundo, que prende a toda a realidade da natureza inquirida a intima, a saudosa, a magnetica, a verdadeiramente divina affeição d'esse pequenino atomo liberto, por um rapido instante equilibrado em si mesmo acima da obra universal, e denominado a *alma humana*.

VIII

A CULTURA INTELLECTUAL

Os factos capitaes que distinguem da organisação portugueza a organisação da instrucção publica na Hollanda são os seguintes:

1.º A estreita relação entre o ensino superior e o ensino secundario, fazendo da Universidade a prolongação do Lyceu, e dando por fim aos dois estabelecimentos ministrar o grau elementar e o grau completo do mesmo ensino.

2.º A plena e absoluta liberdade de opinião assegurada pelas léis ao professor desde que a constituição de 1848 estabeleceu a separação da Egreja e do Estado.

3.º A elasticidade dada aos estudos pela remodelação successiva do programma das materias de cada curso, pela adopção nas universidades de professores extraordinarios para cada novo ramo de ensino e pela admissão dos *privat-docenten*, segundo o uso allemão.

4.º Pela antiga instituição do collegio dos *curatores* aggregados a cada universidade.

Examinemos rapidamente o alcance pedagogico d'esses quatro factos em que procurei resumir o caracter especial da instrucção na Hollanda.

Do primeiro resulta que os programmas do ensino secundario, tão confusamente organisados pela administração portugueza, se deduzem naturalmente na Hollanda da organisação culminante do ensino superior. A universidade desdobra do seu programma a parte elementar de cada um dos ramos dos conhecimentos humanos que tem por fim ministrar ao paiz, e é essa parte inicial do ensino universitario que o ly-

ceu distribue. A lei de 1876 exprime-se nos seguintes termos: «A instrucção superior abrange o estudo das sciencias tanto para a cultura intellectual geralmente fallando como para a preparação especial para o exercicio das funcções e das profissões que exigem uma educação scientifica.»

Para bem se comprehender o logico e perfeito espirito de systema que prende os conhecimentos adquiridos no lyceu aos que a universidade desenvolve e completa basta lançar os olhos ao atrophiamento em que á sahida do lyceu deixamos em Portugal o conhecimento da historia universal, o da geographia, o da lingua e da litteratura patria e o das linguas e das litteraturas classicas, comparando esse estado com o programma da faculdade de letras nas universidades da Hollanda*. Eis o programma hollandez da faculdade de letras e de philosophia: 1.º Lingua e litteratura grega; 2.º Lingua e litteratura latina; 3.º Lingua e litteratura hebraica; 4.º Lingua e litteratura hollandeza; 5.º Antiguidades israelitas, gregas e romanas; 6.º Historia universal; 7.º Historia nacional hollandeza; 8.º A geographia politica; 9.º A historia da philosophia; 10.º A logica, a metaphysica e a psychologia; 11.º A archeologia; 12.º As linguas dos povos semitas e sua litteratura; 13.º As linguas, a litteratura, a geographia e a ethnologia do archipelago indiano; 14.º As linguas franceza, allemã e ingleza e suas litteraturas; 15.º A esthetica e a historia da arte; 16.º O sanskrito e a sua litteratura; 17.º As linguas antigas dos povos germanicos e a sua litteratura. Além d'estas disciplinas a universidade de Leyde ensina a lingua chineza, e o governo está de antemão auctorisado a proceder immediatamante á creação de novas cadeiras cuja utilidade seja affirmada pelo corpo docente de cada escola.

Os exames de doutoratos na faculdade de letras comprehendem as seguintes materias:

---

* O illustre professor Jayme Moniz acaba de fazer-me conhecer um projecto de reforma do Curso Superior de Letras, a qual, tornando-se effectiva, instituirá em Portugal a faculdade de letras, preenchendo a lastimavel lacuna a que me refiro.

Em *litteratura classica:* Interpretação d'auctores latinos no ponto de vista philologico e critico; Interpretação de auctores gregos no ponto de vista philologico e critico; Historia universal da antiguidade e geographia correlativa.

Em *litteratura semitica*: Historia dos povos semitas e sua litteratura; Interpretação no ponto de vista philologico e critico de auctores arabes, hebreus ou armenios, á escolha do candidato.

Em *litteratura hollandeza*: Elementos de sanskrito; Elementos de estudo comparativo das linguas indo-germanicas em geral e das linguas germanicas em particular; o anglo-saxão, ou o allemão da Edade Média *(middel-hoogaduitsch)* á escolha do candidato; Litteratura hollandeza, historia, critica, esthetica.

Em *linguas e litteratura do archipelago indiano:* O arabe; as instituições do islamismo; o sanskrito; archeologia das Indias; geographia do archipelago indiano; lingua e litteratura malaia; lingua e litteratura javaneza; estudo comparativo das linguas do archipelago indiano; historia, litteratura, antiguidade e antiguidades, instituições, usos e costumes dos povos da raça malaia.

Além do curso de philologia classica, que é feito invariavelmente em lingua latina, os demais cursos são feitos geralmente em hollandez, mas as escolas estão auctorisadas a mandar adoptar uma lingua estrangeira sempre que a vantagem do ensino o aconselhe.

Podem ser professores os individuos de qualquer nacionalidade e de qualquer religião.

Um tão vasto e quasi completo desenvolvimento de doutrina ministrada por professores cuja competencia é geralmente reconhecida e respeitada em todo o mundo sabio, deixa inteiramente assombrado e confundido de admiração um pobre representante da critica portugueza.

Como é que nos nossos lyceus pode haver mestres competentes da lingua latina, da lingua grega, de hebraico, de arabe, da propria lingua nacional, da sua litteratura e da sua historia, quando não ha faculdades superiores e altos estudos classicos em que se preparem

com o diploma do doutorato os candidatos idoneos ao professorado das escolas secundarias!

Um dos fins da instrucção superior hollandeza é como vimos,— «preparar *especialmente* para o exercicio das funcções e das profissões que exigem uma educação scientifica.» Estas palavras não constituem uma simples phrase de sentido hypothetico como tantas de que está cheia a legislação portugueza. Estas palavras são a expressão mais positiva de um facto. Para o fim pratico de subdividir quanto possivel as aptidões e de preparar o maximo numero de especialistas, as quatro universidades hollandezas, de Leyde, de Utrecht, da Groninga e de Amsterdam, conferem não menos de dezesete doutoratos de natureza distincta. Na faculdade de direito, dois: um em direito propriamente dito, outro em sciencias politicas; na faculdade de medecina, tres: em medicina, em cirurgia e em obstetrica; na faculdade de sciencias, seis: em sciencias mathematicas e astronomicas, em sciencias mathematicas e physicas, em chimica, em geologia e mineralogia, em botanica e zoologia, e em pharmacia; na faculdade de letras e philosophia, cinco: em litteratura classica, em littetatura semitica, em litteratura hollandeza, em lingua e litteratura do archipelago indiano, e em philosophia. É um completo viveiro de professores para os lyceus e para o ensino particular e de funccionarios especiaes para a metropole e para a Java. As Indias orientaes são ainda objecto de estudos superiores especiaes no Instituto Commercial de Delft.

Do segundo facto—*a independencia de opinião baseada na separação da Egreja e do Estado*—resulta o aproveitamento para o ensino de todas as capacidades comprovadas, no interesse absoluto da sciencia. A vantagem d'esta disposição fundamental transparece deslumbrantemente da organisação hollandeza da faculdade de theologia, monumento unico na Europa. Eis o programma das respectivas disciplinas: 1.º Encyclopedia da theologia; 2.º Historia das doutrinas concernentes á divindade; 3.º Historia das religiões em geral; 4.º Historia da religião israelita; 5.º Historia do christianismo; 6.º Litteratura dos is-

raelitas e litteratura christã antiga; 7.º Exegese do Antigo e do Novo Testamento: 8.º Historia dos dogmas da religião christã; 9.º Philosophia da religião; 10.º Moral; 11.º Archeologia christã.

A instituição dos *Privat-docenten*, de que tão fecundos resultados tem tirado o progresso do ensino scientifico nas universidades allemãs existe na Hollanda desde 1876.

O collegio dos *curatores* é uma especialidade puramente e exclusivamente hollandeza. Cada universidade tem a sua curadoria composta de cinco titulares, que superintendem na administração, nas relações exteriores, na ordem interna do estabelecimento, no cumprimento exacto e rigoroso das leis escolares. Elaboram os orçamentos, apresentam ao ministro um desenvolvido relatorio annual da gerencia, da estatistica e da historia do estabelecimento. Podem suspender até o tempo de seis semanas o exercicio de qualquer professor ou propor ao governo a demissão d'elle, se assim lhes parecer util, depois de o ter ouvido e julgado solemnemente em conselho. Teem finalmente por funcção culminante velar assidua, escrupulosa e inquebrantavelmente por quanto possa interessar a gloria das letras, o progresso da sciencia e a alta dignidade immaculada da escola nacional. Os *curatores* nao vencem gratificação alguma. Servem por espaço de cinco annos. São nomeados pelo soberano e escolhidos fóra do corpo docente, como para a mais alta honra que o estado pode conferir, entre as pessoas mais abalisadas pelo talento e pela capacidade moral.

Em nenhum outro paiz da Europa se dá, em nenhum outro se poderia dar, este phenomeno: cinco individuos inteiramente alheios ás praticas do ensino, nomeados em nome do saber, em nome da honra e do patriotismo, para dirigir os mais altos interesses de uma universidade, e dirigindo-os effectivamente de accordo com o professorado, sem conflicto de competencias technicas, no mais alto espirito de liberdade e de progresso. É preciso para que este facto se dê que o respeito das idéas esteja, como entre os hollandezes, profundamente radi-

cado na tradição, na historia, nos costumes, no convencimento, na alma nacional; e é preciso, além d'isso que a educação litteraria e scientifica das classes preponderantes tenha attingido esse alto grau de desenvolvimento e de perfeição que é n'este seculo a mais bella, a mais pacificadora, a mais fecunda e a mais indiscutivel gloria da sociedade hollandeza.

As questões relativas á instrucção são as que mais prendem na Hollanda a attenção do publico. O governo é obrigado a apresentar aos Estados Geraes, um relatorio da historia critica e analytica do movimento das universidades no fim de cada anno escolar, e não ha cidadão que não procure inteirar-se da materia d'esse documento. As avultadas despesas a que monta a perfeita instalação das escolas—os laboratorios, as livrarias, os museus, as collecções diversas—são frequentemente cobertas pela munificencia dos municipios e dos cidadãos. Vimos ao percorrer diversas cidades hollandezas o empenho geral em satisfazer estas necessidades do estudo.

Toda a universidade possue uma consideravel bibliotheca, laboratorios de physica, de chimica e de physiologia, estabelecimentos mais ou menos desenvolvidos para o ensino pratico das sciencias medicas, um museu de anatomia, um museu de historia natural e um jardim botanico. Leyde tem, além d'isso, uma collecção riquissima de manuscriptos orientaes, um importante museu archeologico, museus de ethnographia e de numismatica, um observatorio astronomico, um laboratorio zootomico, um herbario riquissimo. É celebre a instalação dos apparelhos meteorologicos de Utrecht assim como o seu instituto physiologico, primeiro dos estabelecimentos d'esta especie na Europa. O hospital ophthalmologico dependente da mesma universidade foi montado por meio de uma subscripção publica voluntaria.

Além das admiraveis e em muitos pontos inexcediveis instituições de ensino, nota-se ainda na Hollanda um outro phenomeno quasi desconhecido em Portugal. É o *estudo instituido*. Nas cidades doutas da Hollanda, assim como da Allemanha, o estudante constitue uma classe

social, que se não confunde com nenhuma outra. Faz corporação distincta e compacta. Os estudantes teem as suas bibliothecas, as suas salas de leitura, o seu restaurante, o seu *club*, em que dão bailes, em que dão jantares, a que convidam os professores e os viajantes illustres. N'este circulo de intimas relações intellectuaes, que frequentes vezes estabelecem vinculos de espirito que persistem por toda a vida, fórma-se uma atmosphera de idéas preciosa para o desenvolvimento intellectual do alumno. Sem a ponderação d'este facto seria impossivel explicar a acquisição da somma enorme de conhecimentos que abrange o cerebro de alguns dos jovens estudantes allemães ou hollandezes. A differença caracteristica na mentalidade d'esses dois povos não está na quantidade mas na qualidade das aptidões intellectuaes: o hollandez parece-se mais com a raça anglo-saxonia que com a raça germanica na sua indifferença pelos problemas puramente especulativos e no seu interesse instinctivo pela resolução scientifica das questões praticas. Os pontos que as universidades da Hollanda põem annualmente a concurso entre os estudantes para a adjudicação de uma medalha de oiro são um curioso documento d'essa tendencia de espirito. Em cada uma das universidades hollandezas os estudantes publicam um annuario escolar e sustentam uma revista litteraria e scientifica, com uma secção de critica em que os processos de ensino, os methodos e as idéas dos professores são objecto da mais viva e rigorosa analyse.

Procurando retemperar-se no exemplo estranho para a luta das nacionalidades no conflicto da civilisação contemporanea eu creio que Portugal se tem deixado saturar demasiadamente de influencias francezas. Parece-me que seria consideravelmente util para a educação publica estendermos a nossa curiosidade ao exame de algumas d'essas pequenas sociedades, que como a da Hollanda representam a solução de um problema mais parecido que o da alta civilisação franceza com aquelle que o nosso futuro politico e social nos impõe o dever de estudar e de resolver.

O destino da nação hollandeza é n'este momento uma coisa bem contingente, bem incerta!

O rei Guilherme III é quasi septagenario. A princeza real, unica herdeira do throno, tem de edade cinco annos incompletos. A continuidade dymnastica da heroica familia dos Oranges apenas se prende á terra pela tenra e debil existencia d'esta creança.

Por outro lado ninguem ignora o perigo que representa para a independencia hollandeza a theoria annexionista da Allemanha, principalmente depois da encorporação da Alsacia e da Lorena no vasto imperio constituido pelo sr. de Bismarck. Todos os argumentos que se podem tirar da conveniencia politica e economica, da orographia, da ethnologia, da historia, reforçam a idéa allemã da annexação concernente ao pequeno territorio comprehendido entre a fronteira indefensa do Hanover e as dunas do Mar do Norte.

Que razões ponderaveis se hão de invocar para exceptuar a autonomia hollandeza do principio philosophico da grande unidade germanica? Hollandezes e allemães são irmãos, ou pelo menos primos-coirmãos, pelo sangue, pela lingua, e na maxima parte pela religião. A Hollanda fazia outr'ora parte do grande imperio da Allemanha. O rei da Hollanda era ainda ha pouco membro votante na dieta germanica na sua qualidade de duque do Limburgo e de grão-duque do Luxemburgo. O proprio nome de Hollanda, que na philosophia politica allemã exprime um anormal phenomeno de *particularismo*, é pouco usado na Allemanha; prefere-se dar aos hollandezes a designação de «baixos-allemães» *niederdeutschen*. Evidentemente a joven princezinha Guilhermina não teria senão que inclinar-se na mais aristocratica mesura da sua nobre e elegante linhagem, se o mui alto imperador quizesse conferir-lhe a honra de a fazer tomar assento, junto do throno de Berlin, ao lado dos vassalos da Saxonia, do Wurtemberg e da Baviera. E, além de tudo isso, o imperio allemão precisa de arredondar a sua importancia politica por meio da encorporação da Hollanda nos seus dominios europeus. Não é hoje a Allemanha, na opinião dos allemães pelo menos, a primeira potencia militar da Europa? Não é portanto

justissimo que essa potencia tenha uma grande armada assim como tem um grande exercito? Ora para que a Allemanha tenha uma esquadra é indispensavel que ella tenha portos de guerra e de commercio e grandes pescarias em que se eduquem e formem os seus homens de mar, sem fallar no absurdo strategico de continuar a pertencer a uma potencia estranha a emboccadura do grande e glorioso rio allemão, o *Vater Rhein,* que a Suissa fornece mas que a Prussia se dá invariavelmente o ar de produzir chamando-lhe o *seu Rheno!*

A todos esses argumentos que a Allemanha tem por indiscutiveis e incontrastaveis a opinião publica hollandeza não responde senão por uma unica e simples proposição, apparentemente bem vaga e bem tenue: *A Hollanda não deseja ser annexada.*

Para que essa contrariedade se não realise a Hollanda conta com as suas inexcediveis obras de defesa nas quaes dispendeu nos ultimos 10 annos 12 mil contos; conta com a força das suas praças maritimas e com a *mobilisação* das suas linhas d'agua; conta com a sua esquadra de 102 navios e 21 couraçados; conta sobretudo com a sua auctoridade moral. A nação que precedeu gloriosamente todos os paizes do mundo na pratica da liberdade tal como ella só principiou a entender-se n'este seculo; a nação em que o partido mais ferrenhamente conservador seria ainda o mais liberal de todos em qualquer outra parte; a nação que por duas vezes salvou a liberdade europeia pela guerra de Guilherme o Taciturno contra Filippe II e pela de Guilherme III contra Luiz XIV; a nação que desde 1806 instituiu pela creação da escola leiga a base pedagogica de todo o progresso na intelligencia moderna; essa nação, que é a Hollanda, tendo ensinado a governar o mundo, tem talvez o direito supremo de se governar a si mesma segundo o seu unico e exclusivo desejo.

Como quer que seja, a verdade é que, tanto para a Hollanda como para todas as nações do globo, o facto politico não é n'este momento senão um facto provisorio, uma interinidade, uma transição.

Poder verdadeiro o unico que ainda houve no mundo foi o da Egreja. Os governos que se succederam ao do regimen theologico só-

mente se acharão constituidos de um modo definitivo e perduravel quando em vez de cartas constitucionaes de monarchias ou de pactos democraticos elles tiverem outorgado aos povos o cathecismo scientifico, substituindo a cartilha do Padre Mestre Ignacio, e definindo peremptoriamente e indiscutivelmente os destinos do universo e os correlativos direitos e deveres do homem para com o seu semelhante e para com a sua especie. Não é pelos accidentes da politica mas pelos progressos da civilisação e pelas conquistas da sciencia que se poderá chegar a esse resultado.

Por emquanto os paizes que perante a humanidade dispoem de uma maior porção de verdadeiro poder são os mais instruidos.

Por toda a parte onde tem sido experimentado, na Hispanha, na Italia, na Grecia, em França, na propria Inglaterra, na mesma Hollanda, o systema parlamentar faltou ao que parecia prometter. A irresistivel força que impelle para as instituições democraticas a sociedade moderna fel-a tropeçar no barranco electivo fatal á supremacia das competencias. Da eleição popular não sae nunca para o governo aquelle que mais sabe mas sim o que melhor intriga, e nos parlamentos a parcella de capacidade com que cada um contribue não se encorpora nunca na capacidade geral do todo deliberativo. A fraqueza das assembleias parlamentares resulta da differença que ha entre a natureza integravel das forças physicas e das forças intellectuaes. A força de 1 cavallo de vapor mais a de 1 cavallo de vapor dá 2 de força mechanica. Mas a capacidade de um homem de certa intelligencia, reunida á de outro homem de intelligencia egual, dá 1 mais 1 de intelligencia; não dá intelligencia egual a 2.

Na difficuldade de resolver pela força das idéas os governos representativos deliberam por accordo com a opinião publica ou por suggestão de um segundo poder parasitario, symptomatico e caracteristico da enfermidade do systema, e chamado o *poder occulto*. Quando a grande massa que representa a opinião e que decide da popularidade não é altamente esclarecida, ou quando o poder occulto, que pode ser um factor scientifico, não é senão um agente de corrupção, a intelli-

gencia empoça, o pensamento nacional estagna-se na represa da politica, e principia para a sociedade o apodrecimento em que fatalmente se dissolvem as nacionalidades e as civilisacões condemnadas a desapparecer.

É por tanto pelo grau da cultura intellectual que deve ser aquilatada importancia de uma nação moderna. N'este ponto de vista a Hollanda tem um logar perfeitamente seguro e independente a par das primeiras potencias do mundo.

Quaesquer que sejam as perturbações fortuitas por por que haja de passar esse pequeno paiz, elle voltará sempre pela força das coisas ao equilibrio que lhe assegura a superioridade das idéas.

Com a minha chegada a Amsterdam coincidiu o regresso da expedição circumpolar que a Hollanda enviara um anno antes a estabelecer uma estação meteorologica em Port-Dikson. Eis a resumida historia d'essa navegação: A expedição compunha-se do doutor Mauricio Suellen, do Real Instituto Meteorologico de Utrecht, encarregado das observações magneticas com o auxilio do sr. Lamie, que anteriormente commandára a terceira expedição do *William Barentz*, do medico Cremier, do physico Ekama, do naturalista Ruys, do sr. Rust, incumbido de explorar no ponto de vista commercial o rio Yenissei, e da tripulação do navio — o *Varna* —, que devia navegar de conserva com o vapor *Luiza* encarregado das munições. Esta expedição permaneceu nas neves do polo desde setembro de 1882 até agosto de 1883. Desde os ultimos dias d'agosto de 1882 o *Varna* achou-se sitiado pelos gelos entre 70° de latitude norte e 63° de longitude leste. Um vapor sueco que tentava o accesso da terra de Francisco José descobriu o *Varna* e propoz-se soccorrel-o, mas elle proprio se achou encarcerado nas neves. Frustradas todas as tentativas feitas para alcançar a terra, os navegadores construiram um observatorio em pleno gelo. No principio de outubro as enormes montanhas de neve que rodeavam o navio começaram a estalar com um fragor horrivel, e a expedição foi acampar na neve abandonando o *Varna*, que pouco depois se perdeu de vista. Na vespera de Natal o navio que reapparecera era despedaçado pelos

gelos desgregados da serra circumjacente, que se desmoronava sob os pés dos expedicionarios com um estrondo semelhante ao de successivas explosões. A vinte e cinco de janeiro, tendo o thermometro descido a 85° Fahrenheit, pôde a expedição alcançar o navio sueco. A 24 de julho de 1883 as neves começavam a derreter e o que restava do *Varna* submergia-se na agua. O navio da Suecia pòde então alcançar a terra, e a expedição desembarcando proseguiu em traineaux. Ao cabo de tres semanas a caravana chegava á ilha de Waigatz, onde tres navios saidos da Hollanda em procura do *Varna* receberam a seu bordo os heroicos exploradores.

Que da hibernação por que ainda tenha de passar na historia a sua independencia, possa a Hollanda regressar á liberdade, como do inverno do polo regressaram á patria n'esse dia os expedicionarios do *Varna:—sem terem perdido nem um só homem, nem um só instrumento do seu material scientifico, nem um só papel da sua collecção de notas!* Taes são os meus votos como viajante, como artista, e como cidadão de um paiz solidario no destino das pequenas nacionalidades, ao qual do fundo do meu coração eu digo ao terminar o que, depois de uma eloquente pintura da vida hollandeza, Michelet dizia á França: «Quanto eu quizera que houvesses tido o tepido respiro d'estes doces lares, as duas felicidades da Hollanda: a familia, a liberdade do pensamento!»

FIM